

**O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: Uma
História Oral Temática**

Janice Cassia Lando

Universidade do Estado de Mato Grosso – Faculdade de
Ciências Exatas. Sinop-MT. Monografia de
Especialização em Educação Matemática

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

SINOP-MT
Março de 2002

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração de diversas pessoas, às quais gostaria de agradecer:

Terezinha Vandresen Pissinatti Guerra, Maria Augusta Paula São José, José Roveri, Maria Vilma Brun, Reinaldo Domingos Modanese, Marisa Lucia Brun e José Carlos da Silva, co-autores deste trabalho, que colaboraram em todas as etapas da pesquisa;

Ao meu orientador, Antonio Vicente Marafioti Garnica, que apostou no meu potencial e “apresentou-me” a História Oral;

Aos colegas, Celma, Cristinne, Rosane e Wilson, por nossas, sempre oportunas, discussões;

À minha família e meus amigos que me apoiaram nesse trabalho, e ouviram atenciosamente as tantas histórias sobre o ensino de matemática em Sinop.

Janice

RESUMO

LANDO, Janice Cassia Lando. *O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: Uma História Oral Temática*. Universidade do Estado de Mato Grosso – Faculdade de Ciências Exatas. Sinop-MT, Brasil. Monografia de Especialização em Educação Matemática, Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica. Março/2002.

A presente pesquisa teve por objetivo contribuir para a construção do registro da história do município de Sinop, em especial com a história da educação, no que se refere ao ensino da Matemática no período de 1973 a 1979. Gostaríamos de entender, ao menos em linhas gerais, o caminho percorrido pelo ensino de Matemática em Sinop, no período pesquisado. Foram entrevistadas sete pessoas, entre as quais, três professores, dois pais e dois alunos, envolvidos nas atividades relativas à educação no período estabelecido. Utilizamos de entrevistas abertas, com o uso de um roteiro, que foram gravadas em fita k-7, transcritas e textualizadas, conforme indicam os parâmetros metodológicos da História Oral. Os principais autores utilizados em nosso referencial teórico foram: José Carlos Sebe Bom Meihy e Paul Thompsom, nos quais nos orientamos na condução de nossa pesquisa. Foi possível constatar através dos depoimentos, o quanto foram problemáticos os primeiros anos do ensino de matemática em Sinop, onde havia uma carência de professores formados, de salas de aula, de materiais didáticos, inclusive um livro didático, com o qual, o professor poderia preparar suas aulas; por outro lado, havia uma demanda enorme de alunos que chegavam de outras regiões do país diariamente, junta-se a isso as dificuldades inerentes a vida em uma cidade no início de sua colonização na região norte do estado de Mato Grosso.

Palavras-chaves: ensino de matemática, história de Sinop, história oral, história da educação matemática.

SUMÁRIO

RESUMO	III
INTRODUÇÃO	06
1 HISTÓRIA DE SINOP	10
2 HISTÓRIA ORAL	21
2.1 O QUE É HISTÓRIA ORAL.....	21
2.2 EXPRESSÕES DA HISTÓRIA ORAL.....	24
2.2.1 História de Vida.....	25
2.2.2 História Oral Temática.....	25
2.2.3 Tradição Oral.....	26
2.3 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA.....	27
2.4 FONTES ORAIS.....	29
2.5 ENTREVISTA.....	31
2.6 TRANSCRIÇÃO.....	33
2.7 TEXTUALIZAÇÃO.....	34
2.8 CONFERÊNCIA.....	35
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1 ROTEIRO DE NOSSAS ENTREVISTAS.....	40
4. HISTÓRIAS PESSOAIS	43
4.1 TEREZINHA VANDRESEN PISSINATTI GUERRA.....	43
4.2 MARIA AUGUSTA PAULA SÃO JOSÉ.....	60
4.3 JOSÉ ROVERI.....	73
4.4 MARIA VILMA BRUM.....	85
4.5 REINALDO DOMINGOS MODANESE.....	89
4.6 MARISA LUCIA BRUM.....	95
4.7 JOSÉ CARLOS DA SILVA.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICES	109

LISTA DE APÊNDICES

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS E CARTAS DE CESSÃO	
A TEREZINHA VANDRESEN PISSINATTI GUERRA.	109
B MARIA AUGUSTA PAULA SÃO JOSÉ	123

C JOSÉ ROVERI.....	133
D MARIA VILMA BRUM	143
E REINALDO DOMINGOS MODANESE.....	146
F MARISA LUCIA BRUM.....	150
G JOSÉ CARLOS DA SILVA.....	154

INTRODUÇÃO

Há cidades complacentes, as há penitentes, outras que resplandecem. Umas se moldam ao destino, sem berro; outras purgam o preço da sorte, mais se assemelhando a cruces; outras ainda, mesmo perdendo o esplendor do poder conservam o brilho. Transmitem como único orgulho e conteúdo: a alegria. (Cunha Lima, 1992, p. 11).

Sinop: cidade esperança.

Este sentimento é uma constante nos relatos, tanto dos pioneiros quanto das pessoas que chegam atualmente em Sinop; esperança de um futuro melhor; esperança de melhores chances de vida; esperança de melhores oportunidades de trabalho. Também este é o sentimento que, segundo um de nossos entrevistados, manteve os moradores em Sinop; uma terra que na maioria das vezes tinha se apresentado um engodo para os sonhos que motivaram o deslocamento das pessoas de outras regiões do país, em busca do “Eldorado” que havia sido apresentado em propagandas nos meios de comunicação. Mas como essas propagandas não revelavam toda a realidade da região, muitas foram as surpresas desagradáveis que os pioneiros tiveram ao chegar a Sinop.

A colonização do município de Sinop, bem como de grande parte das cidades do norte do estado de Mato Grosso, foi efetuada por empresas colonizadoras paranaenses.

As famílias vinham das regiões sul e sudeste; empolgadas com as propagandas nos meios de comunicação, em busca de um “eldorado”. Resumindo: uma grande chance de mudar de vida. Quando aqui chegaram, encontraram uma clareira aberta no meio da floresta, sem nenhuma infra-estrutura, distante 500 km de Cuiabá, a cidade mais próxima ligada a Sinop por uma estrada de terra que durante vários meses do ano se tornava intransitável devido ao período das chuvas que, nesta região, nos anos de 1973 a 1979, durava cerca de seis meses.

Na área da saúde, contava apenas com um pequeno posto de saúde. Para a aquisição de produtos alimentícios e de limpeza, possuía dois pequenos armazéns, mas devido aos preços abusivos cobrados por estes estabelecimentos havia uma intervenção do governo que enviava, em períodos determinados, unidades volantes de supermercados da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), que posteriormente instalou-se em definitivo.

Na área educacional, durante o primeiro ano de colonização, existia uma única sala de aula de madeira, que havia sido construída pelos pais dos alunos, em regime de mutirão.

Em 1974 foi construída, pela empresa colonizadora, uma pequena escola, com quatro salas de aula. Os professores eram “selecionados” entre os próprios moradores da cidade. A direção da escola convidava qualquer pessoa que tivesse algum conhecimento prévio sobre o assunto e que se dispusesse a trabalhar na área da educação.

Pela conjuntura de um progresso acelerado, com um aumento enorme de crianças a cada ano, as preocupações estavam vinculadas com questões primordiais, que eram a colocação dos alunos em sala de aula e a contratação de professores para as novas turmas. Com isso, não houve registros das atividades e do cotidiano escolar da época.

Tudo nos leva a crer, que houve um sério descaso com os primeiros registros históricos da cidade.

Atualmente, em 2002, a cidade conta com 28 anos de fundação, e sendo uma cidade nova, com inúmeros problemas de infra-estrutura e com pessoas chegando de todas as partes do país, ainda como nossos pioneiros em busca de melhores chances de melhoria de vida, o que vemos é a permanência de uma desconsideração da sociedade do município em relação à memória da cidade. Exceto por alguns registros particulares, oficialmente não existe nenhum projeto público visando ao registro da memória da cidade. Em relação à educação o conjunto de registros que se tem são rudimentares.

Com este trabalho, pretendíamos contribuir para a construção da história do município, em especial para a história da educação, no que se refere ao ensino da matemática no período de 1973 a 1979.

Através de uma pesquisa preliminar descobrimos que a maior parte do que desejávamos saber ou é tratado de uma única e insatisfatória perspectiva, ou inteiramente ignorado. Não era possível preencher essas lacunas com material impresso porque, quando acessível, ele simplesmente discorria sobre perspectivas burocráticas como, por exemplo, nos diários de classe ou nos planejamentos apresentados pelos professores.

Entretanto, nosso objetivo com esse trabalho não era simplesmente contribuir para preencher vazios documentais ou lacunas de informações, pois como afirma Meihy,

não se deve considerar a história oral como mero substitutivo para carências documentais, quer sejam qualitativas, quer sejam quantitativas... é importante ressaltar que se pode assumi-la isoladamente – como método – e basear-se na análise das narrativas para a observação de aspectos não-revelados pela objetividade dos documentos escritos.(Meihy, 2000, p.27).

Gostaríamos de entender, ao menos em linhas gerais, o caminho percorrido pelo ensino de Matemática em Sinop, nos primeiros seis anos de colonização. Para tanto, sentimos a necessidade de encontrar respostas para algumas questões: Como se deu o ensino de matemática nestes primeiros anos, quando se dispunham de tão poucas condições de ensino? Como os professores se preparavam para as aulas de matemática? Que materiais de apoio didático possuíam? Como conseguiam se manter informados do que acontecia na educação no resto do país? Qual era o apoio do governo? O que se ensinava na disciplina de matemática? Havia assessoria pedagógica para os professores? Como era a relação professor-aluno e aluno-professor? Qual era a concepção de matemática e de educação dos professores naquele período? Como se relacionava à matemática com as outras disciplinas? Quais metodologias eram utilizadas? Como os alunos viam a matemática? Como a escola era vista pelos pais? Qual era participação dos pais nos problemas da escola?

Não parecia possível responder a nenhuma dessas perguntas a partir de fontes históricas convencionais, entretanto como o período é recente podíamos recorrer a documentos históricos vivos, o que nos levou então a optar pela utilização da história oral enquanto metodologia da pesquisa.

Esta escolha deve-se ainda, por concordamos com Thompsom (1998, p. 10) quando denomina a história oral como uma história democrática, na medida em que oportuniza ao pesquisador investigar junto a todos os segmentos da sociedade, em nosso caso alunos, professores e pais, os quais de outra forma poderiam não ser estudados. A história oral ao utilizar-se da evidência oral, transforma os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribuindo para uma história não só mais rica, mas também mais completa.

Segundo Le Goff (1996, p.476) : “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje...”. Acredito que o que mais interesse ao historiador oral é o estímulo da memória local. Contribuir na recuperação e na preservação da memória e, conseqüentemente, contribuir para a criação de uma consciência histórica.

A realização deste trabalho durou cerca de um ano, nos quais, além de localizar e estudar a bibliografia pertinente ao tema, entrevistamos sete pessoas segundo os critérios da História Oral Temática. A monografia resultante apresenta-se subdividida em quatro capítulos, que seguem essa introdução, e termina com a listagem das referências bibliográficas.

O capítulo 1 apresenta a história da cidade de Sinop, que narramos a partir de referências bibliográficas e dos relatos de nossos colaboradores.

Ao capítulo dois reservamos a tarefa de apresentar um levantamento bibliográfico sobre a História Oral.

O capítulo de número três explicita nossos procedimentos metodológicos e, nesse sentido, retoma alguns aspectos levantados quando tratamos, no capítulo anterior do “História Oral”.

A textualização dos depoimentos recolhidos dos professores, alunos e pais, estão, em sua íntegra, apresentados no capítulo quarto. Os depoimentos recolhidos, em seu estado bruto, anterior à textualização, seguem como apêndice.

1 A HISTÓRIA DE SINOP

A colonização do Centro Oeste brasileiro até a Amazônia começou com as políticas interiorizadoras do Governo Federal, que visavam à expansão da fronteira agrícola, em especial, a “Marcha para o Oeste”¹ e a “Expedição Roncador-Xingu”²; que tinham por objetivo a colonização da região norte do Mato Grosso, a chamada pré-amazônia mato-grossense.

A colonização, historicamente, foi utilizada no Brasil como estratégia oficial de povoação de novas terras, de responsabilidade oficial ou privada, com a venda ou a doação de terrenos nos Núcleos Coloniais, com a pretensão de povoar de “modo organizado” os “vazios demográficos” existentes. (Souza, 2001, p.17).

A colonização, oficialmente estimulada pelo Governo Federal, tinha por objetivo a ocupação e o controle da fronteira para a segurança nacional. Portanto,

Ocupar as terras “vazias” da Amazônia, constituía muito mais que uma estratégia de crescimento econômico. Tratava-se, principalmente, de uma estratégia militar de controle do espaço amazônico. (Arruda apud Souza, 2001, p.106).

¹ Política desenvolvida por Getúlio Vargas a partir do final dos anos trinta, objetivava estender a fronteira econômica para as regiões menos desenvolvidas, procurando incentivar a migração para ocupar os espaços demográficos, do Centro Oeste até a Amazônia. Segundo Lenharo (apud Souza, 2001, p.26) “A proposta da ‘Marcha para o Oeste’ era de instalar ‘pontos avançados de colonização’ dirigidos pelo Estado. Vargas formulou diretrizes, administrativamente centralizadas, inspiradas na ótica nacionalista, com o objetivo de ocupar os ‘espaços vazios’ do Oeste e da Amazônia, para criar no ‘novo espaço’ a ‘nova ordem social’. Na sua visão as fronteiras econômicas deveriam coincidir com as fronteiras políticas”.

² Segundo Souza (2001, p.31) “A Expedição Roncador-Xingu foi criada em 1943 pelo governo federal e fazia parte da política de ocupação de Getúlio Vargas – a ‘Marcha para o Oeste’, tendo como objetivo principal ‘conhecer e desbravar as áreas que aparecem em branco nos mapas’. Partindo do Rio das Mortes em 12 de junho de 1945, a Expedição, conduzida pelos Irmãos Villas Bôas e sob o comando militar do Coronel Vanique Mendes, tinha como objetivo mais remoto atingir o Rio Tapajós”.

Outro objetivo oficial da colonização foi a reforma agrária, mas de acordo com Souza (2001, p.81) “na prática, ocorreu uma colonização dirigida (contra-reforma agrária) centralizadora e seletiva”.

Para Monbeig (apud Souza, 2001, p.82) “o avanço para uma região pioneira [...], a colonização era uma questão de segundo plano, vindo antes o desejo de especular”; assim a partir da década de setenta a região norte mato-grossense foi colonizada por empresas privadas, subsidiadas pelos recursos públicos federais, de acordo com o Estatuto da Terra³.

O Grupo Sinop foi uma dessas empresas privadas que colonizou o norte de Mato Grosso. Anteriormente a empresa havia fundado dez cidades no Paraná. A empresa Colonizadora Sinop foi fundada em 1948 pelos colonizadores Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho.

O Grupo Sinop, de origem paranaense (Maringá), era composto por seis empresas associadas: Colonizadora Sinop S/A; Sinop Terras S/A; Sinop Agro Química S/A; Imobiliária e Construtora Maringá S/A; Agropastoril Celeste Ltda e Becker Consultoria de Empreendimentos Industriais Ltda (formada por associação de capitais do Grupo Sinop e da Becker (alemã)). Segundo Souza (2001, p.110) “estas empresas encarregavam-se dos vários aspectos ligados à Gleba Celeste, como compra e venda de terras, propaganda, instalação dos lavradores, agroindústria, cooperativa e projetos correlatos, como criação de gado”.

Em 1970, o Grupo Sinop adquiriu uma grande extensão de terra, no município de Chapada dos Guimarães, onde em 1972 deu início a colonização do “Núcleo Colonial Celeste”, mais tarde denominado “Gleba Celeste”. Através de novas aquisições chegou a 645.000 hectares.

A Gleba Celeste se constituiu de quatro grupos coloniais: Cidade de Vera (fundação em 27 de julho de 1972); cidade de Sinop (em 14 de setembro de 1974); cidade de Santa Carmem (em 15 de Setembro de 1974) e cidade de Cláudia (1978).

³ O Estatuto da Terra fundamentado na Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, legisla sobre a reforma agrária e colonização. (Souza, 2001, p. 88)

Gráfico

Mapa do Estado de Mato Grosso com destaque para o Núcleo Colonial Celeste

Fonte: Revista Potencial Sinop 25 anos. Out/1999, p. 7⁴.

O nome Sinop é a sigla da empresa **Sociedade Imobiliária NOroeste do Paraná**. Suas primeiras ruas começaram a ser abertas em maio de 1972; em 1973 começaram a chegar as primeiras famílias. No dia da fundação, em 14 de setembro de 1974, segundo a Revista Potencial Sinop 25 anos (1999, p. 7), “Sinop já era um verdadeiro canteiro de obras, com mais de vinte quadras abertas”.

Em 24 de julho de 1976, pela Lei 3754/76, assinada pelo Governador José Garcia Neto, Sinop era elevada à categoria de distrito do município de Chapada dos Guimarães. Em 17 de dezembro de 1979, pela Lei 4.156/79, assinada pelo Governador Frederico Campos, Sinop era elevada à categoria de município.

⁴ No mapa aparece o Cachoeirão onde Uli e equipe chegaram primeiro; segundo a Revista Sinop (1999), Ulrich Eberhard Grabert era o topógrafo que chefiava a equipe mandada pela Colonizadora Sinop S/A, para demarcar a área de 645.000 hectares de seu projeto de colonização, denominado Gleba Celeste. Uli Grabert como é chamado, chegou a Gleba Celeste em setembro de 1970, com uma equipe de treze homens, para demarcar e tomar posse das terras.

Sinop localiza-se a 500 quilômetros ao norte de Cuiabá (a 11°50'53" de latitude sul e a 55°38'57" de longitude oeste), às margens da BR 163, a rodovia Cuiabá-Santarém. Segundo Souza (2001, p. 104), "Sinop, desempenha o papel de centro de comando de toda Gleba e é passagem obrigatória de quem vem de Cuiabá e vai para as cidades do extremo norte de Mato Grosso, como Guarantã do Norte, Alta Floresta, ou até mesmo o Sul do Pará".

Em 1972 inicia-se a abertura da cidade de Sinop. Foram iniciados os serviços de desmatamento e terraplanagem, com a abertura das primeiras ruas, avenidas e estradas vicinais. Guimarães Neto (apud Souza, 2001, p. 169) afirma que "Sinop nasceu planejada, com modelo e direcionamento de seu traçado urbano: largas avenidas e ruas que partem da BR-163, rodovia principal que corta a entrada da cidade, e estendem-se em direção a oeste do sítio urbano, produzindo uma percepção de infinitude e imensidão da terra".

Os primeiros anos de colonização foram marcados por uma série de dificuldades, como: clima extenuante, doenças tropicais e isolamento; havia outros aspectos negativos que não eram apresentados pelas propagandas efetuadas pela empresa colonizadora, mas que eram sentidas pelos que nessa região se instalaram,

[...] o clima é bom, mas não se explica ou mostra que chove durante meio ano e que durante a outra metade do ano a seca toma conta da região e que, em consequência das fortes chuvas, a única via de acesso à região, a BR-163, se torna intransitável; que, durante a época da seca, as plantações sofrem, inclusive o café e os pastos para os animais; que as doenças não são as mesmas encontradas no sul, sobretudo a malária; que a lavoura branca em geral não produz o equivalente à do sul, exceção feita ao arroz, mandioca e alguns tipos de frutas. (Shaefer, apud Souza, 20001, p. 109)

Em todos os relatos coletados apresentaram-se, fortemente, as grandes dificuldades vivenciadas pelos que aqui chegaram, nos primeiros anos de colonização; desde a falta de infra-estruturas mínimas para a sobrevivência até a falta de perspectivas, passando por anseios e angústia acerca do futuro.

Quando chagamos aqui encontramos uma derrubada, com duas casinhas e um acampamento da colonizadora... Era só o que tinha. (Terezinha Pissinatti).

Os problemas relacionados à alimentação são recorrentes na maioria das entrevistas. Os estabelecimentos que existiam na cidade eram muito pequenos e ofereciam uma pequena variedade de produtos alimentícios e, durante a época das chuvas, devido à rodovia que ligava Sinop ao resto do país ficar intransitável, havia falta de gêneros alimentícios essenciais para a sobrevivência. Houve a necessidade, em alguns casos, de um auxílio do Governo Federal, através da utilização de um avião da Força Aérea Brasileira para trazer mantimentos de primeira necessidade para as pessoas que se encontravam isoladas do resto do mundo.

Em 1973, 1974, não havia sequer um açougue. Em 1973, por aí, não havia verduras. As estradas eram... período bom, mas período de chuvas⁵ era quase intransitável. Recebia-se alimentação de avião; avião atolava no aeroporto... atolava-se pessoas... a filha do Geraldino Dal'Maso, uma vez se atolou num buraco, teve que ser retirada. Pra levar pessoas da avenida principal para o hospital do Jorge Yanai⁶, por exemplo, era feito padiolas, e colocado nos ombros para transportar. Era um famoso atoleiro... quando não era a poeira, era um atoleiro terrível.(José Roveri)

Não havia mercados, tinha o Gauchinho, mas era um “secos e molhados” que eles falavam. O pessoal comprava panelas, às vezes, vinha arroz[...] Você comprava às vezes um arroz, um feijão, uma louça que precisava [...] Nós passamos mais de um ano sem ver carne de boi[...] Ovo, uma verdura, isso não existia, energia, geladeira... Nós tínhamos uma geladeira, a gás, que nós trouxemos do Paraná, mas a maior parte do tempo não tinha gás, porque tinha que ir buscar em Cuiabá, uma vez que não tinha para vender aqui.(Terezinha Pissinatti).

E a comida então, vinha o búfalo⁷... naquele tempo era a COBAL⁸, né? Mas ali era só graúdo que ia lá.[...] E nós, por exemplo, pobres; nós tínhamos direito de uma lata de azeite, um quilo de farinha de trigo, um quilo de feijão, um macarrão, tudo um quilo... Dava mais ou menos uns doze quilos, que podia levar; mais nada. Independente do tamanho da família... Eles te pediam: quem tu era? Quem era teus filhos? Fazia um tipo de cadastro, pra você não mandar um filho logo depois, ou a mulher pra pegar mais.[...]Quando chegava cigarro? Era tipo um enxame de moscas, de abelhas... sei lá... pra você conseguir o cigarro, senão, de jeito nenhum... Aí eu comprava um pacote sempre.[...]Carne fresca? Só aquelas charques, como é que se diz, carne de sol, preto de mosca, de varejo... Quem comia? Então nós íamos no mato; matava uma

⁵ Predomina o clima Tropical Chuvoso, com duas estações bem definidas: período chuvoso e período de estiagem.

⁶ Hospital e Maternidade Celeste

⁷ Avião da Força Aérea Brasileira.

⁸ Companhia Brasileira de Alimentos

paquinha, um tatu... Nesta época tinha muitos animais. A caça era abundante. Nós íamos pescar... pegava um peixe. Mas eu sei que não foi fácil... (Reinaldo Domingos Modanese).

Outro fator que gerou sérias dificuldades aos moradores foi a área da saúde. Nos depoimentos pudemos perceber um quadro de total ausência de recursos no início da colonização, somente após algum tempo que instalaram um posto de saúde, no qual prestavam atendimento irmãs religiosas que vieram do Paraná, trazidas pela empresa colonizadora, para auxiliar as pessoas em diversas áreas, como: educação, saúde, religião. Posteriormente, no ano de 1977, inaugurou o primeiro hospital em Sinop.

Nos primeiros anos não havia hospital, só tinha posto de saúde; no começo não tinha médicos, quem ajudava eram irmãs, que pertenciam a uma congregação da Alemanha e vieram da matriz delas que no Brasil ficava na cidade de Maringá. Somente mais tarde chegou um médico que atendia no pronto socorro, do posto de saúde que era bem pequenininho que se localizava onde é o correio hoje. Os primeiros hospitais foram construídos por: Dr. Adenir⁹, Dr. Kato¹⁰ e depois o Dr. Albérico¹¹. (Maria Augusta Paula São José).

...Saúde... era muito difícil... Tanto é que minha mãe era doente e quando precisava fazer tratamento ela tinha que ir pra São Paulo, até Presidente Prudente, porque aqui não tinha recurso nenhum. (José Carlos da Silva).

Com relação à agricultura, que era a principal atividade almejada pelos que vinham do sul em direção as “novas terras”, tornou-se outro fator problemático; o solo não produzia, a menos que se fizesse um tratamento com minerais, e os bancos dificultavam a liberação de financiamento para os agricultores.

vendia-se pedaços de terra para essas pessoas em Sinop, e quando lá chegavam e tentavam empregar os mesmos métodos de cultivo do sul, a decepção era terrível, porque lá a terra sem adubo não dava nada, absolutamente nada, olha, nem mandioca. (José Roveri)

⁹ Adenir Alves Barbosa.

¹⁰ Antonio Kato.

¹¹ Albérico Pires Umburanas.

Mas, depois veio com o negócio de fazer análise da terra, porque aqui a terra tem muita acidez... então tem que calcariar... e a cinco ou seis toneladas por alqueire... O calcário era difícil, vinha de Nobres, mas na época da chuva não vinha[...] a estrada era de chão; no tempo da chuva não vinha calcário. (Reinaldo Domingos Modanese).

...Pra conseguir recursos, para conseguir dinheiro, meu pai teve que sair fora, pra trabalhar, porque lá dentro do sítio não tinha condições; financiamento num banco era muito complicado também... (José Carlos da Silva).

Foi grande o número de homens que por não poderem trabalhar em suas terras, iam trabalhar na derrubada de fazendas da região, nas quais as condições de trabalho eram quase desumanas.

Os homens quando saíam, trabalhavam em fazendas.[...]Então muitos corriam risco de vida, alguns até morriam embaixo de árvores, outros se machucavam, quebravam uma perna. (José Carlos da Silva).

A educação no início da colonização de Sinop também foi marcada por uma série de dificuldades: falta de salas de aula, falta de professores, grande número de alunos, inexistência de materiais de apoio pedagógico etc.

Os pais vieram para Sinop porque eles prometeram que tinha escola em Sinop, e na verdade não tinha. (Terezinha Pissinatti).

Ajuntaram-se uma porção de homens ali e construíram a escola. Poucos dias e a escola estava de pé. [...] Não tinha piso, era aquela terra pura lá dentro. Não tinha carteira, aí os homens mesmos pegaram tábuas de champanhe, pesadas... fizeram carteiras[...] Se molhava o chão, virava barro, aquele barro branco grudento; se deixava seco era aquela poeira... (Terezinha Pissinatti).

A escola que eu estudei quando nós chegamos aqui, em outubro,[...] era um galpão feito de pau a pique, coberto de tabuinhas, e era uma sala só para atender as quatro turmas: primeira, segunda, terceira e quarta séries; era um professor só, também. (José Carlos da Silva).

Houve uma ocasião em que as salas não foram suficientes para atender todos os alunos; nós atendemos, acho que mais de um ano, não me lembro ao certo, no barracão da igreja Santo Antônio. (Maria Augusta Paula São José)

Em relação à estrutura física, a demanda de alunos que chegava a cada dia era muito grande. A gente vivia sempre correndo atrás. A demanda era sempre maior do que a estrutura suportava. (José Roveri).

A gente não tinha uma biblioteca, não tinha nada... Então você muitas vezes perdia horas sem saber por onde começar, falava: “E amanhã o quê que eu vou dar, o quê que eu vou fazer?”[...] você tinha que ver o quê que dá e não tinha de onde tirar, às vezes tirando da própria cabeça, lembrando daquilo que você aprendeu no passado, pra poder ter alguma coisa pra dar pro aluno, então, não era fácil não... (Terezinha Pissinatti)

Nos depoimentos dos colaboradores pudemos também constatar um clima de cordialidade, receptividade e solidariedade que existia nos primeiros anos da construção da cidade, talvez, justamente devido às dificuldades acima relatadas.

Existiam muitas pessoas carentes nesta ocasião, e em todos os sentidos, inclusive uma coisa que era muito bonito: a gente via que as famílias que já estavam aqui acolhiam os outros da família que vinham aqui; moravam meses, às vezes, nas casas.(Maria Augusta Paula São José).

Nós tínhamos um grupo de jovens; tínhamos as equipes que trabalhavam. Que assessoravam as pessoas que chegavam. (Terezinha Pissinatti).

Entretanto, com o passar dos anos e o desenvolvimento da cidade, as dificuldades iniciais foram sendo minimizadas e passaram a ser “histórias tristes” do início da colonização.

A lembrança dos “tempos difíceis” começa a se perder no fundo da memória. O suporte material das lembranças não mais existe, a imagem da cidade, sob o impacto da velocidade das realizações, substituiu a paisagem que ali haviam encontrado. A

“nova terra” não mais se interessa pelo sofrimento passado, a história presente é a do triunfo. Ela vem celebrada pelo fervor do progresso. O crescimento da cidade leva ao “desaparecimento” da dor e das feridas passadas que restam apenas como cicatrizes, sulcos na terra, por onde desabrocham, ou abortam as luzes do progresso. (Guimarães Neto, apud Souza, 2001, p. 163).

Para comprovar esta intenção de “esquecer” os tempos difíceis, é suficiente verificar as inúmeras mensagens elaboradas pela Colonizadora Sinop S/A e pelo Poder Público Municipal, como por exemplo: “Sinop, Cidade Futuro”, “Sinop: a capital do Nortão”, “Sinop, a marca do trabalho”, “Aqui o Brasil não pára” e “Sinop a caminho do terceiro milênio”.

Nos registros históricos oferecidos pela Colonizadora, o que prevalece é o relato do progresso e a história daqueles pioneiros que conseguiram acumular capitais, ou seja, os bem sucedidos. Identificar aqueles que fracassaram em seus sonhos e não conseguiram a projeção social dentro da sociedade que se constituía, não é fácil dentro desse contexto histórico pré-estabelecido. A história da cidade deveria ser uma história de progresso e conquista, não existindo espaço para os derrotados. E, mais uma vez, esses cidadãos são excluídos da cidade; da sua história. (Arruda apud Souza, 2001, p. 170).

Assim, a empresa colonizadora tomou para si a construção da memória coletiva da cidade, como demonstra Le Goff (apud Souza 2001, p. 171) ao afirmar que “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. O esquecimento e os ‘silêncios’ da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva”.

Houve a desilusão dos pioneiros em relação à agricultura, devido a vários fatores naturais como o clima e o solo, que eram inadequados para as culturas agrícolas conhecidas pelos colonos. Houve a desilusão devida a fatores econômicos: a grande maioria dos migrantes não tinha capital para aplicar nas plantações, sendo necessário recorrer a empréstimos bancários, dando a terra como garantia para os financiamentos. Dessas desilusões, resulta que, em pouco tempo, a economia da região deixou de basear-se na agricultura e passou a ter como principal atividade econômica a indústria madeireira.

O setor industrial madeireiro sinopense, que se responsabiliza pelo aproveitamento da matéria-prima extraída da floresta, tem demonstrado que a ocupação do norte mato-grossense criou condições, não somente para produção de cereais, como também para a exploração e industrialização da madeira, que nos últimos anos – a partir de 1983 – vem se tornando a produto de principal comercialização. (Souza, 2001, p. 145).

A madeira constitui a principal atividade econômica de Sinop, sendo responsável por grande parte da arrecadação de ICMS e pela geração de empregos. Segundo Souza (2001, p. 151) “O setor madeireiro em Sinop absorveu (e absorve) pessoas pobres, sem emprego e sem qualificação, que por muito tempo se deslocaram para esta região em busca de melhores condições de vida para sua família...”.

A partir de 1979, com a emancipação política, Sinop passa a emergir no cenário mato-grossense. Segundo Arruda (apud Souza, 2001, p.172) é “a partir da década de 80 que a cidade começa a crescer, transformar-se, despertar desejos, atrações e intenções”:

Atrair pessoas aspirando trabalho, provocando inovações. Abandona o velho gerador elétrico pela inserção da rede elétrica da Cemat. Abandona o velho alto falante ‘a voz do progresso’ – tão marcante no cotidiano das pessoas, que divulgava as notícias locais e extra-locais, realizava anúncios, emitindo mensagens (mesmo as mais corriqueiras) e animando a cidade ao som das músicas -, para a instalação da primeira rádio: a FM Nacional (hoje Rede Meridional de Rádio e Difusão Ltda). (Arruda apud Souza, 2001, p. 172).

Segundo Souza (2001), a partir de 1984-5 a expansão urbana prossegue e novos bairros são incorporados. No período de 1988-90, houve um grande aumento da população urbana e um declínio da população rural devido às mudanças que sofreu este meio, com os pequenos produtores rurais abandonando a agricultura e também devido à introdução da pecuária, que fez surgir grandes propriedades oriundas da aquisição de terra dos pequenos produtores, que migraram para outras áreas de colonização ou foram para as cidades.

Conforme Arruda (apud Souza, 2001), os anos de 1989 a 1992 foram considerados como “marco impulsionador para o desenvolvimento de Sinop”, na gestão do Sr. Adenir Alves Barbosa.

É o período no qual grandes transformações espaciais tornam-se perceptíveis no cenário urbano. A cidade transforma-se num canteiro de obras, os investimentos começam a chegar e o município passa a viver ritmos de produção e reprodução espacial até então não experimentadas.

É nesse período que se evidencia com maior destaque a coerência de uma cidade planejada com seus destinos ‘previstos’ e a forma de gerir e controlar seus espaços. A interferência da gestão administrativa enquanto forma de controle e fiscalização, como componente do ‘modelo’ de cidade pretendido, ‘desejado’, assume conteúdo de gestão empresarial. (Arruda apud Souza, 2001, p. 173).

A cidade de Sinop em virtude de seu rápido crescimento urbano nos últimos oito anos, quando a indústria madeireira impõe-se como a principal atividade econômica do município, vem se deparando com o surgimento de novos bairros. Segundo Souza (2001), grande parte deles decorrentes de projetos imobiliários sem uma infra-estrutura adequada, como falta de: saneamento básico, água tratada, posto médico, transporte, recolhimento de lixo, iluminação e segurança.

Atualmente Sinop consolidou-se como prestadora de bens e serviços. Os setores, industrial e agrícola estão em amplo crescimento, com instalação de inúmeras indústrias que irão agregar valor aos produtos regionais. Segundo Souza (2001), já é possível verificar também um declínio do setor madeireiro, algumas delas extinguindo-se, outras transferindo-se para novas áreas da Amazônia mato-grossense. Com o declínio do setor madeireiro, a economia do município que durante as décadas de oitenta e noventa esteve centralizada na indústria madeireira, comércio e serviços, começou, segundo a Revista Sinop, a ser diversificada nos últimos oito anos com a “aplicação de técnicas modernas de manejo sustentado, pesquisa, reposição florestal, pecuária e agricultura, esta última com uma das mais altas taxas de produtividade do país no cultivo de soja, arroz, milho e algodão.” (1999, p. 50).

Sinop teve um desenvolvimento muito rápido, com apenas vinte e nove anos de existência é considerada pólo industrial, comercial e educacional da região.

De acordo com a pesquisa do IBGE¹² realizada no ano de 200, Sinop possui habitantes, entretanto este número cresce com uma rapidez enorme, o que pode ser constatado por alguns dados fornecidos pelo poder público municipal, em reportagens nos meios de comunicação. Por exemplo, de 2000 a 2002 aumentou em 50 % o número de alunos na rede municipal de ensino que atende da pré-escola até a sexta série do ensino fundamental. Outro dado surpreendente é o número de alvarás para construção emitidos pela prefeitura diariamente:..... alvarás.

Com isso podemos perceber que Sinop continua despertando nas pessoas sonhos e esperanças; alguns se decepcionam e migram novamente, mas a maioria continua a viver em Sinop, trabalhando na realização de seus sonhos.

¹² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

2 HISTÓRIA ORAL

2.1 O QUE É HISTÓRIA ORAL?

Ao tentarmos responder esta questão, colocamo-nos frente outra pergunta: Qual o *status* da história oral? Neste ponto são diversas as concepções que se entrecruzam, entretanto é possível reduzir a três as principais posturas a respeito da história oral: uma técnica, uma disciplina, e uma metodologia.

Para os que defendem a história oral como técnica interessa unicamente a criação e conservação de arquivos orais, ou então por cientistas de outras áreas que utilizam as entrevistas de forma eventual e para complementar outros tipos de fontes; em geral, escritas. Segundo Amado e Ferreira (2001), para estes defensores o que interessa são as gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervo e outros. Ainda segundo Amado e Ferreira (2001), esses nem sempre defendem conscientemente a ‘postura técnica’; tal opção é o resultado da relação que mantém com a história oral (atende às necessidades da pesquisa ou deveres profissionais). Entretanto, há aqueles que efetivamente concebem a história oral como técnica, negando-lhe qualquer pretensão metodológica ou teórica. Para exemplificar os defensores desta postura, Amado e Ferreira citam Roger:

A chamada “história oral” não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas. Querer mais do que isto é ingressar no terreno da mais pura fantasia. A história oral não possui os fundamentos filosóficos da teoria, nem os procedimentos que [...] possam ser qualificados como metodológicos. Ela é o cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano.(Roger apud Amado e Ferreira, 2001, p. xii-xiii)

Os que concebem a história oral como disciplina, segundo Amado e Ferreira (2001), baseiam-se em argumentos complexos e contraditórios entre si. Todos, entretanto partem da

mesma idéia: “a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos”.

A seguir apresentaremos as idéias que representam uma tentativa de condensar perspectivas e temas reconhecidos por grande parte dos defensores que conferem a história oral *status* de disciplina. Estas idéias foram apresentadas por Amado e Ferreira (2001), e são o resultado do estudo da bibliografia de vários autores:

- *o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória;*
- *o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma;*
- *na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo;*
- *a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas;*
- *a história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas;*
- *na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos depoentes...*
- *o fato de a história oral ser largamente praticada fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e construir sua própria memória, tem gerado tensões, pois as perspectivas, os objetivos e os modos de trabalho de acadêmicos e não-acadêmicos podem diferir muito;*
- *a narrativa, a forma de construção e organização do discurso /.../ são valorizadas pelo historiador.*(Amado e Ferreira, 2001, p. xiv-xv).

Estas idéias também são compartilhadas pelos que defendem a história oral como metodologia. Entretanto, o que os diferencia em relação aos que defendem a história oral como disciplina, segundo Amado e Ferreira (2001), é que estes: “reconhecem na história oral uma área de estudos com objeto próprio e capacidade /.../ de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática – no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso etc”.

Contudo são vários os autores que apontam a necessidade de se utilizar a contribuição de outras disciplinas, como por exemplo, Aceves Lozano (p.15) “a lingüística (técnicas para o processo da transcrição), o folclore (técnicas de recopilação de tradições orais) e a semiótica

(métodos para análise dos conteúdos do discurso oral), entre outras”. Voldman (p.38), por sua vez, afirma que ao fazer entrevistas deve-se ter em mente dois outros procedimentos, tomados de empréstimo de disciplinas vizinhas: “por um lado, servir-se das contribuições da sociologia na condução e na formulação das pesquisas; por outro, não negligenciar elementos de psicologia, psicossociologia e psicanálise”. Para estes autores a história oral é constituída graças ao contato multidisciplinar.

Para os que advogam a história oral como método, a fonte oral é o nervo central da pesquisa. Na opinião de Meihy (2000, p.31) “Trata-se de focalizar os depoimentos como o ponto central das análises. Para ser valorizada metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolha das entrevistas, no processamento delas, na passagem do oral para o escrito e nos resultados”. A respeito dos historiadores orais que consideram a fonte oral em si mesma e não só como mero apoio factual ou de ilustração qualitativa, Aceves Lozano, afirma que:

“Na prática, eles colhem, ordenam, sistematizam e criticam o processo de produção da fonte. Analisam, interpretam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais. Complementam suas fontes orais com as outras fontes documentais tradicionais do trabalho historiográfico. Não se limitam a um único método e a uma técnica, mas se complementam e as tornam mais complexas. Explicitam sua perspectiva teórico-metodológica da análise histórica e, sobretudo, estão abertos e dispostos ao contato com outras disciplinas”.(Aceves Lozano, 2001, p.23).

Em nosso entender, e concordando com Amado e Ferreira (2001), a história oral, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como: os diferentes tipos de entrevistas e as implicações de cada uma delas nos resultados; as várias possibilidades de transcrição de depoimentos; as diferentes formas de relacionamento entre o historiador e o entrevistado, e as influências disso em seu trabalho; e as várias maneiras de textualização dos depoimentos.

Enfim, qual é a importância de toda essa discussão a respeito do *status* da história oral? Ao nosso ver a definição de história oral perpassa por essas concepções acerca do papel da história oral. Se considerada como técnica, se restringe a organização de acervos e realização de entrevistas. Para Amado e Ferreira (2001, p.xvii), se concebermos a história oral

como disciplina há dois caminhos possíveis: “esquecermos as questões exclusivas da teoria, deixando de abordá-las em nossos trabalhos, ou tentarmos encontrar respostas para elas apenas no âmbito da história oral”. Acreditamos que ambos os casos são problemáticos: no primeiro, teremos pesquisas que não levam a lugar nenhum, uma vez que se vai desconsiderar todas as questões teóricas em que a pesquisa está envolta e, no segundo, teremos resultados no mínimo danosos. Como já foi citado anteriormente é necessário buscar a contribuição de outras disciplinas para muitas questões que surgem no decorrer do trabalho.

Caso a consideremos como método, segundo Meihy,

parte-se do princípio de que esta se constitui um objeto definido, com procedimentos claros e preestabelecidos que a justificam como um método. Nesse caso ela encerra o fundamento da pesquisa. É sobre ela que se organiza o projeto do trabalho. No caso do uso de outras fontes, elas se sujeitam ao debate central decorrente das fontes orais.(Meihy, 2000, p. 32).

Por nos situarmos entre os defensores da história oral como método é que escolhemos como definição de história oral, a apresentada por Meihy:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou ‘colônia’) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a ‘transcrição’, conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.(Meihy, 2000, p. 29)

Ou seja, é a forma como concebemos a história oral quando ela é decorrente de um projeto que reconheça sua intenção e determine os procedimentos.

2.2 EXPRESSÕES DA HISTÓRIA ORAL

A história oral se divide em três formas: história de vida, história oral temática e tradição oral.

2.2.1 História de vida

A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva. Restringe-se à verdade individual, mais subjetiva, onde os temas sociais apareceriam filtrados pelo discurso do depoente. Como o próprio nome diz, é a narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa.

Na história oral de vida o narrador impõe-se como tarefa contar sua própria história. Segundo Gattaz (1996, p.256), “ele deve reunir os elementos dispersos de sua vida pessoal e de agrupá-los em um esquema de conjunto, tentando conseguir uma expressão coerente e total de seu destino”. Ainda segundo Gattaz (1996, p.256), “esta unidade vivida de comportamento e de atitudes não procede do exterior: é certo que os fatos influem, às vezes nos determinam e sempre nos delimitam; mas os temas essenciais, os esquemas estruturais que se impõem ao material dos fatos exteriores, são os elementos constituintes da *personalidade*”.

Nas histórias de vida não cabe ao historiador analisar como verdadeiras ou falsas as informações dadas pelo depoente; a verdade está na versão oferecida pelo narrador. A este respeito, Meihy afirma que:

O sujeito primordial desse tipo de história oral é o depoente que tem maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve ser dado ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade. A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial. (Meihy, 2000, p.62)

2.2.2 História Oral Temática

A história oral temática visa à obtenção de informações sobre uma realidade comum a uma determinada comunidade ou sociedade, vinculada ao testemunho sobre algum assunto específico. Segundo Meihy (2000, p. 67), “por basear-se em um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral temática busca o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido. A objetividade, portanto, é direta”. As hipóteses de trabalho, nesse ramo de história oral, podem ser testadas, e a delimitação do tema deve ficar de tal forma definida que conste das perguntas a serem feitas pelo entrevistador.

Por tratar-se de um assunto previamente definido, os trabalhos de história oral temática admitem o uso de questionário, mais do que isso se torna necessário para obtenção dos dados procurados.

Atualmente são vários os trabalhos em que há uma junção da história oral de vida com a história oral temática. Há trabalhos que têm um caráter específico, e se comprometem com o esclarecimento de algum evento definido. Entretanto pretendem também estudar aspectos subjetivos sobre o tema; nestes casos a união destas duas formas de história oral é uma boa solução, como nos afirma Meihy:

Há projetos temáticos que combinam algo de história de vida. Nesses casos, o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. Essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque, ao mesclar situações vivenciais, a informação ganha mais vivacidade e sugere características do narrador. (Meihy, 2000, p.70).

2.2.3 Tradição Oral

Para Meihy (2000, p. 71), “a tradição oral trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais

asseguradas com referências do passado remoto”. Ainda segundo Meihy (2000, p. 71-2), “ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos”.

A utilização mais freqüente da tradição oral é a reconstrução história de grupos ágrafos, ou sem história escrita. Conforme Meihy (2000, p. 71), a “reconstrução histórica desses grupos é também conhecida como história oral instrumental, devido seu caráter auxiliar. A tradição oral, no caso, deve revelar, além das estruturas e comportamentos do grupo, a noção de passado e presente da cultura”.

O sujeito nesse tipo de pesquisa é sempre mais coletivo, menos individual e, por isso, a carga da tradição comunitária é mais prezada e presente, porque continuada. (Meihy, 2000, p.72).

2.3 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

Abordaremos o tema “Memória” devido à importância crucial deste conceito para o estudo da história, quer seja oral ou não, como destaca Le Goff (1996, p. 477): “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.

Uma das principais críticas dos historiadores documentalistas tradicionais em relação à história oral era o fato desta basear-se na memória das pessoas: questionavam a confiabilidade da memória oral. Segundo Thomson, devido a estas críticas os primeiros manuais de história oral buscavam outras ciências para avaliar a confiabilidade da memória oral:

Tomando por base a psicologia social e a antropologia, mostravam como determinar a tendenciosidade e a fabulação da memória, a importância da retrospectão e a influência do entrevistador sobre as recordações. Da sociologia, adotaram os métodos da amostragem representativa, e na história documental foram buscar regras para checar a confiabilidade e a coerência interna de suas fontes. (Thomson, 2001, p. 67)

Contudo, esta crítica dos historiadores documentalistas não leva em consideração que toda a história de alguma forma está impregnada pelo presente como nos destaca Le Goff:

Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não só é inevitável, como legítimo. (1996, p. 51)

Entretanto essa tendência de questionar a confiabilidade da memória ficou tão intensa que, de acordo com Thomson (2001), passou-se a considerar a memória como mais uma fonte histórica para descobrir “o que realmente aconteceu”, que levou à não consideração de outros aspectos e valores do depoimento oral.

Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. Ao tentarem descobrir uma única história fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as distorções da memória podiam ser um recurso, além de um problema. (Thomson, 2001, p.67).

Contudo, atualmente, são vários os autores que, em vez de considerar unicamente como um problema esta influência do presente sobre o passado numa memorização, percebem possibilidades de valorizar o trabalho com dados que são tão ricos em informações quanto os dados que estão “totalmente corretos”. Referindo-se a isso, Thompson destaca que:

A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significaram os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes. [...] O que o inconsciente conserva pode diferir em proporção e em poder, mas não em espécie: trata-se simplesmente de experiência humana, acidental ou ativamente esquecida... (Thompson, 1998, p. 204-205)

Também sobre este tema, Rousso afirma que um indivíduo, ao falar de seu passado, quer seja espontaneamente ou interrogado por um historiador,

Não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. Essa versão é não só legítima, devendo como tal ser reconhecida /.../, como é também indispensável para todo historiador do tempo presente. (Rouso, 2001, p. 98).

Ainda sobre este tema, Montenegro cita Thompson:

/.../ o que importa na história oral não são os fatos acerca do passado, mas todo o caminho em que a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea... (Montenegro, 1994, p.16).

Segundo Thomson (2001), nos últimos anos, alguns historiadores orais criaram métodos de análise e de entrevistas que se fundamentam num entendimento mais complexo da memória e da identidade, e que sugerem meios novos e estimulantes para tirar o maior proveito das memórias para fins de pesquisa histórica e sociológica. Todavia, esta análise mais aprofundada da memória pode gerar, segundo Thomson, dois tipos de problemas: éticos e políticos. Éticos: “As entrevistas que exploram os meios empregados por uma pessoa para se recordar de seu passado podem ser gratificantes para o entrevistador, mas também podem ser perturbadoras ou até prejudiciais para o entrevistado. Ao contrário do terapeuta, os historiadores orais podem não estar por perto para juntar os pedaços da memória que foi desmantelada e que já não está mais segura” (Thomson, 2001, p. 70) e Políticos: “utilizar do depoimento oral para explorar e questionar mitos públicos que serviram de refúgio seguro para as pessoas que estão sendo entrevistadas, e que talvez não desejem ter suas memórias questionadas ou suas histórias contestadas” (Thomson, 2001, p.71).

Um cuidado que se deve ter ao fazer a análise da memória, conforme Meihy, é que está havendo uma “crença absoluta na palavra dita. Como se os depoentes não mentissem, como se não deformassem os acontecimentos ou versões, muitas vezes credita-se ao que foi falado foros da memória”. (Meihy, 2000, p. 97).

2.4 FONTES ORAIS

A história oral é vista, ainda hoje, com reserva por grande parte dos historiadores profissionais, em especial, os documentalistas, devido à utilização de fontes orais como nervo central do quadro metodológico da mesma.

Os documentalistas, em geral, são céticos quanto ao valor das fontes orais na reconstituição do passado. A este respeito, Garnica (s.d.) em seu artigo "O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da História" afirma que, "A imprecisão da linguagem falada, a plurivocidade e o inevitável apoio à subjetividade no tratamento da memória coletiva são certamente os maiores - senão únicos - argumentos contrários ao fascínio que a oralidade tem contemporaneamente exercido nos historiadores preocupados com posições metodológicas".

Para os documentalistas, segundo Prins (1992), quando forem disponíveis fontes oficiais, escritas, elas devem ser preferidas. Quando estas não estiverem disponíveis, tem-se de tolerar a segunda escolha. "Os dados orais são, nesses termos, certamente a segunda melhor ou pior escolha, pois seu papel é facilitar as histórias de segunda escolha sobre as comunidades com fontes escassas". (Prins, 1992, p. 164).

Refletindo sobre o papel das fontes orais para a história contemporânea, o mais renomado expoente da história oral na África, Jan Vansina afirma que,

A questão é que o relacionamento entre as fontes escritas não é como o da prima-dona e de sua substituta na ópera: quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco. Isso está errado. [As fontes orais] corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem. (Vansina, apud Prins, 1992, p. 166).

Assim, na batalha sobre as fontes orais na história contemporânea, a linguagem imoderada revela que profundas paixões estão comprometidas de ambos os lados. Os documentalistas argumentam que as fontes orais não são confiáveis, conforme citação de

Garnica (s.d.) anteriormente apresentada, devido à imprecisão da linguagem e a subjetividade da memória coletiva; os oralistas contra-argumentam que "esse fascínio pelo documento escrito parece desconsiderar o viés nitidamente ideológico da seleção imposta pelo poder da mídia". (Garnica, s.d., p. 02).

São inúmeros os exemplos que "se referem à adulteração propositais de registros, ideológica e historicamente reconhecidas, impostas pelo poder dominante; outras referem-se às construções textuais tendenciosas, geradas a partir de valores específicos, estéticos ou morais" (Garnica, s.d., p. 04); entretanto não vamos neste momento estar discorrendo sobre os mesmos.

Acreditamos que as fontes escritas possam ser, tão ou mais, tendenciosas e seletivas do que as fontes orais. Concordamos com Thompson (1998, p. 176) quando afirma que "todas elas são falíveis e sujeitas a viés, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes. Em alguns contextos, a evidência oral é o que há de melhor; em outras, ela é suplementar, ou complementar, a de outras fontes".

2.5 ENTREVISTA

Em história oral a entrevista tem papel fundamental; ela é parte integrante de um projeto, pressuposto básico para o conhecimento.

Após ser definida a colônia¹³, para que o pesquisador possa definir quais pessoas serão entrevistadas; a entrevista inicial não deve ser determinada aleatoriamente. Em geral, faz-se uma sondagem e dá-se preferência por pessoas que possuam conhecimento abrangente sobre a

¹³ Segundo Meihy, "*Define-se a colônia pelos padrões gerais da sua comunidade de destino. Isto é, dados e traços preponderantes que ligam a trajetória de pessoas. A migração do nordeste para o sul, os perseguidos políticos por golpes militares, alguns clãs segregados por questões raciais, congregações religiosas, agremiações de trabalho, comunidades isoladas geograficamente e submetidas a um isolamento cultural são grupos que têm traços comuns que marcam um comportamento amplo que os caracteriza*".(2000, p. 83)

história do grupo, e que possam, junto com o pesquisador, indicar outros entrevistados. “Essa entrevista, denominada ponto zero, pode vir a constituir-se na primeira de uma rede de colaboradores, que constituirão um grupo orgânico e auto (ou inter) – selecionado” (Meihsy, apud Neves, 2001, p. 3).

Para Meihsy (2000), as entrevistas devem ser divididas em três etapas: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.

A *pré-entrevista* é o primeiro contato, quando são apresentadas explicações sobre o projeto, como se chegou ao seu nome e do âmbito de sua participação. Nesse contato inicial é explicitado o uso do gravador como material de registro, e como serão utilizados os depoimentos fornecidos depois de transcritos e textualizados.

A *entrevista*: de acordo com o projeto e o ramo da história oral optada, é que será definida qual a melhor possibilidade metodológica: entrevistas diretas, não diretas, semi-estruturadas (Thompson, 1998 e Meihsy, 2000) ou entrevistas sociológicas (Bourdieu, 1998).

Quando o pesquisador opta pela história de vida, uma das formas mais usuais de entrevista é a não estruturada, ou técnica do discurso livre, na qual o colaborador tem mais liberdade para narrar sua experiência pessoal. Nesse caso as perguntas devem ser amplas.

Nos projetos que partem de entrevistas temáticas, o uso de questionário preestabelecido permite que a narrativa temática trabalhada e que as experiências pessoais do colaborador sejam consideradas na medida em que se vinculam ao assunto proposto pelo entrevistador. (Meihsy, 2000, p.68).

Há casos em que os entrevistados solicitam com antecedência a lista de perguntas. Segundo Meihsy (2000), não há problemas em fornecer o questionário ao colaborador. Entretanto, deve-se, na medida do possível, proceder da mesma forma com todos os entrevistados.

Devido aos posicionamentos teórico-metodológicos da história oral, grande parte dos pesquisadores trata diretamente com setores que tiveram poucas oportunidades para expor visões, pontos de vista e opiniões. Na opinião de Neves (2001), o choque entre a condição sócio cultural do entrevistado e do pesquisador pode levar o colaborador a subestimar suas

experiências e até mesmo não se achar em condições de contribuir com informações interessantes.

Para Neves (2001), a postura do entrevistador é fundamental para o rompimento dessas barreiras. O pesquisador deve ter conhecimento de que a entrevista é uma relação social e de que ele, enquanto tal, exerce efeitos sobre os resultados. Segundo Bourdieu (1998, p. 695), “é o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado”. Junta-se a essa uma outra dissimetria: a dissimetria social. Para Bourdieu (1998, p.695), isso ocorre “todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural”.

Bourdieu afirma ainda que cabe ao pesquisador levar em conta estas duas propriedades inerentes à relação de entrevista e esforçar-se para “fazer tudo para dominar os efeitos (sem pretender anulá-los”, ou seja “*reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele*”; instaurando “*uma relação de escuta ativa e metódica*”. (Bourdieu,1998, p. 695) (grifos do autor) .

Para Thompson, algumas qualidades são essenciais para um bom entrevistador:

Interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (Thompson, 1998, p.254)

E, principalmente, é importante que o entrevistador tenha conhecimento que a relação mantida numa entrevista de história oral difere muito a uma entrevista jornalística. A entrevista de história oral é um relato único, embora contenha elementos compartilhados por outros componentes sociais. Segundo Neves (2001, p. 4), “É a busca e a valorização da singularidade de cada história de vida que torna essa relação entre entrevistado e entrevistador mais igualitária e frutífera”. É necessário que o pesquisador em história oral compreenda que na situação de entrevista não se coloca diante de fontes, mas de pessoas. “Não ‘estuda’ o grupo de colaboradores, aprende com eles” (Portelli apud Neves, 2001, p. 5). Meihy (2000) nos afirma que “no trabalho de história oral [...] o oralista deve comportar-se mais como

mediador que propriamente como autor convencional dos projetos tradicionais. A atenção às sugestões dadas pelos colaboradores é fundamental”. Com isso em mente é que se deve proceder às entrevistas; percebendo as diferenças e respeitando-as, constituindo-se assim recursos para a utilização da entrevista enquanto elemento essencial num projeto de história oral.

Pós- entrevista: A leitura atenta do material coletado oralmente, quando de sua transcrição, pode exigir complementações nas entrevistas para esclarecimentos. Além disso, devem ser enviadas cartas ou realizados telefonemas de agradecimento.

2.6 TRANSCRIÇÃO

A transcrição é passagem da gravação oral para o escrito. Há pessoas e grupos que defendem que a transcrição deve ser integral, com o registro completo dos diálogos e sons como eles foram captados, sendo que até os erros de linguagem devem ser mantidos. Um dos representantes dessa corrente é Thompson, que definiu a visão mais comum da transcrição integral afirmando que ela deve, preferencialmente:

Incluir tudo o que está gravado, com a possível exceção de digressões para verificar se o gravador está funcionando, para tomar uma xícara de chá, ou para bater papo sobre como está o tempo, sobre doenças, e coisas assim. Todas as perguntas devem constar dela. O gaguejar em procura de uma palavra pode ser eliminado, mas outro tipo de hesitações e de “muletas”, como “você sabe” ou “veja bem” devem ser incluídos. A gramática e a ordem das palavras devem ser deixadas como foram faladas. Se não conseguir compreender uma palavra ou uma frase, deve deixar-se um espaço na transcrição para indicar isso...(Thompson, 1998 p.293).

Esse posicionamento, contudo, tem sido contestado por outros oralistas que defendem a necessidade de uma longa e elaborada edição.

Trabalhar uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta. Com isso, a primeira tradição quebrada é a do mito de que a

transcrição de palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa. Porque uma gravação não abriga lágrimas, pausas significativas, gestos, o contexto do ambiente, é impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo o que se passou na situação do encontro. (Meihy, 2000, p.89).

Na opinião de Bourdieu (1998, p. 710) “transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever”. Para os oralistas que defendem este posicionamento a transcrição é a primeira etapa da textualização.

2.7 TEXTUALIZAÇÃO

Na fase de textualização suprimem-se as perguntas, fundido-as nas respostas, em uma narrativa estruturada na primeira pessoa e rearticulada a partir de indicações cronológicas e/ou agrupamentos temáticos fundidos por meio de palavras-chave.

Para Bourdieu (1998, p.709) e Meihy (2000, p.90), na textualização deve-se escolher uma frase da entrevista que será usada como epígrafe para a leitura da entrevista. Essa frase deve ter o “tom vital” da entrevista. Meihy aponta: “É sobre essa frase que se pretende organizar o critério de percepção do leitor. Assim, portanto, a frase escolhida funciona como um farol a guiar a recepção do trabalho” (Meihy, 2000, p. 90)

Uma das etapas da textualização é a transcrição. Segundo Gallian (apud Neves, 2001, p.7) “Trata-se da transposição do espetáculo oral para o escrito e seu compromisso se dá com o discurso livre e não com a fidelidade da reprodução”.

Evocando pressupostos da tradução, a transcrição se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude. Com isso afirma-se que há interferência do autor no texto, que ele é refeito várias vezes e que tudo deve obedecer a acertos combinados com o colaborador. (Meihy, 2000, p.91).

Para tanto, a transcrição funda-se na afirmação de que são necessárias algumas alterações na palavra falada para que a palavra escrita represente a real intenção da fala, como nos aponta Bourdieu: “como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral para o escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade”. (1998, p.710)

2.8 CONFERÊNCIA

Conferência é o momento em que, após o texto ter sido trabalhado, quando se supõe que está em sua versão final, o autor entrega ao colaborador a versão para que a mesma seja autorizada. (Meihy, 2000, p. 91).

3 NOSSOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa que aborda um estudo sobre o ensino de Matemática por uma visão dos sujeitos que participaram da educação em Sinop, nos primeiros anos de colonização. Foram entrevistados professores, diretores, pais e alunos envolvidos nas atividades relativas à educação, no período estabelecido, pelos parâmetros ditados pela história oral. Com isso, esta pesquisa fica inserida no que contemporaneamente tem sido chamado de História da Educação Matemática, recente tendência na área da Educação Matemática.

Para operacionalizar essa nossa intenção, decidimos recolher entrevistas de pessoas que efetivamente participaram da educação em Sinop no período de 1973 a 1979. A escolha desse período deveu-se ao fato de que nosso objetivo era entender, ao menos em linhas gerais, o caminho percorrido pelo ensino da Matemática nos primeiros anos de colonização de uma cidade no norte do estado de Mato Grosso, portanto, o período de nossa pesquisa inicia-se no ano de sua fundação e termina no ano de sua emancipação política.

Primeiramente, entramos em contato com a Professora Maria Lúcia de Araújo Braz¹⁴, com quem realizamos a entrevista ponto zero; optamos por realizar esta primeira entrevista com a professora Lucinha, pois sabíamos que ela atuava como professora naquele período, bem como conhecia a maioria dos professores que já haviam trabalhado na cidade de Sinop, em especial no período estudado. Foi ela quem nos indicou os nomes dos professores que posteriormente vieram a participar de nossa pesquisa. Como esta entrevista ocorreu no início de nossa trajetória nesta pesquisa, ela não foi realizada com o intuito de ser utilizada como coleta de informações que constassem do trabalho. Embora, como nos aponta Meihy, isto possa acontecer.

Há casos em que o ponto zero se transforma na primeira entrevista, mas, normalmente, isso ocorre não porque esse encontro é mais informativo e não se comporta dentro dos padrões regulares do andamento de uma gravação, mas porque, muitas vezes, ele se transforma em guia capaz de orientar o andamento das entrevistas (Meihy, 2000, p.85).

O primeiro contato com os participantes: José Roveri, José Carlos da Silva e Terezinha Pissinati, foi por telefone; já com Maria Augusta Paula São José, Reinaldo Domingos

¹⁴ conhecida pelo apelido: Lucinha

Modanese, Marisa Lucia Brum e Maria Vilma Brum, foi em suas residências. Explicamo-lhes o motivo de nossa procura e convidamo-los a participar de nossa pesquisa.

Nesse primeiro contato, quase que informal, traçamos um esboço de nosso trabalho, enfatizando a necessária participação deles. Expusemos, também, a necessidade de gravar as entrevistas em fita k-7. Houve algumas resistências quanto à gravação dos depoimentos, mas, após algumas explicações sobre a necessidade da mesma, os participantes aceitaram com relativa facilidade.

As entrevistas desta pesquisa foram realizadas segundo os critérios da história oral temática. Foi utilizado um roteiro de perguntas para cada segmento pesquisado. Antes de começar a entrevista, este roteiro foi entregue aos colaboradores. Como nos orienta Meihy(2000, p. 68), “Não há problemas em fornecer a lista de perguntas ao narrador. Deve-se na medida do possível, proceder da mesma forma com todos os envolvidos no projeto”. E como a primeira professora entrevistada solicitou o roteiro; nas entrevistas posteriores passamos a oferecer o roteiro para que fossem lidos pelos entrevistados. Entretanto, este roteiro serviu unicamente como um guia para que pudéssemos ter em mente todos os pontos que deveriam ser abordados nas entrevistas; em momento algum tivemos a pretensão de que ele fosse fechado, tanto que outras perguntas surgiram à medida em que as pessoas faziam seus relatos. Como todas as perguntas eram abertas, possibilitavam ao colaborador longos relatos a respeito dos temas abordados. Em nenhum momento interrompemos as narrativas; exceto em raros casos, em que eram necessários esclarecimentos dos fatos relatados.

Como os colaboradores, em todas as entrevistas, já haviam lido o roteiro, em grande parte delas, após fazermos a pergunta inicial, os próprios colaboradores iam falando sobre os outros pontos que constavam do roteiro sem que fosse necessário ir perguntando sobre os mesmos. Somente ao final do relato é que abordávamos os pontos que haviam sido esquecidos pelo depoente. Por isso, na maioria das entrevistas, as respostas dos colaboradores não seguiam a seqüência em que apareciam no roteiro.

Em apenas duas das entrevistas foi necessário formular cada questão para que pudesse ser respondida. Foi possível perceber que, nesses dois casos, os depoentes não estavam à vontade. Não conseguimos entender o porquê deste sentimento, uma vez que tomamos todos os cuidados necessários: em relação ao ambiente (as entrevistas foram realizadas em suas

casas); quanto ao dia e hora marcados (que foram determinados pelos próprios colaboradores) e, ainda, em relação ao uso do gravador. Estes dois, tanto quanto os demais, estavam cientes da gravação. Após percebermos este constrangimento, procuramos deixar o gravador num lugar o mais discreto possível, pois pensamos que poderia ser isto que estivesse fazendo com que se sentissem desta forma. Estas duas entrevistas, portanto, ficaram mais curtas, com respostas diretas, sem muitos detalhes, o que acabou por empobrecer os dados coletados.

Com respeito ao critério para a seleção dos entrevistados, seguimos o chamado “critério de rede” (Gattaz, 1996, p. 263), ou seja, “os próprios depoentes indicavam outros para serem entrevistados, criando uma *comunidade de argumentos*”. Realizamos a entrevista ponto zero com uma professora que já conhecíamos e que sabíamos ter trabalhado na educação em Sinop no período pesquisado e que continua trabalhando como professora atualmente. Esta professora indicou-me os professores de matemática na ativa durante o período a que se refere nossa pesquisa. Foi nas entrevistas com os professores que obtivemos a indicação de pais e alunos. Procuramos, entre as indicações da rede, dar representatividade, em relação aos pais, aos que tivessem filhos estudando o máximo de tempo possível dentro do período de nosso interesse; e entre os alunos, um que tivesse estudado de 1ª a 4ª séries e outro de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Isso, entretanto, não foi possível, uma vez que não conseguimos entrar em contato com nenhum dos alunos indicados pelos professores e que haviam estudado de 5ª a 8ª série. Desta forma ambos os alunos entrevistados foram alunos de 1ª a 4ª série no período pesquisado. Como nas entrevistas revelou-se muito fortemente a importância das escolas rurais no início da colonização da cidade de Sinop, optamos por um desses alunos por ter ele estudado em uma destas escolas rurais.

Após terminarmos essa fase inicial de nosso trabalho, seguiu-se uma outra etapa: a das transcrições das fitas. É importante salientar que todas estas etapas aqui descritas foram executadas após cada entrevista; para que não houvesse um acúmulo de trabalho.

Na transcrição optamos por uma transcrição literal, pois diferentemente de Meihy (2000), não entendemos a transcrição como uma primeira etapa da textualização e sim momentos diferentes, ou seja, a transcrição, é a passagem do oral para o escrito; da gravação para o escrito, com todos os vícios da fala oral. Já na textualização o autor vai criar a partir das perguntas e respostas um texto seu. Para Gattaz (1996, p.265) “a textualização final da

entrevista é de *autoria do historiador* sendo o depoente um *colaborador* para a fabricação deste novo documento”. (grifos do autor)

Gattaz (1996) alerta-nos ainda, para o fato de que,

A textualização deve ser uma narrativa clara, onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser limpo, enxuto e coerente (o que não quer dizer que as idéias apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, apresentada por alguns historiadores como “fiel” ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico”. (1996, pp. 263-264. grifos do autor).

Com o objetivo de obter uma leitura mais compreensível, passamos então a realizar uma primeira textualização, onde as perguntas passaram a ser incorporadas às falas dos depoentes. Houve também a necessidade de uma organização das idéias presentes no texto, uma vez que, como já colocamos anteriormente, após terem lido o roteiro, os próprios depoentes iam relatando os fatos conforme se lembravam das perguntas. Com isso, nos relatos, os temas iam e vinham, sem uma seqüência pré-determinada. Em todos os textos procuramos colocar as idéias de acordo com a seguinte ordem: a cidade, a educação de uma forma geral e o ensino de matemática.

Isso acarretou uma transcrição a cada parágrafo passando o texto a ser (re) escrito várias vezes com o intuito de eliminarmos frases que se repetiam e até mesmo expressões utilizadas normalmente numa conversa informal, uma vez que o código oral e escrito têm registros diferentes. Entretanto, tivemos o cuidado de que, mesmo após a transcrição, o texto se mantivesse o mais próximo possível da fala do depoente. Em momento nenhum substituímos uma palavra por outra.

Após este trabalho, a textualização ainda não foi considerada encerrada. Seguindo as técnicas estipuladas em História Oral (Gattaz, 1996) submetemos o texto a uma apreciação dos colaboradores, cuja finalidade não foi só a veracidade da textualização de seus depoimentos, “mas também dirimir problemas de caráter ético e mesmo jurídico”. (Gattaz, 1996, p. 266)

Em história oral esta etapa é chamada de conferência e legitimação. O texto é entregue ao colaborador para que o mesmo comente e faça alterações; “adicionando fatos ou vetando frases de acordo com o que pensar conveniente; ele tem todo o poder e o direito de fazer isso e deve-se respeitar sua palavra final”. (Gattaz, 1996, p. 266)

Neste trabalho, por tratar-se de nossa primeira experiência em uma pesquisa de história oral, foi encerrado com a textualização; a análise dos relatos, ou como chamam alguns autores (por exemplo, Thompson, 1998) “a interpretação histórica destes relatos”, não foi realizada; pois concordamos com Aceves Lozano, quando afirma a importância da experiência do pesquisador no desenvolvimento das pesquisas em História Oral:

Como acontece com outras questões mais vitais, aprende-se melhor a história oral experimentando-a, praticando-a sistemática e criticamente; mantendo a disposição de voltar atrás reflexivamente sobre os passos percorridos, com a finalidade de melhorar cada vez mais o nosso desempenho. (Aceves Lozano, 2001, p. 25).

3.1 ROTEIRO DE NOSSAS ENTREVISTAS:

3.1.1 Roteiro da Entrevista dos Professores:

- Fale sobre o motivo de sua mudança para Sinop.
- Comente sobre como era a cidade nesses primeiros anos.
- Como foi a sua adesão a educação escolar em Sinop?
- Como você iniciou seu trabalho docente em Sinop?
- Comente sobre os primeiros anos da educação em Sinop: (Parte material: material escolar dos alunos, giz, carteiras, uniformes, materiais didáticos, livros etc. Recursos Humanos:

professores, funcionários. Assessoria Pedagógica, Apoio do Governo, Demanda dos alunos.)

- Qual sua formação? Onde foi feita essa sua formação inicial? Qual sua avaliação dessa formação?
- Como era a participação dos pais no processo educacional implantado em Sinop?
- Fale sobre sua experiência como professor. E como professor de matemática, especificamente?
- Como os professores se preparavam para ministrar suas aulas? E de matemática?
- De um modo geral, como você e seus colegas avaliavam os alunos?
- O que você poderia dizer sobre a relação professor aluno?
- Como os professores se mantinham atualizados sobre o que ocorria na educação no resto do país?
- É possível uma comparação dos “primeiros tempos” com o momento atual?

3.1.2 Roteiro da Entrevista dos Alunos:

- Fale sobre o motivo da mudança de sua família para Sinop.
- Comente como era a cidade quando você chegou aqui. Como você compararia isso com o que ocorre nos dias de hoje?
- Como era a escola? E seus professores?
- O que você achava das aulas de matemática?

- Quais materiais os professores utilizavam nas aulas de matemática?
- Você teve aulas de matemática fora da escola?
- Seus pais participavam das atividades da escola? De que modo? Acompanhavam seu desenvolvimento?
- Além dos estudos você desenvolvia alguma outra atividade? Em que período?

3.1.3 Roteiro da Entrevista dos Pais:

- Fale sobre o motivo da mudança de sua família para Sinop.
- Comente como era a cidade nos de 1973 a 1979.
- Fale sobre a educação em Sinop no período de 1973 a 1979.
- Os pais participavam da vida escolar de seus filhos? Comente como era esta participação.

4 HISTÓRIAS PESSOAIS

4.1 PROF^a TEREZINHA VANDRESEN PISSINATTI GUERRA

Meu nome é Terezinha Vandresen Pissinatti Guerra. Nasci em Paranavaí, no Paraná. Nós moramos em Paranavaí até 1962, depois nos mudamos para Planaltina, de lá em 1973,

nós viemos para Sinop. Vim solteira, com 22 anos. Cheguei aqui dia 06 de maio de 1973, num domingo à tarde; era umas cinco horas da tarde, quando chegamos aqui...

Vimos para cá porque meu irmão estava à procura de mais terra. Ele fez um estágio em um frigorífico na Alemanha, onde ficou quase quatro anos. A meta dele era vir para cá e abrir um comércio, montar um mercado grande, mas na época não tinha energia, não tinha condições de fazer isso. O interesse dele era esse. E depois acabou não dando certo; ele acabou indo embora, e eu fiquei. Acabei casando e fiquei por aqui...

Quando chegamos aqui encontramos uma derrubada, com duas casinhas e um acampamento da Colonizadora... Era só o que tinha. Eles tinham aberto as ruas, mas não tinham feito as leiras, não tinham feito a limpeza do terreno. É a mesma coisa que você chegar num sítio, numa derrubada nova, cheia de toco, cheia de pau caído. Porque foi tudo derrubado com motoserra. Tava tudo ali para você construir. Você tinha que limpar o terreno primeiro: tirar toco, tirar pau, catar raiz, limpar tudo... Tinha a casinha de seu Braz¹⁵ e a casa do Gauchinho, no meio daquela derrubada; uma hoje onde é a Av. Júlio Campos, Primavera esquina com Júlio Campos, hoje tem um prédio, nem sei o que tem ali hoje, e seu Braz morava na rua dos Lírios... não é Pitangueira, é a outra rua de baixo, ele morava naquela esquina ali. E onde é hoje o Banco do Brasil, tinha um hotelzinho, era um acampamento da Colonizadora, aonde o pessoal que vinha comprar terra, chegavam. E ali tinha comida, tinha cama... Acampavam ali, e dali iam ver terra. O homem tinha um jipe e ele saía com o pessoal ver terra, terreno. Tinha um postinho de combustível do Haroldo¹⁶ lá... onde hoje é a Diskavel, antiga Diskavel, tocado a manivela...

Não havia mercados, tinha o Gauchinho, mas era um “secos e molhados” que eles falavam. O pessoal comprava panelas, às vezes, vinha arroz, vinha...assim, uma coisa... Mas não que você chegava ali, onde tinha uma verdura, onde tinha alguma coisa... Isso não... Você comprava às vezes um arroz, um feijão, uma louça que precisava, uma coisa, pouca coisa também que ele tinha. Mas, carne... Nós passamos mais de ano sem ver carne de boi...

¹⁵ Braz Claro dos Anjos, cuja casa foi a primeira construída na cidade. Revista Potencial Sinop 25 anos (pg 12)

¹⁶ Haroldo Ribeiro.

Não tinha, criação de animais aqui. O último gado que nós vimos foi na fazenda São João¹⁷, lá no Posto Gil. Foi o último lugar que nós vimos um boi andando. Na Vera tinha um açougue, às vezes, eles iam buscar gado lá e matavam, mas a maioria das vezes era carne de anta que eles vendiam como carne de boi.

Era o que tinha... Meu sogro trazia de Cuiabá. Quando ele ia para lá, então ele trazia. Mas também não dava para trazer muito porque estragava. Carne mesmo, eles muito pouco traziam; traziam mais carne seca, o charque. Ovo, uma verdura, isso não existia, energia, geladeira... Nós tínhamos uma geladeira, a gás, que nós trouxemos do Paraná, mas a maior parte do tempo não tinha gás, porque tinha que ir buscar em Cuiabá, uma vez que não tinha para vender aqui.

Sinop estourou mesmo depois da inauguração. Depois de 1974. A gente via pela escola. Quando a escola começou, nós tínhamos uma determinada turma de alunos, que foi aumentando um pouco, e na inauguração nós estávamos com 64 alunos, que desfilaram por Sinop. Quando nós tentamos desmembrar a escola de Vera, que foi em 1975, não lembro agora que mês foi, que nós entramos com o processo para desmembrar da escola de Vera, porque nós pertencíamos a escola de Vera, nós já estávamos com seiscentos e tantos alunos. Então foi uma explosão demográfica. Nós tínhamos um grupo de jovens; tínhamos as equipes que trabalhavam. Que assessoravam as pessoas que chegavam. Se tinha crianças na pré-escola, se tinha pra catequese, se tinha jovens para vir pro grupo. Mostrava onde era a igreja, onde era a escola, onde tinha isso... onde tinha aquilo... era pouca coisa que tinha, mas o que tinha a gente mostrava. Depois perdemos o controle. Tinha dia de chegar sete, oito, mudanças num dia, com crianças... E todas vinham para escola. Não tinha sala, não tinha professor; daí você dava aula no corredor, você dava aula na cantina, você dava aula no pátio, você dava aula embaixo de uma árvore, você dava aula de manhã, de meio dia, de noite, de tarde... porque não tinha professor...

Os pais vieram para Sinop porque eles prometeram que tinha escola em Sinop, e na verdade não tinha. Muitos pais vieram em julho para cá. No período das férias escolares. O aluno estudou até julho, o pai esperou o filho entrar em férias, e veio para Sinop... Foi o caso

¹⁷ Distante 250 km de Sinop. Entre Sinop e Cuiabá.

da dona Eugênia, foi o caso do Plínio¹⁸, foi o caso do Arlindo Joanuzzi, do Dirceu¹⁹, foi uma porção de gente... E chegaram aqui e não tinha escola, aí o quê que vamos fazer?... Aí a dona Eugênia falou: não, nós temos que arrumar uma escola, as meninas não podem perder ano... Porque... Começou dá em cima; ir atrás do Uli²⁰, e nós queremos escola, e queremos escola. O Uli falou: o quê que eu vou fazer, eu não tenho professora, eu não tenho escola. Sinop tava começando, tava tudo pra construir. Aí ela me chamou e falou: escuta, você não quer dá aula. Aí eu falei: Ai meu Deus!... Eu não vim pra cá pra dá aula, eu vim para ficar até o final do ano e voltar para o Paraná, vou terminar de estudar. Ah, não! Porque você vai dá aula, porque você vai dá aula. Ela era professora. Ela tinha sido professora vários anos num seminário em Curitiba. Ela foi professora muitos anos. Eu falei: Por que a senhora então não pega? Já tem experiência como professora... Mas ela tinha o bar, ela tinha muito serviço, ela não queria mais se envolver. Aí como eu não tinha nada pra fazer, porque aqui amanhecia, anoitecia... era de segunda a segunda, era a mesma coisa, porque não tinha nada, a não ser os macacos que gritavam pra todo lado, não tinha nada pra fazer, falei: tá bom, mas o quê que tem pra fazer. Aí ela falou vamos pra Vera, vamos falar com a irmã. Aí nós falamos com a irmã e aí a irmã falou: Olha, vocês têm que fazer um levantamento, pra ver quantos alunos tem, porque menos de 18 alunos nem pensar, vocês têm que ter mais de 18 alunos pra abrir uma sala de aula. Aí nós fizemos um levantamento, já de cara deu 23, aí conseguimos, mas até que vai pra Vera, até que volta. Nós dependíamos tudo de Vera. Não tinha ônibus; você tinha que ir de carona, você tinha que correr atrás. Aí até que conseguimos. Aí a irmã... na época era a irmã Dorotéia que era diretora na Vera. Aí até que conseguimos, foi dia 5 de setembro de 1973, que conseguimos abrir a escola e fazer o primeiro dia de aula...

Mas não tinha sala, aí o Uli falou: Olha, eu tenho material, mas não tenho material humano, tem pouco carpinteiro. Ele precisava fazer escritório, precisava fazer tudo... as coisas. Aí seu Braz falou: não, se o senhor dá a madeira, dá o material, nós fazemos a escola... os pais. Aí juntaram uma turma de homens, seu Braz, seu Arlindo Joanuzzi, Dirceu Di César, o... uma turma de gente. Ajuntaram-se uma porção de homem ali e construíram a

¹⁸ Plínio Callegaro

¹⁹ Dirceu Di César

²⁰ Ulrich Eberhard Grabert, conhecido por Uli Grabert, alemão de Stutgard, criado desde os quatro anos de idade no interior do Paraná, foi o primeiro a chegar em Sinop. Chegou à Gleba Celeste em setembro de 1970, comandando uma equipe de 13 homens, para demarcar e tomar posse das terras. Trabalhou na Colonizadora Sinop durante 45 anos, os 20 últimos como gerente da empresa em Sinop. Deixou a empresa em abril de 1997.

escola. Poucos dias e a escola estava de pé. Só que aí não tinha cimento para fazer o piso, não tinha assoalho... Só de tábua... E não quiseram por de tábua bruta, aí ficou pra depois fazer; mas esse depois ficou...

Não tinha piso, era aquela terra pura lá dentro. Não tinha carteira, aí os homens mesmos pegaram tábuas de champanhe, pesadas... Fizeram carteiras, daquelas de sentar em dois... ai que peso para mudar aquilo de lugar, Meu Deus do Céu. Se molhava o chão, virava barro, aquele barro branco, grudento; se deixava seco era aquela poeira... que meu deus do céu...

Numa única sala estudavam quatro turmas... Era bravo... Era difícil, meu deus do céu... Não foi fácil, não... Aí continuou até o final do ano, aí foi feito... Aí a irmã falou: Nós vamos fazer um tipo... dum peneirão, porque tinha alunos, que nem os Pissinati, que já estavam há mais de um ano aqui, parados, sem aula... Havia outros que tinham vindo de escola rurais do Paraná, que eram fracos; outros que tinham vindo de escolas boas; tinha outros que estavam parados um tempo. Então ela falou: Vamos dar aula até o final do ano e vamos fazer um provão, quem passar vai pra sala seguinte no ano que vem; quem reprovar vai fazer de novo. Porque tinha muita criança que estava muito atrasada. E foi o que foi feito, até no dia, o pessoal meio que se revoltou, porque a irmã Dorotéia, ela era muito enérgica, demais... Era daquelas irmãs que pegava o aluno pelo cabelo e jogava lá fora, ela era terrível. Eu acho que nem irmã não é hoje. E fizeram aquilo, e a maioria... Quase a metade passou; alunos que estavam na aula até julho conseguiram passar; mas a maioria reprovou, porque a escola de Vera, a escola de Sinop era uma escola muito forte. Era pesado o estudo. Porque o programa vinha do Colégio Santo Inácio, de Maringá; então, era as irmãs que faziam, e as irmãs puxavam bastante, era um estudo pesado... Então, a maioria não conseguiu ser aprovado no final do ano. Aí em 1974, começou de novo; nas férias chegaram duas pessoas, que diziam que tinham magistério, e não sei o quê... e tal... que elas tinham direito... Falei: Olha, não estou nem aí, eu peguei porque não tinha ninguém pra pegar, mas eu não vou brigar por causa disso; se vocês querem dar aula, tudo bem, vocês vão pra Vera, e vocês falem com a irmã. E foi na época que a irmã Dorotéia foi embora e chegou a irmã Edita, aí eu fui pra Vera... Não, a irmã Edita veio. A irmã Edita falou que ela era a nova diretora, aí eu falei: Olha, tem duas pessoas assim, assim, assim... que se dizem prontas para pegar a escola, aí a irmã Edita achou melhor que elas então pegassem, porque eu não tinha o magistério, ainda estava fazendo o

ginásio. Eu comecei a estudar muito tarde, porque meu pai nunca deixou a gente estudar. E quando comecei e falei: agora vou estudar. Vim para cá e parei. Meu objetivo era vir aqui e ver até onde eles ficavam. E voltar para estudar, minha meta era estudar. E no fim acabei ficando aqui. Aí a irmã entregou a escola pra elas, mas falou pra mim: Você fica, porque eu não as conheço, você fica aí, você ajuda; você faz a merenda e ajuda. Qualquer coisa você me dá um toque, você vai pra Vera, porque se precisar... Eu fiquei assim, como a... Fazia merenda e dava assessoria pras duas. Tipo assim, o que precisava: eu ia pra Vera, ou eu corria atrás, eu ia buscar. Só que aí aconteceu uns problemas. Uma ficou com o primeiro ano e a outra pegou a 2ª, 3ª e 4ª, mas essa da 2ª, 3ª e 4ª, andou aprontando umas... A irmã teve que vir aí, porque os pais quiseram colocar ela pra correr... A irmã teve que vir e tirou ela, e a outra foi embora porque não agüentou. Ela veio de uma escola onde tinha estrutura, onde tinha tudo... Vir enfrentar uma sala... Não era fácil. Aí ela foi embora. Largou o primeiro ano. Isso foi no mês de abril... Aí eu peguei o primeiro ano... Peguei o primeiro ano e toquei. Aí quando foi em junho a irmã Edita, tirou esta outra fora. Eu fiquei de novo com o primeiro ano e as outras três turmas, a irmã Edita falou: vamos tocar até julho, e vamos entrar em férias, daí vamos ver o que vamos fazer. Aí nós tocamos até julho, aí entramos em férias... Aí veio a irmã Lídia e a irmã Oda pra cá... Aí a irmã Lídia assumiu a escola, e a irmã Oda a catequese e a parte da Pastoral da igreja; e a irmã Lídia ficou com a parte da escola, porque a irmã Lídia era formada, ela tinha o magistério, não tinha faculdade, mas ela tinha o magistério, e era uma pessoa muito eficiente pra tocar uma escola. Ela era terrível pra comandar, ela colocou esta escola de pé ...

Eu trabalhei de cinco de setembro até começo de dezembro, e aí eu fiquei fazendo merenda e ajudando elas até abril. De primeiro de março até abril...E, daí peguei de novo as quatro turmas até julho de novo. Aí a firma prometeu fazer outras escolas, porque já não dava mais pra ficar naquela escolinha. Aí na época das férias, no mês de julho, eles fizeram duas salas, onde atualmente é a assessoria pedagógica, aí nós mudamos pra lá. Aí veio as irmãs, aí a irmã Lídia falou: agora vamos fazer o quê?... Não tinha mais professores, aí ela falou: vamos fazer o seguinte, você fica com o 1º ano e eu pego o 2º, 3º e 4º ano. Aí eu peguei uma sala e a irmã Lídia pegou as outras três turmas, mas aí o terceiro ano aumentou demais... Era terceiro ano, era terceiro ano, era todo dia gente chegando pro terceiro ano, ela falou: aí meu deus! Não vai dá mais agora... Aí tinha a família do seu Otávio, não me lembro do sobrenome

dele, tinha aquelas moças, meio morenas... Tinha uma turma... Da Edini, ela trabalhou muito tempo na cooperativa, depois trabalhou no fórum, não sei se ainda hoje ela trabalha no fórum... Aí ela disse que tinha contabilidade, nós fomos atrás, ela veio e pegou o terceiro ano, mas ela disse: Olha, eu não sou professora. Eu vou ajudar, mas eu não sou professora. Mas ela se saiu bem, era uma pessoa muito calma. Uma pessoa bastante tranqüila, o pessoal... A meninada gostou bastante dela. Ela pegou o terceiro ano e a irmã Lídia ficou com o segundo e quarto. Aí construíram mais uma sala, então era assim sabe? Aquela correria... As salas foram sendo construídas conforme a necessidade.

Eles não venciam, aí começou a não vencer mais... Construir sala do jeito que... Aí faltava professor, ai... Era uma... Chegava professor, mas era aqueles professores que vinham de uma escola com estrutura e chegaram aqui e eles não encontraram, então largaram e iam embora. Voltavam pro sul, outros abandonavam de uma vez... Olha, meu Deus... Não foi fácil... Aí aquela correria, pega uma turma de manhã, pega outra turma de tarde... A professora tal foi embora; você tem que pegar aquela turma; não tem sala; tem que dar aula na cantina; tem que dar aula no corredor; tem que dar aula... Ai meu Deus do céu... Era um Deus nos acuda... Aí tinha mais, porque nós não éramos só professora: nós tínhamos que dá aula, nós tínhamos que fazer limpeza, nós tínhamos que fazer merenda, nós tínhamos que fazer matrícula, nós tínhamos que fazer tudo... E nós ganhávamos só como professora. E eu ainda, um ano fiz tudo isso; trabalhei ainda à tarde e depois ainda eu recebi só um salário por todo esse serviço.

Eu dava aula de manhã e à tarde; a noite tinha que preparar as aulas, você tinha que corrigir provas, você tinha que arrumar tudo... Porque você não... Porque você tinha que procurar alguma coisa... Pra você tirar alguma coisa, pra da pro aluno... A gente não tinha uma biblioteca, não tinha nada... Então, você muitas vezes perdia horas sem saber por onde começar, falava: e amanhã o quê que eu vou dar, o quê que eu vou fazer? Você não podia pegar a matéria de 2º ano, pra dá pra um 3º, não podia pegar dum 3º pra dá pra um 1º, você tinha que ver o quê que dá, e não tinha de onde tirar, as vezes você trabalhava até altas horas da noite ali pra preparar, as vezes tirando da própria cabeça, lembrando daquilo que você aprendeu no passado, pra poder ter alguma coisa pra dar pro aluno, então, não era fácil não, as

vezes, nós nos juntávamos com a irmã Lídia lá, que ela tinha mais experiência, então ela ... junto ali a gente trabalhava, fazia... Porque nós trabalhamos muito tempo eu e a irmã Lídia, depois veio a Edenir, depois veio a Lucinha, e pra Lucinha não foi fácil, porque ela também veio de uma escola onde tinha muita coisa e chegar aqui e pegar primeiro ano que nem ela pegou, todos os 1º anos, sempre, sem um material pra você entrar numa sala de aula e dizer vamos fazer isso hoje, ou aquilo. Você tinha que ficar recortando pedaço de papel, pedaço de jornal, recortando letras grandes do jornal que a gente conseguia no escritório da colonizadora, pra você mostrar pro aluno que letra era aquela, olha, não era fácil não. Então, você chegava a trabalhar de manhã, de tarde, e às vezes até altas horas da noite, pra tentar... no outro dia chegar na escola e saber o que dá pro aluno. E, às vezes, você tinha que parar, depois da aula, pra fazer matricula, aí você tinha que ir lá depois, ou antes da aula, ou ficar das 5 até lá pelas 6, 7 horas limpando a escola, passando cera naqueles pisos vermelhos, e limpando cozinha, porque tinha sido feito a merenda, mas depois da merenda você teve que ir pra sala de aula; a cozinha ficou pra limpar depois... foi... complicado... era complicado... Muita gente que hoje não valoriza, mas olha, nós passamos por bons bocados, mas também passamos... não foi fácil, não... Porque a gente fazia de tudo. E depois quando trocou de governo, em 74, nós ficamos onze meses sem receber salário, e nós não podíamos fazer greve porque estávamos na era militar. Então, não podia fazer nada, tinha que esperar. Você reclamava; tinha que esperar... Tinha que esperar... E o governo que entrou, colocou toda família no Palácio Payaguás²¹... Nós ficamos onze meses sem receber salário; nós recebemos o salário em novembro e depois fomos receber no final de outubro do outro ano, porque o Osvaldo Sobrinho pôs fogo lá em Cuiabá, ou saiu o salário dos professores, ou nós vamos partir pra... e ele brigou, e brigou, até que ele conseguiu... Conseguiu o salário dos professores, porque nós ficamos... e era difícil, porque para você conseguir uma nomeação tinha que sair no Diário Oficial, e era tudo muito lento, lá em Cuiabá era tudo parado, não tinha contato com o resto do país, eu não sei por que era tudo tão lento... Minha nomeação, quando eu saí da colonizadora, porque o primeiro ano eu ganhei da colonizadora, meu salário. Depois quando eu passei pro estado, Deus o livre!... Demorou não sei quanto tempo pra sair essa bendita nomeação, porque enquanto não saía no Diário Oficial, você não recebia também... Então era um Deus nos acuda... Então, era o Osvaldo Sobrinho que tinha que correr atrás, porque se a gente chegava em Cuiabá e dizia que era de Sinop, eles ficavam meio... de

²¹ Palácio do Governo do Estado

pé atrás com a gente. Então, nós dependíamos tudo dele. Ou ele resolvia ou nós chegávamos sem nada aqui. Então não era fácil, não... foi sofrido...eu acho que eu larguei mais de dá aula porque eu cansei, era cansativo...

E era difícil, nós enfrentamos uma que não era fácil... Você não tinha como dá aula, você não tinha material, então você tinha que correr atrás, você tinha que fazer alguma coisa de papel de embrulho, quando achava, daqueles pacotes de papel que a gente comprava arroz em quilo. Daquilo é que fazia material. Nós cansamos de fazer letra daquele papel, fazer figura, fazer... Você chegava em Cuiabá... Eu nunca esqueço, um dia eu fui pra Cuiabá, cheguei numa livraria, pedi pra menina, assim: o que vocês tem de material didático pro primeiro ano? Ela olhou pra mim assim... Ficou me olhando, aí ela foi lá e pediu pra outra o que é material didático... Ah, meu Deus do céu... Aí ela falou... Aí a outra veio de lá e pediu o que eu queria. Aí eu falei: o quê vocês tem pro primeiro ano? Pra dá aula pro primeiro ano? Alguma coisa, alguma novidade, pra incentivar a criança, pra poder...? Aí ela pediu se eu queria isso, se eu queria cartolina. Aí eu falei: você não tem outras coisas... Ah, não tem... Aí ela pediu pra que escola que era? Eu falei escola de Sinop. A mulher olhou pra mim assim... Deu dois passos pra traz, ficou me olhando, e começaram uma olhar pra outra. Eu falei: escuta vocês querem vender ou não? Elas ficaram quietas e eu falei: Tchou, muito obrigada, peguei e fui embora. E assim foi, eles não tinham material, eu acho que eles não sabiam o quê era, ou não sabiam... E quando eu falei que era de Sinop, eles ficaram meio assustados, porque Sinop tinha fama de que aqui só tinha índio, que aqui tinha não sei o quê...que aqui tinha... Então, era aquela coisa, chegava em Cuiabá... Até hoje... Sinop em Cuiabá...Era terrível... Olha... Aí o que vinha para nós então, vinha de Maringá, o que as irmãs usavam lá, então elas mandavam pra cá. Aí quando o Ênio²² vinha com o avião, então elas mandavam as coisas pra cá. O material que a gente tinha era este. Vinha pra Vera. Eles mandavam um pouquinho pra cá, e a gente se via com este material...

Os alunos tinham material na medida do possível, aquilo que tinha aqui... Quando começou as aulas, então o pessoal que tinha, que nem o Gauchinho, depois veio no final de

²² Enio Pipino um dos colonizadores da cidade de Sinop. Proprietário juntamente com João Pedro Moreira de Carvalho da Colonizadora Sinop, empresa responsável pela fundação de quatro cidades em Mato Grosso, Santa Carmem, Cláudia, Vera e Sinop, e outras dez cidades no estado do Paraná.

73, já veio o Seu Lindolfo²³, que abriram aquela loja, então eles já traziam material; eles traziam caderno, eles traziam... Enfim o material básico que as crianças precisavam. Porque Cuiabá também não se achava muita coisa; Cuiabá era pobre, quando nós viemos pra cá; Cuiabá era triste; você ir pra Cuiabá era uma negação... Então muita coisa... Eles tinham o básico... E os livros vinham de Maringá...

Vinha livro também pro aluno. Naquela época então os pais compravam aquele livro de português, esse então, todos os alunos tinham que ter: pra fazer leitura, pra fazer cópia, pra fazer ditado, pra fazer exercício. Pro primeiro ano vinha cartilha. Mas a base vinha de Maringá, eles mandavam de lá...

Para a disciplina de matemática, nós tínhamos um livro do professor. E quando não tinha... Um ano não tinha o livro do professor... Então nós pegávamos o próprio livro que o aluno em Maringá usava. Este era o único material que nós tínhamos para preparar as aulas. Nós tirávamos o exercício do livro do aluno e passávamos pro diário e aquilo nós passávamos pro aluno, pro quadro... Era tudo, e... A gente fazia o diário, porque a irmã Edita não aceitava professor que não fizesse diário...

Aquilo que você passava lá no quadro, você tinha que por no diário; você tinha que fazer o diário, por exemplo, hoje você preparava a aula que você ia dar amanhã... Então você tinha que colocar naquele livro, tudo aquilo que você ia passar pro aluno: português, matemática, estudos sociais, religião...

Depois no outro ano eu peguei uma turma de... Eu peguei uma turma de 2º ano, mas aí aumentou demais... Aí quando eu tava com 54 alunos, numa mesma sala; vieram mais alunos, não tinha onde colocar. Por sorte chegou uma professora que veio de Campina do Alagoas, como é o nome dela... Esqueci o nome da mulher... E ela não queria pegar o primeiro ano, aí irmã Lídia falou: bom, então vamos fazer um negócio, você pega um primeiro e um segundo, e ela fica com o outro segundo. Aí repartimos a turma do segundo ano, mas pra mim ficou pesado, porque eu tinha que fazer dois diários... Eu tinha que fazer dois diários de aula... Eu tinha que fazer dois diários de religião... Eram duas turmas diferentes; se fosse só o segundo ano, era fácil, porque eu podia usar o mesmo, mas assim eu tinha que fazer dois, só facilitou

²³ Lindolfo Trierweiller

pra ela, mas pesou pra mim. Aí eu sempre fui um... A Ivani²⁴ sempre dizia que eu era um tapa buraco, porque tudo que sobrava; sobrava pra mim... Como não tinha sala pro outro professor; eles iam pra sala, eu ia pro corredor... Ou eu ia pro pátio, com a minha turma... E era assim... Eu falei depois... Um dia eu falei pra Lucinha: Sacanagem, a gente já chegou aqui no início, já sofreu tanto e sempre sobra pra gente o resto dos outros; o outro que chegou agora, ganhou a sala, eu tive que ir pra fora, eu tive que ir pro pátio. Um dia eu falei isso pra irmã Lídia. Eu falei: estou cansada dessa estória... Falei: ah, não dá mais não, ou a firma dá um jeito nas salas de aula, ou...

Nas aulas realizadas no pátio procurava dar uma aula mais explicativa, por exemplo, dava estudos sociais, ou dava a tabuada, brincava de jogo da tabuada uma coisa que não precisava usar tanto o quadro, uma coisa que não dava... Você pegava o mapa, uma coisa... Você explicava os rios, você explicava os estados, explicava as capitais... Você usava este tipo de coisa, quando não tinha sala. Aí depois construíram uma cantina, e aí no outro ano, no terceiro ano, eu fui dá aula lá na cantina, encima, onde fizeram um palco mais alto, onde seriam feitas as apresentações. Lá eu fui dá aula pro terceiro ano. E a escada que tinha era três tocos redondos. Um baixinho, outro médio, outro mais alto. Eu estava grávida do menino mais velho... e eu subia naqueles três tocos ali, para poder ir pra sala.

Bom, naquele tempo não se usava essa matemática que tem hoje, era aqueles problemas. A matemática era exigida, porque a irmã não aceitava aluno passar de ano se não sabia matemática. Nós fazíamos torneios de matemática entre turmas, e eles tinham que saber e então eles estudavam pra não perder, porque eles não queriam perder... Então na sala um pedia pro outro, um tomava a tabuada do outro, como eles falavam. Pra não deixar perder no dia, então eles faziam assim... Então era usado muito a tabuada, e o aluno que sabe a tabuada, sabe fazer conta, eu acredito, porque o aluno que não sabe fazer tabuada... Pode ser... Não sei hoje, na matemática de hoje... A minha menina mesmo fala: eu já não sei mais a tabuada. Quando ela fazia o segundo grau, é x, e não sei o quê, não sei o quê... Mas sempre usa, é a base... A base é a tabuada, e a irmã Edita, não aceitava aluno passar de ano... Podia tirar dez nas outras matérias, se não sabia a tabuada ele ficava, elas eram exigentes, neste ponto eram... E em partes elas tinham razão, não adianta você ir pra frente sem saber... É problema, então... Aí tinha muito... É que nem hoje... Os alunos não aprendem... A minha filha quando foi agora

²⁴ Procurar nome completo

fazer o 2º grau, um dia meu marido falando em arroba de boi, ela olhou pra mim e falou assim: mas que diabo de arroba vocês estão falando? Ela pediu: mas quanto é uma arroba? Ela não sabia... Ela disse que ela já não aprendeu mais isso. Então a gente mexia muito com metro, é... medidas, peso, é... horas, é... quilômetros, é... tudo essas coisas... Era trabalhado tudo isso aí, principalmente o terceiro ano, eu não dei pro quarto, dei até o terceiro...

Os professores avaliavam os alunos naquela época por prova. Tinha prova mensal e bimestral. Estas provas eram aplicadas pelo próprio professor, mas supervisionadas pela irmã.

Ela olhava o que era dado, se estava dentro daquele programa que a gente tinha dado pro aluno. Você também não podia pegar alguma coisa nova que não tinha sido dada, e vê depois o que o aluno tinha aprendido. O que ele acertou, ou numa turma no geral você sabe o que o aluno, por exemplo, você dá um teste de português e de leitura, ou uma cópia, ou coisa, ou um acento ou alguma coisa, a maioria... Ou a maioria pegou ou você explicou mal, ou alguma coisa está errada... Então, aquilo você tem que ensinar de novo... Então, era pego os pontos fracos... Era trabalhado mais a fundo... pontuação, acento, é... s, c, ç... ch, principalmente no do 2º ano, que é onde eles aprendem a escrever. Então, era muito cuidado isso aí...

A relação professor-aluno naquela época; era muito boa. Ah, era uma maravilha! Sabe aquele aluno que quando o professor sai de casa, ele vem correndo lá de baixo encontrar o professor. Todo mundo quer pegar na mão, aí um traz uma fruta, aí outro traz uma flor, outro traz não sei o quê, era assim...

Quando era pra repartir turma... Ai meu deus do céu!... As meninas brigavam por causa disso. Naquela vez que eu repartí o 2º ano, eu falei: irmã Lídia, a responsabilidade é sua, eu não vou mexer. Não você pode escolher a turma que você quer. Falei: não... Aí ela separou. Quando ela veio na sala e falou assim: fulano, e fulano, e sicrano, e sicrano... vão vir a tarde. Mas foi um choro... Foi um choreiro... Eu tinha aquela Rosana Dallastra, aquela menina foi passada para a Avelina... a Avelina que veio do Paraná... E ela chorava na sala, e ela chorava, e ela chorava... e a Bernadete²⁵ e a Elizabete²⁶, traziam ela para a escola, e ela chorava... Aí, um dia, a irmã Lídia entrou com ela na sala e falou: te vira com essa menina,

²⁵ Bernadete Dallastra

²⁶ Elizabete Dallastra

porque não adianta deixar ela em outra sala. Ela chorava a aula inteira, e até hoje ela chega comigo e fala: eita, professora!... Que papelão que eu fazia, né? Não adiantava... e brigaram as meninas... coleguinhas; que foram sempre coleguinhas de catequese, de coroação, depois de aula... e quando foi para se separar, se pegaram pelos cabelos. E eram assim... a piazada era muito apegada nos primeiros tempos, depois já... você sabe, sempre vem aqueles que vieram de escolas grandes, que já não tem aquela intimidade com o professor, mas aqui as crianças eram poucas e você não tinha muito o que fazer: ou você tava na sala de aula, ou você tava na catequese. Sempre com as mesmas turmas. Ou você tava brincando, jogando bola com eles, pra cá e pra lá, então eles tinham... Também eles tinham uma confiança, muita coisa eles vinham contar pra mim que eles não contavam pra mãe... muito problema eu levei pra mãe, que eles contaram pra mim... então, eu sempre tive muita facilidade com os alunos, tanto na parte da escola, como na parte da catequese, da coroação, que eu fiz durante vários anos. Nunca tive problema com aluno. Eu tive aluno problema, mas não comigo. Eu tive aluno que teve que chamar delegado pra desarmar. Mas era briga com outro de fora, um aluno novato que chegou aí, e quis dar uma de bom, e ele já era um menino nervoso, que também não era qualquer pessoa que lidava com ele, mas pra mim ele nunca deu problema. Na escola, dentro da sala, era um ótimo aluno. Só que ele era muito fechado e não gostava de brincadeira e de que ninguém mexesse com ele... E um engraçadinho chegou e foi mexer com ele... Ele pegou uma raiz que estava na leira, atrás da escola Nilza²⁷, se nós não tirássemos, ele tinha matado o moleque, mas eu consegui, peguei ele pelo braço, puxei dentro da sala, fechei a porta e consegui contornar a situação e depois o delegado veio e falou com a mãe dele, mas eu não deixei o delegado chegar perto, falei: vai traumatizar o menino. Falei: não é este o caso e deixa ele comigo. Mas só que depois ele ficou com aquele... o pai dele também... tinha pra quem puxar... e aí depois ele veio com um canivete pra escola, aí foi que a irmã Edita foi obrigada a expulsar ele da escola... mas comigo, era um excelente aluno dentro de sala de aula, mas fora tinha problema com os colegas. Mas eu sempre tive muita amizade com as crianças... toda vida tive... Nunca tive problema com aluno...

Os pais ajudaram muito na implantação da escola, se não fossem os pais não tinha tido escola em Sinop. Tinha aqueles pais que estavam ali direto, construindo escola, vindo ajudar plantar árvore, a ajudar plantar grama, ajudar limpar em volta, e... Quando precisava fazer

²⁷ Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino

uma reunião, que precisava pegar no pé de um secretário ou de uma diretora, eles vinham mesmo. Nós conseguimos por força dos pais, implantar num ano a 5ª e 6ª série, que a irmã não queria implantar. E nós conseguimos, com os pais, por traz da irmã, escondido, mas fizemos. Só que ela depois veio na reunião, só que armamos por traz, porque ela disse: vai funcionar 5ª série e não vai funcionar 6ª, eu não aceito. Mas nós tínhamos alunos e tinha professor... e na época o Osvaldo Sobrinho era Delegado Regional de Educação e Cultura, e ele estava... nós estávamos num curso pedagógico em Vera e depois ele pegou o fusca da irmã e foi pra Colíder, e ele ia voltar naquele dia de noite, e nós viemos da Vera pra cá, e ele vinha de Colíder pra cá. As mães queriam a 6ª série, aí eu falei: o que nós vamos fazer. A irmã Lídia falou: avisa todos os pais, hoje 8 horas, reunião na escola. Aí, chamamos a molecada e de casa em casa, aquilo era um correio, era muito melhor que hoje a rádio... O Osvaldo chegou era umas 7 horas. O Osvaldo Sobrinho chegou no hotel do Pareja, aí eu fui lá e falei: Osvaldo às 8 horas, os pais marcaram uma reunião com você na escola. O que eles querem? Problema da 5ª e 6ª série. Aí ele falou: Não, pode deixar, eu vou. E a irmã Edita estava com ele, só que a irmã tinha ido pra casa das irmãs, eu falei: Osvaldo a irmã vai bater o pé, ela não quer, ela já falou que não vai aceitar. O Osvaldo foi pra escola; quando ele chegou na escola, que ele entrou na sala, a escola cheia de pais. O que deu pra sentar sentou; o que não deu tava os corredores cheios, beira da parede cheia de pais, aí a dona Olinda Demarchi falou, porque ela tinha o Jaime, que ia pra 6ª série: que eles queriam... a irmã Edita falou: Não!Não! eu falei... a irmã falou: por quê? Aí o Osvaldo Sobrinho falou: Eu só quero saber de uma coisa, quantos alunos tem pra 6ª série? Acho que tinha 14. Quantos têm pra 5ª? Eu não me lembro mais hoje quantos tinha. E quantos professores? Ah, tem fulano, tem sicrano... nós tínhamos professor para todas as matérias... Tinha dona Anísia²⁸, pra português; tinha dona Antônia, pra geografia e história; tinha José Roveri, pra Matemática; o Odemar Schenatto pegou história; A irmã Edita... A irmã Lídia dava matemática, ajudava o Zé²⁹, né? Quando precisava, ela dava outras matérias, dava educação artística, dava... enfim... aí tinha o... ela dava ciências também. Professores têm, aí ele falou: bom, se tem professor pra 5ª, os mesmos professores dão aula pra 6ª, está liberado. A irmã Edita subiu pelas paredes. Bom, porque ela não queria? Ela queria que os alunos perdessem mais um ano, já estavam parados. Ele disse: Não, se tem

²⁸ Anísia Gobbo

²⁹ José Roveri

professor pra 5ª, os mesmos professores dão aula pra 6ª. Em 1975 nós conseguimos implantar a 5ª e 6ª séries. Foi muito rápido, em 1974 estava iniciando, em 1975 já tinha 5ª e 6ª...

Por isso que eu falo: foi uma explosão demográfica da cidade, tanto dos alunos na escola, como em tudo. Sinop foi inaugurada e tal... Aí ninguém mais segurou.

O Ênio esparramou pelo Brasil inteiro; o objetivo dele era este. Aí quem já tinha terra veio, quem não tinha veio comprou e já ficou, ou veio comprou e buscou a família, e assim foi... mas nós lutamos muito para conseguir... E depois foi outra briga pra desmembrar a escola da Vera, porque elas não queriam... elas queriam que Sinop passasse pra Vera, eles não aceitam até hoje.

Só que a Vera ficou com 120 alunos e nós estávamos com seiscentos e tantos... Falei: não tem condições. Todo bimestre nós tínhamos que pegar o bendito jipe da colonizadora. Os professores todos enfiados dentro do jipe, pra ir pra Vera fazer reunião. Tinha que fazer reunião todo mês, e era um sofrimento, era aquela ida e vinda... Nós tínhamos muito mais professores que eles lá, aí depois começaram a fazer reunião... aí eles viram que o negócio pesava. Como era difícil ir daqui pra Vera, andar 70 quilômetros de estrada de chão, numa caçamba de um jipe, daqueles caçamba dura, aí... não, e não, e não... a irmã começou a falar não e nós começamos a falar sim... Aí fizemos uma reunião e escolhemos já o nome da escola, e... só que ela engavetou depois... Eu saí da escola e a irmã Lídia foi transferida, aí ela conseguiu engavetar até que ela veio pra Sinop. Você pode ver na placa da fundação da escola Nilza, que está escrito 1977. Foi somente nesta época que foi fundada a escola Nilza. Foi quando a irmã Edita veio pra cá, que ela foi pra Cuiabá, e fundou a escola. Ela não deu o braço a torcer pra nós, essa parada ela ganhou... Mas ganhou porque eu saí e a irmã Lídia foi embora, e os outros... ficaram quietos. Porque ela queria ser a primeira diretora, isso era o ponto dela...

Se nós conseguíssemos desmembrar da Vera, seria outra diretora, aí ela ficava... Aí então, o que ela fez; claro, pra colocar panos quentes, ela fez o quê: ela ficava como diretora na Vera e colocou uma sub-diretora aqui, que primeiro foi a irmã Lídia, depois quando a irmã Lídia foi transferida, entrou a Augusta³⁰... como sub-diretora... mas ela ficou mandando da

³⁰ Maria Augusta Paula São José

Vera pra cá... era escola Nilza já, só que ainda ficou subordinada a ela, lá na Vera. Ela só abriu o jogo quando ela foi transferida pra Sinop.

Não tinha, assessoria pedagógica aqui em Sinop. Nós tínhamos um Delegado Regional de Educação e Cultura, que era o Osvaldo Sobrinho, ele vinha de Cuiabá, ele vinha de carona, porque nem isso... nem carro pra ele a secretaria não tinha. Ele vinha às vezes até no posto Gil, às vezes de ônibus, porque naquela época, ainda a estrada para Porto Velho vinha por aqui, então ele vinha até ali, e dali geralmente ele vinha com os caminhões do 9º BEC³¹, pra cá... de carona, aí ele vinha até Rio Verde, onde tinha o batalhão, o acampamento, aí ele acampava por lá; aí ele vinha até aqui; aí ele dava assessoria, assistência, as escolas daqui; depois ele pegava o fusca da irmã Edita e ia atender Colíder e Alta Floresta...

Ele era o que é hoje o Secretário de Educação e Cultura, do estado. Porque aqui era da Colonizadora, então eles davam esta assistência, só que não tinha um secretário aqui, nós dependíamos ainda de Cuiabá. Nós dependíamos tudo do Osvaldo. Aqui só abriu escola, aqui só teve escola, só teve a educação, porque tinha o Osvaldo Sobrinho, senão nós não tínhamos nada... eu sempre falo: o Osvaldo Sobrinho... Sinop deve a educação e as escolas, que tem hoje... não só Sinop, mas, Vera, Carmem, Colíder, Alta Floresta; as cidades daqui pra cima, tudo, devem ao Osvaldo Sobrinho. Ele era um rapaz novo na época, recém formado, enfrentou esta secretaria, e veio com garra, ele sentava no chão, ele comia lanche com a gente, e... a irmã fazia suco e ele dizia que era água tingida, e ali ele comia o que tinha... olha nós tivemos um apoio. Se nós não tivéssemos o Osvaldo Sobrinho, acho que nós não tínhamos sobrevivido com as escolas aqui no norte. Porque se nós fossemos depender de outros de Cuiabá... e nós tínhamos muito a ajuda da Colonizadora... A Colonizadora, as irmãs de Maringá. A irmã Joanita, dava muito apoio, naquele período em que as irmãs estavam aqui. Então, era o apoio que a gente... E dona Nilza³²... Dona Nilza era um braço direito na escola, porque tudo ela mandava de Maringá; essas crianças tinham que ter tudo, essas crianças que não sei o quê, essas crianças... Tanto que depois, no dia de escolher o nome pra escola, a irmã Lídia queria por a escola no nome do seu Ênio, eu falei: negativo. Falei: seu Ênio é um homem, vai ter muita coisa no nome dele, por ele ser o colonizador, por tudo... a escola vai

³¹ Nono Batalhão de Engenharia e Construção. Batalhão do exército responsável pela abertura da BR-163 - Rodovia Cuiabá-Santarém.

³² Nilza de oliveira Pipino, esposa do colonizador Enio Pipino.

ser no nome da dona Nilza. Aí a irmã Lídia falou assim: Mas nós precisamos de um motivo. Falei: a senhora quer motivo maior do que ela fez na inauguração da cidade. Ela mandou de Londrina, uma peça de roupa azul e uma peça de roupa branca, com as quais foram feitos uniformes. Ela mandou tirar a medida de todos os pezinhos, de todos os alunos da gleba³³, não só Sinop, Vera, Carmem, Bela Vista, mandou para Maringá, veio as meias e os tênis de cada um, do seu número. Ela fez pro desfile, pro dia da inauguração da cidade... e ela mandou tudo de avião pra cá, veio pra cada aluno seu tênis, meu deus! Eu nunca esqueço, que ela chegou rindo um dia na escola, ela disse: nossa! Vocês têm uma aluna de pé grande. Era a Melânia Schmidel, calçava 42. Ela teve trabalho pra achar esse número. Era todos aquele conguinha azul... aqueles conguinhas de cadarço de amarrar...iguazinhos. E ela trouxe número por número daqueles... Veio um avião com leite em pó, com maçã, com bolacha, com chocolate, com toda merenda pra toda essa molecada, porque o pessoal que saiu da Vera, da Carmem... Saiu de lá de madrugada, pra chegar aqui... porque o ministro era pra chegar pra missa das 8 horas e o ministro chegou aqui era meio dia... e ela mandou toda merenda, pra toda criança o seu: o seu leite, o seu chocolate, o seu... Pra cada criança nós fizemos o seu pacote de merenda: com fruta, com bolacha, com tudo que ela mandou. E ela tinha esse cuidado... Não me deixe uma criança passar fome, não me deixe uma criança sem lanche. Falei pra irmã: Diabo, precisa de mais. Depois outra, ela não tinha filhos, Dona Nilza não tinha filhos, depois nós entregamos pra ela o nome, olhou assim... aí eu falei pra ela: Dona Nilza. Eu falei: cada criança que passar por essa escola vai ser um filho da senhora. Mas pra que, a mulher desmoronou, coitada... E ela dava apoio, criança não podia ficar sem aula, dava apoio... O que ela podia fazer, pelas crianças e pela escola, ela fazia. Depois quando foi a escola pro nome dela e... aí, aquilo pra ela era tudo...

Para se manterem atualizados sobre o que acontecia no resto do país em relação à educação os professores dispunham unicamente dos materiais que vinham de Maringá. O que as irmãs mandavam. Vinha jornal, às vezes depois de uma semana ou duas, mas pelo menos a gente ficava sabendo de alguma coisa. Era isso que tinha porque não tinha outra coisa... Aqui rádio não pegava, quase... Muito pouco. A única rádio que pegava aqui era a Brasil Central de Goiânia e a Rio Mar de Manaus. Outras rádios aqui não pegavam. Televisão não tinha. Não

³³ Gleba Celeste era a denominação do projeto de colonização, numa área de 645000 hectares onde foram fundadas as cidades de Santa Carmem, Vera, Cláudia e Sinop.

tinha energia. As rádios de Cuiabá, não pegavam aqui. A prefeitura era em Chapada³⁴, você não conhecia o prefeito, você não conhecia um vereador. O prefeito, ninguém sabia quem era o prefeito. Porque era de Chapada, e aqui ele não vinha. O vereador que nós conhecíamos era o Plínio Callegaro, pois ele era o representante de Sinop na Câmara de Vereadores.

Eu trabalhei até 1977. Eu tinha o menino... Aí começou a poeira, ele teve um problema alérgico, aí o Dr. Adenir³⁵ chegou naquele ano, e falou: tira ele dá poeira, porque nós vamos ter problema com ele. E foi na época que o meu sogro comprou muito gado. Ele tinha que ficar aqui cuidando do gado, senão ninguém cuidava. Aí resolvemos vir pro sítio, vir aqui tocar, e estamos aqui até hoje... Os meninos graças a Deus estão formados, não estão com faculdade, mas todos três estão com 2º grau completo e, estamos aí, tocando a vida... E Sinop, ninguém segura, quem chegou aqui, no meio de uma derrubada; com duas casinhas, e hoje muitas vezes você tem que parar nas ruas para dar uma olhada para ver onde você está, pra você conseguir se localizar...

Acredito não ser possível uma comparação daqueles primeiros anos com o momento atual. Primeiro porque hoje tem escola, apesar de estar faltando muita escola em Sinop, porque o governo não se preocupa em construir escola... Naquele tempo era precária a primeira escola. Depois que a colonizadora deu o apoio, nós tínhamos salas, mas nunca suficiente. E hoje também não tem, essa é, talvez, a única comparação. Mas pelo menos tínhamos o apoio da colonizadora, e hoje o governo não dá apoio... Mais assim... Há falta de professores, tinha falta de material pedagógico, nós tínhamos falta até de salário, que hoje também tem. Era muito difícil. Era tudo muito longe. Pra ver, que era 500 quilômetros daqui pra Cuiabá, e muito mais, 2000 e tantos pra Maringá. Hoje não, hoje você tem aqui uma secretaria de educação do município; você tem uma assessoria pedagógica. Você tem alguma coisa, onde você se apegar. Naquele tempo nós não tínhamos, a nossa salvação era o Osvaldo Sobrinho, que era o Delegado Regional... se nós não tivéssemos ele, eu não sei aonde que a gente ia recorrer... não tinha outra secretaria, alguma coisa do governo você nunca via, porque o governo vinha aqui no dia da festa de inauguração, ou alguma coisa, que eles apareciam, senão também não vinham... E foi um grande passo, a briga pela universidade, que veio pra

³⁴ Em 24 de julho de 1976, pela Lei 3.754/76, assinada pelo governador José Garcia Neto, Sinop era elevada à categoria de distrito do município de Chapada dos Guimarães. Em 17 de dezembro de 1979, pela Lei 4.156/79, assinada pelo Governador Frederico Campos, Sinop era elevada à categoria de município. Revista (pg. 7)

³⁵ Adenir Alves Barbosa, médico, sócio do Hospital e Maternidade Celeste desde 1977.

cá. Quando o Figueiredo³⁶ disse que mandaria uma Faculdade pra cá ninguém acreditava, entre uma escolinha que tinha começado com trinta e três alunos. Já naquela época, foi em 82, 84, acho que foi, quando ele prometeu a Faculdade, era muito pouco tempo...era muito rápido. Eu falei ainda pro pessoal da cidade naquele dia: um dia a gente foi atrás, foi na Vera, foi à procura, pra fundar uma escolinha, pra começar com trinta e três alunos, hoje eles falam em universidade, era uma... é complicado...

As escolas, falta muito ainda, acho que o governo devia dá mais apoio, está faltando muita escola estadual, e o povo infelizmente, o povo não entende, o povo joga tudo nas costas do prefeito... Eles não entendem que as escolas estaduais são do governo do estado. Porque o prefeito tem a responsabilidade dele, de correr atrás, de buscar. Mas o governo...

Que nem no ano passado as mulheres brigando e reclamando com o prefeito, mas elas não entendem que não é da prefeitura, que não é da alçada da prefeitura construir escola estadual, isso tem que vir do governo do estado, ele que tem que fazer, ele até hoje não construiu uma escola, tantos anos que ele já está aí ...

As escolas que estão construídas em Sinop, foi o Júlio Campos que construiu; ele construiu o Nilza; ele construiu o Pissinati³⁷; construiu o Ênio³⁸; construiu o Osvaldo de Paula³⁹; e ficou por isso, depois disso não se construiu mais escolas em Sinop...

4.2 PROF^a MARIA AUGUSTA PAULA SÃO JOSÉ

Meu nome é Maria Augusta Paula São José. Nasci em Rolândia, estado do Paraná, casei-me em 1976 e vim para Sinop em agosto deste ano para acompanhar meu marido que já morava nesta cidade desde 1973. Ele, mais ambicioso e querendo sobressair financeiramente

³⁶ Presidente João Batista Figueiredo

³⁷ Escola Estadual “Olímpio João Pissinatti Guerra”

³⁸ Escola Estadual “Enio Pipino”

³⁹ Escola Estadual “Osvaldo Paula”

na vida, achou que aqui era uma região boa. Veio acompanhando meu irmão Osvaldo⁴⁰, um dos pioneiros daqui. Permaneci em Rolândia porque estava cursando Licenciatura em física, química e matemática na Universidade..... e somente terminei meu curso em 1975. Casei-me em 1976 e mudei-me para Sinop

A cidade na época era muito mato, bem pequenininha, não tinha muita coisa, não tinha muito recurso, nós não tínhamos energia. Quando eu vim usava chuveiro a gás e ferro a gás e nós tínhamos motor no fundo da casa; a gente ligava, e era aquele barulhão doido no fundo do quintal. Tinha o motor da cidade, que era da Colonizadora Sinop, então ligava e tinha energia da cidade que ficava até umas dez da noite, uma coisa assim. Desligava e ficava todo mundo no escuro. Quando dava pane, dava um problema nesse motor, as pessoas usavam aqueles bujõezinhos, que nós chamávamos de “liquinho”.

A igreja foi construída pelo Padre João⁴¹; foi ele também que ajudou a construir o primeiro ginásio de esportes, o Pipininho, que atualmente se chama Ginásio Olímpico José Carlos Pasa. Agora o Padre João está aqui construindo a Catedral, muito importante para nós. Ele voltou para isso, justamente porque ele foi muito competente.

Nos primeiros anos não havia hospital, só tinha posto de saúde. No começo não tinha médicos, quem ajudava eram irmãs que pertenciam a uma congregação da Alemanha e vieram da matriz delas que, no Brasil, ficava na cidade de Maringá. Somente mais tarde chegou um médico que atendia no pronto socorro do posto de saúde, que era bem pequenininho e se localizava onde é o correio hoje. Os primeiros hospitais foram construídos por: Dr. Adenir⁴², Dr. Kato⁴³ e depois o Dr. Albérico⁴⁴.

As irmãs não tinham nada a ver com o governo, não tinham nada a ver com a política partidária, era a política da educação, era a política da Colonizadora⁴⁵, lógico. Agora, seu Enio⁴⁶, sim, tinha tudo a ver com os políticos, tudo que ele conseguiu trazer para cá foi, lógico, através dos políticos, esse crescimento da gleba, de tudo aqui, lógico que evoluiu

⁴⁰ Osvaldo Paula

⁴¹ Padre João Salarini, vigário da Paróquia Santo Antônio

⁴² Adenir Alves Barbosa

⁴³ Antonio Kato

⁴⁴ Albérico Pires Umburanas.

⁴⁵ Colonizadora Sinop S/A

desse jeito porque ele trabalhava muito, era um trabalho sério eu acredito porque, na verdade, não houve tanto desvio de verba. Isso aqui demonstra que cresceu, temos estrada, então ele foi um homem muito bom. Acho que ele não se aproveitou dos benefícios da política. Ele não se aproveitou do dinheiro público só para enriquecer. Fazia o que deveria fazer, de acordo com a profissão dele que era colonizador, era o trabalho dele.

As irmãs vieram para Sinop por intermédio da colonizadora. A colonizadora, inclusive, dava toda a assistência para elas, e, além disso, como elas são de uma congregação alemã, elas conseguiam muitas verbas, muitas doações, muitas coisas da Alemanha; e isso tudo com certeza era aplicado em prol da comunidade mesmo, não existia desvio de verba para enriquecer ninguém, era uma coisa muito séria, muito bonito até, quem participou disso e viu realmente. A gente participava junto com as irmãs, inclusive até roupas, roupas ótimas, roupas boas, vinham da Alemanha e elas distribuía para as pessoas carentes.

Existiam muitas pessoas carentes nesta ocasião, e em todos os sentidos, inclusive uma coisa que era muito bonito: a gente via que as famílias que já estavam aqui acolhiam os outros da família que vinham aqui; moravam meses, às vezes, nas casas. Eu, por exemplo, fiquei cinco meses morando na casa da Darcília⁴⁷, até que eu fui para minha casa; naquele tempo demorava a se construir e era tudo mais difícil. Eu me casei e fiquei morando dentro da casa da Darcília, para depois eu ir para minha casa. Depois veio a Meloca⁴⁸, ela ficou alguns meses na minha casa também, até ela poder ir para casa dela, que estava ocupada na época. Ela ficou um tempo, o marido dela, que é meu cunhado, ficou um tempo na minha casa, antes dela. Depois teve a minha cunhada que trabalha já há mais de quinze anos na área da saúde, como assistente social; ela, a Eliana⁴⁹, também ficou na minha casa uns quatro meses até conseguir construir a casa dela. Naquele tempo era mais difícil de chegar aqui e alugar, não tinha casas de aluguel, era mais difícil, era complicado. Uma outra minha irmã, que já não mora mais aqui, também veio e ficou uns oito meses na minha casa. Interessante naquele tempo como eram as coisas... A Beatriz⁵⁰, que trabalha hoje no Sesi e na prefeitura, como dentista, e o

⁴⁶ Enio Pipino, proprietário juntamente com João Pedro Moreira de Carvalho da Colonizadora Sinop S/A, empresa responsável pela fundação da cidade de Sinop.

⁴⁷ Darcília Paula

⁴⁸ Maria Amélia São José

⁴⁹ Eliana.....

⁵⁰ Beatriz Gomel Bogado

marido dela também (hoje eles não estão juntos, mas é o Bogado⁵¹) ficaram, acho que uns três meses, morando em minha casa, assim que vieram. Então era assim, um ajudava o outro, então essa parte de solidariedade era muito boa. Não sei, acho que era muito difícil... Por falta de recursos, todo mundo ajudava o outro, era muito bom nessa parte, principalmente as famílias, a maioria. Teve gente que veio; vinham, não tinha onde ficar e ficavam embaixo de lona, até se organizar, ajeitar. Não eram favelados mesmo; era gente que vinha procurar um recurso, procurar viver. Inclusive, as pessoas que moraram embaixo de lona, hoje estão bem, têm suas casas, conseguiram um certo capital, com trabalho.

Naquela época as coisas demoravam a chegar. Era tudo muito difícil. Faltava tudo, era muito complicado. A estrada muito ruim no período da chuva... Ônibus; só tinha um ônibus que ia daqui de Sinop para Cuiabá e outro que vinha de Cuiabá para Sinop, por dia. Um único ônibus. Aquele ônibus vinha carregado de galinha, de tudo que é trem que tinha dentro, então era aquela loucura. A viagem durava o dia todo. Levávamos vinte e tantas horas, e hoje em sete horas já está lá.

A escola só tinha quatro salas mais ou menos e uma outra repartição onde funcionava a direção, biblioteca, sala dos professores e a parte administrativa, tudo junto. Devido à demanda de alunos, que crescia a cada dia, e ao pequeno número de salas de aula foi necessário o funcionamento de quatro períodos na escola, porque na época não tinha como atender todos os alunos, e precisava prestar atendimento para todos. Então nós fizemos: período matutino, período vespertino, período intermediário e período noturno. Como a energia da cidade era produzida através de motor, e este apresentava constantes problemas, com certa frequência as aulas do noturno eram trabalhadas com lampiões a gás.

Houve uma ocasião em que estas salas não foram suficientes para atender todos os alunos; nós atendemos, acho que mais de um ano, não me lembro ao certo, no barracão da igreja Santo Antônio. Davam aulas lá as professoras: Lucinha⁵², Graça Faganello⁵³ e Maria de Lurdes⁵⁴. Trabalhávamos em mesas improvisadas com banquinhos; decidimos pedir apoio do governo através da pessoa do Professor Osvaldo Sobrinho, hoje Deputado Federal, ele que era

⁵¹ Jorge Bogado

⁵² Maria Lúcia de Araújo Braz

⁵³ Graça Cardoso Faganello

⁵⁴ Maria de Lurdes.....

o assessor da assessoria⁵⁵. Naquele tempo a gente falava delegado de ensino, pertencia à Chapada dos Guimarães; ele era muito acessível com a gente, nos dava um apoio muito bom. Nós levamos o Osvaldo Sobrinho lá pra ver a realidade. Tínhamos instruído alguns alunos para fazerem o pedido para ele, das carteiras, que ele estava vendo a situação, e na ocasião os alunos então fizeram o pedido. E ele mandou depois as carteiras; eu sei que funcionou um bom tempo, afinal nós não tínhamos um local para atender, sei que não ficava criança de fora, sem estudo não... Esse problema persistiu até quando foram construídas novas salas na escola Nilza⁵⁶, quando então aquela parte ficou desativada, mas era a única escola, tinha que atender todo mundo; tinha que dar um jeito.

Eu me lembro bem quando entrei na escola, logo que comecei a trabalhar. Entrei trabalhando como diretora da escola; eu não tinha experiência nenhuma na área da educação, terminei a faculdade em dezembro de 75 e não trabalhei porque não deu nem tempo de trabalhar lá, cheguei aqui e a irmã me fez de qualquer maneira pegar este cargo, mesmo após falar para ela que eu não queria, que eu não tinha experiência, ela insistiu que eu pegasse, que ela me daria a assessoria necessária. A irmã Edita⁵⁷ era uma pessoa muito competente, com muitos anos de experiência, então realmente não deu muito problema, porque ela realmente me assessorava, ela fazia o papel de coordenadora da gleba; dava assistência para Carmem, Vera e Sinop. Toda a Gleba Celeste⁵⁸.

Existiam, também, as escolas rurais. Não sei exatamente o número, mas tinha umas dez ou mais, e se localizavam nas estradas e nas comunidades. As escolas recebiam o nome das estradas. Escola Branca de Neve, que era a Dita⁵⁹, ela nem tinha o curso ainda, mas já trabalhou lá, a Dita era uma excelente professora. Aqui embaixo não sei o nome da estrada, agora, aqui perto do Alto da Glória, tinha uma escola lá... Tinha uma outra no sítio do Plínio⁶⁰. Funcionava da 1ª a 4ª; o mesmo professor ministrava para todas as turmas numa sala só.

⁵⁵ Delegacia Regional de Ensino

⁵⁶ Escola Estadual “Nilza de Oliveira Pipino”

⁵⁷ Irmã Edita.....

⁵⁸ Gleba Celeste era a denominação do projeto de colonização, numa área de 645000 hectares onde foram fundadas as cidades de Santa Carmem, Vera, Cláudia e Sinop.

⁵⁹ Benedita Ribeiro de Araújo

⁶⁰ Plínio Callegaro

Estas escolas ficavam um pouco distante da cidade, então tínhamos que levar e trazer o professor todos os dias. Tinha um carrinho, um fusquinha que as irmãs ganharam da Alemanha, e com este fusquinha a gente fazia miséria, levando e trazendo professor.

Era complicado, enquanto uns iam para uma região outros iam para outra. Eu levava uma professora para a escola rural e trazia a Gunda⁶¹ que morava num sítio aqui perto e dava aula aqui em Sinop, daí de tarde levava a Gunda e trazia a outra professora que era a Dona Lurdes⁶². Com relação ao grau de escolaridade dos professores, já naquele tempo era muito bom, tinha professores com bastante experiência do Paraná, professores que vieram com Faculdade já na época: Cida Faganello⁶³, eu, uma tal de Antônia Martinelli⁶⁴, Anísia⁶⁵, Maria Helena Moura⁶⁶, a irmã dela, a Maria de Lurdes⁶⁷, todo mundo com faculdade já naquela época, e outras professoras com 2º grau, a maioria, muito boas professoras. A Salete⁶⁸ e a Lucinha⁶⁹ vieram já com o curso; não era ruim o estudo, era muito bom, era muito boa a educação naquele tempo, muito boa...Eram professores competentes que sabiam trabalhar. Tinha uma outra também, professora chamada Hermelinda⁷⁰, nossa!... Ela era uma excelente alfabetizadora, como ela alfabetizava os alunos! E os professores do primário, principalmente, nossa! Eram excelentes!

Constantemente apareciam mais crianças; era feito um trabalho muito bom. Nós recebemos alunos de Santa Catarina que já vieram matriculados, no 2º e 3º ano semi-analfabetos, não estavam bem alfabetizados, nós voltamos esses alunos, não na documentação, mas, conversamos com os pais e fizemos um excelente trabalho. Voltamos os alunos e demos toda aquela base para os alunos darem continuidade, mas isso aí também era muito baseado na administração das irmãs. Elas eram ótimas, foi uma administração muito boa, uma administração muito séria.

⁶¹ Gunda Becher Kirsch

⁶² Lurdes.....

⁶³ Aparecida Elizabeth Trigueiro Faganello

⁶⁴ Antonia Martinelli

⁶⁵ Anísia Mendes Gobbo

⁶⁶ Maria Helena Moura

⁶⁷ Maria de Lurdes Moura

⁶⁸ Salete Maria Mattana Testa

⁶⁹ Maria Lúcia de Araújo Braz

⁷⁰ Hermelinda

Os alunos tinham todo o material, vinha do governo, eu não sei como era feito, mas já tinha as cartilhas, tinha os livros, a maioria já tinha os livros, que eram doados para as crianças, inclusive até lápis, caderno; essas coisas já ajudavam um pouco. A época que nós, os professores, temos uma boa lembrança, foi muito bom, inclusive o salário, meu salário era o dobro do salário das minhas amigas lá do Paraná, que fazia muito mais tempo que trabalhavam. Foi no governo de Frederico Campos⁷¹, aquele deixou saudade na área da Educação para os professores, ele foi muito bom. Depois a coisa foi modificando, aquele tempo foi muito bom...

Naquele tempo exigíamos o uniforme, em até certo ponto, porque era tudo muito difícil. Muito barro... No tempo do barro, era barro, no tempo da poeira, era poeira, muita sujeira, teve um tempo de criança vir até descalço, daí a gente começou a exigir pelo menos um chinelinho de dedos, então nessa parte teve um tempo que a gente tentou exigir um pouco... Meia, calçado, mas viu que não era o certo, não dava. O clima, as condições, não dá... Mas na medida do possível o uniforme era exigido sim, se o aluno não tinha condições, naquele tempo a gente já dava um jeito de ajeitar condições para o aluno. Outra coisa nós tínhamos também muita colaboração por parte dos pais, da comunidade escolar. Naquele tempo a gente falava que era a associação de pais e mestres; então funcionava, você fazia qualquer evento, qualquer coisa para angariar fundos para reverter em benefício da escola, e realmente era revertido em benefício da escola, todo mundo via, a comunidade via onde tinha sido aplicado o dinheiro; hoje de repente você não sabe se veio, se não veio, quanto veio, é tudo muito complicado a administração de hoje, mas antes era uma coisa muito séria, e eu acho que era por isso que tudo funcionava. Os pais, por exemplo, nós tínhamos muitos alunos: Filhos de Jorge Yanai, de Ropelle⁷² que já tinham fazenda, os meninos lá da Retífica Rei. Então muita gente trabalhou, muita gente ajudou muito, a escola; inclusive o pré-primário, aquela construção onde funcionava o pré-primário antes, foi construída só com o dinheiro da comunidade, com a ajuda da Colonizadora que sempre ajudava muito. Nós fazíamos muita festa, muita quermesse, bingos... E todos participavam: professores, alunos, pais, todo mundo participava mesmo, trabalhava mesmo. Eu não sei, mas parecia uma família, não sei se era porque todo mundo tinha vindo de tão longe e então a gente se apegava muito um ao outro

⁷¹ Frederico Carlos Soares Campos, governador do Estado de Mato Grosso de 15 de março de 1979 a 15 de março de 1983. (Silva, in Ferreira. 1997, p. 94)

⁷² Ropelle

aqui, amizade muito sincera; todo mundo trabalhava com bastante gosto, com bastante ânimo, diferente de hoje.

Os pais compareciam muito, quando os professores convocam para reuniões, para entrega de boletins. Os pais sempre deram bastante importância sim, eu acho até que mais do que hoje. Hoje em função da vida que mudou muito, está todo mundo correndo atrás do Real, que sumiu. E sem ele você não sobrevive mais nesse mundo, nessa sociedade consumista em que nós estamos hoje. Antes não era assim. Como eu estava falando, nem tinha muitas condições, a maioria das mães eram domésticas, não existia nem onde trabalhar, trabalhar fora, então dava um pouco mais de assistência para os filhos. Tinha muita gente boa que está na cidade hoje que conseguiram financeiramente ficar bem, e que continuam mantendo um padrão de vida bom. Essas pessoas, naquele tempo, já se dedicavam muito à educação, davam muita importância para a educação dos filhos.

Naquela época a escola já dispunha de material didático. Tinha bastante material didático para elaborar. Na época, como eu já falei, as irmãs eram muito competentes, elas conseguiam muita coisa, então, como eu já disse, tudo que a gente angariava, tudo era revertido para a escola, então eu acho que tinha condições, inclusive financeiras para trabalhar, o que não ocorre hoje. Hoje aumentou tanto, é computador, é tanta coisa, tanta coisa... De repente você não tem condições de manter o computador, você não tem dinheiro para comprar a tinta, por exemplo, para imprimir, que é muito caro, por que é muito difícil, sei lá é tão complicado hoje...

Os professores dispunham de material didático para preparar suas aulas, como eu disse. O professor de Geografia, por exemplo, tinha Atlas. Eu lembro de uma época em que praticamente era obrigado os alunos terem Atlas. Hoje você não vê isso, não sei se tem no livro deles, pode ser que tenha lá dentro. Bom, eles tinham também os mapas, justamente por isso é que eu estou falando: as irmãs davam um jeito de providenciar, de vir, e era através da colonizadora, que colaborava muito também, trazia em transporte. Transportava as coisas de que a gente precisava. Em tudo a colonizadora ajudava muito. Então todo tipo de material e livro didático, nessa área, na parte da didática, do pedagógico... As irmãs viam muito essa parte, inclusive com a experiência que elas já tinham, elas faziam reuniões e repassavam para os próprios professores: como você trabalhar a tabuada, por exemplo, como você trabalhar a

alfabetização do aluno. Faziam uma assessoria. Era muito importante também entre os próprios colegas, professores que tinham mais experiência ajudavam outros professores, tinha disso também, hoje parece que não, existe um egoísmo muito grande.

Naquela época exigia-se um planejamento diário, num caderno, que era o diário de classe e tudo que você passou para o aluno estava registrado no caderno. Então qualquer coordenador, qualquer inspetor, poderia ver o que você tinha trabalhado com o aluno, e era cobrado. E hoje não, hoje nem olha direito. O aluno não passava se ele não soubesse ler. Quer dizer, qual o objetivo do 1º ano? É aprender a leitura, ler e escrever; aprendeu a ler e escrever ia para o 2º, se não, não ia. Hoje não, hoje o aluno vai direto, vai tocando assim, então é muito complicado, se você não souber, se você não tiver muita experiência para trabalhar nesse método de hoje, complica. Há muita gente sem conhecimento, e a base é tudo.

A preparação das aulas de Matemática, eu me lembro bem; inclusive, o professor, falava o seguinte: a hora em que ele ia para a escola ele já ia pensando como dar determinada matéria, ou como fazer. Então ele tentava também passar a Matemática da melhor maneira possível ligada com aquilo que ele ia usar no dia a dia, no cotidiano. Mas, eu principalmente, quando comecei a trabalhar com a Matemática, eu não tinha muita experiência nessa parte. Hoje, por exemplo, eu trabalho bem diferente. Tinha coisa que não dava conta de passar para o aluno onde ele ia usar, porque ele ia usar, mostrar realmente onde ele ia usar e como ele ia usar. Então eu já cheguei a dar, por exemplo, porcentagem através de regras. Aquela regra que vinha nos livros, meu Deus!... Hoje eu não faço isso de jeito nenhum. Porque, você imagina? O que você faz hoje? Joga lá a matéria, e explica pra ele como ele vai fazer: na loja, no dia a dia, como é que ele vai fazer naquela situação do dia a dia, naquela situação onde ele vai aplicar aquela Matemática, então isso é muito importante. Por isso eu acho que a matemática virou aquele bicho de sete cabeças, aquela coisa... Ninguém gosta da matemática, por quê? Porque não entende realmente, né? Agora, a partir do momento que você aprendeu o porquê da matemática, não há por que não gostar da Matemática.

A maneira de avaliar era péssima, porque era através de prova escrita. Inclusive, teve um período que nós trabalhamos assim: era obrigado você dar três notas, quer dizer, três provas... Prova, sei lá, ou a gente que entendia assim, eu não sei. Então você tinha que dar aquelas três provas, por exemplo, se o aluno tirou três, tirou e tal. E depois no final do ano,

aquela bendita recuperação, que na verdade não recupera ninguém, você tem que pegar uma parte só da matéria, jogar para o aluno, tirou cinco, passou. Então, quer dizer, também não era muito certo, só que reprovava mais alunos pela maneira da gente avaliar e a maneira da gente trabalhar com o aluno, e entender o aluno, enfim... Hoje não, hoje a gente avalia o aluno de modo completamente diferente, você avalia o todo. Se ele fez pro gasto, você viu que ele tentou aprender, ele aprendeu alguma coisa, então está bom. Ele vai ser bom numa outra, em português, por exemplo, ele vai ser ótimo, então na matemática ele fazendo para o gasto, está bom, com a vida ele vai aprendendo depois. Então a gente tem que olhar por esse lado. E naquele tempo, eu mesma falhei muito nessa parte de avaliar o aluno, que a gente percebe, e fala, poxa !... De repente não podia nem ter reprovado determinado aluno. Hoje a gente vê os alunos; eu vejo meus alunos que hoje estão administrando o município de Sinop, então quer dizer, como você vai reprovar um aluno destes? E hoje estão tendo a capacidade... Se formaram, tem aí odontologistas, médicos, filho do Yanai⁷³ que é médico, que fez medicina, a filha que fez odontologia, tem professores que foram meus alunos, e hoje trabalham junto comigo, então meu Deus!... Então acho assim, que você não pode... Questão de avaliar o aluno tem que jogar a matéria assim; aquilo que você acha que é realmente importante para a vida, que é básico, bater encima daquilo lá, fazer com que o aluno entenda o que realmente significa aquilo lá. Não decoreba ou coisa assim, e entenda o porquê que ele está aprendendo realmente aquilo, onde vai ser a aplicação daquilo lá, principalmente da matemática. Esse é o básico na educação de hoje, eu acho...

Naquela época existia mais respeito na relação professor-aluno. O professor era o professor, o aluno era o aluno, tinha uma certa hierarquia, coisa assim. Os pais também respeitavam muito mais o professor, que era o educador, então aquele tempo eu acho que era outra linha. Inclusive eu acho que era em função da educação que eles recebiam dos próprios pais; e hoje mudou muito este conceito de educação. Como mudou muito na sociedade. Lógico, nossos alunos também mudaram, estão sendo educados de uma maneira diferente, através da televisão, naquele tempo não tinha televisão, demorou um bom tempo para vir televisão aqui. Não tinha televisão, não tinha telefone, nada. Foi diferente. Então essas coisas ruins que a televisão, a mídia traz, porque traz coisas boas e coisas ruins... Essa parte é o problema mais sério. Essa parte que os alunos mais pegam. Esse sexualismo que existe hoje

⁷³ Jorge Yanai

também eu acho que é muito ruim. Antes eu acho que moral, a moral também tinha outro conceito, mas era de mais respeito, hoje não, hoje ninguém se respeita, está muito difícil. Em sala de aula (eu que estou em sala de aula há mais de vinte anos, então veja bem), em vinte anos, mudou muito o relacionamento, então você também tem que mudar pra não bater de frente com o aluno, se não, você não faz nada. Então você tem que brincar; tem que entrar na dele, e ao mesmo tempo com uma certa autoridade, ao mesmo tempo com respeito. Você tem que ser um artista dentro de sala de aula. Antes era mais fácil, você entrava lá, só transmitia aquele conhecimento para o aluno, jogava aquele conhecimento para ele. Às vezes ele era obrigado a aceitar do jeito que você jogasse. Hoje não, hoje ele argumenta, ele te questiona e você tem que estar preparado para isso tudo. Nesta parte está bom, melhorou. Mas na parte de respeito humano, respeitar o ser humano, isso aí acho que está ruim, cada dia pior.

O interesse dos alunos em relação aos estudos, naquela época, era mais ou menos igual hoje, eu acho. Acredito que tinha bastante alunos que tinham aquele certo interesse, lógico, por cobrança dos pais e tudo. Hoje há alguns que também não são cobrados, se os pais não cobram, não adianta, os pais têm que cobrar. Hoje os pais também ficam meio perdidos, cobrar o quê dos filhos? De repente ele não sabe nem se ele está fazendo o certo ou não, porque o filho estuda e daí de repente aquilo lá também você vai ver que não vai. Às vezes ele acha que aquilo não vale de nada para ele, sendo que é o contrário, a gente sabe que hoje quanto mais conhecimento você tiver melhor para você sobreviver uma vida digna, porque infelizmente eles estão valorizando isso. O trabalho hoje depende da tua competência. Não tem outro jeito, você tem que ser cada dia mais competente para poder acompanhar essa tecnologia, essa evolução, que está sendo nosso mundo de hoje. Nós, por exemplo, que fomos educados há tanto tempo, há quatro décadas atrás e agora lidando com essa menina de quatro décadas agora, então é complicado pra gente. Por isso eu acho que tem professores hoje que ainda não sabem lidar com os alunos. Continuam pensando da forma como foram educados. Está meio complicado; não está fácil lidar com adolescente, tem que entrar na do aluno, ele entra na do aluno, daí ele dá uma chacoalhada.

Os professores naquela época, para se manterem atualizados sobre o que acontecia na educação no resto do país, recorriam a parentes que moravam no sul. A maioria dos professores que trabalhava aqui deixou a família lá no Sul, no Paraná. Então tinha professores

aqui, como por exemplo, a Arlete Moura⁷⁴ e esse pessoal: a mãe já era professora, a irmã que hoje mora aqui também, que é a Adélia⁷⁵ também estava na área da educação, mandava muita coisa. Eu me lembro que elas mandavam pelo correio, ou então ela ia todo final de ano, ou meio de ano. Nas férias ia todo mundo visitar a família. Numa dessas, você trazia os conhecimentos, coisas novas, materiais novos; eu me lembro que na época, hoje quase não se dá muita importância pra civismo, mas, naquele tempo, dava-se muita importância a isto, eu me lembro da Arlete inclusive, que sempre tinha musiquinhas novas pros aluninhos dela de terceira e quarta série. Ela trabalhava mais com estas turmas. Vinha tudo da mãe dela, que mandava do Paraná. A mãe dela é professora aposentada hoje, então mandava. As irmãs também; tinha o colégio delas em Maringá, então mandavam pra cá. Então a gente não ficava assim, desatualizado, era muito bom nessa parte. Para você ver o que é uma administração, a importância de um bom administrador, com seriedade, isso é muito importante.

Entre os professores também havia um relacionamento muito solidário, de troca. Passavam para os outros se tinham alguma coisa. Hoje as pessoas estão um pouco mais egoístas, e hoje está tudo por dinheiro. Parece que você não tinha muito essa visão, acho que o consumismo não era tanto ainda, nós nem tínhamos muita coisa. Todo mundo só pensava em ajuntar um pouquinho de capital, alguma coisa; hoje em dia, você sabe, ninguém está nem aí pra juntar um pouco de capital. Simplesmente tudo que ganha gasta, e vão viver a vida...

Ao compararmos aquele tempo com os dias atuais, em especial na área da educação, acredito que era muito melhor que hoje, com toda essa tecnologia, com computador. Eu acho que era bem melhor naquele tempo a educação. Então você educava realmente o cidadão com respeito, para que ele tivesse respeito pelos outros, o respeito pelo outro. A aprendizagem realmente eu acho que era bem melhor que hoje. Hoje se facilita muito, o aluno não tem interesse em aprender realmente; os meus alunos mesmo, eu falo: 'nós temos de aprender pra vida'. Eles não, só querem saber de passar, passou de ano, pronto, acabou. Hoje, a maioria dos nossos alunos sabe que eles vão ter a oportunidade, que vão poder dar seqüência nos estudos; estão vindo vários cursos aqui para a cidade... Agora que facilidade que é... Antigamente eles não tinham essa expectativa. Eram muito poucos os que podiam ter a oportunidade de sair pra fora para estudar, não tinha muito e, assim mesmo, o pouco que eles tinham aqui eles

⁷⁴ Arlete Trugilo Moura

⁷⁵ Adélia Trugilo

valorizavam. Eram bons alunos, alunos que até hoje não fizeram uma faculdade, nada, por que naquele tempo não tinha, e não tiveram condições de sair daqui. Hoje são pais de famílias muito bons, e são empresários aí, são muito bons... E com pouco estudo, conseguiram e, então, isso a gente deve à educação que receberam, porque dependendo da educação que recebessem podiam ter virado bandidos. Então é o que a gente fala: a base esta na família. Antes se dava muito valor à família. A família era a estrutura da coisa. Hoje a família está muito desestruturada. Então, antes, eu acho que era muito melhor, em todos os sentidos. Viver naquele tempo era bem melhor que viver hoje...

Pela minha experiência eu acho que hoje eu sou uma professora com muito mais experiência, dou uma aula muito melhor para os meus alunos. Eu acho que se compararmos a matemática ensinada naquela época e os dias atuais, atualmente a matemática está melhor, hoje a maneira com que você trabalha, o método que você está usando para ensinar, a matemática é melhor do que antes. Eu mesmo já falo com os alunos, já uso palavreado completamente diferente do que antes. Então eu acho que hoje está bem melhor nesta parte...

Sempre trabalhei com a Matemática. Quando eu entrei como diretora, fiquei três anos e pouco porque não tinha outra opção, estava chegando. A irmã me ofereceu isso e eu não tive outra opção a não ser aceitar. Depois, em oitenta, quando o professor Roveri⁷⁶, que era o professor de Matemática, assumiu a vice-direção, eu assumi o concurso e peguei matemática porque não tinha Química e Física, uma vez que ainda não tinha o 2º grau naquele tempo. E, assim, acabei ficando com essa matematicazinha do Ensino Fundamental até hoje. Tem hora que eu me arrependo. Na parte do conhecimento eu acho que regredi. Eu podia ter feito até um mestrado ou doutorado ou uma coisa assim se eu tivesse ficado em Londrina, mas eu vim para cá e não tive oportunidade. Então eu regredi. Fiquei só com a Matemática do fundamental, não desenvolvi o resto que poderia ter desenvolvido, física e química. Hoje tem tanta falta de professores nestas áreas que eu acabei não desenvolvendo. Olhei um pouco (não sei se foi egoísmo de minha parte) para a parte financeira também: se fosse professora de Química e Física ou professora de Matemática, meu salário ia ser o mesmo, não ia fazer diferença. Professor que dá aula lá na minha escola de Química no 2º grau e eu, quer dizer, nós ganhamos o mesmo tanto. Como não tinha este incentivo, não tinha nada, e até por falta desse incentivo de repente a gente não raciocina de acordo, também não prevê o futuro, fica

só vivendo o presente. Eu não vi que no futuro, hoje, por exemplo, eu poderia estar dando aula de Química e Física que falta tanto professor, poderia estar bem experiente nessas áreas e no entanto... Na época eu gostava mais da química, meu curso era de Química. Quando sai da faculdade o que eu mais sabia era Química. Mas daí eu não desenvolvi, não estudei, não dei continuidade para aquilo.

É gostoso a gente lembrar porque vai vendo como foi, é gostoso você ver a evolução, acompanhar. Na época a gente era bem nova, e tudo... Com toda aquela energia de vida, de trabalho, a gente vem para enfrentar. Então vamos enfrentar.

4.3 PROF. JOSÉ ROVERI

Meu nome é José Roveri, vim do norte do Paraná, morava em Alto Paraná, e cheguei em Sinop em 1973, começo de 1974. Até quando o Ministro Rangel Reis veio a Sinop em 14 de setembro, inaugurar a cidade, eu estava lá. E o motivo que me levou a ir a Sinop, inegavelmente foi: a vontade de ganhar dinheiro, a vontade de me firmar na vida, a vontade de progredir, a vontade... enfim, dum crescimento econômico e também social de modo geral, visto que, no Paraná naquela região onde eu morava as coisas estavam até bastante limitadas, então busquei na minha juventude de vinte e dois anos, vinte e três anos, mais ou menos, um sonho que ao longo dos tempos se viu que não era bem assim. Não era chegar e... A realidade era muito diferente... muito diferente. Eu me formei em 1973, em matemática, especificamente, no norte do estado, na cidade de Mandaguari, e recém formado, mal saindo da universidade, adentrei sertão, e chegando em Sinop praticamente no zero populacional, o choque foi terrível... terrível... A ilusão de uma pessoa praticamente saída da adolescência com 23 anos, jovem ainda... Adulto, mas, jovem, sem experiência de vida, praticamente; a única experiência que eu tinha, era como professor, também no Paraná que eu comecei a lecionar a partir de passar no vestibular, a partir do ingresso na faculdade, comecei a lecionar. Mas

⁷⁶ José Roveri

experiência comercial... Industrial muito menos, e até experiência de vida mesmo, na relação entre pessoas, a minha era pouca, então o choque foi muito grande...

Não vim com a intenção de trabalhar na educação, especificamente não era a educação. Apesar de formado em matemática, mas eu não... E apesar de gostar muito da profissão... Me realizei muito como professor, e ao longo do tempo vim perceber que realmente era uma profissão melhor até do que muitas outras a nível de realização pessoal. Mas eu fui à Sinop, não foi pra dar aula. E pensava que jamais voltaria pra sala de aula, e a partir de um certo tempo, com os empreendimentos que eu me dispus a fazer não dando certo, eu acabei voltando à sala de aula, é bom que se diga, por necessidade econômica... por necessidade econômica. Comecei a dar aula... E era muito engraçado, no início, porque as pessoas me viam como... como madeireiro, e de repente eu fui pra dentro da sala de aula, foi um choque muito grande; os próprios colegas, madeireiros e filhos de madeireiros, que eram praticamente... alguns da minha idade, não acreditavam de jeito nenhum que eu pudesse lecionar, e ainda mais matemática. Não ficava dizendo para ninguém que era formado. Então foi uma coisa muito difícil no começo. Me lembro bem que quando eu fui procurar dar aula, que me apresentei pra uma freira, chamada irmã Lídia⁷⁷, ela me disse que não. Que não tinha chance de dar aula lá porque existia uma pessoa que já lecionava há um ano, talvez até mais, e que a cadeira era dela. Eu apresentei meu diploma de curso superior, e ela disse que não, que diploma valia do Teles Pires⁷⁸ pra frente, pro lado de Cuiabá... Ali não. Que ali por ser uma colonização, por ser uma cidade iniciando, que ela dava aula pra quem ela queria. Eu vim a Cuiabá, me apresentei ao então Delegado de Ensino, Osvaldo Sobrinho, hoje suplente de Deputado, e ele me deu uma carta me autorizando a... Determinando a freira que me desse as aulas. Eu cheguei e apresentei aquilo lá, foi uma... a casa caiu realmente. Eu entrei assim... na marra mesmo, porque ela não queria de jeito nenhum, até ela dizia que ela iria assistir as minhas aulas, pra ver a minha competência. Eu até falava pros alunos que ela poderia entrar lá dentro, só que eu ia pedir... ia mandar ela ir pro quadro, pra ver se ela ia conseguir fazer as equações matemáticas, enfim... Se ela dominava o assunto. Ela sempre ficou na ameaça e acabou não entrando não. Mas o que se percebia no início da vida educacional de Sinop, no início do ensino em Sinop, era uma influência, eu não diria nem forte, fortíssima,

⁷⁷ Irmã Lídia

⁷⁸ O município de Sinop é banhado pelo Rio Teles Pires, um dos maiores da Amazônia, afluente do Rio Tapajós, que deságua no Rio Amazonas. (Potencial Sinop 25 Anos: Uma trajetória de sucesso, 1999, p. 10)

determinante, da igreja católica. Era uma influência por demais da igreja católica, e aí quem é que conseguia dar aula, praticamente: era quem era amigo do padre, quem era muito amigo das freiras, quem ia à missa todo domingo, enfim, era a pessoa tida certinha para aquela realidade, naquele momento da vida de Sinop.

Essa forte presença da igreja pode ser sentida também em outras áreas, como por exemplo, a saúde. Eu costumava dizer, até me indispus na época, que o padre era empregado do colonizador Enio Pipino⁷⁹, na verdade acho que até era mesmo, porque ele andava com o carro da colonizadora⁸⁰. Quando o colonizador chegava em Sinop de avião, e ia assistir a missa, se colocava o casal de colonizadores, que hoje já falecidos; e não vai aqui nenhum demérito a eles, simplesmente é a constatação de uma realidade. Colocavam-se os dois na frente, marido e mulher, e o sermão da igreja, o sermão evangélico, era totalmente dirigido a tecer elogios [copiásticos] ao casal como sendo pessoas heróicas, quase uma divindade mesmo. E a escola ia nesta esteira também; colocava os alunos, coitado dos alunos, crianças ainda, no sol quente, duas três horas perfilados, esperando a divindade chegar de avião, pra que fosse ovacionada... esse colonizador, pra que fosse cantados hinos previamente preparados, de elogios. E, também o hino de Sinop, faz uma referência a isso, “Enio Pipino, novo heróico, bandeirante”. As crianças tinham o Enio Pipino como Deus realmente, um Deus que chegava de avião e quatro, cinco, meia dúzia de horas depois ia embora também de avião, e deixava os simples mortais lá, entregues a uma sorte terrível na época.

O pior era que as pessoas não percebiam que era uma empresa privada e que estava ganhando dinheiro com isso. As pessoas da cidade de Sinop... Alguns percebiam, e os que percebiam sofriam muito com isso; os que não percebiam iam na ideologia de que era um herói realmente, que era uma pessoa dotada de um espírito altruísta muito grande que vinha lá para salvar as pessoas, que tirava pessoas da fome do sul do país para traze-los ao eldorado, na verdade não era nada disso... Não era nada disso. Tirava-se as pessoas de um celeiro, dum lugar que tinha uma produção fantástica: como é o Paraná, o norte, o noroeste, o sudoeste do Paraná, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina; com uma propaganda muito bem engendrada, muito bem feita, levava-se... vendia-se pedaços de terra para essas pessoas em Sinop, e quando lá chegavam e tentavam empregar os mesmos métodos de cultivo do sul, a decepção

⁷⁹ Enio Pipino, proprietário juntamente com Pedro Moreira de Carvalho, da empresa Colonizadora Sinop S/A.

⁸⁰ Colonizadora Sinop S/A, empresa responsável pela colonização de Sinop.

era terrível, porque lá a terra sem adubo não dava nada, absolutamente nada, olha, nem mandioca, tanto é verdade que o próprio colonizador montou uma usina encima da mandioca, e acabou levando um prejuízo muito grande. Então era feito... era um engodo muito grande, isso é necessário que se diga pra você que é uma pessoa que vai escrever sobre Sinop, é necessário que se diga: que o início foi um engodo terrível... terrível... Tinha um café perto do cemitério, chamado café do seu Germino⁸¹, onde a colonizadora pagava pra que ele adubasse aquilo, de uma maneira assim... exageradamente, tinha meio metro de serragem enterrada, esterco de toda natureza, pra que o café crescesse. Primeira coisa que se fazia ao chegar o incauto comprador de terra era leva-lo ao café do Sr. Germino, pra mostrar que aquilo era uma maravilha, e filmava-se, tirava-se fotos, colocava em jornal, em televisão, uma propaganda massificante, terrivelmente massificante, de modo que as pessoas achavam que estava aqui realmente a terra abençoada por Deus. E ao nível de fertilidade do solo não era nada disso. A dificuldade naquela época era terrível, era inimaginável. Em 1973, 1974, não havia sequer um açougue. Em 1973, por aí, não havia verduras. As estradas eram... período bom, mas período de chuvas⁸² era quase intransitável. Recebia-se alimentação de avião; avião atolava no aeroporto... atolava-se pessoas... a filha do Geraldino Dal'Maso, uma vez se atolou num buraco, teve que ser retirada. Pra levar pessoas da avenida principal para o hospital do Jorge Yanai⁸³, por exemplo, era feito pardiolas, e colocado nos ombros para transportar. Era um famoso atoleiro... quando não era a poeira, era um atoleiro terrível. Foi muito difícil. Sinop hoje é uma realidade, todo mundo vê... a olhos vistos. Orgulho do norte do estado. Agora, a saga dos pioneiros foi muito terrível.

A Assessoria Pedagógica existente era muito precária. Muito precariamente. Muito precariamente. Agora, precariamente em nível de Brasil, mas em nível de... relativizando a coisa... Comparando a cidade nascente, o esforço era grande, porque as freiras inegavelmente, apesar de seu apego exagerado ao que elas entendem por cristianismo, elas eram muito competentes, inegavelmente sim, uma dedicação também, muito grande, não pode se retirar este mérito, de jeito nenhum. E elas se dedicavam, exigiam realmente dos professores, que preparassem aulas, exigiam planos de curso, isso era feito rigorosamente e acredito que o

⁸¹ Germino

⁸² Predomina o clima Tropical Chuvoso, com duas estações bem definidas: período chuvoso e período de estiagem.

⁸³ Hospital e Maternidade Celeste

nível de ensino até não era ruim... Não era ruim... Apesar das dificuldades do tempo e locais, mas não era ruim... não se dá pra dizer que o aluno de Sinop estava muito defasado em relação aos demais alunos do estado de Mato Grosso. Eu acho que estava bem, muito bem apesar de...

Em relação à estrutura física, a demanda de alunos que chegava a cada dia era muito grande. A gente vivia sempre correndo atrás. A demanda era sempre maior do que a estrutura suportava. As primeiras salas de madeira, mais ou menos em forma de margarida, a construção, e... O número que chegava era muito grande. Numa semana, tinha lá, por exemplo, numa sala trinta alunos, na próxima semana trinta e três, trinta e cinco... Todo dia entrava um, era... isso era realidade, realmente... E um fato que agora me lembro, e que chamava a atenção, quando vinha uma autoridade educacional de Cuiabá, que chegava... que entrava na sala de aula, levava um choque... Porque só via cabecinha branca, loirinhos. Era uma realidade diferente do Mato Grosso, não era Mato Grosso mesmo falando a verdade, territorialmente era, mas culturalmente não era. As pessoas muito diferentes dos habitantes de Cuiabá, então levava-se um choque e perguntava-se: “Quem é do Paraná?” Erguia 70%... “Quem é de Palotina?” “Quem é de Marechal Candido Rondon?” “Quem é de Medianeira?”... Aí quase levantava todo mundo, é incrível a quantidade de pessoas que foram pra lá, o resto da sala era o pessoal de Santa Catarina e tal... Agora, se percebia que algumas regiões, as pessoas que chegavam e estavam, inclusive, num nível até mais atrasado do que o ensino que se praticava em Sinop em 1974, 1975, 1976... Eu acredito, como eu vim do Paraná, não vi uma diferença gritante, não era tão violenta... a diferença na qualidade de ensino. A estrutura física, evidentemente, era precaríssima... muito precária, mas o estado não foi omissivo neste caso. Não foi omissivo. Foi prometido que se faria o Centro Educacional, e foi feito. Eu acho que o estado, que os governos do Estado de Mato Grosso de um modo geral, quanto a educação não se omitiram, e nem tão pouco o município, e verdadeiramente nem a Colonizadora Sinop se omitiu na questão do ensino. Neste particular, há que se dá méritos, realmente, ao Colonizador. Obviamente, não era pela linda vontade de ver ninguém educado, mas dentro de uma macroestrutura de precisar oferecer a criança da escola participar...

Se não houvesse escolas, os pais que estavam no Paraná, não viriam pra cá. Até porque no início os pais acreditavam que havia escolas, logo que vieram; e depois demorou cerca de quase um ano até que se construísse a primeira escola, e que começasse a funcionar...

Agora, o marketing da Colonizadora foi forte neste sentido. A escola era realmente um ponto de atração de toda a cidade. Bom, Sinop, eu costumava dizer que, em determinada época lá, eu tinha mais horas de aeroporto do que urubu de vôo. O que o professor esperava em aeroporto, autoridades em Sinop, era uma grandeza... Tudo passava pela escola... Tudo passava pela escola... E curiosamente, a gente via assim, pessoas de Brasília, altas autoridades da República, até se emocionavam com aquelas criancinhas lá... Acho que mais de dó. Pra falar bem a verdade. Aquelas coitadinhas lá, aquelas carinhas vermelhas no sol, cantando hino ensaiado de elogio ao Ministro Rangel Reis, ao Ministro Paulo Nêris, etc e tal... E acabava, às vezes, vertendo lágrimas, mas acho que era de dó das crianças. De ver aquele povo com tantas esperanças, com tanto brilho nos olhos, socado num lugar daqueles...

A participação dos pais, neste início da Educação em Sinop, eu diria que foi muito ativa... muito ativa... Sempre que a direção da escola convocava os pais... convocava para reuniões... eles estavam presentes, muito interessados... é mais ou menos aquela história: eu não pude estudar, vou dar ao meu filho tudo que ele precisa. E um pedido da escola era quase uma ordem, era uma convocação mesmo “nós vamos porque a freira chamou, porque a escola chamou”. Olha, muito interesse por parte dos pais no aproveitamento dos alunos...

Minha experiência como professor foi muito rica... Muito rica... Eu até hoje... Há muito tempo que parei de lecionar, mas, eu tenho saudades, pra dizer a verdade, eu me realizei muito como professor, a minha relação com os alunos sempre foi... Nossa! Foi... Uma relação, assim... enérgica. A bem da verdade nunca fui bonzinho. Queria que me chamasse de qualquer coisa, menos de professor bonzinho. Porque professor bonzinho, no meu entendimento, é meio sinônimo de relapso, sei lá... isso eu não era, realmente não era bonzinho. Me considerava um bom professor, sem falsa modéstia, me considerava um bom professor. A minha relação com os alunos era séria. Era intensa. Era às vezes de amor e ódio. As pessoas ou me amavam ou me odiavam, não tinha meio termo. Mas eu me realizei muito... gostei muito de dar aula... É uma profissão gratificante... E Matemática especificamente, é uma ciência que eu tenho muito respeito por ela, por ser uma ciência exata, não é uma ciência de mais ou menos... não é uma ciência dialética... não é uma ciência que... como por exemplo, Direito, que pode ser assim, mas pode ser assado, mas pode ser de um jeito, mas pode ser de outro... Depende da interpretação...E depende das outras coisas. A gente vê aí que um dia

solta o Lalau⁸⁴, outro dia prende o Lalau, um dia solta o Lalau, prende Lalau, solta Lalau... E vai ficar solto mesmo... A verdade é que... Cada um com a sua cabeça... E a Matemática não é assim. A Matemática, graças a Deus, ela é uma ciência natural, é uma ciência exata. Eu gosto muito de Matemática, apesar de ter feito Direito agora, recentemente, mas a matemática é uma ciência fascinante, porque é aquilo... é ou não é. Não tem meio termo.

Dentro dos conteúdos que ensinava, eu gostava muito de álgebra, gostava... não da álgebra pela álgebra, mas pegar uma realidade, transformar numa linguagem simbólica, uma realidade... um problema, por exemplo, transformar numa linguagem simbólica, e através de símbolos, de letras, chegar ao resultado numérico. É a transposição, da linguagem corrente para uma linguagem simbólica. Isso me fascinava muito, e me fascina até hoje. A pessoa elabora um problema, saber tirar da linguagem corrente... da linguagem portuguesa... linguagem pátria... linguagem de letras... Saber tirar aquela realidade e expressá-la em símbolos e resolvê-la dando um resultado exato, numérico. Isso pra mim é fantástico. Uma outra coisa que eu enfatizava também muito, e que hoje parece anda um pouco afastada, é a geometria. Os grandes teoremas matemáticos, já na sétima série quando se introduzia o campo da geometria... nas comparações dos triângulos, enfim nas várias relações matemáticas existentes dentro de uma figura geométrica, também é um fato que me chamava muito a atenção. Depois tendo que voltar aos egípcios, aos gregos, enfim, muito isso...Muito de formas... Descobrir dentro das formas; se você pensar, na relação do teorema, chamado teorema de Pitágoras, conhecidíssimo por todo mundo, que o quadrado da hipotenusa é igual a soma do quadrado dos catetos, é uma relação dentro de um triângulo retângulo, e qualquer que seja o tamanho dele ela é válida, eu acho fantástico, essa relação figura... descobrir dentro da figura uma relação matemática que valha para todos os casos...

A Matemática, é abstração pura, ela é muito difícil realmente, ele é abstração pura, a álgebra... Claro nós sabemos disso, realmente. E eu dou mais valor, ao aluno conseguir tirar desta linguagem corrente para a linguagem simbólica, do que daí em diante, a resolução é mecânica, passa x pra cá, passa número pra lá, passa x pra cá, inverte o sinal, etc... o que está dividindo passa multiplicando, isso aí... a mecânica é fácil... a mecânica é fácil... o difícil é extrair... a percepção da realidade. Então quando o aluno... cheguei dá provas, onde exigia só

⁸⁴ Juiz Nicolau dos Santos Neves, acusado de lesar os cofres públicos em milhões de dólares, durante a construção do Fórum Trabalhista do Estado de São Paulo.

a montagem do problema, não precisava fazer conta, equacionou, pra mim estava resolvido. Porque aprender, mais pra frente, que dezoito dividido por seis dá três ele aprenderia mesmo...

Com relação a como os professores se preparavam para as aulas, eu não sei... Acho que a minha preparação é um pouco diferente... eu nunca fui muito de pegar material pra levar pras aulas de matemática, eu procurava puxar realmente no raciocínio do aluno. Eu me preparava pra aula no sentido de como eu conseguiria passar aquela realidade para o aluno; como eu conseguiria explicar por exemplo, um determinado problema pra ele, eu sempre vi... por exemplo, falando de equação... você passa pro lado direito muda o sinal, você passa pro lado de cá... eu não gosto disso... eu costumava ensinar pelo... o que realmente acontece quando você pega um termo de um lado que está multiplicando de um lado e você passa pro outro dividindo. Na verdade quando você retira do lado esquerdo, por exemplo, o que estava multiplicando, você dividiu... se dividiu aqui; divide lá. Então, o que é uma equação? Pra nós, especificamente, pra nossa linguagem? É uma balança. E o sinal de igual é o fiel. Ela é uma balança; o que se faz de um lado, faz-se do outro lado... E na verdade a matemática na minha visão é o seguinte: escrever uma coisa, de forma diferente, ou seja, a matemática...

Acho que os alunos eram avaliados naquela época, como são hoje. Através da nota mesmo. Infelizmente ou... Felizmente, mas era a nota. Eram provas e atribuição de notas. Você nem via uma outra maneira de fazer isto... Prova escrita. E na época, eu tinha um certo atrito com a direção da escola, porque a freira... se o aluno estivesse com dificuldade de nota ela exigia que se desse trabalho para suprir a nota, e eu não dava... não dava... nem dei prova em equipe também, não sei se estou certo ou se estou errado. Sou honesto... Eu acho que a abstração é uma coisa tão pessoal e tão particular... Que você não vai abstrair em meia dúzia, em três ou quatro, ou em dois...

Ah! Era muito difícil se manter atualizado acerca do que acontecia no resto do país em relação a educação. Eu acho que essa atualização, ela não era muito adequada... não era nada adequada. Sinop não tinha televisão. Se pegava rádio de ondas curtas. O material... não existia nenhuma livraria. A nível de material didático, era o que nós recebíamos de Cuiabá, da Secretária de Educação, e nada mais. Eu particularmente, gostava na época de um autor chamado Scipionne de Pierro Neto, posteriormente passei para outros autores, mas o material era insuficiente, era muito difícil... era muito difícil conseguir material...

É possível uma comparação, daqueles primeiros anos, com o momento atual. Agora, difícil é mensurar isso... comparar Sinop de 1973 com Sinop de 2001, acho que é uma cidade perfeitamente integrada na modernidade. Com todos os recursos de que as grandes cidades têm. Até a nível de ensino, agora com a chegada das universidades, das faculdades... É... o mundo da informática, globalizou todo mundo, a internet tá aí pra isso... Sinop tem acesso a tudo isso... Agora em 1973, 1974, até 1978, o isolamento era total... era total... era um outro mundo. Eu lembro que as margens da rodovia⁸⁵, em 1974, a gente estava contando os veículos, passavam de 3 a 4 veículos, por dia, na BR 163. Aquele momento da vida de Sinop, eu acho que era o momento da desesperança. As pessoas que iam lá compravam os seus lotes e permaneciam; permaneciam porque não conseguiam vendê-los, para poder voltar. Era a tônica de todo mundo que estava lá; querer vender o que tinha para ir embora. E os que conseguiram vender se arrependiam amargamente... Quem não conseguiu, acabou ficando, não por vontade, mas por opção, para não perder o que lá colocou de dinheiro, de capital, acabou ficando, e acabou... terminou por... por se dar bem. Mas havia uma desesperança muito grande, aí de vez em quando; quando a coisa estava muito brava, vinha o colonizador⁸⁶, dava uma injeção de ânimo. “Não, vocês se acalmem, que daqui uns tempos vai vir... que mês que vem eu vou trazer ministro, vou trazer presidente da república...” Então lá se torcia pra tudo: torcia pra chegar uma televisão; torcia pra ter água encanada; torcia pra ter energia; torcia pra ter a ponte do Teles Pires; torcia pra um dia ter asfalto; torcia pra vir mais uma serraria, pra dar emprego; torcia pra descobrir uma variedade de semente que produzisse, é... torcia é... enfim, torcia mais que corintiano⁸⁷. O povo de Sinop torcia mais que corintiano realmente. E vivia-se de novas injeções psicológicas, o povo precisava ser constantemente alimentado por uma nova idéia que viesse salvá-los de uma situação difícil. Então, comparar Sinop de 1974, com Sinop de 2001, é uma coisa complicada... Porque se você olhar nas avenidas de Sinop hoje você só lembra mesmo do... se você voltar no tempo, você lembra daqueles atoleiros terríveis, onde carros quase que sumiam dentro das crateras. Ninguém acreditava que lá se pudesse construir, a conversa é que lá afundava tudo. Curiosamente, aonde foi a primeira edificação, um hotel chamado Hotel do Joaquim, por volta de 1973, por aí, hoje tem o edifício mais alto de Sinop, que é o edifício lá... que tem 12 andares, 48 apartamentos, e tal... e ali também nasceu o primeiro... eu cheguei em Sinop, quando fui pra lá

⁸⁵ Rodovia Cuiabá-Santarém, BR-163

⁸⁶ Enio Pipino

pra comprar terra, nós chegamos lá, eu e meu pai, na avenida Júlio Campos, antigamente era avenida dos Mognos, por sinal muito melhor. E eu tenho... faço aqui o mea culpa, porque também fui culpado de mudar esse nome, porque como vereador acabei contribuindo nesta votação que mudou o nome... Bom, nós chegamos então, nesta avenida dos Mognos, e eu e meu pai subimos em uma árvore, já derrubada, e olhamos pra aquela avenida abaixo e eu lembro que fiz um comentário com ele: “Pai e se a gente pegar aqui uns dez terrenos, daqui pra baixo, sentido da BR pra baixo, e construir barracos aqui e tal, pra que um dia isso valorize”. E ele me respondeu: “E se nós formos os únicos que iremos fazer isto. Aonde vai o nosso capital?” Aí realmente dava medo. Sinop viveu sempre com a esperança e a desesperança. Sempre. As pessoas diziam: “Mas e quando a madeira terminar, o quê que vai acontecer?” “Vai acabar”. “Não vai”. Uns: “Vai acabar”. Outros: “Não vai”. Os que acreditaram, hoje estão muito bem. Os que não acreditaram, e venderam, perderam uma oportunidade de fazer fortuna em Sinop. Os que não acreditaram, e não conseguiram vender, também acabaram se dando bem. Então, curiosamente, era uma cidade de muita esperança e de muita desesperança, que vivia de momentos de injeção de ânimo do colonizador, de autoridades que lá vinham, prometiam e iam embora; as coisas não aconteciam rapidamente e a desesperança voltava, mas era muito... Sempre foi muito dinâmica Sinop... Muito dinâmica. É uma realidade diferente do que se vê por aí. As pessoas trabalhavam, com esperança ou com desesperança, mas todo mundo trabalhava, e muito intensamente. E acho que esse é um ponto que deve fazer um paralelo da Sinop de 1974 pra Sinop de 2001. Porque lá (quando falo lá, é porque estou falando de Cuiabá) em Sinop, o que você nota, ainda é um fervilhamento dentro da cidade, as pessoas pensam em trabalhar e trabalham muito. Se levanta cedo, se dá um duro o dia todo, e se constrói, e se edifica, e se mexe com madeira, e se planta, e se cuida do gado, e etc e tal. E se faz prestação de serviço fortíssima como tem hoje. Esse marco identificador eu diria que é o trabalho. É o trabalho. Sinop realmente é uma cidade onde se trabalha muito... Eu destacaria esse ponto em comum.

A impressão que se tem é que as coisas aconteceram muito rápido em Sinop. Porém não foi tão rápido assim... Bom, a questão de rápida ou não rápida, uma questão de tempo sempre é relativa. Pra quem está hoje, de fora, em 2001, olhando foi rápido. Pra quem vivia lá, com as dificuldades... Um mês, um semestre, um ano, dois anos, três anos, quatro anos, era

⁸⁷ Torcedores do Corinthians Futebol Clube

uma eternidade. Eu me lembro quando montei a serraria, eu comprei um motor velho pra tocar a serraria, o colonizador disse assim: “Não compre um motor novo porque o linhão⁸⁸ chega em três ou quatro meses”. Isso demorou, acho, vinte e cinco anos. E o meu motorzinho foi embora um milhão de vezes e... Eu acreditando realmente que este linhão chegaria rapidamente, então não precisaria comprar motor novo. Pra quê que eu vou investir num motor gerador caríssimo, e eu jovem, vinte e dois, vinte e três anos, falei: “vou comprar um motor velho, que ele vai precisar só de uns seis meses, porque vai chegar o linhão...” Então, a mentira também campia muito forte...

Iludia-se muito... muito... muito... E uma coisa que se percebe, é que cidade pequena, muito pequena, eu aprendi isso, não sei se estou certo, não pode ir com dinheiro. Você não pode ir com muito dinheiro. Porque eu cheguei lá com dinheiro em 1973, e as pessoas me procuravam pra fazer negócio. E eu sempre voltava o dinheiro. Trocava uma coisa por outra, mais valiosa, ainda que fosse, e às vezes até bem mais valiosa, mas tinha que voltar. E quando eu me dei conta, eu não tinha mais nada. Tinha um monte de coisa, um monte relativamente... Mas não tinha mais nenhum dinheiro em espécie. E em cidade nascente, em cidade pequena, você não pode absolutamente ficar sem dinheiro, porque ali se morria mesmo, se não tivesse dinheiro. E como se morre hoje. Se uma pessoa não tiver dinheiro ela vai até o INSS⁸⁹ e morre na fila. Porque nós não temos governo nesta área, nunca tivemos, e não vamos ter nunca, neste país... Então, o quê que acontece? Uma cidade onde a tônica era ganhar dinheiro, onde as pessoas seguravam muito o que tinham, porque já viam que perde fácil, então eu percebi rapidamente que eu fiquei sem dinheiro muito depressa, as pessoas tomaram meu dinheiro, fazendo negócio, ou voltando o que tinha, porque só eu tinha dinheiro para comprar. Aí quando eu tentei vender aquilo que eu havia adquirido ninguém tinha dinheiro para me comprar. Então o sofrimento foi muito grande. Eu acho que cidade nova, ao contrário do que se prega: “as pessoas novas devem ir para as cidades novas, nascendo”, eu acho que não, é muita judiação, é judiaria demais, sofrimento... Devem ir para esses lugares novos, pessoas maduras, que não são facilmente ludibriáveis... Se eu tivesse na época, a experiência que tenho hoje, seria muito diferente... mas valeu a pena, acho, minha passagem por Sinop. Não

⁸⁸ Em dezembro de 1994 Sinop foi interligada ao sistema nacional de energia elétrica. A linha foi reforçada em outubro de 1996, acabando de vez com o problema de energia. Gerada a óleo diesel desde 1978, quando foram implantados os primeiros grupos geradores na cidade, a energia elétrica até então não oferecia qualidade nem quantidade suficiente para atender à demanda. (Potencial Sinop 25 Anos: Uma trajetória de sucesso, 1999, p.18)

⁸⁹ Instituto Nacional de Seguridade Social

me arrependo absolutamente de nada. Às vezes tenho assim um resquício de arrependimento do que deixei de fazer. Das oportunidades que passaram por mim, e que... Me lembro muito uma vez eu tinha uma veraneio e fui até... pra cá um pouco do Teles Pires, em direção a... próximo de Sorriso⁹⁰, não existia Sorriso; fui eu finado Lindolfo⁹¹, finado Xingu⁹², e um tal de João Santarém. Eles foram no meu carro, cada um deles pegaram 2400 alqueires, à margem da rodovia Cuiabá-Santarém, próximo a margem do Teles Pires. Precisava somente que um trator de esteira fizesse a divisa, e a terra era da pessoa. E eu não tinha sequer, o dinheiro para pagar um tratorista para fazer isso... A bem da verdade achava também que não era importante ter ali 2400 alqueires... Seis, sete mil hectares, pra que aquilo? Se era um deserto imenso, se não passava ninguém, se não existia ninguém, o quê que eu vou fazer com uma terra dessa? Nessas barbas de bode, esse capinzinho vagabundo aí. Então você imagina que... Os outros que tinham a idade que eu tenho hoje... todos eles pegaram seis, sete mil hectares, que o INCRA⁹³ acabou intitulado; então hoje os herdeiros dessas pessoas tem suas terras devidamente documentadas, e eu que fui, que os levei, com 23 anos, com 22 anos, achava que aquilo não tinha nenhum significado, e porque que eu queria uma terra daquele jeito? Que não valia nada. Que era só pegar. Quando eu quiser, eu pego. Mas não deu tempo. Os outros pegaram tudo primeiro.

O Ermes Lando foi uma figura marcante no início de Sinop, depois eu acho que ele vendeu pra um tal de Günter⁹⁴ a serraria dele... e no início só tinha ele mesmo, às margens de um riozinho, lá perto da Agroquímica⁹⁵... ele acabou serrando a madeira pra que eu montasse a minha, depois eu acabei serrando pra Madenorte⁹⁶ montar, pra Mafasa⁹⁷, pra todas aquelas empresas grandes, que estão lá até hoje... Enfim, acho que foi uma luta... a vida é assim mesmo...

⁹⁰ Município distante 80 quilômetros de Sinop. Em 1977, a Colonizadora Feliz, fundou o povoado de Sorriso. Tornou-se distrito em 26 de dezembro de 1980, pela Lei nº 4278 com território jurisdicionado ao Município de Nobres. A Lei nº 5002 de 13 de maio de 1986, criou o município.

⁹¹ Lindolfo José Trierweiller

⁹² Uilibaldo V. Gobbo

⁹³ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁹⁴ Guinter Neideck

⁹⁵ SINOP – Agro-química, indústria destinada à produção de álcool anidro. Aproveitamento da mandioca como matéria prima para a fabricação do álcool. Recebeu vultuosa concessão do governo federal, através da SUDAM, para sua implantação. Porém, desde 1994, encontra-se fechada. (Souza, 2001, p. 132)

⁹⁶ Madenorte Ltda – indústria madeireira

⁹⁷ Madeireira Safira Ltda – indústria madeireira

Agradeço a oportunidade que está me dando de explicar alguma coisa de Sinop, talvez desmistificar alguma coisa que se tem mistificado lá... Mas não há aqui nenhum ressentimento, quanto aos colonizadores. Que já faleceram. Mesmo que não tivessem. Existem muitos méritos da parte deles, inegavelmente. Desbravadores, e tal. Mas uma coisa preciso registrar aqui, e dizer que o mérito de Sinop, o grande mérito de Sinop, não é do colonizador, posso até criar uma aresta com isso, mas não é, absolutamente não é do colonizador, o mérito é do povo que foi lá, que enfrentou toda sorte de dificuldades, com esperança, como eu já falei, e transformou aquela região inóspita, numa cidade de progresso. Esse é o mérito; mérito dos colonizadores, o mérito do povo que vive lá... o trabalho é a tônica muito forte... Mas se pergunta também se uma cidade depois que evolui, naquele conceito de evolução, que nós temos, de crescer e ter prédios bonitos, ter boas casas, asfalto, e tal e tal... Depois que ela atinge esse estado será que a evolução social acompanhou? É a grande questão... Uma coisa é o... ciclo de Cuiabá: com a chegada dos migrantes, de todo o país, de todas as partes do país para Cuiabá; Cuiabá cresceu, se transformou. Aconteceu mais ou menos em Cuiabá, o que aconteceu com Sinop, mas aí me faço sempre esta pergunta: “Será que para os que aqui estavam a vida melhorou? Será que para os cuiabanos que aqui residiam, no centro da cidade, que tinha o rio piscoso, que dormiam com janelas e portas abertas, com toda a tranqüilidade, será que para eles a vida melhorou?” Eu tenho certeza que não. Ela piorou, e muito. Então a evolução é uma coisa sempre a ser pensada. Até que ponto as pessoas vivem melhor com o desenvolvimento tido... somente físico, material, se esse desenvolvimento não for social, se não for distribuída essa riqueza? E Sinop não tem isso. Sinop tem uma altíssima concentração de renda, na mão de pessoas que vieram pra trabalhar; trabalharam, enriqueceram... Essa é a tônica de Sinop, mas o partilhamento, a distribuição dessa riqueza, não existe, como não existe em lugar nenhum do país... não existe em lugar nenhum do país... Uma política nefasta do governo federal, que não vê esse lado. Que prioriza o capital. O individualismo. Que quem não conseguiu bens materiais, que se dane. Parece não ser preocupação do governo. Não é com ele. Ele não está aí pra gerir e pra frear, essa economia. Então eu me pergunto sempre se o desenvolver de uma cidade; crescimento físico, arquitetônico, tudo... representa também a melhoria na qualidade de vida das pessoas... é um ponto a ser questionado.

4.4 MARIA VILMA BRUM

Meu nome é Maria Vilma Brum, nós chegamos aqui, em Sinop, em 1973, dia 14 de junho de 1973. Nós viemos: os quatro filhos, eu e meu marido; de Bela Vista, que pertencia ao município de Marechal Candido Rondon, no Paraná. Viemos pra ver, por que aqui era muito falado lá no Paraná. Já tinha gente que falava muito daqui; que aqui era um lugar bom de morar... e era bom mesmo, porque aqui era um lugar saudável, não tem poluição... não tinha, hoje deve ter um pouco... E era um lugar muito saudável pras crianças... pra todo mundo... Foi por isso que nós viemos: mudar de vida, mesmo... Melhorar de vida...

Logo que nós chegamos, fomos morar na chácara e plantamos café. Depois nós vendemos a chácara, daí nós viemos pra cidade de novo, daí montamos a serraria... depois vendemos a serraria, e voltamos pra cidade de novo...

Quando nós chegamos, na cidade não tinha nada. Naquele tempo tinha... Quando nós chegamos aqui, morava o Osmar Jordam, que tinha serraria. Quando nós viemos aqui morar, nós fomos morar na serraria dele. Porque não tinha casa, não tinha nada, nós não trouxemos nem mudança... Nós viemos com uma... Viemos com uma Combi, com vendedores, esses... corretores de vendas, né? Eles vendiam terras daqui de Sinop, lá no Paraná. O Arlindo Loids, que é meu cumpadre, padrinho do Laércio, era um corretor. Daí nós viemos com eles. Chegamos aqui e ficamos uns três dias no hotel. Daí fomos lá pra aquela serraria do Osmar... Osmar Jordam. Moramos uns meses lá, até que nós arrumamos a chácara. Aí fomos morar na chácara...

Eu quase morri quando cheguei aqui. Porque não queria ficar... eu não queria ficar aqui porque esta terra era... O tempo que nem agora em junho... Era em junho que nós viemos... Mas era uma seca... E a gente não estava acostumado com esta terra branca... As crianças iam pra fora, e pareciam que estavam sempre sujas de cinza... nós estávamos acostumados com a terra vermelha do Paraná... eu queria voltar... Mas, agora, se eu vou pro Paraná, eu não me acostumaria mais lá... eu gosto daqui, gosto muito mesmo... só que a gente

naquele tempo... Tinha minhas crianças pequenas, era mais fácil... era muito mais fácil... Porque o pessoal era tudo amigo... tudo amigo... quando a gente saía, era aquela alegria quando encontrava... Hoje a gente passa por pessoas conhecidas e eles fazem que nem conhecem a gente... Naquele tempo não... era muito mais gostoso... Quando eu estava doente; eu fiquei doente. Não tinha... tinha só uma farmácia aqui, que era a farmácia do Paulinho⁹⁸. Então, não tinha onde se tratar, eu tive que ir pra Cuiabá. Fui pra Cuiabá... Nós morávamos na chácara, meus filhos ficaram com a Dona Geraldina⁹⁹... Só que nós... Era uns dez meses que nós morávamos na chácara; morava a Pupi¹⁰⁰ do Guinter, e o Guinter¹⁰¹. E as crianças eram pra ficar lá na Norma. Quando nós viemos, quem nos iludiu pra vir pra cá, foi o Guinter e a Norma. Eles tinham vindo ver, mas não estavam morando aqui; depois que nós viemos, eles também vieram... Então, era pras crianças ficarem lá nela... mas depois eles quiseram ficar lá na dona Geraldina, não sei se você conhece, é a vó do Nildo, vó ou mãe, não sei... do Leonildo Severo, ela é avó... Daí eles ficaram lá... Eu fiquei catorze dias em Cuiabá, internada; aqui não tinha hospital, não tinha nada... A gente sofria muito naquele tempo... Depois abriu o primeiro hospital; foi o Hospital Celeste¹⁰². E já veio o Dr. Adenir¹⁰³, e o Dr. Israel¹⁰⁴... o primeiro mesmo, era naquele postinho perto da casa das irmãs... que era o Dr. Orestes¹⁰⁵, ele era um médico, assim, pra atender o povo todo, como se fosse um posto... Depois veio o Hospital Perpétuo Socorro, que foi o segundo... Também acho que foi só...

Naquele tempo, comida não tinha... Quando nós chegamos aqui, que faltava chuva, quando chovia muito, não vinha... então vinha um búfalo¹⁰⁶ trazer... Quando tinha só o gauchinho¹⁰⁷, que é Jorge... não me lembro do sobrenome dele, ele tinha um armazenzinho... e quando não tinha ali, nós íamos fazer compra na Vera¹⁰⁸. Carne fresca a gente não tinha nunca, porque boi eles não matavam; boi não matava aqui, porque tinha pouca gente... Ninguém matava um boi pra... Não tinha geladeira, não tinha energia, não tinha nada... Então,

⁹⁸ Paulinho da Farmácia

⁹⁹ Geraldina

¹⁰⁰ Norma Neideck

¹⁰¹ Guinter Neideck

¹⁰² Hospital e Maternidade Celeste

¹⁰³ Adenir Alves Barbosa

¹⁰⁴ Israel Mendonça de Oliveira

¹⁰⁵ Orestes

¹⁰⁶ Avião da FAB – Força Área Brasileira.

¹⁰⁷ Jorge....

¹⁰⁸ Distante 60 quilômetros de Sinop, foi a primeira cidade a ser fundada pela empresa Colonizadora Sinop S/A, no Mato Grosso.

carne, a gente comia carne seca; carne seca, muito peixe. Era uma abundância de peixe... que era coisa mais linda de vê... Tinha os pescadores que traziam nas casas, peixe grande...e quando precisava vinha o búfalo e trazia todas as coisas... depois...

A primeira igreja¹⁰⁹ era só uma parede... Mas quando eles inauguraram (a cidade), já tinha aquela igreja... Porque quando nós chegamos rezava as missas, as coisas... era lá nos Pissinatti¹¹⁰... aonde que é agora... acho que mora só a Kika¹¹¹... onde que é mais ou menos? A Kika e a Geralda¹¹²... onde é mais ou menos? Eu não sei mais porque encheram tanto de casa, que estes dias eu perguntei onde é que fica os Pissinatti, ali? Ele falou eu não sei... Ali do lado onde era o Açúcar Itamarati... Eles tinham uma descascadora de arroz... Era na casa deles que se rezava a missa. O padre vinha da Vera, o Padre Antônio¹¹³, que era o Padre da Vera... vinha uma vez por mês e rezava a missa ali... Daí quando fizeram a igreja... já fizeram aquela igreja... tipo uma estrela encima, aberta... tipo um guarda chuva, mas quando chovia... molhava tudo... só tinha uma parede de um lado... atrás... limpei muito aquela igreja... quando chovia então, a enxurrada vinha e trazia tudo dentro da igreja... Porque era baixinho. Mas era linda aquela igreja...

Bem no início não tinha escola... Depois fizeram uma escola ali naquela rua... ali perto do... onde nós morávamos, perto da casa da dona Edi¹¹⁴... uma casa cor de rosa, de madeira, bem simples... Tinha uma sala só, era um salão aberto... só que as minhas crianças não estudaram naquela sala... porque quando eles inauguraram a cidade, em 74, já tinha a escola... um pedaço da escola Nilza... então, nós morávamos lá na chácara e as crianças não vinham... Estudavam ali aqueles que moravam na cidade... então quando inaugurou a cidade, já era a escola Nilza... daí a escola Nilza já tinha duas salinhas... depois eles foram fazendo aquela... meia lua... depois fizeram tudo aquilo...

A primeira professora aqui foi a Terezinha Pissinatti¹¹⁵... e a Lucinha¹¹⁶ já era na escola Nilza¹¹⁷... que era uma escola que pertencia pra Vera... de madeira, bem simples...

¹⁰⁹ Igreja Santo Antônio

¹¹⁰ A família Pissinatti, foi uma das primeiras famílias a fixarem residência em Sinop.

¹¹¹ Kika

¹¹² Geralda Pissinatti

¹¹³ Padre Antonio

¹¹⁴ Dna Edi

¹¹⁵ Terezinha Vandresen Pissinatti Guerra

Aquela primeira sala era da firma... da Colonizadora¹¹⁸... a Colonizadora que fez aquela... casa... depois ficou como casa de empregados... depois que eles mudaram dali... e quando eles já construíram pra inauguração da cidade, já tinha igreja.

Nesta época os pais participavam da escola. Eu participava muito... eram reuniões... naquele tempo a gente quase não... pra limpar, muitas vezes... porque tinha pouca gente... limpar a igreja era tudo o pessoal que limpava... limpar a casa das irmãs... nós ajudávamos, nós fazíamos... o povo era... pouca gente mas era... falava assim: hoje vamos fazer aquilo... se combinava de fazer uma coisa e a gente ia... E hoje... a escola também tinha... a escola Nilza já tinha merendeira, mas quando não tinha éramos nós que fazíamos... As mães que iam ajudar... a irmã Oda¹¹⁹ que era muito prestativa, ela trabalhava muito, ajudava... e ela que organizava mais as coisas, e ela sabia chamar as pessoas, e ela agradava todo mundo e todo mundo gostava dela, com uma pessoa assim é fácil de trabalhar...

Os professores, naquela época, eram bons, eu acho... porque era a Lucinha, que foi uma das primeiras... Quem que eram as primeiras?... a irmã Oda, a irmã Lídia¹²⁰, a irmã Edita¹²¹, também... das mais velhas acho que é a Lucinha... a Terezinha¹²² do Reinaldo... da farmácia, lá... as merendeiras era a dona Alaíde¹²³ e a dona Lurdes¹²⁴, tão até hoje, e a dona Adélia¹²⁵... que eu me lembre... tem muita gente que eu nem me lembro...

4.5 REINALDO DOMINGOS MODANESE

Meu nome é Reinaldo Domingos Modanese. Mudei-me para Sinop, pois, meus cunhados vieram antes. Nós estávamos trabalhando lá no sul e eles mandando carta pra nós lá... cartas e cartas... daí eu vim... Primeiro eu vim fazer a casa do sogro. Ficamos quinze dias.

¹¹⁶ Maria Lúcia de Araújo Braz

¹¹⁷ Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino

¹¹⁸ Colonizadora Sinop S/A, empresa responsável pela colonização de Sinop.

¹¹⁹ Irmã Oda

¹²⁰ Irmã Lídia

¹²¹ Irmã Edita

¹²² Terezinha do Reinaldo

¹²³ Alaíde

¹²⁴ Lurdes

¹²⁵ Adélia

Mais ou menos, quinze dias. Nas ruas tinha racho, de uns três centímetros, mais seco do que agora... Vi que não dava nada, cheguei de volta e falei pro falecido sogro; e aí ele teimou: “não, porque aqui ia dá trigo; porque a terra era bastante cipó, e tal e coisa...” foi teimando, aí vieram pra cá de muda... Primeiro veio o sogro, depois vieram os cunhados. Eles montaram a fita¹²⁶ aqui, mas não sabiam mexer com trator, nem com fita, com nada... e eu trabalhava numa fita lá no sul... trabalhava... trabalhava como motorista... tratorista... Eles tanto insistiram, que nós vendemos tudo que tínhamos lá e partimos pra cá... Mas rapaz, seis meses, eu estava pronto pra voltar... Todo dia levantava: “mulher, vamos embora... embora”, ainda vai!... Daí os cunhados acabaram de montar a fita. Comecei a trabalhar com o caminhão deles, no mato; arrastava as toras com o caminhão, carregava na catraca. Sabe o que é catraca? Meu Deus, eu e um tal de Lunardo¹²⁷ ... Aí ele também não sabia derrubar pau com motoserra... Eu ensinei ele. Daí ele que apareceu por último, estava limpando umas catânas de uma árvore que se chama: Angelim¹²⁸. Ele num lado, com o machado, e eu do outro com a motoserra e ta... o dedo... dedinho dele. Mandeí ele embora, ele veio e mostrou pro médico... tinha cortado até o osso... E aí vai trabalhar... Começou a chuva, quem que diz de entrar dentro do mato de novo... Caminhão encalhava por tudo quanto era lado... Aí chegou o trator pra eles. Eles tinham encomendado um trator com guincho. Ali na rodoviária velha, sabe onde é que era? Eles vinham pegar nós lá na fita... que dá... dali do centro até lá, dá 10 (dez) quilômetros, porque era o único trator que tinha, pra tirar os caminhões encalhados das ruas... Na avenida Júlio Campos... Não foi fácil, não... O negócio foi bem...

Mercadoria vinha só de búfalo¹²⁹, não vinha por terra. O combustível vinha pelo Rio Arinos¹³⁰. A estrada aqui de... a BR 163¹³¹, que vai pro Porto dos Gaúchos¹³²... vinha de lá pra cá. A estrada estava boa. Vinha de barco e daí era transportado por tambor de 200 litros. E a

¹²⁶ Termo usado na região de Sinop para designar uma serraria que possui uma serra de fita. Serra a madeira através de um metal fino, pode cortar nos dois sentidos: vertical e horizontal. Gasta menos madeira, devido ao metal mais fino da serra. Produz em torno de 24 a 25 metros cúbicos de madeira ao dia, utilizando em média 20 pessoas para o trabalho.

¹²⁷ Lunardo

¹²⁸ Árvore da região, de classificação botânica: *Hymenolobium spp.* – *Leguminosae Papilionoideae*. Características: Carne marrom-amarelado claro, distinto de alborno marrom-pálido. Aspecto fibroso acentuado na face tangencial, devido ao destaque do parênquima axial, das fibras e das linhas vasculares. Grã reversa, textura grossa, brilho ausente e cheiro imperceptível. Usos: construção civil, móveis e outros.

¹²⁹ Avião da FAB – Força Aérea Brasileira

¹³⁰ Rio Arinos

¹³¹ BR 163 – Rodovia Cuiabá-Santarém

¹³² Município da região norte mato-grossense, foi fundado pela Colonizadora Noroeste Matogrossense S/A – CONOMALI, em 3 de maio de 1955. Foi criado o município pela Lei nº 1945, de 11 de novembro de 1963.

comida então, vinha o búfalo... naquele tempo era a COBAL¹³³, né? Mas ali era só graúdo que ia lá. Era o falecido Xingu¹³⁴, o Machado¹³⁵ e outros aí que tinha barzinho assim... E nós, por exemplo, pobres; nós tínhamos direito de uma lata de azeite, um quilo de farinha de trigo, um quilo de feijão, um macarrão, tudo um quilo... Dava mais ou menos uns doze quilos, que podia levar; mais nada. Independente do tamanho da família... Eles te pediam: quem tu era? Quem era teus filhos? Fazia um tipo de cadastro, pra você não mandar um filho logo depois, ou a mulher, pra pegar mais. Mas, cada dia eu chegava em casa e os filhos pediam: “pai, eu quero pão”. Mas não tinha farinha pra fazer. Aí eu fui no falecido Xingu, um dia de manhã, eu falei: “Xingu”, digo: “escuta, você pega toda a farinha que vem de lá, e deixa os coitados miseráveis passar fome. Eu não é tanto, pior é as crianças, né?” Aí ele falou: “gringo vem cá. Na hora que você quer farinha, pode vir aqui que eu te cedo” Aí então ele me arrumou uns cinco quilos. Cigarro? Tinha que roubar nos bares. Quando chegava cigarro? Era tipo um enxame de moscas, de abelhas...sei lá. Pra você conseguir o cigarro, senão, de jeito nenhum... Aí eu comprava um pacote sempre. Erva pro chimarrão? Só se pegava esse mato aí e fazia erva... Não vinha de jeito nenhum... Carne fresca? Só aquelas charque, como é que se diz, carne de sol, preto de mosca, de varejo... Quem que comia? Então nós íamos no mato; matava uma paquinha, um tatu...Nesta época tinha muitos animais. A caça era abundante. Nós íamos pescar... pegava um peixe. Mas eu sei que não foi fácil...

Quando nós chegamos, eles começaram a destocar; destocaram quinze alqueires de terra, meus dois cunhados. Plantaram o primeiro ano arroz, deu bem. Daí resolveram plantar mandioca, por intermédio da Agroquímica¹³⁶, meu Deus do céu... Ela estava com uns quinze centímetros, vinha a formiga torava no pé, botava nas costas, e levava ela... é verdade! Ah, daí então, foi calcáriada a terra e plantaram novamente a mandioca; daí deu bem a mandioca... Dava bem, mas dava muito serviço, não lucrava nada. Tinha que botar pessoal pra trabalhar, e na época um roubava peão do outro, porque não tinha gente pra trabalhar. Daí resolveram passar o calcário, e começaram a plantar milho, plantar soja... Aí o negócio foi, mas plantavam, e tocavam a serraria, daí venderam a serraria, pra mexer com o sítio...

¹³³ Companhia Brasileira de Alimentos

¹³⁴ Uilibaldo Vieira Gobbo

¹³⁵ Supermercado Machado

¹³⁶ SINOP – Agro-Química, indústria destinada à produção de álcool anidro. Aproveitamento da mandioca como matéria prima. Recebeu vultuosa concessão do governo federal através da SUDAM, para sua implantação. Porém, desde 1994, encontra-se fechada. (Souza, 2001, p. 132)

O valor que a Agroquímica pagava pela mandioca, não dava pra pagar o custeio que saía do banco, não dava... Você ia pagar o empregado pra arrancar a mandioca, carregar ela, e o frete... Chegava lá era nada por nada... Quanta gente, quanto agricultor, aqui, que abandonou as terras e foi embora. Foram muitos. Ainda hoje existe terra abandonada aqui, que o proprietário não está mais aí, voltou pro sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... Mas, depois veio com o negócio de fazer análise da terra, porque aqui a terra tem muita acidez, muita acidez... então tem que calcárial... e a cinco ou seis toneladas por alqueire... O calcário era difícil, vinha de Nobres¹³⁷, mas na época da chuva não vinha, porque no tempo do... como é que é... 9º BEC¹³⁸, que abriu a BR 163 aqui, era estrada de chão; no tempo da chuva não vinha calcário. Dava uma chuva, trancava tudo... Tinha a polícia aqui em cima, o terceiro pelotão, trancava... e lá... pra cá de Jangada¹³⁹; até Jangada tinha asfalto, de Jangada pra cá não passava mais ninguém... Não permitiam a passagem, pois não queriam que deixasse estragar a estrada. Mas não adiantou, tiveram que liberar... Eu vim de Cuiabá com um caminhão... levei oito dias, pra vir de Cuiabá com caminhão, gente!...Toco, ainda... Tá certo que estava carregado, mas levei oito dias pra vir... Ônibus? Demorava dois dias, três dias... Era fila de caminhão; de quarenta, cinqüenta, caminhões encalhados na BR 163. Hoje ela está asfaltada, naquele tempo era estrada de chão... Era desvio daqui... Tu ias pelo desvio, encalhava... Aí o outro vinha, te puxava. A roupa da gente era a mesma coisa que você se pinchar dentro de uma poça de lama... mesma coisa... Não tinha outra solução. Como é que tu vai engatar um caminhão, dentro de um buraco fundo, cheio de água... lama. Eu sei que foi terrível, se a gente lembrasse tudo mesmo... Eu fico até amanhã cedo contando coisas que aconteceram... Começou a melhorar mesmo depois que nós tivemos o asfalto, daí que a cidade começou a desenvolver... aos poucos. Mas vinha gente aqui, se assustava, porque eles iam ao interior, não tinha estrada, só via as terras, não viam produto nenhum; mandioca todo mundo não plantou mais, porque não dava... Mas Deus me perdoe, foi triste mesmo...Um dia

¹³⁷ Município distante 360 quilômetros de Sinop. Nobres teve seu desenvolvimento acentuado devido aos projetos de Colonização no Estado de Mato Grosso. Sua atividade industrial às margens da BR – 364, fortalece a economia municipal, pois é o maior produtor de calcário e cimento da região centro-oeste brasileira. O calcário nobrense passou a ser a base de correção de solo em terras mato-grossenses. O município localiza-se na região médio norte mato-grossense. (Ferreira, 1997, p. 445)

¹³⁸ Nono batalhão de Engenharia e Construção, responsável pela abertura da BR 163 - Rodovia Cuiabá-Santarém.

¹³⁹ Município distante 428 quilômetros de Sinop. Seu desenvolvimento deveu-se ao fato da região ser entroncamento rodoviário, com acesso a diferentes regiões do Estado, facilitando o fluxo migratório daqueles que vinham em busca de novos rumos. A Lei nº 209 de 2 de dezembro de 1945 criou o distrito de Jangada, e a

ali no sítio dos cunhados, fomos eu e um tal de Gripp, o sobrenome dele é Gripp, Danilo o nome dele; fomos carregar uma carga de toras no mato, eu vinha trazendo guinchado o caminhão pra frente e antes de nós chegarmos na estrada mestre, deu numa raiz, e tombou o caminhão. No molhado, na lama o chão não tem firmeza... Aí eu botei o trator no outro lado com o guincho e endireitei ele... endireitei com o guincho. Destombei o caminhão... O trator quase empinava... Pra trazer ele de volta... Mas eu trouxe o caminhão de volta... Daí chegamos na serraria, descarreguei... Mas não foi fácil... Deus me livre...

Quando eu cheguei tinha o quê... umas cinquenta casas... tinha três fitas, madeireira. Se não me falha a memória, tinha quatro pica-pau¹⁴⁰. A igreja Santo Antônio, era única, mas era um barracão velho, velho... não era velho, mas era um barracão... O primeiro padre de Sinop foi o Padre João¹⁴¹. Ele voltou agora, esta fazendo a catedral... Uma vez, vou contar uma história... quando chegou aquele trator dos cunhados, daí os padres: padre João e o padre Luiz¹⁴². Padre João era da igreja Santo Antonio e o Padre Luiz da São Camilo¹⁴³, mas a igreja São Camilo, estava em construção. Mas, aí eles pediram madeira... eles queriam madeira serrada e beneficiada... aí vieram lá... os únicos que tinham trator eram os cunhados. Meu cunhado falou: “oh, amanhã cedo você pega o trator e vai lá, pro lado de lá do Rio Preto¹⁴⁴, tem a chácara do Xingu, vai lá e arrasta as madeiras pra fora”. Digo: “mas eu sozinho”, “Não o padre vai junto”. “Qual é padre”. “Padre Luiz”. Rapaz... eu cortava as toras, e ele pegava e puxava o cabo; o cabo de 30 metros de comprimento e lá vai ele pro meio das tranqueiras, daqui a pouco dava num toco, ia lá trocava o cabo daquele lá. Um dia de manhã, eu não sei se o padre tinha tomado um copo de vinho, ou o quê... e não vinha tora, não ia... o trator encalhava e eu tirava na base do guincho, chovendo, aí ele disse assim: “tu, tu...” Ele também era italiano. “Tu, tu, que é italiano, tira uns quatro porcos, aí” diz ele, “pra ver se não melhora, espanta o demônio, ele deve estar por aí, em roda”. Digo: “Mas o padre que é padre vai dá uma lição de moral pra mim. Para padre, eu não vou blasfemar, não” “Não, tira o encosto” diz ele “xinga, xinga quem tu quiser”. “Eu não vou xingar. Vou xingar o satanás”. Pois

Lei nº 5051 de 11 de setembro de 1976 criou o município de Jangada. Município localizado na região Centro-sul de Mato Grosso. (Ferreira, 1997, p. 404)

¹⁴⁰ Termo utilizado para designar uma serraria que tenha engenho de serra pica pau. Somente corta na horizontal, usa uma lâmina mais grossa do que a serra fita. Produz em torno de dois metros cúbicos por dia. São necessárias somente duas pessoas para o seu funcionamento. Foi constituída especificamente para serrar madeiras duras.

¹⁴¹ Padre João Salarini, vigário da Paróquia Santo Antônio.

¹⁴² Padre Luiz....., vigário da Paróquia São Camilo.

¹⁴³ Igreja São Camilo

quando terminei de falar assim, rapaz o negócio só funcionou... mas ele encarvoadado, numa roça nova, recém queimada, e chovendo, ele ia passar o cabo por baixo, pra amarrar... os braços dele era puro carvão, o rosto... suava ele passava a mão... “rapaz, mas tá ficando preto”... “não, não, mas eu sou bronzeadinho”. Eu sei que arrastamos uma barbaridade de toras. Daí ele não achava de vender essas toras, “Gringo, tu vai vender essas toras pra mim”, digo: “Vamos lá no Tomelin, então”. Chegamos lá e: “Tomelin¹⁴⁵, o sr. quer comprar umas toras da igreja São Camilo” “Comprar não compro, eu vou serrar de graça pra eles, tem que trazer as toras aí ”. Vai arrumar caminhão aonde? Não tinha... e os cunhados com um caminhão toco. Daí comecei a puxar aquelas toras, umas duas viagens por semana, puxava... porque tinha que manter a fita deles... Mas sei que sofri tanto, mais que tatu nas pedras. Vou te falar que não foi fácil, a luta foi terrível...

Naquela época na igreja São Camilo eles rezavam a missa num barracão feito de garantã¹⁴⁶, tudo feito de garantã, coisa mais linda... tudo garantã, não sei se vocês conhecem. Bom, ela foi serrada... Mas ficou bonito, mas só que ela é uma madeira que não agüenta... E começaram a construir onde ela está agora, mas demorou tempo... Aí os caras ergueram e não sabiam fazer o pé, virou um rolo... A madeira do coberto, nós tínhamos dado tudo pra eles. Começaram fazer de madeira. Mas a madeira não agüenta, a tesoura é muito grande... Meus cunhados tinham dado toda a madeira... tudo madeira boa... Sei que puxei, toda aquela madeira beneficiada, que é da... Como é que era... já funcionava ali, eu acho... a UNEMAT¹⁴⁷... não, a UNEMAT não... Era a UFMT¹⁴⁸ que funcionava ali. Eu sei que logo pra cima, na mesma quadra da São Camilo. Aquela madeira toda plainada foi tudo nós que fizemos, não foi cobrado nada, era um seminário ali, tipo um seminário...

Na época, em que nós chegamos, a única escola que existia era a escola Nilza¹⁴⁹. Mas era bem pequeninha... A Nilza tinha o quê? Capacidade pra uns cem alunos, mais ou menos... Eu sei que era pequena... mas lecionava de manhã e a tarde. A noite não, porque não tinha luz.

¹⁴⁴ Rio Preto

¹⁴⁵ Gomercindo Tomelin proprietário da Madenorte Ltda

¹⁴⁶ “Árvore típica da Região, de classificação botânica *Esenbeckia leiocarpa*, da família das rutáceas. A origem da palavra é tupi: *gwa`rá* (*de yby`rá*) = madeira + *ã`tã* = duro, dura. Na verdade é conhecida essa madeira como muito resistente, a melhor para cabo de machado. A árvore apresenta protuberâncias de alto a baixo, formando como grossas e curtas asas”. (Ferreira, 1997, p.386)

¹⁴⁷ Universidade do Estado de Mato Grosso

¹⁴⁸ Universidade Federal do Mato Grosso

¹⁴⁹ Escola Estadual de 1º e 2º graus “Nilza de Oliveira Pipino”

Era motor e... cada um tinha o motor deles, aqui pra energia... aí logo depois que eu cheguei que botaram os motor, mas quando eu cheguei pra fazer a casa do sogro, não tinha, não... a rede assim, nada...

Na época não havia uma participação dos pais na vida escolar dos filhos, Os pais eram convidados pra reunião, os pais participavam da escola, das reuniões... eu só fui uma vez numa reunião, e não vou mais... mas em vez da professora explicar alguma coisa... Ia, por exemplo, que nem a mulher, ia só lá falar com a professora, ficava lá, não saía de lá, não dava uma orientação, não explicava se o filho era atencioso, ou obediente, ou malandro, ou não obedecia. Mas eu fiquei bravo, não vou mais, em vez de fazer umas perguntas assim, né? a gente, cada um levantar, fazer uma pergunta pra professora... que nada... daqui a pouco entrava outra professora e as duas professoras ficavam batendo papo, e nós lá, tipo mosca tonta... mas eu não vou mais... eu já falei... Elas queriam que a gente fosse ver o comportamento do... eu só chegava e pedia, aqui era só a Andréia, aí eu perguntei: “ como é o comportamento da Andréia”, “Não, excelente”, então “Obrigado e tchau”... bem assim...

Elas não falavam sobre as dificuldades, sei lá o que entre elas falavam lá... sei que a gente ficava sentados que nem bobos lá, né? E elas ficavam há uns seis metros de distância... é pe, pe, pe, é pe, pe... Agora só vou assinar o boletim e acabou. Eu falei que eu não vou mais, a não ser que é uma reunião lá na faculdade... ali eu sei que é bom de ir...tem alguma pergunta pra cada um, né? Pra cada um responder... Mas reunião... se o filho não obedece o professor ou a professora, que a professora manda um bilhete em casa, que daí o pai tem obrigação de ir lá e diz é assim, assim e assado... a conversa com o pai em particular... aí eu sei o que eu vou fazer...

4.6 MARISA LUCIA BRUM

Meu nome é Marisa Lucia Brum. Nós viemos morar em Sinop em 1973, quando eu tinha nove anos de idade. Quando nós chegamos aqui, tinha nove casas aqui dentro da cidade.

Daí tinha aquela comunidade, que nem eles falavam, que era ali dos... Pissinatti¹⁵⁰. Aí, tinha a família deles que morava, também aqui... fora eles; mais nove casas, aqui dentro da cidade... daí a gente mudou, fomos morar lá... dava, acho que, uns onze quilômetros, perto do rio Curupi¹⁵¹, que é um rio, numa serraria de seu Osmar Jordam...

Foi muito difícil a mudança do Paraná para Sinop. Minha mãe chorava que nem uma doida. Nós queríamos logo voltar... Mas foi difícil, porque aqui não tinha mercado. Meu pai ia fazer compra na Vera¹⁵², demorava de quinze a vinte dias pra eles irem... Íam com um jipe da colonizadora¹⁵³. Então, era difícil pra ir fazer compra... não era igual... nós tínhamos fatura lá no Paraná, não.

As coisas naquela época eram tudo mais difícil, do que agora. Pra ir no médico, tinha que ir pra Cuiabá. Ia e não sabia quando voltava. Por causa das estradas ruins... ou... Vera... era muito difícil Vera, porque também era pequenininha... Era bem diferente de agora... agora tem mais conforto, tem tudo. E o povo ainda reclama... naquela época, não... você queria um litro de leite... você ia buscar em Vera, e era leite em pó ainda... Você queria uma carne; era só carne seca... Não tinha, que nem agora, que tem mercado, tem tudo. Depois que veio, os mercados, aí foi melhorando... mas demorou...

Quando nós viemos, que o Osvaldo Paula veio e... tinha o Gauchinho¹⁵⁴, primeiro, que era ali onde hoje é aquele estacionamento do Machado¹⁵⁵, lá na primavera¹⁵⁶... agora nem existe... depois foi um cinema. Ali que era o mercado. Mas era mercado, que nem agora eles falam essas merceariuzinha, né? Então, não existia o que tem agora... uma bolacha, nós comíamos quando minha mãe ia pra Cuiabá, ou ia pra Vera... Nós não comíamos que nem agora... você vai no mercado e vê aqueles montes... nem tinha naqueles mercadinhos; eles compravam mais era arroz, feijão, óleo, açúcar; essas coisas assim, que mais o pessoal... essas coisas mais grosseiras, né? No mercado... agora não; agora você vê de tudo: frutas, verduras,

¹⁵⁰ Os Pissinatti foram uma das primeiras famílias a fixarem residência em Sinop. O chefe da família era o Sr. Olímpio João Pissinatti Guerra.

¹⁵¹ Rio Curupi

¹⁵² Primeira cidade fundada pela empresa Colonizadora Sinop S/A, no Estado de Mato grosso, já pertenceu ao município de Sinop

¹⁵³ Colonizadora Sinop S/A empresa responsável pela fundação das cidades de Sinop, Santa Carmem, Cláudia e Vera.

¹⁵⁴ Gauchinho

¹⁵⁵ Supermercados Machado - localizado na área central da cidade de Sinop.

¹⁵⁶ Rua das Primaveras

leite, você encontra em qualquer lugar... na época não tinha, não... Não adiantava eles trazerem, porque pouca gente, a população era pequena... então, não tinha... O leite era leite ninho¹⁵⁷, ainda traziam meia caixa, uma caixa, porque não se vendia... o povo, acho que segurava, só pro: arroz, feijão, carne seca, jabá... seco assim, ou aquele molhado, de pacote... aquilo chegava arrepiar a gente... e lá no Paraná a gente brigava pra não tomar leite...E aqui nós queríamos e não tinha... E a minha mãe fala até hoje...ela ponhava leite com café no copo, ou ponhava leite com chocolate, pra gente tomar... esperava ela sair e jogava fora... não queria, não... aqui, a gente queria e não tinha... O Laércio tinha quatro anos, coitado, era pequenininho... é, não era fácil, não...

Quando nós chegamos já tinha escola; que era o mesmo Nilza¹⁵⁸. Só que eram duas salas pequenas. E eram as irmãs¹⁵⁹ que cuidavam já... Colégio das freiras, que nem eles falavam... da irmã Edite¹⁶⁰, mas pertencia pra Vera. A escola, era a escola Nilza mesmo... parece que tinha o nome de uma santa, mas eu não me lembro... tem que ver lá no Nilza como é que era... Eu acho que era, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; que pertencia àquela escola. Foi fundada antes que essa...

Os professores, nessa época, eram... as irmãs... a professora Lucinha¹⁶¹... que ainda existe no Nilza... as irmãs... era mais as irmãs... a irmã Lídia¹⁶², a irmã Oda¹⁶³, a irmã Xaveres¹⁶⁴...

As aulas de Matemática eu acho que era normal... igual de hoje... antigamente era diferente porque não se ponhava as letras, eu acho que era mais fácil do que hoje... mais prático, né? Mas é... naquela época eles ensinavam muito a tabuada. Agora, não sei se é os meus¹⁶⁵ que não... se os professores dos meus que na escola não ensinam, mas a tabuada, eles não ensinam... e nós... pediam a tabuada... as vezes, a gente conversando, estava respondendo a tabuada... porque a irmã Lídia fazia nós estudarmos, menina... tabuada... meu irmão, esse que faleceu, era um craque na tabuada... na Matemática...

¹⁵⁷ nome do leite em pó da marca Nestlé.

¹⁵⁸ Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino.

¹⁵⁹ Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria

¹⁶⁰ Irmã Edite

¹⁶¹ Maria Lúcia de Araújo Braz

¹⁶² Irmã Lídia

¹⁶³ Irmã Oda

Eu acho que os professores não usavam materiais diferentes nas aulas de Matemática. Quem não tinha o livrinho da tabuada, eles ajudavam a fazer no caderno. A única coisa que mais era ensinada, era a tabuada. Porque eles ensinavam num método diferente, do que hoje, de fazer as continhas de vezes e de dividir, era tudo pela tabuada, né? E agora eu vejo os meus, as vezes eu vou ensinar do jeito que eu aprendi e eles dizem: “mãe você é burra, não é assim”... A tabuada, nossa!... era a primeira... Porque as contas era tudo por ali, né? Mas era só continha, não era que nem hoje...que... os problemas também... Somente minha mãe que me ajudava em casa com as atividades de Matemática...

Meus pais participavam das atividades da escola... Iam nas atividades da escola, pra mim, minha mãe morava mais na escola, porque eu era muito bagunceira, do que em casa... tudo que tinha na escola era eu que tomava a frente... muito bagunceira... minha mãe e meu pai sempre iam nas reuniões... participavam das festas, ajudavam nas coisas, nas atividades... faziam mutirão, pra fazer uma limpeza... pra pintar... pra reformar qualquer coisa, naquela época, né? Era tudo os pais, daí a gente sempre participava... fazia... Não é que nem agora, tudo no dinheiro. Tudo tem que pagar. Eles participavam bastante da escola... e acompanhavam meus estudos em casa... Cheguei aqui com nove anos, e estudava na segunda série... estou com trinta e sete, agora...

Na época, tinha os livros... eles falavam as cartilhas, né? Tinha de Português, Estudos Sociais, de Matemática... Essa cartilha era de graça, o governo que doava... Tínhamos os outros materiais, porque eles também davam na escola... Nos primeiros anos eles davam o material na escola... Era exigido o uniforme... E como... Se você chegasse na escola... tinha aquelas blusas de golinha... acho que era... não era volta ao mundo¹⁶⁶, era tergal... era de tergal¹⁶⁷ as camisas de botão na frente, de gola, aí um bolso assim, aí tinha um emblema da escola Nilza e se chegasse na escola sem bolso... sem aquele bolso... as vezes ia com outra, né? A irmã pegava com um alfinete e colocava o bolso por cima... não ficava sem uniforme... e saia, aquela saia com quatro pregas, comprida, até encima do joelho e meia branca... e aquelas conguinhas, azul com soladinho branco, ou sapato preto; até o calçado se chegasse na

¹⁶⁴ Irmã Xaveres

¹⁶⁵ filhos.

¹⁶⁶ Tecido bem fino, utilizado comumente na confecção de camisas

¹⁶⁷ Tecido usado na confecção de camisas.

escola elas implicavam, tinha que voltar pra casa, pra calçar. Tava sujo, mais vai lá pôr... voltava com ele sujo... é, não entrava sem uniforme, não...

Tinha... Limpeza, também tinha, né? O pessoal que trabalhava na escola, na limpeza... merenda... acho até que naquela época com o sofrimento que era as merendas era bem melhor que agora... agora eles fazem cada gororoba...

4.7 JOSÉ CARLOS DA SILVA

Meu nome é José Carlos da Silva, cheguei em Sinop, juntamente com minha família, no dia 18 de outubro de 1976. Viemos do município de Mirante do Paranapanema, mais conhecido como Pontal do Paranapanema. A nossa mudança foi motivada pela propaganda da colonizadora¹⁶⁸: que Sinop era uma terra que produzia muito café. Então devido aquele mato muito bonito... Tudo influenciou naquela época. Inclusive, a propaganda que passava na televisão, era de um cafezal bonito... Então, minha família veio para o Mato Grosso sob essa influência... Devido à plantação do café, e influenciados também pelas propagandas, como eu acho que a maioria das pessoas veio para cá. Porque quando nós morávamos lá, nós morávamos em terras arrendadas. E aqui meu avô conseguiu comprar, junto com meu pai e meu tio; compraram terras deles. Então vieram morar em terras que eram deles. Então o motivo foi esse aí.

Quando nós chegamos em Sinop, nós encontramos só uma avenida. Era aquela avenida principal... nem avenida não era; era uma rua bem larga. E algumas casas... e a Cobal¹⁶⁹, um mercado que era do governo, na época. O Banco do Brasil era de madeira, ainda, naquela época. E só tinha esta avenida... esta rua larga mesmo e mais nada... uma clareira no meio do mato. Era isso que a gente encontrou na época...

¹⁶⁸ Colonizadora Sinop, empresa responsável pela fundação de quatro cidades em Mato Grosso, Sinop, Santa Carmem, Cláudia e Vera, e outras dez cidades no estado do Paraná.

¹⁶⁹ Companhia Brasileira de Alimentos.

Foi muito difícil, nos primeiros anos, para nós nos acostumarmos na região. Foi muito difícil. Pela questão de adaptação mesmo, e pela questão de recursos, praticamente não tinha recurso nenhum. Tanto na área de alimentação, de saúde... era muito difícil... Tanto é que minha mãe era doente e quando precisava fazer tratamento ela tinha que ir pra São Paulo, até Presidente Prudente, porque aqui não tinha recurso nenhum. Na época de chuva mesmo, a BR¹⁷⁰ não era asfaltada, era difícil a alimentação; a alimentação era racionada. As famílias vinham pra cidade pra comprar e chegavam aqui e não tinha, voltavam pra casa sem nada. Às vezes tinha dinheiro pra comprar e não tinha mercadoria. Então foi assim... muito difícil mesmo. Eu digo assim: que nós não passamos fome, mas foi muito difícil... Nós chegamos a quase passar fome... Depois pra conseguir recursos, para conseguir dinheiro, meu pai teve que sair fora, pra trabalhar, porque lá dentro do sítio não tinha condições; financiamento num banco era muito complicado também... então às vezes saía de casa pra ajudar meu pai... Todos os homens daquela comunidade saíam pra trabalhar fora, pra conseguir... Aí onde pegavam malária... Aí tinha que ficar meses, as vezes, se tratando... E o que ajudava muito também nesta questão do tratamento de saúde, era Vera¹⁷¹, o posto de saúde que tinha lá, ajudava muito. Ajudou muito, as pessoas que vinham de longe, então foi muito difícil...

Os homens quando saíam, trabalhavam em fazendas. Onde, hoje é a Gleba Mercedes¹⁷², ali era uma fazenda, eles iam derrubar o mato naquela fazenda e na quarta parte¹⁷³. Fazendas grandes, que os fazendeiros estavam abrindo na época, eles iam fazer as derrubadas... Então muitos corriam risco de vida, alguns até morriam embaixo de árvores, outros se machucavam, quebravam uma perna. A gente, às vezes, lembra assim... Até emociona a gente... Porque é difícil a gente dizer... Uma pessoa ouve e deve dizer: mas como conseguiram sobreviver? Não foi fácil... Às vezes se você conversar com meu pai hoje, ele

¹⁷⁰ BR 163, Rodovia Cuiabá-Santarém.

¹⁷¹ Cidade de Vera, a primeira das quatro cidades fundadas pela empresa Colonizadora Sinop S/A, no norte do estado do Mato Grosso.

¹⁷² Região, em que nos dias de hoje, há um assentamento de terras do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

¹⁷³ Segundo Oliveira, a Gleba Celeste, área de colonização da empresa Colonizadora Sinop S/A, “se divide em unidades territoriais denominadas “partes”. Ao todo eram 6 partes, implantadas sucessivamente, às quais acrescentaram-se novas Glebas, adquiridas, igualmente de terceiros. São Elas: 1ª parte: Glebas Marta e Rosa, próximas à cidade de Vera, num total de 67.000 há; 2ª parte: Glebas Kátia, Patrícia e Angélica, próximas à cidade de Santa Carmem, num total de 71.000 há; 3ª parte: Gleba Sinop, próxima à cidade de Sinop, num total de 71.000 há; 4ª parte: Glebas Nilza, Mônica e Lídia, num total de 197.000 há; 5ª parte: Gleba Cláudia, próxima à cidade do mesmo nome, num total de 113.000 há; 6ª parte: Gleba Grande Alvorada, num total de 29.000 ha” (Souza, 2001, p.102)

contando a vida que ele passou nos matos, junto com os companheiros, não foi fácil... É complicado o pai ficar quinze dias sem ver a família, ou coisa assim... O filho sem saber como está... A gente, enquanto era pequeno, ficava com as mulheres em casa; os filhos que iam pra roça, cuidar do café, plantar alguma coisa, capinar... Cuidava da roça enquanto o pai estava fora...

Já tinha escolas quando nós chegamos aqui. Tinha escola na zona rural que pertencia à escola de Vera, a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essas escolas todas pertenciam a Vera. Depois com a construção da Escola Nilza¹⁷⁴... Logo depois construíram a escola Nilza. Aí as escolas onde nós estudávamos passaram a pertencer a escola Nilza; e não mais a escola de Vera. A escola que eu estudei quando nós chegamos aqui, em outubro, praticamente quarto bimestre, era um galpão, feito de pau a pique, coberto de tabuinhas, e era uma sala só, para atender as quatro turmas: primeira, segunda, terceira e quarta série; era um professor só, também. Então depois, com o passar dos anos, os pais se reuniram com a colonizadora, com o prefeito na época, que nem prefeito aqui não existia, tinha um administrador, para construir uma escola na comunidade. Daí foi construído. Foi através da colonizadora, que foi construída a escola. Até hoje existe a escola e tem o nome de Escola Roberta¹⁷⁵. Que pertencia a comunidade Roberta¹⁷⁶.

O galpão onde funcionou a primeira escola foi cedido por uma família, mas eu não sei o que funcionava antes de ser cedido pra escola, porque quando eu cheguei já funcionava a escola ali. Mas eu acredito que foi assim: uma casinha que eles construíram quando chegaram, pra morar... Depois eles construíram uma casa nova e ficou aquele galpão lá sobrando, e cederam pra escola. Não sei bem da história, mas, imagino que seja mais ou menos isso, porque quando eu cheguei a escola já estava funcionando ali, não me lembro muito bem porque... se era uma casa, ou um galpão mesmo...

E depois daquela escola, surgiram outras: Roberta dois e Roberta três. Só que essas duas nem existem mais, só existe a Roberta um, na comunidade... E professor nós só tínhamos um naquela época. Ele morava longe da escola, e vinha a pé para a escola. Ele morava a uns cinco quilômetros da escola e vinha a pé para a escola, nós estudávamos a tarde... E ele não

¹⁷⁴ Escola Estadual de 1º e 2º Graus Nilza de Oliveira Pipino

¹⁷⁵ Escola Municipal Roberta.

¹⁷⁶ Comunidade, que nos dias atuais, pertence ao Município de Santa Carmem

era um professor formado, estudava na época... Fazia a oitava série. Depois ele passou a fazer o Logus. Não sei se concluiu porque logo... um ano ou dois depois ele desistiu de ser professor...

Eu estudei na Escola Roberta por um ano e meio... não deu um ano e meio... dois meses, depois o outro ano eu fiz a quarta série. Eu terminei ali a terceira série, e no outro ano fiz a quarta série. E depois vim pra cá (Sinop)... Então, estudei pouco tempo, lá... Eu me lembro que depois que eu estudei nesta escola eu fui professor nesta escola também... Depois, em 1985, eu comecei a dar aulas nesta escola... comecei nela e estou até hoje...

A Matemática era ensinada naquela época através dos livros, principalmente dos livros, não tinha outro material, que eu me lembre não existia outra técnica, outra atividade diferente... Então, era aquelas atividades que tinha no livro didático, o professor passava no quadro, e ele tinha que atender várias turmas, então, dava as atividades... ou até mesmo o livro; entregava o livro pra gente, copiava o exercício do livro, e fazia... mas nem todos tinham o livro... Este livro era gratuito. Ele era fornecido pela escola. No caso a Escola Nilza ou a escola de Vera que sobrava livros, mandavam pra gente. Em relação à Matemática o que a gente lembra, é isso: que o professor passava os problemas, as atividades, a multiplicação, divisão, subtração, e a gente fazia no caderno... Ele dava as atividades... Quando ele não conseguia passar os exercícios porque eram várias turmas... Ele não passava no quadro. Ele dava o livro pra gente. As atividades eram assim... Hoje em dia a gente vê diferentes técnicas, jogos, e naquela época não se usava nada disso... Era só na base do caderno, do lápis, do livro, e só...

Então hoje a gente lembra um pouco de tudo que a gente estudava naquela época e pra nós foi difícil, principalmente em relação a história de Mato Grosso, porque nós viemos de São Paulo, e chegar aqui e passar a estudar a história do Mato Grosso, foi assim... sem... muito a ver com a vida da gente, então era complicado.

As crianças, que tinham alguma dificuldade na escola, recebiam muito pouco ajuda por parte dos pais e da comunidade. Eu ainda me lembro, nós tínhamos uma colega, ela tinha muita dificuldade na Matemática; e a dificuldade permanecia porque o professor quase sem experiência, sem uma formação de magistério, que desse um suporte pra ele trabalhar com essas dificuldades dos alunos... Era muito pouco... Ele fazia o que ele podia... E os pais

também não tinham muita leitura, não sabiam... então o aluno ía levando aquela dificuldade até um dia que conseguia recuperar e... então era muito trabalhado assim, naquela forma que dois mais dois é quatro, e... é isso, aprendeu que dois mais dois é quatro, aprendeu; não aprendeu, vai fazer de novo...

Eu nunca gostei de Matemática. Desde a quinta série, piorou ainda... Porque na quinta série nós pegamos um professor que... professor de Matemática, bebia. Chegava na escola bêbado. Então aí que eu fui perdendo o gosto pela Matemática... Nunca fui muito apaixonado pela Matemática. A gente aprendeu no segundo grau... sim, aprendeu... estudou. Aquilo que aprendeu, apenas decorou, porque muita coisa que estudei no segundo grau, não me lembro quase nada hoje. Porque eu não gostava de aprender a Matemática... Se no primário não gostava, piorou depois da quinta série, que o professor não ajudou...

Como nesta época a gente era criança, tinha onze anos de idade, não era muito grande, nós estudávamos a tarde e de manhã a gente ajudava o pai, as vezes na roça, porque naquela época que nós chegamos, era derrubada nova, cheia de pau, galhada, tinha que cortar aquelas galhadas, nós tínhamos que ajudar... depois veio o plantio do café; a gente tinha que ajudar a carregar muda, colocar nas covas, e as vezes tinha que ajudar em casa também... de uma maneira em geral, todas as crianças da comunidade tinham que fazer o trabalho em casa ou na roça.

Naquela época a participação dos pais na escola era boa. Os pais participavam, inclusive, quem conseguiu, quem correu atrás, quem lutou, pra conseguir a construção da escola; de uma escola decente, para que nós pudéssemos estudar decentemente, foram os pais. A comunidade e todos os pais foram atrás do administrador, e foi através da colonizadora, que eles conseguiram a escola. Porque naquela escola que a gente estudava, na época da chuva, chovia tudo, molhava tudo. Não tinha piso, era chão mesmo. As carteiras; eram umas carteiras, daquelas grandes, com três alunos sentados numa mesma carteira. Eram carteiras já velhas. Acho que sobravam de outras escolas... Depois que construíram a escola nova, foram outras carteiras, que eles mandaram. Eram carteiras melhores. Aí foi uma escola melhor: com piso, bem coberta, bem feitinha; de madeira, mas bem feita. Ficou melhor. Tinha banheiro, também, bem feito. E a gente já tinha merenda. Na época que nós chegamos tinha merenda, só que não era uma merenda tão boa. E depois começou a melhorar a merenda também...

A merenda ficava a cargo do professor e de algumas mães também... Na época que nós chegamos tinha uma mãe que fazia. Aquela mãe que cedeu o galpão para fazer a escola, ela mesma fazia a merenda. Depois que a escola mudou dali, uma época os alunos faziam. Os alunos e o professor faziam a merenda. Depois a minha mãe fez merenda também pros alunos, e outras mães também... Era um trabalho voluntário. Elas ajudavam porque havia necessidade. Porque o professor tinha que sair da sala pra fazer merenda, e cuidar de quatro turmas de alunos, de primeira até a quarta série. Então essas mães davam uma mão... É por isso que eu digo: naquela época os pais participavam muito mais da escola do que hoje. Quando tinha que limpar o pátio da escola, os pais é que limpavam. Quando tinha que capinar, fazer cerca, este tipo de coisa, os pais é que faziam. Não é o professor que ía fazer, não é a colonizadora que ía fazer, eram os pais que faziam. Inclusive, o terreno pra construir a escola, na época, era tudo mato ainda, foram os pais que derrubaram o mato, arrancaram os tocos com enxadão... então, existia sim, a participação; hoje em dia é que... acho que...

Eu acho que não é possível uma comparação entre Sinop de hoje em dia com a cidade nos primeiros anos. Eu acho que não tem nenhum ponto de comparação. Não dá pra comparar... Não tem... Mudou muito... Mudou da noite pro dia... é difícil fazer... Às vezes quando a gente vê uma cidade nova, aí você lembra, como Sinop era na época... mas hoje em dia você olha pra Sinop não consigo imaginar... hoje em dia eu vejo aquela avenida, aquela rua quando nós chegamos, aquelas casas, tudo... mas não tem como comparar mais... Por isso que eu digo, não dá pra comparar Sinop hoje, com aquela época, não tem jeito de você comparar... Porque hoje em dia as pessoas vem pra cá tem gente que reclama que não tem emprego, que não tem não sei o quê... mas chega aqui tem serviço, tem bastante trabalho, as pessoas não precisam sair daqui pra ir trabalhar fora... não precisa arriscar tanto a vida como antigamente...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que uma melhor compreensão do caminho percorrido pelo ensino de matemática, pode fornecer elementos fundamentais para a análise da situação atual do ensino de matemática e orientar futuras propostas pedagógicas. Por isso, realizamos neste trabalho um estudo histórico do ensino de matemática na cidade de Sinop no período de 1973 a 1979.

No decorrer de nossas entrevistas, as questões que havíamos levantado em nosso projeto de pesquisa, foram sendo respondidas, entretanto é sabido que outras tantas questões se fazem necessário refletir e/ou perguntar. As respostas parecem, a princípio, simples, mas é

necessário aprofundar o interesse e a curiosidade para que se possa investigar a realidade sob os mais diversificados aspectos e dimensões.

Acreditamos estar na história oral uma excelente possibilidade metodológica para responder a estas questões. Os relatos nos possibilitaram constatar um ensino de matemática realizado em situação precária, no qual faltava de tudo, com professores lecionando no pátio, nos corredores; não dispo de um único livro, para auxiliar na preparação das aulas; professores que eram selecionados entre os próprios moradores, na maioria das vezes não eram formados na área; não dispo de uma assessoria, pois a escola de Sinop pertencia a uma escola da cidade de Vera, e o único contato entre os professores e a direção e coordenação da escola aconteciam em reuniões bimestrais; o número de alunos aumentava diariamente, desta forma havendo necessidade de, por algum tempo, ter três períodos por dia: matutino, intermediário e vespertino, não era possível a realização de aulas no período noturno, uma vez que não havia energia elétrica na cidade; enfim, eram tantos os obstáculos, que para nós é difícil imaginar um trabalho sendo realizado em tal situação.

Ficou também visível o controle exercido pelas irmãs católicas que trabalhavam na direção da escola, tanto nos aspectos pedagógicos, como o controle diário do planejamento das aulas, quanto nos aspectos administrativos, com a seleção dos professores que trabalhariam na escola, invariavelmente pessoas ligadas a igreja católica.

Em relação a matemática é possível constatar a importância atribuída a tabuada; somente eram aprovados em matemática os alunos que sabiam a tabuada. Nos relatos dos alunos, mais uma vez pôde-se constatar essa importância; quando questionados sobre o que se lembravam dos conteúdos de matemática, em ambos os casos, foi a tabuada. Ficou implícito nas falas, que a tabuada era considerada como determinante em relação ao conhecimento matemático, ou seja, quem sabia a tabuada era “bom” em matemática.

Muitas outras análises poderiam ser feitas através dos relatos recolhidos, entretanto este não era o objetivo de nossa pesquisa; o nosso interesse, neste momento, era a construção de um registro histórico sobre o ensino de matemática, para isso realizamos as entrevistas, suas transcrições e textualizações. Entendemos que a riqueza de dados que possuímos nos permite acreditar que atingimos o objetivo proposto no projeto de pesquisa.

Acreditamos que, o que mais interesse ao historiador oral é o estímulo da memória local. Contribuir na recuperação e na preservação da memória, e conseqüentemente, contribuir para a criação de uma consciência histórica. Especialmente em nosso caso, foi muito importante esta experiência de buscar entender o passado através destas “conversas” com as pessoas que viveram no período que estávamos pesquisando; apesar de levar em consideração, a subjetividade da memória e os outros argumentos utilizados pelos documentalistas, ainda vemos na história oral uma possibilidade metodológica que nos permite o acesso a uma riqueza de detalhes que não podem de forma alguma serem negligenciados. É possível perceber como um mesmo fato pode ser lembrado sob diferentes pontos de vistas, cremos, reside aí uma das possibilidades da história oral; os fatos que as pessoas se lembram (e se esquecem) são, eles mesmos, a substância de que é feita a história.

Estamos concluindo este trabalho, não porque o consideramos terminado, e sim porque tínhamos como objetivo principal construir um registro histórico, e este consideramos que atingimos. Entretanto, de forma alguma podemos considerar o tema esgotado, na medida que usamos e defendemos a história oral enquanto metodologia tendo em vista a possibilidade da história ser estudada sob vários pontos de vista, ou seja, um mesmo fato histórico pode ser relatado de formas diferentes, dependendo da pessoa que concede o depoimento; sendo assim não podemos considerar este tema esgotado, pois temos alguns depoimentos que abordam determinados aspectos sobre o tema em questão, outros depoimentos poderiam complementar este estudo.

Através deste trabalho, no decorrer das entrevistas, ao ouvir as experiências dos colaboradores, foi possível ao mesmo tempo ir construindo nossa história pessoal, uma vez que passamos em Sinop a maior parte de nossa vida, onde realizamos grande parte de nossos estudos e desenvolvemos nossa carreira profissional, mas mais do que isso, pudemos aprender o quanto é verdadeira a frase:

O tempo não pára e no entanto ele nunca envelhece. (Caetano Veloso)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVES LOZANO, J. E. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. DE M. e AMADO, J. (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2001.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre (coord.). *A Miséria do Mundo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FERREIRA, M. DE M. e AMADO, J. (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2001.

- GARNICA, A. V. M. *O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da História*. Ciência e Educação. Bauru: UNESP, v. 5, n. 1, pp. 27-35, 1998.
- GARNICA, A. V. M. *Pesquisa Qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos*. s.d. mimeo.
- GARNICA, A. V. M. *História, Filosofia, Educação e Matemática: interfaces*. UNESP. S.d. mimeo.
- GATTAZ, A. C. *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et. al.] – 4. ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NEVES, E. [et. al.] *O NEHO e a experiência de pesquisa em história oral*. Núcleo de História Oral, USP. (internet)
- PRINS, G. História Oral. in BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- REVISTA POTENCIAL SINOP 25 ANOS: Uma Trajetória de Sucesso. Sinop. Publicação da ComNorte Publicidade Ltda. Out/1999.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. DE M. e AMADO, J. (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2001. pp. 93-102.
- SOUZA, E. Relatos, Imagens: história de Sinop
- THOMPSON, P. *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, A. et al. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M. DE M. e AMADO, J. (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2001. pp. 65-92

VOLDMAN, D. Definições e usos. In: FERREIRA, M. DE M. e AMADO, J. (org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2001. pp. 33-42

APÊNDICES

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

A TEREZINHA VANDRESEN PISSINATTI GUERRA

Bom gostaria que a Sra começasse falando de onde a Sra veio, onde a sra nasceu e qual o motivo da vinda da sra e de sua família para Sinop.

Eu nasci em Paranavaí, no Paraná, mas eu vim de Planaltina do Paraná. Nós moramos em Paranavaí até 1962, depois nos mudamos para Planaltina, de lá em 73, nós viemos para Sinop. Viemos para cá porque meu irmão veio à procura de mais terra e ele queria abrir um comércio, porque ele tinha ficado... Ele foi pra Alemanha, ele fez um estágio em um frigorífico pra lá, ficou quase quatro anos e a meta dele era vir para cá e montar alguma coisa assim... Um mercado grande, mas na época não tinha energia, não tinha condições de fazer isso, né?... Mas ele... O interesse dele era esse... E depois acabou não dando certo, ele acabou indo embora, e eu fiquei... Acabei casando aqui e fiquei por aqui...

A sra veio para cá solteira então.

Vim solteira. Vim para cá com 22 anos. Eu cheguei aqui dia 06 de maio de 1973, num domingo à tarde; era umas cinco horas da tarde, quando chegamos aqui...

E como é que era a cidade quando sra chegou aqui?

Era uma derrubada, com duas casinhas e um acampamento da Colonizadora... Era só o que tinha. Aí eles tinham aberto as ruas, mas não tinham feito as leiras, não tinham feito a limpeza do terreno, né? Então era uma derrubada, é a mesma coisa que você chega num sítio, assim, uma derrubada nova cheia de toco, cheia de pau caído, porque foi tudo derrubado com motoserra, e tava tudo ali para você construir, você tinha que limpar o terreno primeiro; tirar toco; tirar pau; catar raiz; limpar tudo... e... Era uma derrubada aqui... duas... Tinha a casinha de seu Braz e a casa do Gauchinho, no meio daquela derrubada; uma hoje onde é a Av. Júlio Campos, Primavera esquina com Júlio Campos, hoje tem um prédio, nem sei o que tem ali hoje, e seu Braz morava na rua dos... Lírios?... não... é, na rua dos Lírios seu Braz morava... não é Pitangueira, é a outra rua de baixo, ele morava naquela esquina ali. E onde é hoje o Banco do Brasil, tinha um hotelzinho, era um acampamento da Colonizadora, onde o pessoal que vinha comprar terra, chegavam ali, e ali tinha comida, tinha cama... e acampavam ali... e dali iam ver terra... o homem tinha um jipe e ele saía com o pessoal ver terra, terreno.. ver as terras por aí.. era isso que tinha... tinha um postinho do Haroldo lá... onde hoje é a Diskavel, antiga Diskavel, tocado a manivela...

Posto de gasolina?

Posto de Gasolina. A bombinha lá, tocada a manivela...

Nesta época não tinha mercado?

Não.

Não tinha nada para vender?

Tinha o Gauchinho, mas era um secos e molhados que eles falavam, ali tinha... O pessoal comprava panelas, às vezes, vinha arroz, vinha... assim, uma coisa... Mas não que você chegava ali, onde tinha uma verdura, onde tinha alguma coisa... Isso não... Você comprava às

vezes um arroz, um feijão, uma louça que precisava, uma coisa, pouca coisa também que ele tinha... mas... carne... Nós passamos mais de ano sem ver carne de boi...

Não tinha criação de animais aqui ainda?

Não tinha. O último gado que nós vimos foi na fazenda São João, lá no Posto Gil... Foi o último lugar que nós vimos um boi andando... Às vezes na Vera... Na Vera tinha um açougue, às vezes, eles iam buscar gado lá e matavam, mas a maioria das vezes era carne de anta que eles vendiam como carne de boi...

Era o que tinha aqui...

Era o que tinha... é... não era fácil não... Meu sogro trazia de Cuiabá, quando ele ia para lá, então ele trazia de lá, eles traziam de lá... mas também não dava para trazer muito porque estragava, né? Carne mesmo, eles muito pouco traziam; eles traziam mais carne seca, o charque, aqueles... Pra você ter uma carne, porque senão não tinha... ovo, uma verdura, isso não existia, energia, geladeira... nós tinha uma geladeira mas era a gás, que nós trouxemos do Paraná... mas a maior parte do tempo não tinha gás, porque tinha que ir buscar em Cuiabá...

Não tinha aqui para vender, né?

Tinha que buscar em Cuiabá.

Isso foi em 73, logo que a sra chegou, mas e nos anos que se passaram até 79, como foi o desenvolvimento?

De Sinop?

É.

Bom, Sinop estourou mesmo depois da inauguração, né? Depois de 74. Porque eu conto assim... a gente via pela escola, né? Porque até 74 nós... Quando a escola começou, nós tinha uma determinada turma de alunos, e ali foi aumentando um pouco, e na inauguração nós estávamos com 64 alunos, que desfilaram por Sinop, e... quando nós tentamos desmembrar a escola de Vera, que foi em 75, já... não lembro agora que mês que foi, que nós entramos com o processo para desmembrar da escola de Vera; porque nós pertencia a escola de Vera, nós já estávamos com seiscentos e tantos alunos, então foi uma explosão demográfica assim... Que você... Nós tinha um grupo de jovens; então nós tinha as equipes que trabalhavam, né? Que assessoravam as pessoas que chegavam. Se tinha crianças na pré-escola, se tinha pra catequese, se tinha jovens para vir pro grupo, se tinha... mostrava onde era a igreja, onde era a escola, onde tinha isso... onde tinha aquilo... era pouca coisa que tinha, mas o que tinha a gente mostrava... Depois perdemos o controle... Tinha dia de chegar sete, oito, mudanças num dia, com crianças... E todas vinham para escola... E todos vinham para a escola... Não tinha sala, não tinha professor; daí você dava aula no corredor, você dava aula na cantina, você dava aula no pátio, você dava aula embaixo de uma árvore, você dava aula de manhã, de meio dia, e de noite, de tarde... porque não tinha professor...

A senhora foi a primeira professora da cidade de Sinop, e como era a escola. Ela foi construída pela colonizadora, como é que foi?...

O negócio da escola foi o seguinte: eles prometeram que tinha escola em Sinop, e na verdade não tinha, então muitos pais vieram em julho para cá...

Nas férias...

É, nas férias. O aluno estudou até julho, o pai esperou o filho entrar em férias, e veio para Sinop... Foi o caso da dona Eugênia, foi o caso do Plínio, foi o caso do Arlindo Joanuzzi, foram do Dirceu, foi uma porção de gente... E chegaram aqui e não tinha escola, aí o quê que vamos fazer?... Aí a dona Eugênia falou: não, nós temos que arrumar uma escola, as meninas não podem perder ano... Porque... Começou dá em cima; ir atrás do Uli, e nós queremos escola, e queremos escola. O Uli falou: o quê que eu vou fazer, eu não tenho professora, eu não tenho escola. Sinop tava começando, tava tudo pra construir, aí ela começou... aí ela me chamou e falou: escuta, você não quer dá aula. Aí eu falei: Aí meu Deus!... Eu não vim pra cá pra dá aula, eu vim para ficar até o final do ano e voltar para o Paraná, vou terminar de estudar. Ah, não! Por que você vai dá aula, por que você vai dá aula. Ela era professora. Ela tinha sido professora vários anos num seminário em Curitiba. Ela foi professora muitos anos. Eu falei: Porque a senhora então não pega, já tem experiência como professora, mas ela tinha o bar, ela tinha muito serviço, ela não queria mais se envolver. Aí como eu não tinha nada pra fazer, porque aqui amanhecia, anoitecia... era de segunda a segunda, era a mesma coisa, porque não tinha nada, a não ser os macacos que gritavam pra todo lado, não tinha nada pra fazer, falei: tá bom, mas o quê que tem pra fazer. Aí ela falou vamos pra Vera, vamos falar com a irmã. Aí nós falamos com a irmã e aí a irmã falou: Olha, vocês têm que fazer um levantamento, pra ver quantos alunos tem, porque menos de 18 alunos nem pensar, vocês têm que ter mais de 18 alunos pra abrir uma sala de aula. Aí nós fizemos um levantamento, já de cara deu 23, aí conseguimos, mas até que vai pra Vera, até que volta; nós tudo dependia de Vera, não tinha ônibus; você tinha que ir de carona, você tinha que correr atrás. Aí até que conseguimos... aí a irmã... na época era a irmã Dorotéia que era diretora na Vera. Aí até que conseguimos, foi dia 5 de setembro, que conseguimos abrir a escola e fazer o primeiro dia de aula...

Em 1974?

Não, em 73. Mas não tinha sala, aí o Uli falou: Olha, eu tenho material, mas não tenho material humano, tem pouco carpinteiro. Ele precisava fazer escritório, precisava fazer tudo... as coisas. Aí seu Braz falou: não, se o senhor dá a madeira, dá o material, nós fizemos a escola... os pais. Aí juntaram uma turma de homens, seu Braz, seu Arlindo Joanuzzi, Dirceu Di César, o... uma turma de gente, se ajuntaram uma porção de homem ali e construíram a escola, poucos dias e a escola estava de pé, só que aí não tinha cimento para fazer o piso, não tinha assoalho... Só de tábua... E não quiseram por de tábua bruta, aí ficou pra depois fazer; mas esse depois ficou...

Não tinha piso?

Não tinha piso, era aquela terra pura lá dentro... Aí não tinha carteira, aí os homens mesmos pegaram tábuas dessa... Madeira, champanhe, pesada... Fizeram carteiras, daquelas de sentar em dois... aí que peso para mudar aquilo de lugar, Meu Deus do Céu; se molhava, virava barro, aquele barro branco, grudento; se deixava seco era aquela poeira... que meu deus do céu...

Era uma sala só?

Uma sala só, com quatro turmas... Era bravo... Era difícil, meu deus do céu... Não foi fácil, não... Aí continuou até o final do ano, aí foi feito... Aí a irmã falou: Nós vamos fazer um tipo... dum peneirão, porque tinha alunos, que nem os Pissinati, que já estavam há mais de um ano aqui, parado, sem aula... Tinha outros que tinham vindo de escola rurais do Paraná que eram fracos; tinha outros que tinham vindo de escolas boas; tinha outros que estavam parados um tempo; então ela falou: Vamos fazer... Vamos dar aula até o final do ano e vamos fazer um provão, quem passar vai pra sala seguinte, ano que vem; quem reprovar vai fazer de novo, porque tinha muita criança que estava muito atrasada, e foi o que foi feito, até no dia, o pessoal meio que se revoltou, porque a irmã Dorotéia, ela era muito enérgica, demais... Era daquelas irmãs, sabe?... Que... pegava o aluno pelo cabelo e jogava lá fora, ela era terrível, aquela irmã... Eu acho que nem irmã não é hoje. E... Daí ela... Fizeram aquilo, e a maioria... Quase a metade passaram; alunos que estavam na aula até julho conseguiram... passar; mas a maioria reprovou, porque a escola de Vera, a escola de Sinop era uma escola muito... Era forte, era pesado o estudo... Porque o programa vinha do Colégio Santo Inácio, de Maringá; então, era as irmãs que faziam, e as irmãs puxavam bastante, era um estudo pesado... Então, a maioria não conseguiu...

Ser Aprovado?

Ser aprovado no final do ano, né? Aí em 74, começou de novo; então aí começou com... aí nas férias chegaram duas pessoas aí, que diziam que tinha magistério, e não sei o quê... e tal... que elas tinham direito... Falei: Olha, não estou nem aí, eu peguei porque não tinha ninguém pra pegar, mas eu não vou brigar por causa disso; se vocês querem dar aula, tudo bem, vocês vão pra Vera, e vocês falem com a irmã. E foi na época que a irmã Dorotéia foi embora e chegou a irmã Edita, aí eu fui pra Vera... Não, a irmã Edita veio. A irmã Edita falou que ela era a nova diretora, aí eu falei: Olha, tem duas pessoas assim, assim, assim... que se dizem prontas para pegar a escola, aí a irmã Edita achou melhor que elas então pegassem, porque eu não tinha o magistério...

Qual era formação da senhora na época?

Eu estava fazendo o ginásio, ainda. Eu comecei a estudar muito tarde, porque meu pai nunca deixou a gente estudar, né? E quando eu comecei e falei: agora eu vou estudar; eu comecei... Eu vim para cá e parei. Meu objetivo era vim aqui e ver até onde eles ficavam e ficar por aí... E voltar para estudar, minha meta era estudar. E no fim acabei ficando aqui, e... Aí a irmã entregou a escola pra elas, mas falou pra mim: Você fica, porque eu não conheço elas, você fica aí, você ajuda; você faz a merenda e ajuda... Qualquer coisa você me dá um toque, você vai pra Vera, porque se precisar... Eu fiquei assim, como a... Fazia merenda e dava assessoria pras duas, né? Tipo assim... O que precisava... Eu ia pra Vera... Ou eu corria atrás, eu ia buscar... Só que aí aconteceu uns problemas... meio... Aí uma ficou com o primeiro ano e a outra pegou a 2^a, 3^a e 4^a, mas essa da 2^a, 3^a e 4^a, andou aprontando umas aí... a irmã teve que vir aí, porque os pais quiseram punhar ela pra correr... Aí a irmã teve que vir e tirou ela e a outra foi embora porque não agüentou, ela veio de uma escola onde tinha estrutura, onde tinha tudo... Vim enfrentar uma sala... Não era fácil. Aí ela foi embora. Largou o primeiro ano. Isso foi no mês de abril... Aí eu peguei o primeiro ano... Peguei o primeiro ano e toquei. Aí quando foi em junho a irmã Edita, tirou esta outra fora, tirou... Aí eu fiquei de novo com o primeiro

ano e as outras três turmas, a irmã Edita falou: vamos tocar até julho, e vamos entrar em férias, daí vamos ver o que vamos fazer. Aí nós tocamos até julho, aí entramos em férias... Aí veio a irmã Lídia e a irmã Oda pra cá... Aí a irmã Lídia assumiu a escola, e a irmã Oda a catequese e a parte da Pastoral da igreja; e a irmã Lídia ficou com a parte da escola, porque a irmã Lídia era formada, ela tinha o magistério, não tinha faculdade, mas ela tinha o magistério, e era uma pessoa muito eficiente pra tocar uma escola, ela...vichi era terrível... pra comandar... ela pôs esta escola de pé ...

Quanto tempo a senhora trabalhou?... Nestes dois períodos juntos quanto tempo foi?

Eu trabalhei de cinco de setembro até começo de dezembro, e aí eu fiquei fazendo merenda e ajudando elas até abril, né?... De primeiro de março até abril...E, daí peguei de novo as quatro turmas até julho de novo. Aí a firma prometeu de fazer outras escolas, porque já não dava mais pra ficar naquela escolinha, aí na época das férias, no mês de julho, eles fizeram duas salas lá em cima onde é a assessoria pedagógica agora, aí nós mudamos pra lá, aí veio as irmãs, aí a irmã Lídia falou: agora vamos fazer o quê?... Não tinha mais professores, aí ela falou: vamos fazer o seguinte, você fica com o 1º ano e eu pego o 2º, 3º e 4º ano. Aí eu peguei uma sala e a irmã Lídia pegou as outras três turmas, mas aí o terceiro ano aumentou demais... Era terceiro ano, era terceiro ano, era todo dia gente chegando pro terceiro ano, ela falou: aí meu deus! Não vai dá mais agora... Aí tinha aquela família... Vocês moraram lá, vocês conheceram, aquele seu Otávio, não me lembro do sobrenome dele, tinha aquelas moças, meio morenas... Tinha uma turma... Da Edini, ela trabalhou muito tempo na cooperativa, depois trabalhou no fórum, não sei se ainda hoje ela trabalha no fórum... Aí ela disse que tinha contabilidade, aí nós fomos atrás, aí ela veio e pegou o terceiro ano, mas ela disse: Olha, eu não sou professora, mas eu vou ajudar, mas eu não sou professora. Mas ela se saiu bem, era uma pessoa muito calma, assim... Uma pessoa bastante tranqüila, o pessoal... A meninada gostou bastante dela. Ela pegou o terceiro ano e a irmã Lídia ficou com o segundo e quarto. Aí construíram mais uma sala, então era assim sabe? Aquela correria...

Começou com uma sala só e foram construindo conforme a necessidade...

Eles não venciam, aí começou a não vencer mais... Construir sala do jeito que... Aí faltava professor, ai... Era uma... Chegava professor, mas era aqueles professores que vinham de uma escola com estrutura e chegaram aqui e eles não encontraram, então largaram e iam embora...

Voltavam...

Voltavam pro sul, outros abandonavam de uma vez... Olha, meu Deus... Não foi fácil... Aí aquela correria, pega uma turma de manhã, pega outra turma de tarde... A professora tal foi embora; você tem que pegar aquela turma; não tem sala; tem que dar aula na cantina; tem que dar aula no corredor; tem que dar aula... Ai meu Deus do céu... Era um Deus nos acuda... Aí tinha mais, porque nós não era só professora; nós tinha que dá aula; aí nós tinha que fazer limpeza; nós tinha que fazer merenda; nós tinha que fazer matrícula; tinha que fazer tudo... E nós ganhava só como professora. E eu ainda, um ano fiz tudo isso; trabalhei ainda à tarde e depois ainda eu recebi só um salário...

Por todo o serviço...

Por tudo isso aí... E era difícil, nós enfrentamos uma que não era fácil ...Você não tinha como dá aula, você não tinha material, então você tinha que correr atrás, você tinha que fazer alguma coisa de papel de embrulho, quando achava, daqueles pacotes de papel que a gente comprava arroz em quilo, daquilo é que fazia material, nós cansamos de fazer letra daquele papel, fazer figura, fazer... Era uma... Você chegava em Cuiabá... Eu nunca esqueço, um dia eu fui pra Cuiabá, cheguei numa livraria, pedi pra menina, assim: o que vocês tem de material didático pro primeiro ano? Ela olhou pra mim assim... Ficou me olhando, aí ela foi lá e pediu pra outra o que é material didático... Ah, meu Deus do céu... Aí ela falou... Aí a outra veio de lá e pediu o que eu queria. Aí eu falei: o quê vocês tem pro primeiro ano? Pra dá aula pro primeiro ano? Alguma coisa, alguma novidade, pra incentivar a criança, pra poder...? Aí ela pediu se eu queria isso, se eu queria cartolina. Aí eu falei: você não tem outras coisas... Ah, não tem... Aí ela pediu pra que escola que era? Eu falei escola de Sinop. A mulher olhou pra mim assim... Deu dois passos pra traz, ficou me olhando, e começaram uma olhar pra outra. Eu falei: escuta vocês querem vender ou não? Elas ficaram quietas e eu falei: Tchau, muito obrigada, peguei e fui embora. E assim foi, eles não tinham material, eu acho que eles não sabiam o quê que era, ou não sabiam... E quando eu falei que era de Sinop, eles ficaram meio assustados, porque Sinop tinha fama de que aqui só tinha índio, que aqui tinha não sei o quê...que aqui tinha... Então, era aquela coisa, chegava em Cuiabá... Até hoje... Sinop em Cuiabá... até hoje...Era terrível... Olha... Aí o que vinha para nós então, vinha de Maringá, o que as irmãs usavam lá, então elas mandavam pra cá. Aí quando o Ênio vinha com o avião, então elas mandavam as coisas pra cá. Então era o material que a gente tinha era este... Então vinha pra Vera. Eles mandavam um pouquinho pra cá, e a gente se via com este material...

E os alunos eles tinham material?

Ah, eles tinham aquilo na medida do possível, aquilo que tinha aqui... Quando começou as aulas, então o pessoal que tinha, que nem o Gauchinho, depois veio no final de 73, já veio o Seu Lindolfo, que abriram aquela loja, então eles já traziam material; eles traziam caderno, eles traziam... Enfim o material básico que as crianças precisavam. Porque Cuiabá também não se achava muita coisa; Cuiabá era pobre, quando nós viemos pra cá; Cuiabá era triste; você ir pra Cuiabá era uma negação... Então muita coisa... Eles tinham o básico... E os livros vinham de Maringá...

Mas esses livros eram para todas as crianças, ou só para o professor se preparar?

Não, vinha livro também pro aluno. Naquela época então os pais compravam aquele livro de português, esse então, todos os alunos tinham que ter, pra fazer leitura, pra fazer cópia, pra fazer ditado, pra fazer exercício... Então era uma... Pro primeiro ano vinha cartilha... Então... Mas a base vinha de Maringá, eles mandavam de lá...

A senhora falou mais no livro de português, e matemática, como é que era?

Ah, matemática, nós tínhamos um livro do professor, né? E quando não tinha... Um ano não tinha o livro do professor... Então nós pegava o próprio livro que o aluno em Maringá usava, então veio pra cá, e nós tirava o exercício do livro do aluno e passávamos pro diário e aquilo nós passava pro aluno, pro quadro... Era tudo, e... A gente fazia o diário, porque a irmã Edita não aceitava professor que não fizesse diário...

Esse “diário” era o planejamento, para cada aula?

Aquilo que você passava lá no quadro, você tinha que por no diário; você tinha que fazer o diário, por exemplo, hoje você preparava a aula que você ia dá amanhã... Então você tinha que colocar naquele livro, todo... Aquilo que você ia passar pro aluno: português, matemática, estudos sociais, religião...

Então o material que tinha para preparar as aulas era o livro didático que vinha de Maringá?

Vinha, ou vinha o livro do professor ou vinha o próprio livro que seria pro aluno, mas como não vinha... Então nós usávamos aquele um que vinha...

Outros materiais a senhora não tinha pra usar?

Era aquele um... Eu tinha só um livro... Porque eu... Depois no outro ano eu peguei uma turma de... Eu peguei uma turma de 2º ano, mas aí aumentou demais... Aí quando eu tava com 54 alunos...

Numa sala só?

Numa sala só. Aí veio mais alunos; não tinha onde colocar... Aí por sorte chegou a... Uma professora que veio de Campina do Alagoas, como é o nome dela... Esqueci o nome da mulher... E ela não queria pegar o primeiro ano, aí a irmã Lídia falou: bom, então vamos fazer um negócio, você pega um primeiro e um segundo, e ela fica com o outro segundo. Aí repartimos a turma do segundo ano, mas pra mim ficou pesado, porque eu tinha que fazer dois diários... Eu tinha que fazer dois diários de aula... Eu tinha que fazer dois diários de religião... Era duas turmas diferentes; porque se fosse só o segundo ano, era fácil, porque eu podia usar o mesmo, mas assim eu tinha que fazer dois, só facilitou pra ela, mas pesou pra mim. Aí eu sempre fui um... A Ivani sempre dizia que eu era um tapa buraco, porque tudo que sobrava; sobrava pra mim... Como não tinha sala pro outro professor; eles iam pra sala, eu ia pro corredor... Ou eu ia pro pátio, com a minha turma... E era assim... Eu falei depois... Um dia eu falei pra Lucinha: Sacanagem, a gente já chegou aqui no início, já sofreu tanto e sempre sobra pra gente o resto dos outros; o outro que chegou agora, ganhou a sala, eu tive que ir pra fora, eu tive que ir pro pátio. Um dia eu falei isso pra irmã Lídia. Eu falei: estou cansada dessa estória... Falei: ah, não dá mais não, ou a firma dá um jeito nas salas de aula, ou...

Como a senhora dava aulas no pátio? Como a senhora fazia?

Era um tipo de uma aula... É... Mais uma aula... Explicava... Por exemplo, dava estudos sociais, ou dava a tabuada, brincava de jogo da tabuada uma coisa que não precisava usar tanto o quadro, uma coisa que não dava... Você pegava o mapa, uma coisa... Você explicava os rios, você explicava os estados, explicava as capitais... Você usava este tipo de coisa, quando não tinha sala. Aí depois construíram uma cantina, e aí no outro ano, no terceiro ano, eu fui dá aula lá na cantina, encima, onde fizeram um palco mais alto, onde seriam feitas as apresentações. Lá eu fui dá aula pro terceiro ano. E a escada que tinha era três tocos redondos assim... Um baixinho, outro médio, outro mais alto. Pra mim poder subir lá, e eu tive que[...]

Encima do palco, pra poder dar aulas de lá?

E eu estava grávida do menino mais velho... e eu subia naqueles três tocos ali, para poder ir pra sala [risos] .

A senhora falou na matemática, sobre a tabuada, o que mais era trabalhado na matemática que a senhora se lembra?

Bom, naquele tempo não se usava essa matemática que tem hoje, era aqueles problemas. A matemática era exigida, porque a irmã não aceitava aluno passar de ano se não sabia matemática. Nós fazia torneios de matemática entre turmas, e eles tinham que saber e então eles estudavam pra não perder, porque eles não queriam perder... Então na sala um pedia pro outro, um tomava a tabuada do outro, com eles falavam, né? Pra não deixar perder no dia, então eles faziam assim... Então era usado muito a tabuada, e o aluno que sabe a tabuada, sabe fazer conta, eu acredito, porque o aluno que não sabe fazer tabuada... Pode ser... Não sei hoje, na matemática de hoje... A minha menina mesmo fala: eu já não sei mais a tabuada. Quando ela fazia o segundo grau, é x, e não sei o quê, não sei o quê... Mas sempre usa, é a base... A base é a tabuada, e a irmã Edita, não aceitava aluno passar de ano... Podia tirar dez nas outras matérias, se não sabia a tabuada ele ficava, elas eram exigentes, neste ponto eram... E em partes elas tinham razão, não adianta você ir pra frente sem saber... É problema, então... Aí tinha muito... É que nem hoje... Os alunos não aprendem... A minha quando foi agora fazer o 2° grau, um dia meu marido falando em arroba de boi, ela olhou pra mim e falou assim: mas que diabo de arroba vocês estão falando? Ela pediu: mas quanto é uma arroba? Ela não sabia...

Ela não sabia...

Ela não sabia. Ela disse que ela já não aprendeu mais isso. Então a gente mexia muito com metro, é... medidas, peso, é... horas, é... quilômetros, é... tudo essas coisas...

Eram trabalhadas...

Era trabalhado tudo isso aí, principalmente o terceiro ano, eu não dei pro quarto, dei até o terceiro... eu pegava turmas [...]

E como é que os professores avaliavam os alunos naquela época?

Era por prova. Tinha prova mensal e bimestral...

Estas provas eram aplicadas pelo próprio professor?

Pelo professor, mas supervisionado pela irmã.

Como é que era esta supervisão?

Ela olhava o que era dado, se estava dentro daquele programa que a gente tinha dado pro aluno, né? Você também não podia pegar alguma coisa nova que não tinha sido dada, e vê depois o que o aluno tinha aprendido, né? O que ele acertou, ou numa turma no geral você sabe o que o aluno, por exemplo, você dá... Um teste de português e de leitura, ou uma cópia, ou coisa, ou um acento ou alguma coisa, a maioria... Ou a maioria pegou ou você explicou mal, ou alguma coisa está errada... Então, aquilo você tem que ensinar de novo... Então, era

pegado os pontos fracos... Era trabalhado mais a fundo... pontuação, acento, é... s, c, ç... ch, principalmente no do 2º ano, que é onde eles aprendem a escrever, né? Então, era muito cuidado isso aí, né?...

Como era a relação professor-aluno naquela época?

Ah, era muito boa! Ah, era uma maravilha! Sabe aquele aluno que quando o professor sai de casa, ele vem tudo correndo lá de baixo encontrar o professor. Todo mundo quer pegar na mão, aí um traz uma fruta, aí outro traz uma flor, outro traz não sei o quê, era assim...

E, em sala de aula?

Briga... Quando era pra repartir turma... Ai meu deus do céu!... As meninas brigavam por causa disso... Naquela vez que eu reparti o 2º ano, eu falei: irmã Lídia, a responsabilidade é sua, eu não vou mexer. Não você pode escolher a turma que você quer. Falei: não... Aí ela separou... Quando ela veio na sala e falou assim: fulano, e fulano, e sicrano, e sicrano... vão vir a tarde para pegar[...] mas foi um choro... Foi um choreiro... Eu tinha aquela Rosana Dallastra, não sei se você conhece ela... ai, aquela menina foi passada para a Avelina... a Avelina que veio do Paraná... E ela chorava na sala, e ela chorava, e ela chorava... e a Bernadete e a Elizabete, traziam ela para a escola, e ela chorava... Aí, um dia, a irmã Lídia entrou com ela na sala e falou: te vira com essa menina, porque não adianta deixar ela em outra sala. Ela chorava a aula inteira, e até hoje ela chega comigo e fala: eita, professora!... Que papelão que eu fazia, né? Não adiantava... e brigaram as meninas... coleguinhas; que foram sempre coleguinhas de catequese, de coroação, depois de aula... e quando foi para se separar, se pegaram pelos cabelos.. e eram assim, elas... a piizada era muito assim... apegada... nos primeiros tempos, depois já... você sabe, sempre vem aqueles que... vieram de escolas grandes, que já não tem aquela... aquela intimidade com o professor, mas aqui as crianças eram poucas e você não tinha muito o que fazer; ou você tava na sala de aula, ou você tava na catequese, sempre com as mesmas turmas, ou você tava brincando, jogando bola com eles, pra cá e pra lá, então eles tinham... Também eles tinham uma confiança, muita coisa eles vinham contar pra mim que eles não contavam pra mãe... muito problema eu levei pra mãe, que eles contaram pra mim... então, eu sempre tive muita facilidade com os alunos, tanto na parte da escola, como na parte da catequese, da coroação, que eu fiz durante vários anos, nunca tive problema com aluno... eu tive aluno problema, mas não comigo, eu tive aluno que teve que chamar delegado pra... pra desarmar, mas era briga com outro fora

Entre alunos?

Um aluno novato que chegou aí, e quis dar uma de bom, e ele já era um menino nervoso, que também não era qualquer pessoa que lidava com ele, mas pra mim ele nunca deu problema. Na escola, dentro da sala, era um ótimo aluno. Só que ele era muito fechado e não gostava de brincadeira e de que ninguém mexesse com ele... E um engraçadinho chegou e foi mexer com ele... Ele pegou uma raiz que estava na leira, atrás da escola Nilza, se nós não tira ele tinha matado o moleque, mas eu consegui, peguei ele pelo braço, puxei dentro da sala, fechei a porta e consegui contornar a situação e depois o delegado veio e falou com a mãe dele, mas eu não deixei o delegado chegar perto, falei: vai traumatizar o menino, falei: não é este o caso e deixa ele comigo. Mas só que depois ele ficou com aquele... o pai dele também... tinha pra quem puxar... e aí depois ele veio com um canivete pra escola, aí foi que a irmã Edita foi

obrigada a expulsar ele da escola... mas comigo, assim... era um excelente aluno dentro de sala de aula, mas fora tinha problema com os colegas, né?... Mas eu sempre tive muita amizade com as crianças... toda vida tive... Nunca tive problema com aluno...

Como era a participação dos pais, neste momento da implantação das escolas em Sinop?

Ah! Os pais ajudaram muito, se não fossem os pais não tinha tido escola em Sinop. Tinha aqueles pais que estavam ali direto, construindo escola, vindo ajudar plantar árvore, a ajudar plantar grama, ajudar limpar em volta, e... Quando precisava fazer uma reunião, que precisava pegar no pé de um secretário ou de uma diretora, eles vinham mesmo. Nós conseguimos por força dos pais, nós conseguimos implantar num ano a 5ª e 6ª série, que a irmã não queria implantar, e nós conseguimos, com os pais, por traz da irmã, escondido, mas fizemos, só que ela depois veio na reunião, quando ela tava na reunião, só que armamos por traz, porque ela disse que vai funcionar 5ª série e não vai funcionar 6ª, eu não aceito. Mas nós tinha alunos e tinha professor... e na época o Osvaldo Sobrinho era Delegado Regional de Educação e Cultura, e ele tava... nós tava num curso pedagógico em Vera e depois ele pegou o fusca da irmã e foi pra Colíder, e ele ia voltar naquele dia de noite, e nós viemos da Vera pra cá, e... ele vinha de Colíder pra cá. A irmã Lídia... aí as mães queriam a 6ª série, aí eu falei: o que nós vamos fazer. A irmã Lídia falou: avisa todos os pais, hoje 8 horas, reunião na escola. Aí, chamamos a molecada e oh...de casa em casa, aquilo oh... era um correio, era muito melhor que hoje a rádio... Aí o Osvaldo chegou era umas 7 horas... o Osvaldo Sobrinho chegou no hotel do Pareja, aí eu fui lá e falei: Osvaldo as 8 horas, os pais marcaram uma reunião com você na escola. O que eles querem? Problema da 5ª e 6ª série. Aí ele falou: Não, pode deixar, eu vou. E a irmã Edita estava com ele, só que a irmã tinha ido pra casa das irmãs, eu falei: Osvaldo a irmã vai bater o pé, ela não quer, ela já falou que não vai aceitar. O Osvaldo [...] aí ele foi pra escola; quando ele chegou na escola, que ele entrou na sala, a escola cheia de pais. O que deu pra sentar sentou; o que não deu tava os corredores cheios, beira da parede cheia de pais, aí a dona Olinda Demarchi falou, né? Porque ela tinha o Jaime, que ia pra 6ª série, que eles queriam... a irmã Edita falou: Não!Não! eu falei... a irmã falou: por que? Aí o Osvaldo Sobrinho falou: Eu só quero saber de uma coisa, quantos alunos tem pra 6ª série? Acho que tinha 14. Quantos tem pra 5ª? Eu não me lembro mais hoje quantos tinha. E quantos professores? Ah, tem fulano, tem sicrano... nós tinha professor para todas as matérias... Tinha dona Anísia, pra português; tinha dona Antônia, pra geografia e história; tinha José Roveri, pra Matemática; o Odemar Schenatto pegou história; A irmã Edita... A irmã Lídia dava matemática, ajudava o Zé, né? Quando precisava, ela dava outras matérias, dava educação artística, dava... enfim... aí tinha o... ela dava ciências também. Professores têm, aí ele falou: bom, se tem professor pra 5ª, os mesmos professores dão aula pra 6ª, tá liberado. A irmã Edita subiu pelas paredes. Bom, porque ela não queria? Ela queria que os alunos perdessem mais um ano, já tavam parados. Ele disse: Não, se tem professor pra 5ª, os mesmos professores dão aula pra 6ª...

Em que ano foi a implantação da 5ª e 6ª séries?

Em 75... Em 75 nós conseguimos implantar a 5ª e 6ª séries...

Foi muito rápido, né? Em 74 estava iniciando, em 75 já tinha 5ª e 6ª...

É... É... Por isso que eu falo: foi uma explosão de...de... demográfica da cidade, tanto dos alunos na escola, como em tudo, né? O povo depois da inauguração que abriu, né?... a inauguração, né? Sinop foi inaugurada e tal... Aí ninguém mais segurou, né?

Saiu nos meios de comunicação...

O Ênio esparramou pelo Brasil inteiro, que era o objetivo dele era este. Aí quem já tinha terra veio, quem não tinha veio comprou e já ficou, ou veio comprou e buscou a família, e assim foi... mas nós lutamos muito para conseguir... E depois foi outra briga pra desmembrar a escola da Vera, porque elas não queriam... elas queriam que Sinop passasse pra Vera, eles não aceitam até hoje, né?

O pessoal da Vera tem uma rixa em relação a isso?

Só que a Vera ficou com 120 alunos e nós estávamos com seiscentos e tantos... Falei: não tem condições. Todo bimestre nós tinha que pegar o bendito jipe da colonizadora. Os professores todos enfiados dentro do jipe, pra ir pra Vera fazer reunião... Tinha que fazer reunião todo mês, e era um sofrimento, era aquela ida e vinda... Nós tinha muito mais professores que eles lá, aí depois começaram a fazer reunião... aí eles viram que o negócio pesava, né? Como era difícil ir daqui pra Vera, andar 70 quilômetros de estrada de chão, numa caçamba de um jipe, daqueles caçamba dura, aí... não, e não, e não... a irmã começou a falar não e nós começamos a falar sim... Aí fizemos uma reunião e escolhemos já o nome da escola, e... só que ela engavetou depois... Eu saí da escola e a irmã Lídia foi transferida, aí ela conseguiu engavetar até que ela veio pra Sinop. Você pode ver na placa da fundação da escola Nilza lá, que está escrito 77.

Foi só nesta época que foi fundada a escola Nilza?

Foi quando ela veio pra cá, que ela foi pra Cuiabá, e fundou a escola...

Ela, a irmã Edita?

É a irmã Edita. Não deu o braço a torcer pra nós, essa parada ela ganhou... Mas ganhou porque eu saí e a irmã Lídia foi embora, e os outros... ficaram quietos. Porque ela queria ser a primeira diretora, isso era o ponto dela...

E daí ela foi a primeira diretora?

Se nós conseguíssemos desmembrar da Vera, seria outra diretora, aí ela ficava... Aí então, o que ela fez; claro, pra ponhar panos quentes, ela fez o que: ela ficava como diretora na Vera e ponhou uma sub-diretora aqui, que primeiro foi a irmã Lídia, depois quando a irmã Lídia foi transferida, entrou a Augusta... como sub-diretora... mas ela ficou mandando da Vera pra cá... era escola Nilza já, só que ainda ficou subordinada a ela, lá na Vera. Ela só abriu o jogo quando ela foi transferida pra Sinop...

Então a assessoria pedagógica que existia era essa que vinha de Vera?

Não tinha... Não tinha, assessoria... Nós tinha um Delegado Regional de Educação e Cultura, que era o Osvaldo Sobrinho, ele vinha de Cuiabá, ele vinha de carona, porque nem isso... nem

carro pra ele a secretária não tinha... Ele vinha as vezes até no posto Gil, as vezes de ônibus, porque naquela época, ainda a estrada para Porto Velho vinha por aqui, então ele vinha até ali, e dali geralmente ele vinha com os caminhões do 9º BEC, pra cá... de carona, aí ele vinha até Rio Verde, onde tinha o batalhão, o acampamento, aí ele acampava por lá; aí ele vinha até aqui; aí ele dava assessoria, assistência, as escolas daqui; depois ele pegava o fusca da irmã Edita e ia atender Colíder e Alta Floresta...

E como que era esse apoio dele, ele representava o governo?

Ele era o que é hoje o Secretário de Educação e Cultura, do estado, ele era... porque nós era... aqui era da Colonizadora, então eles davam esta assistência, só que não tinha um secretário aqui, nós dependia ainda de Cuiabá... nós dependia tudo do Osvaldo, aqui só abriu escola, aqui só teve escola, só teve a educação, porque tinha o Osvaldo Sobrinho, senão nós não tinha nada... eu sempre falo: o Osvaldo Sobrinho... Sinop deve a educação e as escolas, que tem hoje... não só Sinop, mas, Vera, Carmem, Colíder, Alta Floresta; as cidades daqui pra cima, tudo, devem ao Osvaldo Sobrinho. Ele era um rapaz novo na época, recém formado, enfrentou esta secretaria, e veio com garra, ele sentava no chão, ele comia lanche com a gente, e... a irmã fazia suco e ele dizia que era água tingida, e ali ele comia o que tinha... olha nós tivemos um apoio, se nós não tivesse o Osvaldo Sobrinho, acho que nós não tinha sobrevivido com as escolas aqui no norte, não.. porque se nós fossemos depender de outros de Cuiabá... e nós tinha muito a ajuda da Colonizadora... A Colonizadora, as irmãs, né? De Maringá. A irmã Joanita, dava muito apoio, naquele período em que as irmãs estavam aqui, né? Então, era o apoio que a gente... E dona Nilza... Dona Nilza era um braço direito na escola, porque tudo ela mandava de Maringá; essas crianças tinham que ter tudo, essas crianças que não sei o quê, essas crianças... Tanto que depois, no dia de escolher o nome pra escola, a irmã Lídia queria por a escola no nome do seu Ênio, eu falei: negativo. Falei: seu Ênio é um homem, vai ter muita coisa no nome dele, por ele ser o colonizador, por tudo... a escola vai ser no nome da dona Nilza. Aí a irmã Lídia falou assim: Mas nós precisamos de um motivo. Falei: a senhora quer motivo maior do que ela fez na inauguração da cidade. Ela mandou de Londrina, uma peça de roupa azul e uma peça de roupa branca, aí ela mandou tirar a medida de todos os pezinhos de todos os alunos da gleba, não só Sinop, Vera, Carmem, Bela Vista, mandou para Maringá, veio as meias e os tênis de cada um, do seu número, ela fez pro desfile pro dia da inauguração da cidade...

Foi feito um uniforme?

Foi feito um uniforme, e ela mandou tudo de avião pra cá, veio pra cada aluno seu tênis, meu deus! Eu nunca esqueço, que ela chegou rindo um dia na escola, ela disse: nossa vocês tem uma aluna de pé grande. Era a Melânia, do Schmidel, calçava 42. Ela teve trabalho pra achar esse número. Era todos aquele conguinha azul, né?... aqueles conguinhas de cadarço de amarrar...iguazinhos. E ela trouxe número por número daqueles, aí ela trouxe... veio um avião com leite em pó, com maçã, com bolacha, com chocolate, com... é... Toda merenda pra toda essa molecada, porque o pessoal que saiu da Vera, da Carmem... Saiu de lá de madrugada, pra chegar aqui... porque o ministro era pra chegar pra missa das 8 horas e logo depois era pra ter chegado o ministro... e o ministro chegou aqui era meio dia... e ela mandou toda merenda, pra toda criança o seu; o seu leite; o seu chocolate; o seu... Pra cada criança nós fizemos o seu pacote de merenda; com fruta; com bolacha; com ... tudo ela mandou... E ela tinha esse cuidado... Não me deixe uma criança passar fome, não me deixe uma criança sem

lanche. Falei pra irmã: Diabo, precisa de mais. Depois outra, ela não tinha filhos, Dona Nilza não tinha filhos, depois nós entregamos pra ela o nome, olhou assim... aí eu falei pra ela: Dona Nilza. Eu falei: cada criança que passar por essa escola vai ser um filho da senhora. Mas pra que, a mulher desmoronou, coitada... E ela dava apoio, ela não... criança não podia ficar sem aula, dava apoio... O que ela podia fazer, pelas crianças e pela escola, ela fazia. Depois quando foi a escola pro nome dela e... aí, aquilo pra ela era tudo...

Como os professores faziam pra se manterem atualizados sobre o que acontecia no resto do país em relação a educação?

Olha, o que nós tinha era o que vinha de Maringá...

O que as irmãs mandavam...

O que as irmãs mandavam. Vinha jornal, às vezes depois de uma semana ou duas, mas pelo menos a gente ficava sabendo de alguma coisa, né? Era isso que tinha porque não tinha outra coisa... Aqui rádio não pegava, quase... Muito pouco. A única rádio que pegava aqui era a Brasil Central de Goiânia e a Rio Mar de Manaus. Outras rádios aqui não pegavam. Televisão não tinha. Não tinha energia. As rádios de Cuiabá, não pegavam aqui. A prefeitura era em Chapada, você não conhecia o prefeito, você não conhecia um vereador. O prefeito, ninguém sabia quem era o prefeito.

Por que era de Chapada?

Porque era de Chapada, e aqui ele não vinha, o vereador que nós conhecia era o Plínio...

Era o representante de Sinop, lá?

Era o Plínio Callegaro...

Para concluir, é possível uma comparação, daqueles primeiros tempos com o momento atual?

Ai, eu acho que não... Eu acho que não. Primeiro porque hoje tem escola, apesar de tá faltando muita escola em Sinop, porque o governo não se preocupa em construir escola... Naquele tempo era precária a escola, a primeira, né? Depois que a colonizadora deu o apoio, nós tinha salas, mas nunca suficiente, né? E hoje também não tem, essa é a única talvez comparação... Mas pelo menos tinha o apoio da colonizadora, e hoje o governo não dá apoio, e... Mais assim... A falta de professores, tinha falta de... de... de material pedagógico, nós tinha de... até de salário, que hoje também tem, né?... Era muito difícil. Era muito longe tudo, né? Pra ver, que era 500 quilômetros daqui pra Cuiabá, e muito mais, 2000 e tantos pra Maringá. Hoje não, hoje você tem aqui uma secretaria de educação do município, você tem uma... uma... uma...secretaria... não é secretaria... é...

Assessoria pedagógica...

Assessoria pedagógica. Você tem alguma coisa, onde você se apegar. Naquele tempo nós não tinha, a nossa salvação era o Osvaldo Sobrinho, que era o Delegado Regional... se nós não tivesse ele... eu não sei aonde que a gente ia recorrer... não tinha outra ... secretária, alguma

coisa do governo você nunca via, porque o governo vinha aqui no dia da festa de inauguração, ou alguma coisa, que eles apareciam, senão também não vinha... E foi um grande passo, a briga pela universidade, que veio pra cá, né? Quando o Figueiredo disse que mandaria uma Faculdade pra cá ninguém acreditava, entre uma escolinha que tinha começado com trinta e três alunos, hoje... já naquela época se falar em... foi em 82, 84, acho que foi, quando ele prometeu a Faculdade, e... era muito pouco tempo...

Muito rápido...

Era muito rápido. Eu falei ainda pro pessoal da cidade naquele dia: um dia a gente foi atrás, foi na Vera, foi a procura, pra fundar uma escolinha, pra começar com trinta e três alunos, hoje eles falam em universidade, era uma... é complicado...

A senhora falou a respeito de que naqueles primeiros meses, quando chegaram muitas crianças, todas ao mesmo tempo, que foi necessário trabalhar de manhã, de tarde e de noite, como era esse trabalho? Quatro horas em cada período?...

Era quatro horas. Eu dava aula de manhã e à tarde; a noite tinha que preparar as aulas, você tinha que corrigir provas, você tinha que arrumar tudo... Porque você não... Porque você tinha que procurar alguma coisa... Pra você tira alguma coisa, pra da pro aluno... A gente não tinha uma biblioteca, não tinha nada... Então, você muitas vezes perdia horas sem saber por onde começar, falava: e amanhã o quê que eu vou dá, o quê que eu vou fazer? Você não podia pegar a matéria de 2º ano, pra dá pra um 3º, não podia pegar dum 3º pra dá pra um 1º, você tinha que ver o quê que dá, e não tinha de onde tirar, as vezes você trabalhava até altas horas da noite ali pra preparar, as vezes tirando da própria cabeça, lembrando daquilo que você aprendeu no passado, pra poder ter alguma coisa pra dá pro aluno, então, não era fácil não, as vezes, nós se juntava com a irmã Lídia lá, que ela tinha mais experiência, então ela ... junto ali a gente trabalhava, fazia... porque nós trabalhamos muito tempo eu e a irmã Lídia, depois veio a Edenir, depois veio a Lucinha, e pra Lucinha não foi fácil, porque ela também veio de uma escola onde tinha muita coisa e chegar aqui e pegar primeiro ano que nem ela pegou, todos os 1º anos, sempre, sem um material pra você entrar numa sala de aula e dizer vamos fazer isso hoje, ou aquilo. Você tinha que ficar recortando pedaço de papel, pedaço de jornal, recortando letras grandes do jornal que a gente conseguia no escritório da colonizadora, pra você mostrar pro aluno que letra era aquela, olha, não era fácil não. Então, você chegava a trabalhar de manhã, de tarde, e às vezes até altas horas da noite, pra tentar... no outro dia chegar na escola e saber o que dá pro aluno. E, as vezes, você tinha que parar, depois da aula, pra fazer matrícula, aí você tinha que ir lá depois.. ou antes da aula... ou ficar das 5 até lá pelas 6, 7 horas limpando a escola, passando cera naqueles pisos vermelhos, e limpando cozinha, porque tinha sido feito a merenda, mas depois da merenda você teve que ir pra sala de aula; a cozinha ficou pra limpar depois... ai, era... foi... foi... complicado... era complicado... Muita gente que hoje não valoriza, mas... olha, nós passamos por bons bocados, mas também passamos... por... não foi fácil, não... Porque gente fazia de tudo. E depois quando trocou de governo, em 74, nós ficamos onze meses sem receber salário, e nós não podia fazer greve porque era na era militar, né? Então, não podia fazer nada, tinha que esperar. Você reclamava; tinha que esperar... Tinha que esperar... E o governo que entrou, colocou toda família no Palácio Payaguás... Nós ficamos onze meses sem receber salário; nós recebemos o salário em novembro e depois fomos receber no final de outubro do outro ano, porque o Osvaldo Sobrinho pohnou fogo lá em Cuiabá, ou sai o salário dos professores, ou

nós vamos partir pra... e ele brigou, e brigou, até que ele conseguiu... Conseguiu o salário dos professores, porque nós ficamos... e era difícil, porque... para você conseguir uma nomeação tinha que sair no Diário Oficial, e era tudo muito lento, lá em Cuiabá era tudo parado, não tinha... não tinha contato com o resto do país, eu não sei por que era tudo tão lento... você conseguia... Minha nomeação, quando eu saí da colonizadora, porque o primeiro ano eu ganhei da colonizadora, meu salário, né? Depois quando eu passei pro estado, Deus o livre!... Demorou não sei quanto tempo pra sair essa bendita nomeação, porque enquanto não saia no Diário Oficial você não podia... E você não recebia também... Então era um Deus nos acuda... Então, era o Osvaldo Sobrinho que tinha que correr atrás, porque se a gente chegava em Cuiabá e dizia que era de Sinop, nós... eles ficavam meio... de pé atrás com a gente. Então... nós dependia tudo dele, ou ele resolvia ou nós chegava sem nada aqui. Então não era fácil, não... foi sofrido...eu acho que eu larguei mais de dá aula porque eu cansei, era cansativo...

E a senhora trabalhou até quando?

Até 77. Eu tinha o menino... Aí começou a poeira, ele teve um problema alérgico, aí o Dr. Adenir chegou naquele ano, e falou: tira ele dá poeira, porque nós vamos ter problema com ele, e foi na época que o meu sogro comprou muito gado, e ele tinha que ficar aqui cuidando do gado, senão ninguém cuidava. Aí resolvemos vir pro sítio, vir aqui tocar, e estamos aqui até hoje... Os meninos graças a Deus estão formados, não estão com faculdade, mas todos três estão com 2º grau... completo... e, estamos aí, tocando a vida... E Sinop, ninguém segura, quem chegou aqui, no meio de uma derrubada; com duas casinhas, e hoje muitas vezes você tem que parar nas ruas para dar uma olhada para ver onde você está, pra você conseguir se localizar... não é fácil, não...

As vezes se perde, né?

É verdade... As escolas falta muito ainda, acho que o governo devia dá mais apoio, tá faltando muita escola estadual, e o povo infelizmente, o povo não entende, o povo joga tudo nas costas do prefeito... o prefeito... eles não entendem que as escolas estaduais são do governo do estado... porque o prefeito tem a responsabilidade dele, decorrer atrás, de buscar, né? Mas o governo...

Seria mais uma forma de um apoio... para essa cobrança...

É... de apoio. Que nem no ano passado as mulheres brigando e reclamando com prefeito, mas elas não entendem que não é da prefeitura, que não é da alçada da prefeitura construir escola estadual isso tem que vir do governo do estado, ele que tem que fazer, ele até hoje não construiu uma escola, tantos anos que ele já está aí ...

Verdade...

As escolas que estão construídas em Sinop, foi o Júlio Campos que construiu; ele construiu o Nilza; ele construiu o Pissinati; construiu o Ênio; construiu o Osvaldo de Paula; e ficou por isso, depois disso não se construiu mais escolas em Sinop...

B MARIA AUGUSTA PAULA SÃO JOSÉ

Fale sobre o motivo de sua mudança para Sinop.

Bom, então o motivo pelo qual eu vim morar em Sinop foi justamente para acompanhar o marido, né? Casei e vim acompanhar o marido porque ele mais ambicioso e querendo sobressair financeiramente na vida e achou que aqui era uma região boa, aí ele veio, acompanhando meu irmão Osvaldo, que é um dos pioneiros daqui, então ele veio três anos antes de mim, o Jaime...

Então ele veio em 1973?

É... 73, desde 73 que ele está aqui. Daí eu ainda continuei lá porque eu terminei meu curso na universidade em 1975, aí nós nos casamos em 1976 e eu vim para cá em agosto de 1976.

De que cidade a sra veio?

De Rolândia, no Paraná, pertinho de Maringá de onde era, e ainda é, a Colonizadora Sinop. Naquela região, e...

Comente como era cidade nesses primeiros anos.

A cidade na época... Nossa era assim... É... Muito mato, né? Bem pequenininha... É... A escola só tinha, o quê? Uma média de quantas salas... Só tinha quatro salas mais ou menos e uma outra repartição onde funcionava a direção, biblioteca, sala dos professores e a parte administrativa, né? E... Tudo junto lá, mas era muito bom, e... Agora, a cidade não tinha muita coisa, não tinha muito recurso, nós não tínhamos energia, né? Então quando eu vim usava chuveiro a gás e ferro a gás e a nós tínhamos motor no fundo da casa; então a gente ligava, então era aquele barulhão doido no fundo do quintal e tinha o motor da cidade, que era da Colonizadora Sinop, então ligava e tinha energia da cidade que ficava até umas dez da noite, uma coisa assim, desligava e ficava todo mundo no escuro...

Isso desde 1976?

Sim, esse motor tinha, quando dava pane, dava um problema nesse motor, aí inclusive eles usavam aqueles bujõezinhos, que nós chamávamos de liquinho, não sei qual é o nome daquilo lá hoje, punha aquilo na sala de aula, dava aula com aquilo lá...

Então tinha aula no período noturno?

Sim, no noturno, tinha aula no noturno, desde que cheguei aqui já havia aula no noturno, quintas séries já, do ensino fundamental quintas, sextas... Depois... Hospital... Tinha um hospital, tinha que era o... Não hospital não tinha não, só tinha posto de saúde depois os primeiros hospitais... Quem chegou primeiro aqui foi o Dr. Adenir... O Kato e depois o Dr. Albérico... Era Albérico, acho que era...

Neste posto de saúde tinha médico?

No começo não, no começo era só as irmãs, né? Que eram as irmãs da congregação da Alemanha, elas vieram também da matriz delas que era de Maringá, então elas que ajudavam aqui, mais era as irmãs, e depois tinha daí um médico que atendia no pronto socorro, lá, num posto de saúde que era bem pequenininho que era onde é o correio hoje, na época e... O que mais... A igreja que foi o Padre João que construiu, agora o Padre João está aqui construindo a Catedral, muito importante para nós, ele voltou para isso, então justamente porque ele foi muito competente, o ginásio de esporte foi ele também que ajudou a construir, que era o Pipininho na época, né? Hoje é o Carlos Pasa, né? Então tudo isso, né... Foi... É gostoso a gente lembrar porque vai vindo como foi, é gostoso você ver a evolução, acompanhar, né? Na época a gente era bem nova, e tudo... Com toda aquela energia de vida, de trabalho, a gente vem para enfrentar então vamos enfrentar... Agora tinha muito peão, sabe? Eu me lembro bem quando eu entrei na escola, logo que eu comecei a trabalhar, entrei trabalhando na escola como diretora da escola, eu não tinha experiência nenhuma na área da educação, terminei a faculdade em dezembro de 75 e não trabalhei porque não deu nem tempo de trabalhar lá cheguei aqui e a irmã me fez de qualquer maneira pegar este cargo e eu falei pra ela que eu não queria, não queria... Que eu não tinha experiência, não tinha experiência... Mas ela insistiu que eu pegasse que ela me daria a assessoria, né? Necessária... E a irmã Edita era uma pessoa muito competente, com muitos anos de experiência, então realmente não deu muito problema não, porque ela realmente me assessorava, ela fazia o papel de coordenadora da gleba, no caso né? Então ela dava assistência para Carmem, Vera e Sinop, né? Toda a Gleba Celeste... A região na época, as escolas rurais e tudo...Então a gente ia, tinha as escolas rurais que a gente levava professor, trazia professor, era... Tinha um carrinho, um fusquinha que elas ganharam da Alemanha, e com este fusquinha a gente fazia miséria, sabe... Levando professor, e trazendo...

Todos os dias?

Todos os dias, todos os dias, ah!... inclusive a professora Gunda, ela trabalhava, dava aula... Dava aula... Numa escola... Não eu levava uma professora na escola rural e trazia a Gunda... Que ela morava num sítio aqui perto para dar aula aqui em Sinop, daí de tarde levava a Gunda trazia a outra professora que era a Dona Lurdes, mas olha era complicado... a Leda também que era de outra região ... Então uns iam para um lugar outros iam para outros... Teve que funcionar também quatro períodos na escola porque na época não tinha como atender todos os alunos, e precisava prestar atendimento para todos, então nós fizemos período matutino, período vespertino, período intermediário e período noturno, então funcionava o dia todo...

E era quatro horas cada um desses períodos?

Cada um desses períodos, então funcionava direto... Então ia fazendo revezamento...

Isso naquelas quatro salas?

Isso naquelas quatro salas que existiam... Depois construíram aquela primeira parte do Colégio Nilza, né? Aí passou para lá e aquela parte ficou desativada, mas era a única escola, tinha que atender todo mundo, tinha que dar um jeito. Agora com relação ao grau de escolaridade dos professores, já naquele tempo era muito bom, tinha professores já com bastante experiência do Paraná, professores que vieram com Faculdade já na época, Cida Faganello, eu tinha Faculdade, tinha uma tal de Antônia Martinelli, tinha a Anísia que já tinha

faculdade na época, tinha a Maria Helena Moura, a irmã dela, a Maria de Lurdes, todo mundo com faculdade já naquela época, e outras professoras com 2º grau, a maioria, muito boas professoras. Tinha a Salete, a Lucinha veio já com o curso, não era ruim o estudo, era muito bom, era muito boa a educação naquele tempo, muito bom...

E com relação ao apoio do governo, como era o apoio do governo naquela época?

Muito bom, muito bom, nós tínhamos um apoio muito bom...O tempo que eu fiquei na direção da escola inclusive o Professor Osvaldo Sobrinho, hoje Deputado Federal, ele que era o assessor da assessoria, naquele tempo a gente falava delegado de ensino, pertencia a Chapada dos Guimarães, ele que era o delegado de ensino, então ele era muito acessível com a gente, se precisava de carteira, ele trazia carteira, Ah... inclusive uma vez nós não tínhamos salas suficientes para atender todos os alunos, nós atendemos, acho que mais de um ano, não me lembro ao certo, no barracão da igreja Santo Antônio, a Lucinha dava aula ali, a Graça dava aula ali, a Graça Faganello a Maria de Lurdes dava aula lá... Então eram umas mesas improvisadas com banquinhos, aí uma vez nós levamos o Osvaldo Sobrinho lá pra ver a realidade, ele viu... Aí, nós tínhamos instruído alguns alunos já para fazerem o pedido pra ele, das carteiras, que ele estava vendo a situação, e na ocasião os alunos então fizeram o pedido, e tal...E ele mandou depois as carteiras, então nós ganhamos as carteiras, eu sei que funcionou um bom tempo, afinal nós não tínhamos um local para atender, sei que não ficava criança de fora, sem estudo não...

Constantemente apareciam mais crianças?.

Sim, todos os meses apareciam mais, era feito um trabalho bom, nós recebíamos alunos, inclusive nós recebemos alunos de Santa Catarina que já vieram matriculados, assim... No 2º , 3º ano semi-analfabeto, não estavam bem alfabetizados, nós voltamos esses alunos, sabe, assim, não na documentação, mas, assim, conversamos com os pais e fizemos um excelente trabalho, sabe? Voltamos os alunos e demos toda aquela base para os alunos darem continuidade, mas isso aí também era muito baseado na administração das irmãs, né? Elas eram ótimas, foi uma administração muito boa, uma administração muito séria...

Elas tinham algum vínculo com o governo?

Não, não tinha nada a ver com o governo, não tinha nada a ver com a política partidária, era a política da educação, era a política da Colonizadora, lógico, agora seu Enio, sim, tinha tudo a ver com os políticos, tudo que ele conseguiu trazer para cá foi, lógico, através dos políticos, esse crescimento da gleba, de tudo aqui, lógico que evoluiu desse jeito porque ele trabalhava muito, era um trabalho sério eu acredito porque, na verdade, veja bem, houve tanto desvio de verba e tudo, né? Naquele tempo eu acredito que era realmente aplicado aqui, né? Isso aqui demonstra cresceu, temos estrada, então ele foi um homem muito bom. Acho que ele não se aproveitou dos benefícios da política, né? Ele não se aproveitou do dinheiro público só para enriquecer, né? Fazia o que deveria fazer de acordo com a profissão dele que era colonizador, era o trabalho dele.

Essas irmãs vieram para cá por intermédio da colonizadora?

Da colonizadora. A colonizadora inclusive que dava toda a assistência para elas, e, além disso, como elas são de uma congregação Alemã, então elas conseguiam muitas verbas, muita

doação, muita coisa da Alemanha... Direto da Alemanha, e isso tudo com certeza era tudo aplicado em prol da comunidade mesmo, não existia desvio de verba para enriquecer ninguém, era uma coisa muito séria, muito bonito até, quem participou disso e viu realmente... Que a gente participava junto com as irmãs, inclusive até roupas, roupas ótimas, roupas boas, assim... Vinha da Alemanha, elas distribuía para as pessoas carentes, precisa ver como que era...

Existiam muitas pessoas carentes?

Existia muito, e em todos os sentidos, inclusive uma coisa que era muito bonito, que a gente via que as famílias que já estavam aqui acolhiam os outros da família que vinham aqui, moravam meses, às vezes, nas casas. Eu, por exemplo, fiquei cinco meses morando na casa da Darcília, até que eu fui para minha casa, então naquele tempo demorava para se construir e era tudo mais difícil, né? Eu me casei e fiquei morando dentro da casa da Darcília pra depois eu ir para minha casa, então tá. Depois vieram a Meloca, por exemplo, que você conhece bem, ela ficou alguns meses na minha casa também, até ela poder ir para casa dela, a casa dela estava ocupada na época, ela ficou um tempo, o marido dela, que é meu cunhado, ficou um tempo na minha casa antes dela. Depois teve a minha cunhada que trabalha já a mais de quinze anos na área da saúde, como assistente social; ela a Eliana também ficou na minha casa uns quatro meses até ela conseguir construir a casa dela e ir para a casa dela, naquele tempo era mais difícil de chegar aqui e alugar, não tinha casas de aluguel, era mais difícil, era complicado, então era assim... Uma outra minha irmã, que já não mora mais aqui, também veio e ficou uns oito meses na minha casa, então era assim, sabe? Interessante naquele tempo como eram as coisas... A Beatriz, que ela trabalha hoje no sesi e trabalha na prefeitura também como dentista e o marido dela também, hoje eles não estão juntos, mas é o Bogado, eles também ficaram, acho que, uns três meses morando em minha casa, assim que vieram. Então era assim, um ajudava o outro, então essa parte de solidariedade era muito boa, sabe? Não sei acho que era muito difícil...

Talvez por falta de recursos...

É por falta de recursos, todo mundo ajudava o outro, era muito bom nessa parte, principalmente as famílias, a maioria. Teve gente que veio; vinham, não tinha onde ficar e ficavam embaixo de lona, até se organizar, ajeitar, não era assim... Favelado mesmo, era gente que vinha procurar um recurso, procurar viver, inclusive as pessoas que moraram embaixo de lona, hoje estão bem, tem suas casas, conseguiram um certo capital, com trabalho, né?

Ficavam nessa situação devido a falta de recursos, ou até mesmo de materiais que demoravam para vir, né?

Demorava. Era tudo muito difícil, né? Então nessa parte, faltava tudo, então era muito complicado. A estrada muito ruim no período da chuva... Ônibus; só tinha um ônibus que ia daqui de Sinop para Cuiabá e outro que vinha de Cuiabá para Sinop.

Por dia?

Por dia. Um único ônibus.

Então se perdia aquele ônibus...

Perdia... Então aquele ônibus vinha carregado de galinha, de tudo que é trem que tinha dentro, então era aquela loucura, né?

Quanto tempo de viagem daqui para Cuiabá naquela época?

Ah, o dia todo, né? Levávamos vinte e tantas horas, e hoje em sete horas já está lá.

E o material escolar dos alunos? Eles vinham com o material todo? Eles tinham todo o material?

Tinha, naquele tempo já tinha. Eles tinham todo o material, vinha do governo, eu não sei como era feito, mas já tinha as cartilhas, tinha o material, tinha os livros, a maioria já tinha os livros, que eram doados para as crianças, inclusive até lápis, caderno; essas coisas já ajudavam um pouco. A época que nós, os professores temos uma boa lembrança, foi muito bom, inclusive o salário, meu salário era o dobro do salário das minhas amigas lá do Paraná, que fazia muito mais tempo que trabalhavam, foi no governo de Frederico Campos, aquele deixou saudade na área da Educação para os professores, ele foi muito bom. Depois a coisa foi modificando, aquele tempo foi muito bom...

E com relação a questão do uniforme, como era? Era exigido?

Era exigido o uniforme... Em até certo ponto, por que era tudo muito difícil. Muito barro... No tempo do barro, era barro, no tempo da poeira, era poeira, muita sujeira, teve um tempo de criança vir até descalço, daí a gente começou a exigir pelo menos um chininho de dedos, então nessa parte teve um tempo que a gente tentou exigir um pouco... Meia, calçado, mas viu que não era o certo, não dava... O clima, as condições, não dá... Mas na medida do possível o uniforme era assim... Exigido sim, se aluno não tinha condições, naquele tempo a gente já dava um jeito de ajeitar condições para o aluno. Outra coisa nós tínhamos também muita colaboração por parte dos pais, os pais naquele tempo, a comunidade escolar... Naquele tempo a gente falava que era a associação de pais e mestres; então funcionava, você fazia qualquer evento, qualquer coisa para angariar fundos para reverter em benefício da escola, e realmente era revertido em benefício da escola, todo mundo via, a comunidade via onde tinha sido aplicado o dinheiro; hoje de repente você não sabe se veio, se não veio, quanto veio, é tudo muito complicado a administração de hoje, mas antes era uma coisa muito séria, e eu acho que era por isso que tudo funcionava... e os pais, por exemplo nós tínhamos muitos alunos... Filhos de Jorge Yanai, por exemplo, que naquele tempo também eu estava na direção, veio para cá ainda... Então de Ropelle que já tinham fazenda, os meninos lá da Retífica Rei, né? Então muita gente trabalhou, muita gente ajudou muito, a escola, então por isso, inclusive o pré-primário, aquela construção onde funcionava o pré-primário antes, foi construída só com o dinheiro da comunidade, com a ajuda da Colonizadora que sempre ajudava muito... Então nós fazíamos muita festa, muita quermesse, bingos... Direto... Direto a gente estava fazendo eventos assim e eu...

Toda a comunidade participava?

Sim, professores, alunos, pais, todo mundo participava mesmo, trabalhava mesmo, eu não sei, mas parecia uma família, não sei se era porque todo mundo tinha vindo de tão longe e então a gente se apegava muito um ao outro aqui, então era uma amizade, uma amizade muito

sincera, sabe? E então todo mundo trabalhava com bastante gosto, com bastante ânimo, diferente de hoje, né?

E em casa? A senhora sentia que havia um acompanhamento dos pais com relação aos filhos em casa, com relação à educação?

A existia sim, os pais... Eles compareciam muito as reuniões quando os professores convocam os pais para reunião, para entrega de boletins, e tudo... Os pais sempre deram bastante importância sim, eu acho até que mais do que hoje. Hoje em função da vida que mudou muito, hoje tá todo mundo correndo atrás do Real, né? Que sumiu, né? E sem ele você não sobrevive mais nesse mundo, nessa sociedade consumista que nós estamos hoje e antes não era assim; como eu estava falando, nem tinha muitas condições, a maioria das mães eram domésticas, não existia nem onde trabalhar, trabalhar fora... Então dava um pouco mais de assistência para os filhos, sabe tinha muita gente boa que está na cidade hoje que conseguiram financeiramente ficar bem, e que continuam mantendo um padrão de vida bom, essas pessoas naquele tempo, né?... Já se dedicavam muito a educação, davam muita importância para a educação dos filhos.

A senhora falou dos livros que o governo mandava para os alunos, existia uma biblioteca e materiais didáticos? A escola dispunha desses materiais? Ou no início não existiam e foram formadas com o tempo?

Não, tinha sim. Tinha bastante material didático para elaborar. Na época como eu já ti falei as irmãs eram muito competentes, elas conseguiam muita coisa, então como eu já disse tudo que a gente angariava, tudo era revertido para a escola, então eu acho que tinha condições, inclusive financeiras para trabalhar, o que não ocorre hoje. Hoje aumentou tanto, é computador, é tanta coisa, tanta coisa... De repente você não tem condições de manter o computador, você não tem dinheiro para comprar a tinta, por exemplo, para imprimir, que é muito caro, sei lá, por que é muito difícil, sei lá é tão complicado hoje...

Como os professores preparavam as aulas para serem ministradas?

Ah... tinha material didático, como eu disse. O professor de Geografia, por exemplo, tinha Atlas, eu lembro de uma época em que praticamente era obrigado os alunos terem Atlas, hoje você não vê isso, não sei se tem no livro deles, pode ser que lá dentro... Bom eles tinham também os mapas, justamente por isso que eu estou falando, as irmãs davam um jeito de providenciar, de vim, e era através da colonizadora, que colaborava muito também, trazia em transporte, né? Transportava as coisas que a gente precisava, né? Tudo, né? Em tudo a colonizadora ajudava muito... Então todo tipo de material e livro didático e nessa área na parte da didática, né? Do pedagógico... As irmãs viam muito essa parte, inclusive com a experiência que elas já tinham, elas faziam reuniões e repassavam para os próprios professores, como você trabalhar a tabuada, por exemplo, como você trabalhar a alfabetização do aluno...

Faziam uma assessoria...

Faziam, era muito importante também entre os próprios colegas, professores que tinham mais experiência ajudavam outros professores, tinha disso também, hoje parece que não, existe um egoísmo muito grande, né? Mas tinha também essa parte.

E mais especificamente a matemática. Como era essa preparação?

Da matemática. Eu me lembro bem, que inclusive o professor, ele falava o seguinte: a hora que ele ia para a escola ele já ia pensando como ele ia dar determinada matéria, ou como ele ia fazer, então ele tentava também passar a matemática da melhor maneira possível ligada com aquilo que ele ia usar no dia a dia, no cotidiano né? Mas eu principalmente, eu quando comecei a trabalhar com a matemática eu não tinha muita experiência nessa parte, hoje, por exemplo, eu trabalho bem diferente, então lógico, trabalhava, tinha coisa que não dava conta de passar para o aluno onde ele ia usar, porque ele ia usar, mostrar realmente onde ele ia usar e como ele ia usar, né? Então eu já cheguei a dar, por exemplo, porcentagem através de regras, né? Aquela regra que vinha nos livros, meu deus!... Hoje eu não faço isso de jeito nenhum... Porque, você imagina? O que você faz hoje? Joga lá a matéria, e explica pra ele como ele vai fazer... Na loja, no dia a dia, como é que ele vai fazer naquela situação do dia a dia, naquela situação onde ele vai aplicar aquela matemática, então isso é muito importante, e antes era... Por isso eu acho que a matemática virou aquele bicho de sete cabeças, né? Aquela coisa... Ninguém gosta da matemática, porque? Porque não entende realmente, né? Agora a partir do momento que você aprendeu o porquê da matemática, não porque não gostar da matemática, então...

E em relação como os professores avaliavam os alunos naquela época?

Ih!... a maneira de avaliar era péssima, porque era através de prova escrita então inclusive teve um período que nós trabalhamos assim: era obrigado você dar três notas, então quer dizer três provas...

Tinha que ser prova escrita?

Prova, sei lá, ou a gente que entendia assim, eu não sei, sabe? Então você tinha que dar aquelas três provas, por exemplo, se o aluno tirou três, tirou tal... E depois no final do ano, aquela bendita recuperação, que na verdade não recupera ninguém, você tem que pegar uma parte só da matéria, jogar para o aluno, tirou cinco, passou. Então quer dizer também não era muito certo, só que reprovava mais alunos pela maneira da gente avaliar e a maneira da gente trabalhar com o aluno, e entender o aluno, enfim... Hoje não, hoje a gente avalia o aluno completamente diferente, você avalia o todo, né? Então se ele fez pro gasto, você viu que ele tentou aprender, ele aprendeu alguma coisa, então ta bom, né? Ele vai ser bom numa outra, em português, por exemplo, ele vai ser ótimo, então na matemática ele fazendo para o gasto, está bom, com a vida ele vai aprendendo depois, né? Então a gente tem que olhar por esse lado. E naquele tempo, eu mesma falhei muito nessa parte de avaliar o aluno, que a gente percebe, e fala, pôcha!... De repente não podia nem ter reprovado determinado aluno, né? Hoje a gente vê os alunos... eu vejo meus alunos que hoje estão administrando o município de Sinop, então quer dizer, como você vai reprovar um aluno destes? E hoje estão tendo a capacidade... Se formaram, tem aí odontologistas, médicos, filho do Yanai que é médico, que fez medicina, a filha que fez odontologia, tem professores que foram meus alunos, e hoje trabalham junto comigo, então meu Deus!... Então acho assim, que você não pode... Questão de avaliar o aluno tem que jogar a matéria assim; aquilo que você acha que é realmente importante para a vida, que é básico, bater encima daquilo lá, fazer com que o aluno entenda o que realmente significa aquilo lá, não decoreba ou coisa assim, e entenda o porquê que ele

está aprendendo realmente aquilo, onde vai ser a aplicação daquilo lá, principalmente da matemática, e esse é o básico eu acho, na educação de hoje, eu acho...

E era geral esse entendimento, essa cobrança maior... essa maneira de avaliar?

Era no geral... Era no geral. Essa cobrança... Tinha... Não era muito liberal como é hoje...

Como era a relação professor-aluno?

Olha aí... Eu... Era mais assim... Em questão de respeito... O professor era o professor, o aluno era o aluno, tinha uma certa hierarquia coisa assim, e tal... Os pais também respeitavam muito mais o professor, que era o educador, então aquele tempo eu acho que era outra linha, inclusive eu acho que era em função da educação que eles recebiam dos próprios pais; e hoje mudou muito este conceito de educação, né? Então como mudou muito na sociedade, lógico nossos alunos também mudaram, estão sendo educados de uma maneira diferente, através da televisão, naquele tempo não tinha televisão, demorou um bom tempo para vir televisão aqui, né? Não tinha televisão, não tinha telefone, nada... Foi diferente, então essas coisas ruins que a televisão, a mídia traz, porque traz coisas boas e coisas ruins, né? Essa parte que é o problema mais sério, né? Essa parte que os alunos mais pegam. Então essa parte assim... Esse sexualismo que existe hoje também eu acho que é muito ruim, antes eu acho que moral, a moral também tinha outro conceito, mas era de mais respeito, hoje não, hoje ninguém se respeita, tá muito difícil. Em sala de aula, o relacionamento, eu que estou em sala de aula a mais de vinte anos, então veja bem, em vinte anos mudou muito o relacionamento, então você também tem que mudar pra não bater de frente com o aluno, se não você não faz nada. Então você tem que brincar, tem que entrar na dele, e ao mesmo tempo com uma certa autoridade, ao mesmo tempo com respeito e tudo... Então você tem que ser um artista dentro de sala de aula, antes era assim, mais fácil, você entrava lá, só transmitia aquele conhecimento para o aluno, jogava aquele conhecimento para ele, às vezes ele era obrigado a aceitar do jeito que você jogasse, hoje não, hoje ele argumenta, hoje ele te questiona e você tem que estar preparado para isso tudo, porque... Ta certo, nesta parte tá bom, melhorou, né? Mas na parte de respeito humano, respeitar o ser humano, isso aí acho que ta ruim, cada dia pior.

E com relação ao interesse, naquela época os alunos tinham um maior interesse pelos estudos, participavam mais, produziam mais, do que atualmente?

Era mais ou menos igual hoje, eu acho, sabe? Eu acho que tinha bastante alunos que tinham aquele certo interesse, lógico por cobrança dos pais e tudo, hoje alguns que também não são cobrados, se pais não cobram, não adianta, os pais tem que cobrar, hoje os pais também ficam meio perdidos, cobrar o quê dos filhos, de repente ele não... nem se ele está fazendo o certo ou não porque o filho estuda e daí de repente aquilo lá também você vai ver que não vai, as vezes ele acha que aquilo não vale de nada para ele, sendo que é o contrário, a gente sabe que hoje quanto mais conhecimento você tiver melhor para você sobreviver uma vida digna, porque infelizmente eles estão valorizando isso, né? Então você tem que... o trabalho hoje depende da tua competência, né? Não tem outro jeito, então você tem que ser cada dia mais competente pra poder acompanhar essa tecnologia, essa evolução, que está sendo nosso mundo de hoje, então é uma pena, e agora nós, por exemplo, que fomos educados a tanto tempo, a quatro décadas atrás e agora lidando com essa menina de quatro décadas agora, então é

complicado pra gente... A gente tem que tá, né? Por isso eu acho que tem professores hoje que ainda não sabe lidar com os alunos...

Continua pensando como há quatro décadas atrás?

Isso, continua pensando da forma como foi educado, ou então... Sabe? Tá meio complicado, tem que entrar na do aluno, ele entra na do aluno, daí ele dá uma chacoalhada, certo? Eu... É meio complicado, não tá fácil lidar com adolescente, não... Tá cada dia pior...

Como os professores se mantinham atualizado sobre o que acontecia na educação no resto do país? Não havia televisão, telefone...

Mas sabe o que acontecia, a maioria dos professores também que trabalhava aqui, deixaram a família lá no Sul... Paraná, ou sei lá... Então tinha professores aqui, como por exemplo, a Arlete Moura e esse pessoal, a mãe já era professora, as irmãs que hoje moram aqui também, que é a Adélia também estavam na área da educação, mandava muita coisa, eu me lembro que elas mandavam pelo correio, ou então ela ia todo final de ano, ou meio de ano, nas férias ia todo mundo visitar a família, numa dessas você trazia os conhecimentos, coisas novas e tudo... Material novo, eu me lembro que na época da... Hoje quase não se dá muita importância pra civismo, mas, naquele tempo dava-se muita importância a isto, eu me lembro da Arlete inclusive que sempre ela tinha musiquinhas novas pros aluninhos dela de terceira e quarta série, ela trabalhava mais com estas turmas, vinha tudo da mãe dela, que mandava do Paraná, a mãe dela é professora aposentada hoje, então mandava, e fora as irmãs também, como eu já falei; pra você ver tinha o colégio delas e tem até hoje colégio em Maringá, então mandavam pra cá né? Então a gente não ficava assim, desatualizado, era muito bom nessa parte, para você ver o que é uma administração, a importância de um bom administração, né? Vale tudo né? Com seriedade, né? Então...é muito importante isso aí né?

Pelo que pude perceber pela sua fala, entre os professores também havia um relacionamento muito solidário, de troca...

Solidário... De troca... As famílias também...Porque... Como eu já falei para você, eram professores competentes que sabiam trabalhar, sabe? Davam aulas, tinha uma outra também, professora chamada Hermelinda, nossa!... Ela era uma excelente alfabetizadora, como ela alfabetizava os alunos! E os professores do primário, principalmente, nossa! Era excelente!

O que a gente vê hoje é cada um recebe materiais e guarda, leva para casa, não há uma troca, e pelo que pude perceber naquela época não era assim, quando um tinha uma novidade passava para os outros...

É, passava para os outros se tinha alguma coisa, hoje ta um pouco mais... De egoísmo, e hoje ta tudo por dinheiro... Parece que você não tinha muito essa visão, acho que o consumismo não era tanto ainda, nós nem tínhamos muita coisa, todo mundo só pensava em juntar um pouquinho de capital alguma coisa assim e tal, naquele tempo; hoje em dia você sabe ninguém tá nem aí pra junta um pouco de capital alguma coisa assim, né? Simplesmente tudo que ganha gasta, e vão viver a vida...

Bem como última pergunta que eu teria, a senhora falou o tempo todo relacionando aquele tempo com a atualidade, mas se fosse fazer uma comparação daqueles primeiros tempos com os dias de hoje como a senhora compararia? Em especial na área da educação?

Era muito melhor que hoje, você veja com toda essa tecnologia com computador, tudo, sabe? Eu acho que era bem melhor naquele tempo a educação. Então você educava realmente o cidadão com respeito, para que ele tivesse respeito pelos outros, o respeito pelo outro e tudo, então... e também o conhecimento, né? A aprendizagem realmente eu acho que era bem melhor que hoje. Hoje facilita-se muito, então o aluno não tem interesse em aprender realmente, então os meus alunos mesmo eu falo: 'nós temos de aprender pra vida' e eles não, só querem saber de passar, passou de ano, pronto, acabou. Você vê, hoje que todo mundo, a maioria dos nossos alunos sabe que eles vão ter a oportunidade, que vão poder dar seqüência nos estudos, veja... Estão vindo vários cursos aqui para a cidade... Agora que facilidade que é; antigamente eles não tinham essa expectativa, eram muito poucos que podiam ter a oportunidade de sair pra fora para estudar, não tinha muito e assim mesmo o pouco que eles tinham aqui eles valorizavam né? Eram bons alunos, alunos que até hoje não fizeram uma faculdade, nada, por que naquele tempo não tinha, e não tiveram condições de sair daqui, hoje são pais de famílias muito bons, e são empresários aí, são muito bons... E com pouco estudo, e conseguiram e então isso a gente deve a educação que receberam, porque dependendo da educação que recebessem podiam ter virado bandidos, né? Então é o que a gente fala, a base esta na família, então antes dava-se muito valor a família. A família era a estrutura da coisa, então hoje a família está muito desestruturada, né? Então antes eu acho que era muito melhor, em todos os sentidos, né? Viver naquele tempo era bem melhor que viver hoje...

E em específico a matemática, se for comparar aquele tempo com hoje?

Aquele tempo e hoje? Deixe-me ver, pela minha experiência eu acho que hoje eu sou uma professora com muito mais experiência, dou uma aula muito melhor para os meus alunos, agora não sei, sabe? Eu acho que a matemática está melhor, hoje a maneira com que você... O método que você está usando para ensinar a matemática é melhor do que antes, porque hoje você... Eu mesmo já falo com os alunos, já uso palavreado completamente diferente do que antes então eu acho que hoje está bem melhor nesta parte...

A senhora é formada em licenciatura em matemática?

Licenciatura em física, química e matemática. Na área das ciências exatas.

A senhora sempre atuou na área de matemática?

Sempre só matemática, porque quando eu entrei como diretora, e fiquei três anos e pouco porque não tinha outra opção, estava chegando a irmã me ofereceu isso e eu não tive outra opção a não ser aceitar, depois em oitenta quando o prof. Roveri, que era o prof. de matemática, assumiu a vice-direção e eu assumi o concurso e eu entrei e peguei matemática porque não tinha química e física, porque não tinha o 2º grau naquele tempo ainda, e assim acabei ficando com essa matematicazinha do ensino fundamental até hoje, tem hora que eu me arrependo, sabe? Assim, na parte do conhecimento eu acho que eu regredi, né? Imagina há quantos anos então, né? Eu podia ter feito até um mestrado ou doutorado ou uma coisa assim se eu tivesse ficado em Londrina, mas eu vim para cá e não tive oportunidade, né? Então eu regredi, mas... É fiquei só com a matemática do fundamental, então... Mas... Eu não

desenvolvi o resto que poderia ter desenvolvido... Física e química... Hoje tem tanta falta de professores de química e física eu acabei não desenvolvendo... Olhei também um pouco... não sei se foi egoísmo de minha parte, para a parte financeira também, se fosse professora de química e física ou professora de matemática, meu salário ia ser o mesmo, não ia fazer diferença, não é verdade? Professor que dá aula lá na minha escola de química no 2º grau e eu, quer dizer nós ganhamos o mesmo tanto, como não tinha este incentivo, não tinha nada, e até por falta desse incentivo de repente a gente não raciocina de acordo também não prevê o futuro fica só vivendo o presente, então eu não vi que no futuro, hoje por exemplo eu poderia estar dando aula de química que falta tanto professor... Física, química que falta tanto, poderia estar bem experiente nessa área e no entanto...

Talvez seja porque a senhora goste mais de matemática...

Na época eu gostava mais da química, meu curso era de química, quando sai da faculdade o que eu mais sabia era química, mas daí eu não desenvolvi, não estudei, não dei continuidade para aquilo, né?

Quando começou o 2º grau aqui em Sinop?

2º grau aqui foi... Não estou bem lembrada...

Foi depois de 1980?

Não eu acho que foi antes, teve a formatura deles, eu estava na direção na época que eles se formaram na oitava série e daí já teve, mas isso aí você consegue com facilidade no Nilza, lá tem os dados certinhos... Porque agora não lembro o ano, não lembro o ano certinho que começou, mas eu tenho a impressão que foi logo... 81... 80...

A senhora falou logo no início sobre as escolas rurais, quantas eram estas escolas rurais?

Não sei exatamente o número, mas eram bastante, e eram nas estradas, era escola estrada tal... Escola Branca de Neve, que era Dita inclusive, ela nem tinha o curso ainda, mas já trabalhou lá, a Dita era uma excelente professora, então na Branca de Neve, na... Aqui embaixo não sei o nome da estrada, agora, aqui perto do Alto da Glória, não é bem no Alto da Glória, pra cá... Antes... Tinha uma escola lá... Tinha uma outra no sítio do Plínio, olha tinha várias, eu nem lembro, mas tinha umas dez ou mais... Nas comunidades... Das estradas... Estrada tal, estrada tal, e funcionava da 1ª até a 4ª, o mesmo professor ministrava para todas as turmas...

Numa sala só...?

Numa sala só, eles preparavam as aulas, e interessante, que você vê... Naquele tempo, você ainda perguntou lá trás, como o professor elaborava sua matéria ele tinha um caderno que era o diário de classe e ele tinha que apresentar esse diário com toda a matéria que ele tinha feito, e hoje não se exige mais isso no primário... Eu acho, né? Aquele tempo exigia...

Esse planejamento era diário?

Era diário, num caderno e tudo que você passou para o aluno estava registrado no caderno, então qualquer coordenador, qualquer inspetor, poderia ver o que você tinha trabalhado com o

aluno, e era cobrado, hein?... E hoje não, hoje nem olha diretio, e o aluno não passava se ele não soubesse ler, quer dizer qual o objetivo do 1º ano... É aprender a leitura, ler e escrever, aprendeu a ler e escrever ia para o 2º, se não, não ia. Hoje não, hoje o aluno vai direto, vai tocando assim, então é muito complicado, se você não souber, se você não tiver muita experiência para trabalhar nesse método de hoje, complica, né? Há muita gente sem conhecimento, e a base é tudo, né? A base de tudo.

Se nas primeiras séries você está com problemas e vai seguindo em frente...

É os problemas vão se acumulando cada vez dificultando mais, né?

C JOSÉ ROVERI

Bom, para começar o Sr. poderia comentar sobre o motivo de sua vinda para Sinop, de onde o Sr. veio, ou seja, onde o Sr., morava antes de vir para Sinop e em que ano foi isso.

Olha, eu só... Eu vim do norte do Paraná, morava em... Justamente em Alto Paraná, e cheguei em Sinop mais ou menos na época do Ermes Lando (que é o seu pai) mais ou menos em 1973; começo de 1974. Até quando o Ministro Rangel Reis veio a Sinop em 14 de setembro, inaugurar da cidade, eu estava lá. E o motivo que me levou a ir a Sinop, inegavelmente foi: a vontade de ganhar dinheiro, a vontade de me firmar na vida, a vontade de... de... progredir, a vontade... enfim, dum crescimento econômico e também social de modo geral, visto que, no Paraná naquela região onde eu morava as coisas estavam até bastante limitadas, então busquei na minha juventude de vinte e dois anos, vinte e três anos, mais ou menos, um sonho que ao longo dos tempos se viu que não era bem assim, né? Não era chegar e...

A realidade era diferente?

Era muito diferente... muito diferente. Eu me formei em 1973, em matemática, especificamente, no norte do estado, na cidade de Maraguari e recém formado, mal saindo da universidade, adentrei sertão, e chegando em Sinop praticamente no zero populacional, o choque foi terrível... terrível... A ilusão de uma pessoa praticamente saída da adolescência com 23 anos, jovem ainda... Adulto, mas, jovem, sem experiência de vida, praticamente; a única experiência que eu tinha, era como professor, também no Paraná que eu comecei a lecionar a partir de... de... passar no vestibular, a partir do ingresso na faculdade, comecei a lecionar. Mas experiência comercial... Industrial muito menos, e até experiência de vida mesmo, na relação entre pessoas, a minha era pouca, então o choque foi muito grande...

O Sr. veio com a intenção de trabalhar na educação, ou veio com outra intenção?

Não, especificamente não era a educação. Apesar de formado em matemática, mas eu não... E apesar de gostar muito da profissão... Me realizei muito como professor, e... ao longo do tempo vim perceber que realmente era uma profissão melhor até do que muitas outras a nível

de realização pessoal. Mas eu fui a Sinop, não foi pra dar aula. E pensava que jamais voltaria pra sala de aula, e a partir de um certo tempo, com os empreendimentos que eu me dispus a fazer não dando certo, eu acabei voltando à sala de aula, é bom que se diga, por necessidade econômica... por necessidade econômica. Comecei a dar aula... E era muito engraçado, no início, porque as pessoas me viam como... como madeireiro, e de repente eu fui pra dentro da sala de aula, foi um choque muito grande; os próprios colegas, madeireiros e filhos de madeireiros, que eram praticamente... alguns da minha idade, não acreditavam de jeito nenhum que eu pudesse lecionar... e ainda mais matemática, né? Não ficava dizendo para ninguém que era formado. Então foi uma coisa assim... muito difícil no começo, né? Me lembro bem que quando eu fui procurar dar aula, que me apresentei pra uma freira, chamada irmã Lídia, ela me disse que não. Que não tinha chance de dar aula lá porque existia uma pessoa que já lecionava há um ano, talvez até mais, e que a cadeira era dela. Eu apresentei meu diploma de curso superior, e ela disse que não, que diploma valia do Teles Pires pra frente, pro lado de Cuiabá... Ali não. Que ali por ser uma colonização, por ser uma cidade iniciando, que ela dava aula pra quem ela queria. Eu vim a Cuiabá, me apresentei ao então Delegado de Ensino, Osvaldo Sobrinho, hoje suplente de Deputado, e ele me deu uma carta... uma carta que... me autorizando... autorizando a... determinando a freira que me desse as aulas. Eu cheguei e apresentei aquilo lá, foi uma... a casa caiu realmente. Eu entrei assim... na marra mesmo, porque ela não queria de jeito nenhum, até ela dizia que ela iria assistir as minhas aulas, pra ver a minha competência, né? Eu até falava pros alunos que ela poderia entrar lá dentro, só que eu ia pedir... ia mandar ela ir pro quadro, pra ver se ela ia conseguir fazer as equações matemáticas, enfim...

Se ela dominava o assunto...

Se ela dominava o assunto... Ela sempre ficou na ameaça e acabou não entrando não. Mas o que se percebia no início da... da... da... no início da... da vida educacional de Sinop, no início do ensino em Sinop, era uma influência, eu não diria nem forte, fortíssima, determinante da igreja católica [outros assuntos] era uma influência por demais da igreja católica, e aí quem é que conseguia dar aula, praticamente: era quem era amigo do padre, quem era muito amigo das freiras, quem ia na missa todo domingo, enfim, era a pessoa... a pessoa tida certinha para aquela realidade, naquele momento da vida de Sinop.

Em outras entrevistas percebi essa influência também em outras áreas como a saúde, por exemplo... também era sentida essa forte presença da igreja...

É. Eu costumava dizer, até me indispus na época, que o padre era empregado do colonizador Enio Pipino, na verdade acho que até era mesmo, porque ele andava com o carro da colonizadora, quando o colonizador chegava em Sinop de avião, é... e ia assistir a missa... se colocava o casal de colonizadores, que hoje já falecidos, né? E não vai aqui nenhum demérito a eles, simplesmente é a constatação de uma realidade. Se colocavam... colocavam-se os dois na frente, marido e mulher, e o sermão da igreja, a... a... a... o sermão evangélico, era totalmente dirigido a tecer elogios [copiásticos] ao casal como sendo pessoas heróicas, quase uma divindade mesmo, né? E a escola ia nesta esteira também; colocava os alunos, coitado dos alunos, crianças ainda, no sol quente, duas três horas perfilados, esperando a divindade chegar de avião, pra que fosse ovacionada... esse colonizador, pra que fosse cantados hinos previamente preparados, de elogios... e, mas também o hino de Sinop, faz uma referência a isso, “Enio Pipino, novo heróico, bandeirante”. Então, e as crianças tinham o Enio Pipino

como Deus realmente, um Deus que chegava de avião e quatro, cinco, meia dúzia de horas depois ia embora também de avião, e deixava os simples mortais lá, entregues a uma sorte terrível na época, né?

Na verdade as pessoas não percebiam que era uma empresa privada e que estava ganhando dinheiro com isso...

O pior era que não percebiam. As pessoas da cidade de Sinop... Alguns percebiam, e os que percebiam sofriam muito com isso; os que não percebiam iam na ideologia de que era um herói realmente, que era uma pessoa dotada de um espírito altruísta muito grande que vinha lá para salvar as pessoas, que tirava pessoas da fome do norte... sul do país para trazê-los ao Eldorado, na verdade não era nada disso... Não era nada disso. Tirava-se as pessoas de um celeiro, dum lugar... que tinha uma produção fantástica: como é o Paraná, o norte, o noroeste, o sudoeste do Paraná, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina; com uma propaganda muito bem engendrada, muito bem feita, levava-se... vendia-se pedaços de terra para essas pessoas em Sinop, e quando lá chegavam e tentavam empregar os mesmos métodos de cultivo do sul, a decepção era terrível, porque lá a terra sem adubo não dava nada, absolutamente nada, olha, nem mandioca, tanto é verdade que o próprio colonizador montou uma usina encima da mandioca, e acabou levando um prejuízo muito grande. Então era feito... era um engodo muito grande, isso é necessário que se diga pra você que é uma pessoa que vai escrever sobre Sinop, é necessário que se diga: que o início foi um engodo terrível... terrível... Tinha um café perto do cemitério, chamado café do seu Germino, onde a colonizadora pagava pra que ele adubasse aquilo, de uma maneira assim... exageradamente, tinha meio metro de serragem enterrada, esterco de [...] natureza, pra que o café crescesse. Primeira coisa que se fazia ao chegar o incauto comprador de terra era leva-lo ao café do Sr. Germino, pra mostrar que aquilo era uma maravilha, e filmava-se, tirava-se fotos, colocava em jornal, em televisão, uma propaganda massificante, terrivelmente massificante, de modo que as pessoas achavam que estava aqui realmente... é... a terra abençoada por Deus, né? E a nível de fertilidade do solo não era nada disso. A dificuldade naquela época era terrível, era inimaginável. Em 1973, 1974, não havia sequer um açougue. Em 1973, por aí, não havia verduras. As estradas eram... período bom, mas período de chuvas era quase intransitável. Recebia-se alimentação de avião; avião atolava no aeroporto... atolava-se pessoas... a filha do Geraldino Dal'Maso, uma vez se atolou num buraco, teve que ser retirada. Pra levar pessoas do... do... do... da avenida principal para o hospital do Jorge Yanai, por exemplo, era feito pardiolas, e colocado nos ombros para transportar... e era um famoso atoleiro... quando não era a poeira, era um atoleiro terrível. Foi muito difícil. Sinop hoje é uma realidade, todo mundo vê... a olhos vistos. Orgulho do norte do estado. Agora, a saga dos pioneiros foi muito terrível.

E em relação a educação. A questão dos materiais. Um apoio... a assessoria pedagógica existia...

Muito precariamente. Muito precariamente. Agora, precariamente a nível de Brasil, mas a nível de... acho de... de...relativizando a coisa... comparando a cidade nascente, o esforço era grande, porque as freiras inegavelmente, apesar de seu apego exagerado ao que elas entendem por cristianismo, elas eram muito competentes, inegavelmente sim, uma dedicação também, muito grande, não pode se retirar este mérito, de jeito nenhum... E elas se dedicavam, exigiam realmente dos professores, que preparassem aulas, exigiam planos de... planos de curso, isso era feito rigorosamente e acredito que o nível de ensino até não era ruim... Não era ruim...

Apesar das dificuldades do tempo e locais, mas não era ruim... não se dá pra dizer que o aluno de Sinop estava muito defasado em relação aos demais alunos do estado de Mato Grosso. Eu acho que... estava bem, muito bem apesar de [...]

Em relação a estrutura física. Soube que a demanda de alunos que chegavam a cada dia era muito grande; a estrutura que existia suportava esta demanda?

A gente vivia sempre correndo atrás. A demanda era sempre maior do que a estrutura suportava, né? As primeiras salas de madeira, mais ou menos em forma de margarida, a construção, e... e... o número que chegava era muito grande. Numa semana, tinha lá, por exemplo, numa sala trinta alunos, na próxima semana trinta e três, trinta e cinco... Todo dia entrava um, era... isso era realidade, realmente... E um fato que agora me lembro, e que chamava a atenção, quando vinha uma autoridade educacional de Cuiabá, que chegava... que entrava na sala de aula, levava um choque... Porque só via cabecinha branca, loirinhos, e... era uma realidade diferente do Mato Grosso, não era Mato Grosso mesmo falando a verdade, territorialmente era, mas culturalmente não era, as pessoas muito diferentes dos habitantes de Cuiabá, então levava-se um choque e perguntava-se: “Quem é do Paraná?” Erguia 70%... “Quem é de Palotina?” “Quem é de Marechal Candido Rondon?” “Quem é de Medianeira?”... Aí quase levantava todo mundo, é incrível a quantidade de pessoas que foram pra lá, e [...] da sala era o pessoal de Santa Catarina e tal... Agora, se percebia que algumas regiões, as pessoas que chegavam e estavam, inclusive, num nível até mais atrasado do que o ensino que se praticava em Sinop em 1974, 1975, 1976... Eu acredito, como eu vim do Paraná, não vi... assim... uma diferença gritante, não era tão violenta... não era...

Na qualidade de ensino?

Na qualidade de ensino. A estrutura física, evidentemente, era precaríssima... muito precária, mas o estado não foi omissivo neste caso. Não foi omissivo. Foi prometido que se faria o Centro Educacional, e foi feito. Eu acho que o estado... que o governo... os governos do estado de Mato Grosso de um modo geral, quanto a educação não se omitiram, e nem tão pouco o município, e verdadeiramente nem a Colonizadora Sinop se omitiu na questão do ensino. Neste particular, há que se dá méritos, realmente, ao Colonizador. Obviamente, não era pela linda vontade de ver ninguém educado, mas dentro de uma macro estrutura de precisar oferecer a criança da escola participar...

Se não houvesse escolas, os pais que estavam no Paraná, não viriam pra cá. Até porque no início os pais acreditavam que havia escolas, logo que vieram; e depois demorou cerca de quase um ano até que se construísse a primeira escola...

Que começasse a funcionar... Agora, o marketing da Colonizadora foi forte neste sentido. E... A escola era realmente um ponto de atração de toda a cidade. Bom, Sinop, eu costumo dizer que, em determinada época lá, eu tinha mais horas de aeroporto do que urubu de vôo, né? O que o professor esperava em aeroporto, autoridades em Sinop, era uma grandeza... Tudo passava pela escola... Tudo passava pela escola... E curiosamente, a gente via assim, pessoas de Brasília, altas autoridades da República, até se emocionavam com aquelas criancinhas lá... acho que mais de dó, né? Pra falar bem a verdade. Aquelas coitadinhas lá, aquelas carinhas vermelha no sol, cantando hino ensaiado de elogio ao Ministro Rangel Reis, ao Ministro Paulo Nêris, etc e tal... E acabava, as vezes, vertendo lágrimas, mas acho que era de dó das

crianças, né? De ver aquele povo com tantas esperanças, com tanto brilho nos olhos, socado num lugar daqueles...

Como era participação dos pais, neste início da educação em Sinop?

Eu diria que muito ativa... muito ativa... é... sempre que a direção da escola convocava os pais... convocava para reuniões... eles estavam presentes, muito interessados... é mais ou menos aquela história: eu não pude estudar, vou dar ao meu filho tudo que ele precisa. E um pedido da escola era quase uma ordem, era uma convocação mesmo “nós vamos porque a freira chamou... porque a escola chamou”. Olha, muito interesse por parte dos pais no... no... no aproveitamento dos alunos...

Eu gostaria que o Sr. comentasse sobre sua experiência como professor

Foi muito rica...

Mais especificamente como professor de matemática.

Muito rica... muito rica... Eu até hoje... Há muito tempo que parei de lecionar, mas, eu tenho saudades, pra dizer a verdade, eu me realizei muito como professor, a minha relação com os alunos sempre foi... Nossa! Foi... Uma relação, assim... enérgica. A bem da verdade nunca fui bonzinho. Queria que me chamasse de qualquer coisa, menos de professor bonzinho. Porque professor bonzinho, no meu entendimento, é meio sinônimo de relapso, sei lá... isso eu não era, realmente não era bonzinho. Me considerava um bom professor, sem falsa modéstia, me considerava um bom professor. E... A minha relação com os alunos era séria. Era intensa. Era as vezes de amor e ódio. Mas era... As pessoas ou me amavam ou me odiavam, não tinha meio termo. Mas eu me realizei muito... gostei muito de dar aula... É uma profissão gratificante... E matemática especificamente, é uma ciência que eu tenho muito respeito por ela, por ser uma ciência exata, não é uma ciência de mais ou menos... não é uma ciência dialética... não é uma ciência que... como por exemplo, Direito, que pode ser assim, mas pode ser assado, mas pode ser de um jeito, mas pode ser de outro...

Depende da interpretação...

É depende da interpretação...e depende das outras coisas. A gente vê aí que um dia solta o Lalau¹⁷⁷, outro dia prende o Lalau, um dia solta o Lalau, prende Lalau, solta Lalau... E vai ficar solto mesmo... A verdade é que...

Cada um que analisa o caso, interpreta de uma forma diferente...

Cada um com a sua cabeça... E a Matemática não é assim. A matemática, graças a Deus, ela é uma ciência natural, é uma ciência exata. Eu gosto muito de matemática, apesar de ter feito Direito agora, recentemente, mas a matemática é uma ciência fascinante, porque é aquilo... é ou não é. Não tem meio termo.

¹⁷⁷ Juiz Nicolau dos Santos Neves, acusado de lesar os cofres públicos em milhões de dólares, durante a construção do Fórum Trabalhista do Estado de São Paulo.

Dentro dos conteúdos que o Sr. ensinava, tem alguma parte que o Sr. dava uma ênfase maior?

Tem. Eu gostava muito de álgebra, gostava... não da álgebra pela álgebra, mas pegar uma realidade, transformar numa linguagem simbólica, uma realidade... um problema, por exemplo, transformar numa linguagem simbólica, e através de símbolos, de letras, chegar ao resultado numérico. É a transposição, da linguagem corrente para uma linguagem simbólica. Isso me fascinava muito, e me fascina até hoje. A pessoa elabora um problema, saber tirar da linguagem corrente... da linguagem portuguesa... linguagem pátria... linguagem de letras... ou de [...]... saber tirar aquela realidade e expressa-la em símbolos e resolve-la dando um resultado exato, numérico. Isso pra mim é fantástico. Uma outra coisa que eu enfatizava também muito, e que hoje parece anda um pouco afastada... é... é... é a geometria. Os grandes teoremas matemáticos, já na terceira, sétima série... naquele tempo... é... é sétima mesmo... sétima série quando se introduzia o campo da geometria... era... nas comparações dos triângulos, enfim nas várias relações matemáticas existentes dentro de uma figura geométrica, também é um fato que me chamava muito a atenção. Depois tendo que voltar aos egípcios, aos gregos, enfim, muito isso...Muito de formas... Descobrir dentro das formas, se você pensar, na relação do teorema, chamado teorema de Pitágoras, conhecidíssimo por todo mundo, que o quadrado da hipotenusa é igual a soma do quadrado dos catetos, é uma relação dentro de um triângulo retângulo, e qualquer que seja o tamanho dele ela é válida, eu acho fantástico, essa relação figura... descobrir dentro da figura uma relação matemática que valha para todos os casos...

O Sr. falou sobre a álgebra... sobre a transposição da linguagem comum para a linguagem algébrica, ou de símbolos, né? Mas esta é uma parte bastante abstrata, e que os alunos sentem bastante dificuldades, naquela época também era assim?

Mas a matemática, ela é abstração pura, ela é muito difícil realmente, ele é abstração pura, a álgebra... e este ponto que você citou... sua formação é matemática?

É.

Claro, por esta pergunta dá para entender. Claro nós sabemos disso, realmente. E eu dou mais valor a uma... a uma... ao aluno conseguir tirar desta linguagem corrente para a linguagem simbólica, do que daí em diante, a resolução é mecânica, passa x pra cá, passa número pra lá, passa x pra cá, inverte o sinal, etc... o que está dividindo passa multiplicando, isso aí... a mecânica é fácil... a mecânica é fácil... o difícil é extrair... a percepção da realidade. Então quando o aluno... cheguei dá provas, onde exigia só a montagem do problema, não precisava fazer conta...

Equacionou...

Equacionou... pra mim estava resolvido. Porque aprender, mais pra frente, que dezoito dividido por seis dá três ele aprenderia mesmo... Entendeu? Então, fazer com que o aluno... [...] no aluno este entendimento...

No início o Sr. fez um comentário sobre a dificuldade de um material de apoio na sua área e para os outros professores também. Como é que vocês faziam a preparação das aulas?

Eu não sei... Acho que a minha preparação é um pouco diferente... eu nunca fui muito de pegar material pra levar pras aulas de matemática, eu procurava puxar realmente no raciocínio do aluno. Eu me preparava pra aula no sentido de como eu conseguiria passar aquela... aquela realidade para o aluno; como eu conseguiria explicar por exemplo, um determinado problema pra ele, eu ... sempre vi... por exemplo, você falando de equação... você passa pro lado direito muda o sinal, você passa pro lado de cá... eu não gosto disso... eu costumava ensinar pelo... o que realmente acontece... quando você pega um termo de um lado que está multiplicando de um lado e você passa pro outro dividindo... na verdade quando você retira do lado esquerdo, por exemplo, o que estava multiplicando, você dividiu... se dividiu aqui; divide lá. Então, o que é uma equação? Pra nós... especificamente pra nossa linguagem? É uma balança. E o sinal de igual é o fiel. Ela é uma balança; o que se faz de um lado, faz-se do outro lado... Eu falava que a equação é uma balança e o fiel é o sinal de igualdade, né?. E na verdade a matemática na minha visão é o seguinte: escrever uma coisa, de forma diferente, ou seja, a matemática (você domina também esta área)...

Como é que eram avaliados os alunos naquela época?

Tradici... Ainda... Acho que como hoje, né? Através da nota mesmo. Infelizmente ou... felizmente, mas era a nota. Eram provas e atribuição de notas. Você nem via uma outra maneira de fazer isto...

Isto prova escrita?

Prova escrita. Prova escrita. E na época, eu tinha um certo atrito com a direção da escola, porque a freira... se o aluno estivesse com dificuldade de nota ela exigia que se desse trabalho para suprir a nota, e eu não dava... não dava... nem dei prova em equipe também, não sei se estou certo ou se estou errado. Sou honesto... Eu acho que a abstração é uma coisa tão pessoal e tão particular... Que você não vai abstrair em meia dúzia, em três ou quatro, ou em dois...

Como os professores se mantinham atualizados acerca do que acontecia no resto do país em relação a educação?

Ah! Era muito difícil. Eu acho que essa atualização, ela não era muito... não era muito adequada... não era nada adequada. Sinop não tinha televisão. Se pegava rádio de ondas curtas. O material... não existia nenhuma livraria. É... a nível de material didático, era o que nós recebíamos de Cuiabá, da Secretária de Educação, e nada mais. Eu particularmente, gostava na época... só um minutinho... se não ele vai perturbar... (o cachorro estava latindo) gostava na época de um autor chamado Scipionne de Pierro Neto, posteriormente passei para outros autores, mas o material era insuficiente, era muito difícil... era muito difícil conseguir material...

É possível uma comparação, daqueles primeiros anos, com o momento atual?

Em relação a Sinop, a nível de educação, você está perguntando?

De uma forma geral... é possível comparar?

Olha, possível é, né? Agora, difícil é mensurar isso... comparar Sinop de 1973 com 1900... com 2001... Sinop de 2001, acho que é uma cidade perfeitamente integrada na modernidade.

Com todos os recursos de... que as grandes cidades tem. Até a nível de ensino, agora com a chegada das universidades, das faculdades... É... o mundo da informática, globalizou todo mundo, a internet tá aí pra isso... Sinop tem acesso a tudo isso... Agora em 1973 1974, até 1978, o isolamento era total... era total... era um outro mundo. Eu lembro que as margens da rodovia, em 1974, foram... a gente estava contando os veículos, passavam de 3 a 4 veículos, por dia, na BR 163. Era uma... uma... aquele momento da vida de Sinop, eu acho que era o momento da desesperança. As pessoas que iam lá compravam os seus lotes e permaneciam; permaneciam porque não conseguiam vende-los, para poder voltar. Era a tônica de todo mundo que estava lá; querer vender o que tinha para ir embora. E os que conseguiram se arrenderam amargamente...

Por que conseguiram vender?

Porque conseguiram vender. Quem não conseguiu, acabou ficando, não por vontade, mas por opção, para não perder o que lá colocou de dinheiro, de capital, acabou ficando, e acabou... terminou por... por se dar bem, né? Mas havia uma desesperança muito grande, aí de vez em quando; quando a coisa estava muito brava, vinha o colonizador, dava uma injeção de ânimo. “Não, vocês se acalmem, que daqui uns tempos vai vir... que mês que vem eu vou trazer ministro, vou trazer presidente da república...” Então lá se torcia pra tudo: torcia pra chegar uma televisão; torcia pra ter água encanada; torcia pra ter energia; torcia pra ter a ponte do Teles Pires; torcia pra um dia ter asfalto; torcia pra... pra vir mais uma serraria, pra dar emprego; torcia pra... descobrir... uma variedade de semente que produzisse, é... torcia é... enfim, torcia mais que corintiano, o povo de Sinop torcia mais que corintiano realmente. E vivia-se de novas injeções psicológicas, o povo precisava ser constantemente alimentado por uma nova... uma nova idéia que viesse salva-los de uma situação difícil. Então, comparar Sinop de 1974, com Sinop de 2001, é uma coisa complicada... Porque se você olhar nas avenidas de Sinop hoje você só lembra mesmo do... se você voltar no tempo, você lembra daqueles atoleiros terríveis, onde carros quase que sumiam dentro das crateras. Ninguém acreditava que lá se pudesse construir, a conversa é que lá afundava tudo. E hoje tem... Curiosamente, aonde foi a primeira... a primeira edificação, um hotel chamado Hotel do Joaquim, por volta de 1973, por aí, hoje tem o edifício mais alto de Sinop, que é o edifício lá... que você conhece... tem 12 andares, 48 apartamentos, e tal... e ali também nasceu o primeiro... eu cheguei em Sinop, quando fui pra lá pra comprar terra, nós chegamos lá, eu e meu pai, na avenida Júlio Campos, antigamente era avenida dos Mognos, por sinal muito melhor, né? E eu tenho... faço aqui o mea culpa, porque também fui culpado de tirar... mudar esse nome, porque como vereador acabei contribuindo nesta votação que mudou o nome... Bom, nós chegamos então, nesta avenida dos Mognos, e eu e meu pai subimos em uma árvore, já derrubada, e olhamos pra aquela avenida abaixo e eu lembro que fiz um comentário com ele: “Pai e se a gente pegar aqui umas... uns dez terrenos, daqui pra baixo, sentido da BR pra baixo, e construir barracos aqui e tal, pra que um dia isso valorize”. E ele me respondeu: “E se nós formos os únicos que iremos fazer isto. Aonde vai o nosso capital?” Aí realmente dava medo. Sinop viveu sempre com a esperança e a desesperança. Sempre. As pessoas diziam: “Mas e quando a madeira terminar, o quê que vai acontecer?” “Vai acabar”. “Não vai”. Uns: “Vai acabar”. Outros: “Não vai”. É... Os que acreditaram, hoje estão muito bem. Os que não acreditaram, e venderam, perderam uma oportunidade de fazer fortuna em Sinop. Os que não acreditaram, e não conseguiram vender, também acabaram se dando bem. Então, curiosamente, era uma cidade de muita esperança e de muita desesperança, que vivia de momentos de injeção de ânimo do colonizador, de autoridades que lá vinham, prometiam e

iam embora; as coisas não aconteciam rapidamente e a desesperança voltava, mas era muito... Sempre foi muito dinâmica Sinop... Muito dinâmica. É uma realidade diferente do que se vê por aí. As pessoas trabalhavam, com esperança ou com desesperança, mas todo mundo trabalhava, e muito intensamente. E acho que esse é um ponto que deve fazer um paralelo da Sinop de 1974 pra Sinop de 2001. Porque lá (falo lá, porque estou falando de Cuiabá) em Sinop, o que você nota, ainda é um fervilhamento dentro da cidade, as pessoas pensam em trabalhar e trabalham muito. Se levanta cedo, se dá um duro o dia todo, e se constrói, e se edifica, e se mexe com madeira, e se planta, e se cuida do gado, e etc e tal. E se faz prestação de serviço fortíssima como tem hoje. Esse marco identificador eu diria que é o trabalho. É o trabalho. Sinop realmente é uma cidade onde se trabalha muito...

Este é o ponto em comum?

Eu destacaria esse ponto. Eu destacaria este ponto.

O sr. falou em esperança e desesperança, mas mesmo assim as coisas aconteceram muito rápido... lógico isso de alguém que está de fora, somente lembrando dos fatos que aconteceram. Mas a impressão que se tem é que as coisas aconteceram muito rápido...

Não foi tão... Bom, a questão de rápida ou não rápida, uma questão de tempo sempre é relativa. Pra... Pra... Você disse muito bem: pra quem está hoje, de fora, em 2001, olhando foi rápido. Pra quem vivia lá, é...

Com as dificuldades...

Um mês, um semestre, um ano, dois anos, três anos, quatro anos, era uma eternidade. Eu me lembro quando montei a serraria, eu comprei um motor velho pra tocar a serraria, o colonizador disse assim: “Não compre um motor novo porque o linhão chega em três ou quatro meses”. Isso demorou, acho, uns doze anos, mais ou menos.

Mais, está com quatro ou cinco anos, que chegou o linhão...

Então demorou vinte e cinco anos. E o meu motorzinho foi embora um milhão de vezes e... Eu acreditando realmente que este linhão chegaria rapidamente, então não precisaria comprar motor novo. Pra quê que eu vou investir num motor gerador caríssimo, e eu jovem, vinte e dois, vinte e três anos, falei: vou comprar um motor velho, que ele vai precisar só de uns seis meses, porque vai chegar o linhão... Então, a mentira também campiaava muito forte...

Iludia-se muito...

Iludia-se muito... muito... muito... É uma coisa que se percebe, não sei se alguém disse nas suas... nas suas pesquisas, é que cidade pequena, muito pequena, eu aprendi isso, não sei se estou certo, não pode ir com dinheiro. Você não pode ir com muito... com dinheiro. Porque eu cheguei lá com dinheiro em 1973, e as pessoas me procuravam pra fazer negócio. E eu sempre voltava o dinheiro. Trocava uma coisa por outra, mais valiosa, ainda que fosse, e as vezes até bem mais valiosa, mas tinha que voltar. E quando eu me dei conta, eu não tinha mais nada. Tinha um monte de coisa, um monte relativamente... Mas não tinha mais nenhum dinheiro em espécie. E em cidade nascente, em cidade pequena, você não pode absolutamente ficar sem dinheiro, porque ali se morria mesmo, se não tivesse dinheiro. E como se morre

hoje, né? Se uma pessoa não tiver dinheiro ela vai até o INSS e morre na fila. Porque nós não temos governo nesta área, nunca tivemos, e não vamos ter nunca, neste país... Então, o quê que acontece? Uma cidade onde a tônica era ganhar dinheiro, onde as pessoas seguravam muito o que tinham, porque já viam que perde fácil, então eu percebi rapidamente que eu fiquei sem dinheiro muito depressa, as pessoas [...] tomaram meu dinheiro, fazendo negócio, ou voltando o que tinha, porque só eu tinha dinheiro para comprar. Aí quando eu tentei vender aquilo que eu havia adquirido ninguém tinha dinheiro para me comprar. Então o sofrimento foi muito grande, é... eu acho que cidade nova, ao contrário do que se prega: “as pessoas novas devem ir para as cidades novas, nascendo”, eu acho que não, é muita judiação, é judiaria demais, sofrimento... a falta de... devem ir para esses lugares novos, pessoas maduras, que não são facilmente ludibriáveis... Se eu tivesse na época, a experiência que tenho hoje, seria muito diferente... mas valeu a pena, acho, minha passagem por Sinop. Não me arrependo absolutamente de nada. As vezes tenho assim um resquício de arrependimento do que deixei de fazer. Das oportunidades que passaram por mim, e que... Me lembro muito uma vez eu tinha uma veraneio e fui até... pra cá um pouco do Teles Pires, em direção a... próximo de Sorriso, não existia Sorriso; fui eu finado Lindolfo, finado Xingu, e um tal de João Santarém. Eles foram no meu carro, cada um deles pegaram 2400 alqueires, a margem da rodovia Cuiabá-Santarém, próximo a... a margem do Teles Pires. Precisava somente que um trator de esteira fizesse a divisa e a terra era da pessoa. E eu não tinha sequer, o dinheiro para pagar um tratorista para fazer isso... A bem da verdade achava também que não era importante ter ali 2400 alqueires... hoje...

La fazer o que lá, né?

Seis, sete mil hectares, pra que aquilo? Se era um deserto imenso, se não passava ninguém, se não existia ninguém, o quê que eu vou fazer com uma terra dessa? Nessas barbas de bode, esse capinzinho vagabundo aí, né? Então você imagina que... Os outros que tinham a idade que eu tenho hoje... todos eles pegaram seis, sete mil hectares, que o INCRA acabou... acabou o INCRA, titularizando, intitulado; então hoje os herdeiros dessas pessoas tem suas terras devidamente documentadas, e eu que fui, que os levei, com 23 anos, com 22 anos, achava que aquilo não tinha nenhum significado, e porque que eu queria uma terra daquele jeito? Que não valia nada. Que era só pegar. Quando eu quiser, eu pego. Mas não deu tempo. Os outros pegaram tudo primeiro.

É complicado. Meu pai mesmo... os lotes lá na avenida, podia pegar quantos quisessem. Bastava construir alguma coisa em cima. Aí meu pai falou: Pra que que eu vou pegar, vou fazer o quê com um monte de lote...

O Ermes Lando foi uma figura marcante no início de Sinop, depois eu acho que ele vendeu pra um tal de Günter a serraria dele... e no início só tinha ele mesmo, as margens de um riozinho, lá perto da Agroquímica... ele acabou serrando a madeira pra que eu montasse a minha, depois eu acabei serrando pra Madenorte montar, pra Mafasa, pra todas aquelas empresas grandes...

Que estão lá até hoje...

Enfim, acho que foi uma luta... a vida é assim mesmo...

O sr. gostaria de acrescentar mais alguma coisa...

Não só... até agradeço a oportunidade que está me dando de explicar alguma coisa de Sinop, talvez desmistificar alguma coisa que se tem mistificado lá... mas não há aqui nenhum ressentimento, quanto aos colonizadores, né? Que já faleceram. Mesmo que não tivessem. Existem muitos méritos da parte deles, inegavelmente. Desbravadores, e tal. Mas uma coisa preciso registrar aqui, e dizer que o mérito de Sinop, o grande mérito de Sinop, não é do colonizador, posso até criar uma aresta com isso, mas não é, absolutamente não é do colonizador, o mérito é do povo que foi lá, que enfrentou toda sorte de dificuldades, com esperança, como eu já falei, e transformou aquela região inóspita, numa cidade de progresso, né? Esse é o mérito; mérito dos colonizadores, o mérito do povo que vive lá... o trabalho é a tônica muito forte... Mas se pergunta também se uma cidade depois que evolui, naquele conceito de evolução, que nós temos, de crescer e ter prédios bonitos, ter boas casas, asfalto, e tal e tal... Depois que ela atinge esse estado será que a evolução social acompanhou... é a grande questão... Uma coisa é o... ciclo de Cuiabá: com a chegada dos migrantes, de todo o país, de todas as partes do país para Cuiabá; Cuiabá cresceu, se transformou, aconteceu mais ou menos em Cuiabá, o que aconteceu com Sinop, mas aí me faço sempre esta pergunta: “Será que para os que aqui estavam a vida melhorou? Será que para os cuiabanos que aqui residiam, no centro da cidade, que tinha o rio piscoso, que dormiam com janelas e portas abertas, com toda a tranqüilidade, será que para eles a vida melhorou?” Eu tenho certeza que não. Ela piorou, e muito. Então a evolução é uma... a evolução é uma coisa sempre a ser pensada. Até que ponto as pessoas vivem melhor com o desenvolvimento tido... somente físico, material, se esse desenvolvimento não for social, se não for distribuída essa riqueza? E Sinop não tem isso. Sinop tem uma altíssima concentração de renda, na mão de pessoas que vieram pra trabalhar; trabalharam, enriqueceram... Essa é a tônica de Sinop, mas a di... o partilhamento, a distribuição dessa riqueza, não existe, como não existe em lugar nenhum do país... não existe em lugar nenhum do país... Uma política nefasta do governo federal, que não...que não vê esse lado. Que prioriza o capital. O individualismo. Que quem não conseguiu bens materiais, que se dane. Parece não ser preocupação do governo. Não é com ele. Ele não está aí pra gerir e pra frear, essa... [...].economia, né? Então eu me pergunto sempre se o desenvolver de uma cidade; crescimento físico, arquitetônico, tudo... representa também a melhoria na qualidade de vida das pessoas... é um ponto a ser questionado.

D MARIA VILMA BRUM

Gostaria que a senhora comentasse sobre o ano que a senhora chegou aqui e o motivo da vinda da família da senhora para Sinop.

Nós chegamos aqui em 73, dia 14 de junho de 73. Nós viemos; os quatro filhos e eu... e meu marido. Nós viemos pra ver, por que aqui era muito falado lá no Paraná, né? Já tinha gente que... falava muito daqui; que aqui era um lugar bom de morar, e era bom mesmo, porque aqui era um lugar saudável, não tem poluição... não tinha, hoje deve ter um pouco... E era um lugar muito saudável pras crianças... pra todo mundo... Foi por isso que nós viemos: mudar

de vida, mesmo... nós fomos morar na chácara, depois nós montemos uma serraria, e depois viemos pra cidade. ..

Quando vocês vieram já tinham o objetivo de montar a serraria ou de trabalhar em outra coisa?

Nós fomos morar na chácara e plantemos café, né? Depois nós vendemos a chácara, daí nós viemos pra cidade de novo, daí montemos a serraria... depois vendemos a serraria voltemos pra cidade de novo...

Como era a cidade nesta época quando a senhora chegou?

Não tinha nada. Naquele tempo tinha... quando nós chegemos aqui, morava o Osmar Jordam, que tinha serraria, que quando nós viemos aqui morar, nós fomos morar na serraria dele, né? Porque não tinha casa, não tinha nada, nós não trouxemos nem mudança... Nós viemos com uma... viemos com uma Combi, com vendedores, esses... corretores de vendas, né? Daí nós viemos com eles. Chegemos aqui e ficamos uns três dias no hotel. Daí fomos lá pra aquela serraria do Osmar... Osmar Jordam. Daí moremos uns meses lá, até que nós arrumemos a chácara, né? aí fomos morar na chácara...

A senhora falou que veio com esta Combi de corretores. Tinha corretores que vendiam terras daqui, lá no Paraná?

Lá no Paraná. O Arlindo Loids, que é meu cumpadre, padrinho do Laércio.

De que cidade do Paraná, que a senhora veio?

Marechal... Nós viemos de Marechal Candido Rondon, né? No município ali... Nós morava em Bela Vista, aquele tempo. Então nós morava em Bela Vista e de Bela Vista nós viemos pra cá...

A senhora falou que um dos objetivos da mudança foi melhorar de vida, e quando chegou aqui, como é que era?...

Nem grave isto aí porque... Eu quase morri quando cheguei aqui. Porque não queria ficar... eu não queria ficar aqui porque esta terra era... o tempo que nem agora em junho... era em junho que nós viemos... Mas era uma seca... E a gente não estava acostumado com esta terra branca... As crianças iam pra fora, e pareciam que estavam sempre sujos de cinza... nós éramos acostumados coma terra vermelha do Paraná... eu queria voltar... Mas agora se eu vou pro Paraná, eu não me acostumaria mais lá... eu gosto daqui, gosto muito mesmo... só que a gente naquele tempo, tinha minhas crianças pequenas, era mais fácil... era muito mais fácil... porque o pessoal era tudo amigo... tudo amigo... quando a gente saía, era aquela alegria quando encontrava... hoje a gente passa por pessoas conhecidas e eles faz que nem conhece a gente... Fica... naquele tempo não... era muito mais gostoso... Quando eu estava doente; eu fiquei doente, né? Não tinha... tinha só uma farmácia aqui, que era a farmácia do Paulinho. Então, não tinha onde se tratar eu tive que ir pra Cuiabá. Fui pra Cuiabá... nós morava na chácara, meus filhos ficaram com a Dona Geraldina... só que nós... era uns dez meses que nós morava na chácara, morava a Pupi do Guinter, e o Guinter. E a... as crianças era pra ficar lá na Norma, né? Ou lá na... E a Pupi... Quando nós viemos quem iludiu nós pra vir pra cá

foi o Ginter... e a Norma. Eles tinham vindo ver, mas não estavam morando aqui; depois que nós viemos, eles também vieram, né?... Então, era pra crianças ficarem lá nela... mas depois eles quiseram ficar lá na dona Geraldina, não sei se você conhece, é a vó do Nildo, vó ou mãe, não sei... do Leonildo Severo ela é vó... daí eles ficaram lá...eu fiquei catorze dias em Cuiabá, internada, aqui não tinha hospital, não tinha nada... A gente sofria muito naquele tempo... Depois abriu o primeiro hospital... foi o Hospital Celeste...que era lá... ali no... que já veio o Dr. Adenir, e o Dr. Israel... o primeiro mesmo era naquele postinho perto da casa das irmãs... que era o Dr. Orestes, ele era um médico, assim, pra atender o povo todo, como se fosse um posto... depois veio... depois veio o hospital... veio o Hospital Perpétuo Socorro, que foi o segundo... né? Também acho que foi só... naquele tempo...

E em relação a falta de alimentos?...

É comida não tinha... nós... quando nós chegamos aqui, que faltava chuva, quando chovia muito, não vinha... então vinha um búfalo trazer... E a... quando tinha só o gauchinho, que é Jorge... não me lembro do sobrenome dele, ele tinha um armazenzinho... e quando não tinha ali, nós ia fazer compra na Vera. Carne fresca a gente não tinha nunca, porque boi eles não matavam; boi não matava aqui, porque pouca gente... Ninguém matava um boi pra... Não tinha geladeira, não tinha energia, não tinha nada... então carne a gente comia carne seca; carne seca, muito peixe, né? Peixe... era uma abundância de peixe... que era coisa mais linda de vê... Tinha os pescadores que traziam nas casas, assim...peixe grande...e quando precisava vinha o búfalo e trazia todas as coisas... depois..

E com relação as escolas, como começou a educação em Sinop? A Senhora chegou em 73, quando começou as escolas aqui em Sinop, como foi o início?

Não tinha escola, né? Bem no início... Depois fizeram uma escola ali naquela rua... ali perto do... onde nós morava, perto da casa da dona Edi... uma casa cor de rosa... a primeira professora aqui foi a Terezinha Pissinatti... que foi a primeira professora... e a Lucinha já era na escola Nilza... que era uma escola que pertencia pra Vera...

Essa primeira escola como ela era?

Ela era, assim... de madeira, bem simples...

Quantas salas tinha?

Tinha uma... uma sala só, era um salão aberto... só que as minhas crianças não estudaram naquela sala... porque quando eles inauguraram a cidade, em 74, já tinha a escola... um pedaço da escola Nilza... então, nós morava lá e as crianças não vinham...

Moravam na chácara?...

Morava na chácara... daí estudavam ali aqueles que moravam na cidade... então quando inaugurou a cidade, já era a escola Nilza, já... daí a escola Nilza já tinha duas salinhas... depois eles foram fazendo aquela... meia lua... depois fizeram tudo aquilo...

A senhora sabe como foi a construção desta primeira sala, onde a dona Terezinha deu aula?

Aquela era da firma... da Colonizadora... a Colonizadora que fez aquela... casa... depois ficou como casa de empregados... depois que eles mudaram dali... e quando eles já construíram pra inauguração da cidade, já tinha igreja, vocês já estavam aqui também?

Não...

A primeira igreja era só uma parede... mas quando eles inauguraram, já tinha aquela igreja... porque quando nós chegemos rezava as missas, as coisas... era lá nos Pissinatti... aonde que é agora... acho que mora só a Kika, aqui na... onde que é mais ou menos? A Kika e a Geralda... onde é mais ou menos? Eu não sei mais porque encheram tanto de casa, que estes dias eu perguntei onde é que fica os Pissinatti, ali? Ele falou eu não sei... Ali do lado onde era o Açúcar Itamarati... Eles tinham uma descascadora de arroz...

Era na casa deles que rezava a missa?

Rezava na casa deles... O padre vinha da Vera, o Padre Antônio, que era o Padre da Vera... vinha uma vez por mês e rezava a missa ali...

Aí depois dali já foi pra Igreja Santo Antonio?

Daí quando fizeram a igreja... já fizeram aquela igreja... tipo uma estrela encima, aberta... tipo um guarda chuva, mas quando chovia... molhava tudo... só tinha uma parede de um lado... atrás... limpei muito aquela igreja... quando chovia então, a enxurrada vinha e trazia tudo dentro da igreja... porque era baixinho, mas era linda aquela igreja, depois... o que mais...

Nesta época os pais participavam da escola?

Participavam... Eu participava muito...

Mas como é que era essa participação? Era só para reuniões ou participavam de outras formas?

Mais eram reuniões... naquele tempo a gente quase não... pra limpar, muitas vezes... porque tinha pouca gente... limpar a igreja era tudo o pessoal que limpava... limpar a casa das irmãs... nós ajudava, nós fazia... o povo era... assim... pouca gente mas era... falava assim: hoje vamos fazer aquilo... se combinava de fazer uma coisa e a gente ia... E hoje... a escola também tinha... a escola Nilza já tinha merendeira, mas quando não tinha era nós que fazia...

As mães que iam ajudar?...

As mães que iam ajudar... a irmã Oda que era muito prestativa, ela trabalhava muito, ajudava... e ela que organizava mais as coisas, e ela sabia chamar as pessoas, e ela agradava todo mundo e todo mundo gostava dela, com uma pessoa assim é fácil de trabalhar...

Fale um pouco sobre os professores naquela época.

Eram bons, eu acho... porque era a Lucinha, que foi uma das primeiras... Quem que eram as primeiras... a irmã Oda, a irmã Lídia, a irmã Edita, também... das mais velhas acho que é a Lucinha... a Terezinha do Reinaldo... da farmácia, lá... as merendeiras era a dona Alaíde e a

dona Lurdes, tão até hoje, e a dona Adélia... que eu me lembre... tem muita gente que eu nem me lembro...

E REINALDO DOMINGOS MODANESE

Eu gostaria que o sr. começasse comentando qual foi o motivo que levou o sr. a mudar-se para Sinop. O sr. e sua família...

O motivo?

É

É que os meus cunhados vieram antes. Aí nós táva trabalhando lá no sul... e eles mandando carta pra nós lá ... cartas e cartas... daí eu vim... Primeiro eu vim fazer a casa do sogro. Fiquemos quinze dias. Mais ou menos, quinze dias. Nas ruas tinha racho assim [gesto de uns três centímetros] mas seco do que agora... Vi que não dava nada cheguei de volta e falei pro falecido sogro; e aí ele teimou: “não, porque aqui ia dá trigo; porque a terra era bastante cipó, e tal e coisa...” foi teimando, aí vieram pra cá de muda... Primeiro veio o sogro, depois veio os cunhados... aí eles montaram a fita aqui, mas não sabia mexer com trator, nem com fita, com nada... e eu trabalhava numa fita lá no sul... trabalhava... trabalhava como motorista... tratorista... eles tanto insistiram, que nós vendemos tudo que tinha lá e partimos pra cá... Mas rapaz, seis meses, eu tava pronto pra voltar de volta... todo dia levantava: “mulher vamos embora... embora”, ainda vai!...

Mas porque?

Daí os cunhados acabaram de montar a fita... daí comecei a trabalhar com o caminhão deles... no mato... arrastava as toras com o caminhão, carregava na catraca. Sabe o que é catraca? Meu Deus, eu e um tal de Lunardo... Aí ele também não sabia derrubar pau com motoserra... eu ensinei ele. Daí ele que apareceu por último, ele tava limpando umas catânas de uma árvore que se chama... o nome dela é Angelim, ele num lado assim, com o machado assim, e eu do outro com a motoserra e ta... o dedo... dedinho...

O dedo dele?

No dele. Aí eu mandei ele embora, ele veio e mostrou pro médico... tinha cortado até o osso... E aí vai trabalhar... Começou a chuva, quem que diz de entrar dentro do mato de novo... caminhão encalhava por tudo quanto era lado... aí chegou o trator pra eles. Eles tinham encomendado um trator com guincho. Ali na rodoviária velha, sabe onde é que era? Ali... eles vinham pegar nós lá na fita... que dá... dali do centro lá, dá 10 (dez) quilômetros, pegar nós, porque era o único trator que tinha, pra tirar os caminhões encalhados das ruas... na avenida Júlio Campos... Não foi fácil, não... O negócio foi bem... E mercadoria vinha só de búfalo... com búfalo... não vinha por terra... e o combustível vinha pelo Rio Arinos... a estrada aqui

de... a BR 163 aqui que vai pro Porto dos Gaúchos... vinha de lá pra cá... a estrada estava boa, né?

Vinha de barco...

Vinha de barco e daí era transportado por tambor... tambor de 200 litros. E a comida então, vinha o búfalo... naquele tempo era a COBAL, né? Mas ali era só graúdo que ia lá. Era o falecido Xingu, o Machado... e outros aí que tinha barzinho assim... E nós por exemplo, pobre, nós tinha direito de uma lata de azeite, um quilo de farinha de trigo, um quilo de feijão, um macarrão, tudo um quilo... dava mais ou menos uns doze quilos, mais ou menos, que podia levar; mais nada!...

Independente do tamanho da família?

Mais, que!... Mais... eles te pediam: quem tu era? quem era teus filhos?... fazia um tipo de cadastro, pra você não mandar um filho logo depois pra... ou a mulher... pra pegar mais, né? Mas, cada dia eu chegava em casa e os filhos pediam: “pai, eu quero pão”. Mas não tinha farinha pra fazer. Aí eu fui no falecido Xingu, um dia de manhã, eu falei: “Xingu, digo escuta: você pega toda a farinha que vem de lá, e deixa os coitado miseráveis passar fome. Eu não é tanto, pior é as crianças, né?” Aí ele falou: “gringo vem cá. Na hora que você quer farinha, pode vim aqui que eu te cedo” Aí então ele me arrumou uns cinco quilos. Cigarro? Tinha que roubar nos bar. Quando chegava cigarro? Era tipo um enxame de moscas... de... de abelhas...sei lá, né? Pra você conseguir o cigarro, senão... de jeito nenhum... Aí eu comprava um pacote sempre. Erva pro chimarrão? Só se pegava esse mato aí e fazia erva... não vinha... não vinha... de jeito nenhum... Carne fresca? Só aquelas charque, como é que se diz, carne de sol, preto de mosca, de varejo.. quem que comia? Então nós ia no mato, matava uma paquinha, né?... um tatu...

Nesta época tinha muitos animais ainda?

Ah, tinha... tinha... caça era... abundante... nós ia pescar... pegava um peixe, né? Mas eu sei que não foi fácil...

Plantavam alguma coisa?

Plantemos... na época quando nós chegamos, eles começaram a destocar; destocaram quinze alqueires de terra, meus dois cunhados. Plantaram o primeiro ano arroz deu bem. Daí resolveram plantar mandioca, por intermédio da Agroquímica, meu Deus do céu... Ela tava altinha assim oh (quinze centímetros), vinha a formiga torava assim (cortava no pé) botava nas costas, e levava ela... é verdade! Ah, daí então, foi calcáriada a terra e plantaram novamente a mandioca; daí deu bem a mandioca... Dava bem, mas dava muito serviço, não lucrava nada; tinha que botar pessoal pra trabalhar... e na época um roubava peão do outro...

Porque não tinha gente pra trabalhar?

Não tinha gente pra trabalhar... daí resolveram passar o calcário, e começaram a plantar milho, plantar soja, né? Aí o negócio foi, mas plantavam... é... tocava a serraria, daí venderam a serraria, pra mexer com o sítio...

O sr. falou a respeito de que eles plantavam mandioca pra vender pra Agroquímica; e a Agroquímica pagava um preço bom pela mandioca, ou não? Como é que era?

Não dava pra pagar o custeio que saía do banco, não dava... Você ia pagar o empregado pra arrancar a mandioca, carregar ela... e o frete... Chegava lá era nada por nada... Quanta gente, quanto agricultor, aqui, que abandonou as terras e foi embora... isso foi muitos... ainda hoje existe terra abandonada aqui, que o proprietário não está aí mais não... voltou pro sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... Mas, depois aí veio com o negócio de fazer análise da terra, porque aqui a terra tem muita acidez, muita... muita acidez... então tem que calcárial... e a cinco ou seis toneladas por alqueire... e o calcário era difícil, vinha de Nobres, mas na época da chuva não vinha, porque no tempo... do... como é que é... 9º BEC, que abriu a BR 163 aqui, que era a estrada de chão, no tempo da chuva não vinha calcário não... dava uma chuva, trancava tudo... tinha a polícia aqui em cima, o terceiro pelotão, trancava... e lá... pra cá de Jangada... até Jangada tinha asfalto, de Jangada pra cá não passava mais ninguém...

Eles trancavam porque estava intransitável?

É... não queriam que deixasse estragar a estrada, né? Mas não adiantou, tiveram que liberar, pois eu vim de Cuiabá com um caminhão... levei oito dias pra vim de Cuiabá com caminhão, gente!...toco, ainda... ta certo que tava carregado, mas levei oito dias pra vim... Ônibus, demorava dois dias, três dias... era fila de caminhão de 40, 50 caminhões encalhados na BR... BR 163, hoje que ela está asfaltada, no caso, naquele tempo era estrada de chão... Era desvio daqui... tu ia pelo desvio, encalhava... aí o outro vinha te puxava. Era... a roupa da gente era a mesma coisa que você se pinchar dentro de uma poça de lama... mesma coisa... Não tinha outra solução. Como é que tu vai engatar um caminhão, dentro de um buraco fundo, cheio de água... lama. Eu sei que foi... foi terrível, se a gente lembrasse tudo mesmo... eu fico até amanhã cedo contando coisas... coisas que aconteceram... Daí, começou a melhorar mesmo depois que nós tivemos o asfalto, daí que a cidade começou a desenvolver... aos pouco. Mas vinha gente aqui... se assustava, porque eles íam no interior, não tinha estrada, só via as terras, não viam produto nenhum; mandioca todo mundo não plantou mais porque não dava... mas Deus me perdoe, foi triste mesmo...Um dia ali no sítio dos cunhados, fumo eu e um tal de Gripp,o sobrenome dele é Gripp, Danilo o nome dele, fomos carregar uma carga de toras no mato, eu vinha trazendo guinchado o caminhão pra frente e antes de nós chegar na estrada mestre, assim, deu numa raiz assim, e tombou o caminhão... molhado... lama, né?... não tinha... o chão não tem firmeza... aí eu botei o trator no outro lado com o guincho e endireitei ele... endireitei com o guincho... é, destombei o caminhão... o trator quase empinava... empinava o trator... pra trazer ele de volta... mas eu truxe o caminhão de volta... daí chegamos na serraria, descarreguei... mas não foi fácil... Deus me livre...

Como é que era a educação em Sinop, nesta época? Já tinha escolas, como é que era?

Olha, na época existia só a escola Nilza... Mas era bem pequeninha... A Nilza tinha o quê, dava... capacidade pra quê... uns cem alunos, mais ou menos...

Tinha quantas salas na época?

Eu sei que era pequena... mas lecionava de manhã e a tarde.

A noite não?

A noite não, porque não tinha luz. Era motor e... cada um tinha o motor deles, aqui pra energia... aí logo depois que eu cheguei que botaram os motor, mas quando eu cheguei pra fazer a casa do sogro, não tinha, não... a rede assim, nada... tinha o quê... umas 50 casas... tinha três fitas, madeireira, né? se não me falha a memória, tinha 4 pica-pau. A igreja Santo Antônio, era única, mas era um barracão véio, véio... não era véio, mas era um barracão [...]

Não tinha padre então?

Tinha o primeiro padre é o Padre João... ele voltou agora, que ele esta fazendo a catedral... o Padre João. Uma vez, vou contar uma história... quando chegou aquele trator dos cunhados, daí os padres: padre João e o padre Luiz. Padre João era da igreja Santo Antonio e o Padre Luiz da São Camilo, mas a igreja São Camilo, tava em construção... tava em construção, mas aí eles pediram madeira... eles queriam madeira... madeira serrada e beneficiada...aí vieram lá... os únicos que tinham trator eram os cunhados, né?... aí vieram lá... e o meu cunhado falou: “oh, amanhã cedo você pega o trator e vai lá, pro lado de lá do Rio Preto, tem a chácara do Xingu, vai lá e arrasta as madeiras pra fora”. Digo: “mas eu sozinho” , “Não o padre vai junto”. “Qual é padre”. “padre Luiz”. Rapaz... eu cortava as toras, e ele pegava e puxava o cabo; o cabo de 30 metros de comprimento e lá vai ele pro meio das tranqueiras, daqui a pouco dava num toco, ia lá trocava o cabo daquele lá, e um dia de manhã, eu não sei se ele tinha tomado um copo de vinho, ou o que...

O padre?

O padre... e não vinha tora, não ia... o trator encalhava e eu tirava na base do guincho, chovendo, aí ele disse assim: “tu, tu...” Ele também era italiano. “Tu, tu, que é italiano, tira uns quatro porcos, aí” diz ele, “pra ver se não melhora, espanta o demônio, ele deve estar por aí em roda, né?” digo: “Mas o padre que é padre vai dá uma lição de moral pra mim. Para padre, eu não vou blasfemar, não” “Não tira o encosto” diz ele “xinga, xinga quem tu qué”. “Eu não vou xingar. Vou xingar o satanás”. Pois quando terminei de falar assim, rapaz o negócio só funcionou... mas ele encarvoadado, mas...numa roça nova, recém queimada, e chovendo, ele ia passar o cabo por baixo, pra amarrar... os braços dele era puro carvão, o rosto... suave ele passava a mão... rapaz, mas tá ficando preto... “não, não, mas eu sou bronzeadinho”. Eu sei que arrastamo uma barbaridade de toras. Daí ele não achava de vender essas toras, “Gringo, tu vai vender essa toras pra mim” digo: “Vamos lá no Tomelin, então”. Cheguelo lá e: “oh Tomelin, o sr. quer comprar umas toras da igreja São Camilo” “Comprar não compro, eu vou serrar de graça pra eles, tem que trazer as toras aí ”. Vai arrumar caminhão aonde, não tinha... e os cunhados com um caminhão toco. Daí comecei a puxar aquelas toras, umas duas viagens por semana, puxava... porque tinha que manter a fita deles... Mas sei que sofri tanto, mais que tatu nas pedras[...], vou te falar que não foi...

Não foi fácil...

Não, não, não... a luta foi terrível...

A igreja São Camilo começou num barracão de madeira?

Não eles rezavam a missa num barracão feito de guarantã, tudo feito de guarantã, coisa mais linda... tudo guarantã, não sei se vocês conhecem. Bom, ela foi serrada... mas ficou bonito, mas só que ela é uma madeira que não agüenta... e começaram a construir onde ela está agora, mas demorou tempo... aí os cara ergueram e não sabiam fazer o pé, virou um rolo... daí cada... a madeira do coberto, nós tinha dado tudo pra eles, começaram fazer de madeira, né? Mas a madeira não agüenta, a tesoura é muito grande... meus cunhados tinham dado toda a madeira... tudo madeira boa... Sei que puxei, toda aquela madeira beneficiada, que é da... da... como é que era... já funcionava ali, eu acho... ali onde vocês lecionam... a UNEMAT... não a UNEMAT, não...

Era a UFMT que funcionava ali.

Eu sei que logo pra cima, ali... na mesma quadra... da São Camilo. Aquela madeira toda plainada foi tudo nós que fizemos... não foi cobrado nada... era um seminário ali, tipo um seminário...

O sr. sentia que havia uma participação dos pais na vida escolar dos filhos naquela época, ou não?

Não, não... na época não havia... como?

Participação... os pais participavam de alguma forma da escola?

Não, não... começou aqui, depois que viemos morar aqui, mas na época os pais eram convidados pra reunião, os pais participavam da escola, das reuniões... eu só fui uma vez numa reunião, e não vou mais... mas em vez da professora explicar alguma coisa... Ia, por exemplo, que nem a mulher, ia só lá falar com a professora, ficava lá, não saía de lá, não dava uma orientação, não explicava se o filho era atencioso, ou obediente, ou malandro, ou não obedecia, né? Mas eu fiquei bravo, não vou mais, em vez de fazer umas perguntas assim, né? a gente, cada um levantar, né? Fazer uma pergunta pra professora... que nada... daqui a pouco entrava outra professora e as duas professoras ficavam batendo papo lá e... nós lá tipo mosca tonta... mas eu não vou mais... eu já falei...

Como era essa reunião? O que as professoras falavam?

Não é... elas queriam que a gente isse ver o comportamento do.. eu só chegava e pedia, aqui era só a Andréia, aí eu perguntei: “como é o comportamento da Andréia”, “Não, excelente”, então “Obrigado e tchau”... bem assim...

Elas não falavam mais nada, sobre as dificuldades?

Que... não, não... que mas nem sequer lembrava que Sinop existia.. sei lá o que entre elas falavam lá... sei que a gente ficava sentados que nem bobos lá, né? E elas ficavam que nem daqui lá no portão (seis metros mais ou menos) é pe, pe, pe, é pe, pe... Agora só vou assinar o boletim e acabou. Eu falei que eu não vou mais, a não ser que é uma reunião lá na faculdade, né?... ali eu sei que é bom de ir...tem alguma pergunta pra cada um, né? Pra cada um responder... Mas reunião... se o filho não obedece o professor ou a professora, que a

professora manda um bilhete em casa, que daí o pai tem obrigação de ir lá e diz é assim, assim e assado... a conversa com o pai em particular... aí eu sei o que eu vou fazer, né? [...]

F MARISA LUCIA BRUM

Gostaria que você comentasse em que ano vocês vieram para Sinop, quantos anos você tinha e qual foi o motivo da mudança de sua família para Sinop.

Nós viemos morar em 73, e quando nós chegamos aqui, tinha nove casas aqui dentro da cidade, né? Daí tinha aquela comunidade que nem eles falavam, que era ali dos... Pissinatti, né? Aí, tinha a família deles que morava, também aqui... fora eles mais nove casas, aqui dentro da cidade... daí a gente mudou, fomos morar lá... dava, acho que, uns onze quilômetros, perto do rio Curupi, que é um rio, numa serraria de seu Osmar Jordam...

E foi muito difícil esta mudança? Quando você chegou aqui só tinha nove casas... como é que foi essa mudança de lá onde você morava pra cá?

Ah, foi difícil! Minha mãe chorava que nem uma doida, nós queria logo voltar de volta... mas foi difícil, porque aqui não tinha mercado, né? Meu pai ia fazer compra na Vera, demorava de quinze a vinte dias pra eles irem... iam com um jipe da colonizadora. Então era difícil pra ir fazer compra... não era igual nós tinha fartura lá no Paraná, não.

E em relação a saúde, tinha...

Nada... Só em Cuiabá.

E como era a escola? Logo que vocês chegaram, já tinha escola?

Já tinha... escola que era o mesmo Nilza. Só que era duas salas pequenas, né? E era as irmãs que cuidavam já... Colégio das freiras, que nem eles falavam... da irmã Edite, né? E... mas pertencia pra Vera. A escola, era a escola Nilza mesmo... parece que tinha o nome de uma santa, mas eu não me lembro... tem que ver lá no Nilza como é que era...

Deve ser o nome da escola lá da Vera, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro...

Eu acho que era... que pertencia àquela escola, né? Foi fundada antes que essa...

E como é que eram os professores, nessa época?

Era... as irmãs... a professora Lucinha... que ainda existe no Nilza... as irmãs... era mais as irmãs... a irmã Lídia, a irmã Oda, a irmã Xaveres...

O que você achava das aulas de matemática? Você lembra alguma coisa?

Acho que normal... igual de hoje... antigamente... eu digo antigamente era diferente porque não se pnhava as letras, eu acho que era mais fácil do que hoje... mais prático, né?

Quando você chegou aqui você estudava em que série?

Na segunda... é segunda...

Mas você tem uma lembrança especial de alguma coisa que você estudou em matemática?

Mais é... naquela época eles ensinavam muito a tabuada, né? Agora, não sei se é os meus que não... se os professores dos meus que na escola não ensinam, mas a tabuada, eles não ensinam... e nós, pediam a tabuada... as vezes, a gente conversando, tava respondendo a tabuada... porque a irmã Lídia fazia nós estudar, menina... tabuada... meu irmão, esse que faleceu, era um craque na tabuada... na matemática...

Que materiais os professores utilizavam nas aulas de matemática?... Se eles utilizavam... tinha alguma coisa diferente que eles faziam na aula, ou não?

Eu acho que não, eles... quem não tinha o livrinho da tabuada, eles ajudavam a fazer no caderno. A única coisa que mais era ensinada, era a tabuada. Porque eles ensinavam num método diferente, do que hoje, de fazer as continhas de vezes e de dividir, era tudo pela tabuada, né? E agora eu vejo os meus, as vezes eu vou ensinar do jeito que eu aprendi e eles dizem: mãe você é burra, não é assim...

Mas então tinha que decorar a tabuada?

A tabuada, nossa!... era a primeira... Porque as contas era tudo por ali, né? Mas era só continha, não era que nem hoje...que... os problemas também...

Você teve aulas de matemática fora da escola? Você tinha alguém que te ajudava em casa?

Não... só minha mãe que me ajudava em casa...

Seus pais participavam das atividades da escola?

Sim...

De que maneira?

Você não vai gravar, né? Depois soltar pros outros...ia nas atividades da escola, pra mim, minha mãe morava mais na escola... Porque eu era muito bagunceira... do que em casa... tudo que tinha na escola era eu que tomava a frente... muito bagunceira... minha mãe e meu pai sempre iam nas reuniões... participavam das festas, ajudavam nas coisas, nas atividades... fazia mutirão, pra fazer uma limpeza... pra pintar... pra reformar qualquer coisa, naquela época, né? Era tudo os pais, daí a gente sempre participava... fazia,né? Não é que nem agora, tudo no dinheiro. Tudo tem que pagar, né? Eles participavam bastante da escola...

Eles acompanhavam seus estudos em casa?

Sim...

Além dos estudos você fazia alguma outra atividade paralela?

Não...

Só em casa?

Só em casa...

Da pra comparar Sinop atual com a quando você chegou aqui? Tem algum ponto em comum?

Daquela época o sofrimento?

É. Tem algum tipo de comparação?

Não, as coisas naquela época era tudo mais difícil, do que agora, né? Pra ir no médico tinha que ir pra Cuiabá. Ia e não sabia quando voltava, né? Por causa das estradas ruim... ou... Vera... era muito difícil Vera, porque também era pequenininha...era bem diferente de agora...agora tem mais conforto, tem tudo, né? E o povo ainda reclama... naquela época, não...você queria um litro de leite... você ia buscar em Vera, e era leite em pó ainda... Você queria uma carne; era só carne seca... Não tinha, que nem agora, que tem mercado, tem tudo, né? Depois que veio, os mercados, aí foi melhorando... mas demorou... quando vocês vieram pra cá tinha pouca coisa já, né?

Quando nós viemos já tinha o Lindolfo...

Quando vocês vieram já tinha o Lindolfo!... Quando nós viemos, que o Osvaldo Paula veio e... tinha o Gauchinho, primeiro, que era ali onde hoje é... aquele estacionamento do Machado, lá na primavera... agora nem existe... depois foi um cinema, né? Ali que era o mercado. Mas era mercado, que nem agora eles falam essas merceariazinha, né? Então, não existia o que tem agora... uma bolacha, nós comia quando minha mãe ia pra Cuiabá, ou ia pra Vera... Nós não comia que nem agora... você vai no mercado e vê aqueles montes... nem tinha naqueles mercadinhos; eles compravam mais era arroz, feijão, óleo açúcar, essas coisas assim que o mais o pessoal... essas coisas mais grosseiras, né? No mercado... agora não, agora você vê de tudo: frutas, verduras, leite você encontra em qualquer lugar... na época não tinha não...

Porque estragava, né? Não tinha energia...

É não adiantava eles trazer, porque pouca gente, a população era pequena... então não tinha... O leite era leite ninho, ainda traziam meia caixa, uma caixa, porque não se vendia... o povo, acho que segurava... só pro: arroz, feijão, carne seca, jabá... seco assim, ou aquele molhado, de pacote... aquilo chegava arrepiar a gente... e lá no Paraná a gente brigava pra não tomar leite...E aqui nós queria e não tinha... E a minha mãe fala até hoje...ela ponhava leite com café no copo, ou ponhava leite com chocolate, né? Pra gente tomar... esperava ela sair e jogava fora... não queria, não... aqui, a gente queria e não tinha... O Laércio tinha quatro anos, coitado, era pequenininho... é, não era fácil, não...

Você chegou aqui com nove anos?

Com nove anos... estou com trinta e sete, agora...

Você chegou em 1973, aqui?

Sim, em 1973...

E com relação aos livros didáticos, tinha algum livro na escola? Como é que era?

Tinha, na época, eles falavam as cartilhas, né?... tinha os livros...

Mas esta cartilha tinha só de Português ou tinha de Matemática, Estudos Sociais?...

Tinha de Português, Estudos Sociais, de Matemática...

Essa cartilha era de graça? Vinha do Governo?

Sim, o governo que doava...

E os outros materiais vocês conseguiam tudo aqui pra comprar?

Tinha porque eles também davam na escola... Nos primeiros anos eles davam o material na escola...

E com relação ao uniforme era exigido na época?

Era exigido o uniforme... E como... Se você chegasse na escola... tinha aquelas blusas de golinha... acho que era... não era volta ao mundo, era tergal... era de tergal as camisas de botão na frente, de gola, aí um bolso assim, aí tinha um emblema da escola Nilza e se chegasse na escola sem bolso... sem aquele bolso... as vezes ia com outra, né? A irmã pegava com um alfinete e colocava o bolso por cima... não ficava sem uniforme... e saia, aquela saia com quatro pregas, comprida, até encima do joelho e meia branca... e aquelas conguintas, azul com soladinho branco, ou sapato preto; até o calçado se chegasse na escola elas implicavam, tinha que voltar pra casa pra calçar. Tava sujo, mais vai lá por... voltava com ele sujo... é, não entrava sem uniforme, não...

E dentro da sala de aula as carteiras, tinha o número suficiente pra todo mundo?

Tinha... Limpeza, também tinha, né? O pessoal que trabalhava na escola, na limpeza... merenda... acho até que naquela época com o sofrimento que era as merendas era bem melhor que agora... agora eles fazem cada gororoba...

G JOSÉ CARLOS DA SILVA

Gostaria que o sr. iniciasse comentando a respeito do motivo da vinda da família do sr. aqui para Sinop.

Bom, o motivo da mudança foi, é... com relação a toda aquela propaganda da colonizadora, né? Que Sinop era uma terra que produzia muito café. Muito boa, né? Então devido aquele mato muito bonito... tudo influenciou naquela época, né? Inclusive, a propaganda que passava na televisão era de um cafezal bonito, Então, minha família veio para o Mato Grosso nessa influência, né? Devido a plantação do café e... influenciados também pelas propagandas, como eu acho que a maioria das pessoas veio para cá. E foi nessa... nessa... O motivo foi esse. Porque quando nós morávamos lá, nós morávamos em terras arrendadas, né? E aqui meu avô conseguiu comprar, junto com meu pai e meu tio, compraram terras deles. Então vieram morar em terras que eram deles. Então o motivo foi esse aí.

Em que ano a família do Sr. veio para Sinop.

Em 1976... nós chegamos aqui no dia 18 de outubro...

Como era a cidade? O que vocês encontraram quando chegaram aqui.

Quando nós chegamos em Sinop, nós encontramos só uma avenida. Era aquela avenida principal... nem avenida não era; era uma rua bem larga, né? E algumas casas... e a Cobal, um mercado que era do governo, na época. O Banco do Brasil era de madeira, ainda, naquela época. E só tinha esta avenida... esta rua larga mesmo e mais nada... uma clareira no meio do mato. Era isso que a gente encontrou na época...

Mas já tinha escolas aqui quando vocês chegaram?

Sim, tinha escolas... Tinha escola na zona rural que pertencia à escola de Vera, a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essas escolas todas pertenciam a Vera... Depois com a construção da Escola Nilza... logo depois construíram a escola Nilza, é... aí as escolas onde nós estudávamos passaram a pertencer a escola Nilza; e não mais a escola de Vera. E... a escola... a escola que eu estudei quando nós chegamos aqui, em outubro, praticamente quarto bimestre, era um... um galpão, feito de pau a pique, coberto de tabuinhas, e era uma sala só para atender as quatro turmas: primeira, segunda, terceira e quarta série; era um professor só, também. Então... aí depois, com o passar dos anos... anos depois, os pais se reuniram com a colonizadora, com o prefeito na época, que nem prefeito aqui não existia, tinha um administrador, né? E... Para construir uma escola é... na comunidade. Daí foi construído, foi através da colonizadora, que foi construída a escola... que até hoje ela tem o nome... Existe a escola e tem o nome de Escola Roberta.

Quer dizer, pertencia a Comunidade Roberta?

É Comunidade Roberta e escola Roberta. E depois daquela escola, surgiram outras, né? Roberta dois e Roberta três. Só que essas duas nem existem mais, só existe a Roberta um, na comunidade... E professor nós só tínhamos um naquela época. Ele morava longe da escola, ele vinha a pé para a escola. Ele morava a uns cinco quilômetros da escola e ele vinha a pé para a escola, nós estudávamos a tarde... E ele não era um professor formado, ele estudava na época...

Ele fazia o segundo grau?

Ainda não, ele fazia a oitava série. Depois ele passou a fazer o Logus. Não sei se concluiu porque logo... um ano ou dois depois ele desistiu de ser professor... Aí eu vou falar sobre a outra pergunta que é a matemática, né? A matemática era ensinada naquela época através dos livros, principalmente dos livros, não tinha outro material, que eu me lembre não existia outra técnica, outra... é... atividade diferente... Então, era aquelas atividades que tinha no livro didático, o professor passava no quadro, e ele tinha que atender várias turmas, né? Então, dava as atividades... ou até mesmo o livro; entregava o livro pra gente, copiava o exercício do livro, e fazia...

Todos os alunos tinham este livro de matemática e das outras disciplinas?

Nem todos tinham... nem todos tinham...

Este livro era gratuito ou tinha que comprar?

Era gratuito. Ele era fornecido pela escola. No caso a Escola Nilza ou a escola de Vera que... os livros que sobravam, mandavam pra gente. Então hoje a gente lembra um pouco do que... tudo que a gente estudava naquela época e pra nós foi difícil, principalmente em relação a história de Mato Grosso, porque nós Viemos de São Paulo, e chegar aqui e passar a estudar a história do Mato Grosso, foi assim... sem... muito a ver com a vida da gente, então era complicado, né?

Em que série o Sr. estava quando veio pra cá, pro Mato Grosso?

Eu estava na terceira...

O Sr. falou que da matemática o Sr. lembra a questão do livro didático, mas tinha alguma atividade ou algum conteúdo mais marcante, que o sr. consegue se lembrar, desse período, que o sr. estudou naquela escola?

É... o que a gente lembra é isso que o professor passava os problemas, as atividades, a multiplicação, divisão, subtração, e... a gente fazia no caderno... Ele dava as atividades... Quando ele não conseguia passar os exercícios porque eram várias turmas... ele não passava no quadro... ele dava o livro pra gente... as atividades eram assim... Hoje em dia a gente vê diferentes técnicas, aí... jogos... e naquela época não se usava nada disso... era só na base do caderno, do lápis, do livro, e só...

E a participação dos pais, como é que era a participação dos pais em relação a escola e até mesmo o acompanhamento dos filhos fora da escola?

Olha, pelo que eu me lembro, é... era boa... Os pais participavam. Inclusive, é... quem conseguiu, quem correu atrás, quem lutou, pra conseguir a construção da escola; de uma escola decente, para que nós pudéssemos estudar decentemente, é... foi os pais. A comunidade e todos os pais foram atrás do administrador, e foi através da colonizadora, que eles conseguiram a escola... e... porque naquela escola que a gente estudava, na época da chuva, chovia tudo, molhava tudo, então...

E as carteiras, como eram? Com relação aos materiais; tinha carteiras, piso, tinha tudo direitinho?

Nessa primeira escola? Não, era chão mesmo. Era chão... As carteiras, eram umas carteiras, daquelas grandes, com três alunos sentados numa mesma carteira, e... eram carteiras já velhas... acho que sobravam de outras escolas... Aí depois que construíram a escola nova, aí foram outras carteiras, que eles mandaram...eram carteiras melhores. Aí foi uma escola melhor: com piso, é... bem coberta... bem feitinha, de madeira, mas bem feita... ficou melhor. Tinha banheiro, também, bem feito... E a gente já tinha merenda. Na época que nós chegamos tinha merenda, só que não era uma merenda tão boa, né?... E depois começou a melhorar a merenda também...

E em relação a merenda tinha um funcionário específico pra cuidar da merenda, ou não, tudo ficava a cargo do professor?

Não. É... ficava a cargo do professor e de algumas mães também...

As mães participavam...

Tinha uma... Na época que nós chegamos tinha uma mãe que fazia... Aquela mãe que cedeu o galpão para fazer a escola, ela mesma fazia a merenda. Aí depois que a escola mudou dali, uma época os alunos faziam. Os alunos e o professor faziam a merenda... Depois a minha mãe fez merenda também pros alunos, e outras mães também...

Mas essas mães que ajudavam eles não recebiam por este trabalho?

Era um trabalho voluntário. Elas ajudavam porque havia necessidade, né? Porque o professor tinha que sair da sala pra fazer merenda e cuidar... já... de quatro turmas de alunos, de primeira até a quarta série, então essas mães davam uma mão... Então é por isso que eu digo: naquela época os pais participavam muito mais da escola do que hoje. Eles... quando tinha que limpar o pátio da escola, os pais é que limpavam. Quando tinha que capinar, fazer cerca, este tipo de coisa, os pais é que faziam. Não é o professor que ia fazer, não é a colonizadora que ia fazer, eram os pais que faziam...É... inclusive o terreno pra construir a escola, na época... na época era tudo mato ainda, foram os pais que derrubaram o mato, arrancaram os tocos com enxadão... então, existia sim, a participação; hoje em dia é que... acho que...

O Sr. falou que o primeiro galpão, onde funcionou a primeira escola, ele foi cedido por uma mãe de um aluno, este galpão era utilizado para que antes de funcionar a escola?

Olha, eu não sei o que funcionava antes, porque... é... quando eu cheguei já funcionava a escola ali, né?Mas eu acredito que foi assim... uma... tipo de uma casinha que eles construíram quando chegaram, pra morar... Depois eles construíram uma casa nova e ficou aquele galpão lá sobrando, e cederam pra escola. Não sei bem da história, mas... imagino que seja mais ou menos isso... Porque quando eu cheguei a escola já estava funcionando ali, não me lembro muito bem porque... se era uma casa, ou um galpão mesmo...

Nessa escola, na comunidade Roberta o Sr. estudou quantos anos?

Eu estudei um ano e meio... não deu um ano e meio... dois meses, depois o outro ano eu fiz a quarta série. Eu terminei ali a terceira série, e no outro ano fiz a quarta série. E depois vim pra cá (Sinop)... Então é... estudei pouco tempo, lá...

E em casa ou mesmo na comunidade, as crianças que tinham alguma dificuldade, os pais ajudavam nessas dificuldades em casa?

Muito pouco. Era pouco... eu ainda me lembro, nós tínhamos uma colega, ela tinha muita dificuldade na matemática, e... e... a dificuldade permanecia porque o professor quase sem experiência, sem uma formação de magistério, que desse um suporte pra ele trabalhar com essas dificuldades dos alunos... era muito pouco... ele fazia o que ele podia... e os pais também não tinham muita leitura, não sabiam... então o aluno ia levando aquela dificuldade até um dia que conseguia recuperar e... então não era muito... muito... trabalhado assim, naquela forma que dois mais dois é quatro, e... é isso, aprendeu que dois mais dois é quatro, aprendeu; não aprendeu, vai fazer de novo...

E o que o Sr. achava na época sobre as aulas de matemática? Vem alguma lembrança de algo que o Sr. gostava?

Eu nunca gostei de matemática. É... desde... na quinta série, piorou ainda... Porque quinta série nós pegamos um professor que... professor de matemática, bebia, sabe? Chegava na escola bêbado, então... aí que eu fui perdendo o gosto pela matemática... Então nunca fui muito apaixonado pela matemática A gente aprendeu no segundo grau... sim, aprendeu... estudou. Aquilo que aprendeu... apenas decorou, porque muita coisa que estudei no segundo grau, não me lembro quase nada hoje... então eu... porque eu não gostava de aprender a matemática... Se no primário não gostava, piorou depois da quinta série, que o professor não ajudou...

E além dos estudos vocês faziam outras atividades, paralelas aos estudos?

Como eu... a gente era criança, tinha onze anos de idade, não era muito grande, nós estudávamos a tarde e de manhã a gente ajudava o pai, as vezes na roça, porque naquela época que nós chegamos, era derrubada nova, cheia de pau, galhada, tinha que cortar aquelas galhadas nós tínhamos que ajudar... depois veio o plantio do café; a gente tinha que ajudar a carregar muda, colocar nas covas, e as vezes tinha que ajudar em casa também...

E... de uma maneira em geral todas as crianças tinham que fazer esse trabalho em casa ou na roça?

Todo mundo... todo mundo... a maioria... a grande maioria...

O sr. poderia comparar... de alguma forma é possível comparar a cidade hoje com os primeiros anos em que o sr morou aqui?

Comparar? Eu acho que não é possível...

Em algum ponto...

Eu acho que não tem. Não dá pra comparar... Não tem... Mudou muito... Mudou, mudou... da noite pro dia... è difícil fazer... As vezes quando a gente numa cidade nova aí você lembra, como Sinop era na época... mas hoje em dia você olha pra Sinop não consigo imaginar... assim, eu vejo... hoje em dia eu vejo aquela avenida, aquela rua quando nós chegamos, aquelas casas, tudo... mas não tem como comparar mais... o que eu olho... não imagina, né? O que é aquilo lá...

O SR. falou que veio de São Paulo, de que lugar de São Paulo?

Eu vim do município Mirante do Paranapanema, mais conhecido lá como Pontal do Paranapanema.

Quando o Sr. veio pra cá foi muito difícil, nos primeiros anos para se acostumar na região?

Foi. Foi muito difícil. Pela questão de adaptação mesmo, e pela questão de recursos, praticamente não tinha recurso nenhum, é... tanto na área de alimentação, saúde... era muito difícil... tanto é que minha mãe era doente e quando precisava fazer tratamento ela tinha que ir pra São Paulo, até Presidente Prudente, porque aqui não tinha recurso nenhum. Na época de chuva mesmo, que a BR não era asfaltada, era difícil a alimentação; a alimentação era racionada, as famílias vinham pra cidade pra comprar e chegavam aqui e não tinha, voltavam pra casa sem nada. As vezes tinha dinheiro pra comprar e não tinha mercadoria. Então foi assim... muito difícil mesmo. Eu digo assim: que nós... nós não passamos fome, mas foi... muito difícil... Nós chegamos a quase passar fome... As vezes... pra conseguir... depois pra conseguir recursos, para conseguir dinheiro, meu teve que sair fora, pra trabalhar, porque lá dentro do sítio não tinha condições, financiamento num banco, era... muito complicado também... então as vezes saia de casa pra ajudar meu pai... todos os homens daquela comunidade saiam pra trabalhar fora pra conseguir... aí onde pegavam malária... aí tinha que ficar meses, as vezes, se tratando... e o que ajudava muito também nesta questão do tratamento de saúde, era Vera, o posto de saúde que tinha lá, ajudava muito. Ajudou muito as pessoas que vinham de longe, então é... foi muito difícil...

O SR. falou a respeito de que os homens saiam pra trabalhar, em que lugar eles iam trabalhar?

Eles trabalhavam nessas fazendas, aqui... Hoje onde é a Gleba Mercedes, ali era uma fazenda, eles iam derrubar o mato naquela fazenda... e... na quarta parte... fazendas grandes, que os fazendeiros estavam abrindo na época, eles iam fazer as derrubadas... então muitos corriam risco de vida, alguns até morriam embaixo de árvores, outros se machucavam, quebravam um perna, é... foi... que agente as vezes lembra assim... assim... até emociona a gente... porque é difícil a gente dizer... uma pessoa ouve e deve dizer: mas como conseguiram sobreviver... não foi fácil... é... foi... as vezes se você conversar com meu pai hoje, ele contando a vida que ele passou nos matos, junto com os companheiros, não foi fácil... Por isso que eu digo, não dá pra comparar Sinop hoje, com aquela época, não tem jeito de você comparar... Porque hoje em dia as pessoas vem pra cá e falam assim:... tem gente que reclama que não tem emprego, que não tem não sei o quê... mas chega aqui tem serviço, tem bastante trabalho, as pessoas não precisam sair daqui pra ir trabalhar fora... não precisa arriscar tanto vida com antigamente... e aquela época... é complicado o pai ficar quinze dias sem ver a família, ou coisa assim... o filho

sem saber como está... a gente que... enquanto era pequeno, que ficavam as mulheres em casa, os filhos que iam pra roça, cuidar do café, plantar alguma coisa, capinar...

Cuidava da plantação enquanto o pai estava fora trabalhando...

Cuidava da roça enquanto o pai estava fora...

O SR. lembra de mais alguma coisa que o sr. gostaria de estar comentando...

O que eu me lembro que depois que eu estudei nesta escola eu fui professor nesta escola também... Depois, em 1985, eu comecei a dar aulas nesta escola... comecei nela e estou até hoje...